

THRILLER HISTÓRICO

EDUARDO
PIRES
COELHO

O Segredo de Lourenço Marques

Meses depois de Lourenço Marques passar a capital
de Moçambique, a guerra deflagrou no outro lado da fronteira,
marcando o destino de Miguel e Maria Teresa



OFICINA
DO LIVRO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

FEITICEIRA HISTÓRICA

EDUARDO
PIRES
COELHO

O Segredo de Lourenço Marques

Memórias de Lourenço Marques para o século
da tecnologia, a guerra e o poder no mundo da Internet
Introdução de António de Almeida Mendes





EDUARDO
PIRES
COELHO

O Segredo de Lourenço Marques



BRUNO
CORTES

Ficha Técnica

Título: O Segredo de Lourenço Marques
Autor: Eduardo Pires Coelho
Edição: Maria do Rosário Pedreira
Capa: design original de ©Rui Rosa para a LeYa, S.A.
Mapas do interior: LeYa, S.A.
Revisão: Madalena Escourido
ISBN: 9789895811243

Oficina do Livro
uma marca da LeYa, S.A.
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 471 77 37

© 2024, Eduardo Pires Coelho e LeYa, S.A.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.leya.com

Este livro segue a grafia anterior ao Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Ficha Técnica

Prólogo

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

Capítulo XII

Capítulo XIII

Capítulo XIV

Capítulo XV

Capítulo XVI

Capítulo XVII

Capítulo XVIII

Capítulo XIX

Capítulo XX

Capítulo XXI

Capítulo XXII

Epílogo

NOTA DO AUTOR

CRONOLOGIA

BIBLIOGRAFIA

*Ao meu avô Alexandre,
à Nanette e ao Ricardo Barradas,
que tanto me falaram de África.*

*A Moçambique e ao Madiba,
que conseguiu o impossível.*

Prólogo

Baía de Lourenço Marques, 22 de Outubro de 1894

Os oficiais correm para as barricadas e preparam a defesa o melhor que podem. Ao longe, no pântano, vêem-se os guerreiros de azagaia e rodela, avançando. Tínhamos o inimigo dentro da cidade.

Eduardo de Noronha, oficial de infantaria do Exército Português

Miguel foi o primeiro a pisar o convés molhado para escapar ao odor fétido a vômito e suor que o sufocava na cabine. Tinha o cabelo empapado, a farda azul colada ao corpo, e a *Guedes* parecia-lhe mais pesada do que o normal.

Como por milagre, a chuva torrencial cessara e os primeiros raios de sol despontavam por entre as nuvens. A borrasca parecia ter ficado para trás e até o mar serenara, deixando a *Quanza* deslizar ao longo da costa.

O ar puro e a brisa do mar deixaram-no mais aliviado, ainda que o calor não abrandasse. Encontravam-se mais perto da costa do que julgara e questionou-se se não estariam a passar ao largo de uma ilha. Observou a torre avermelhada ao longe, que sobressaía no topo de uma colina, e percebeu que se tratava de um farol. Era muito alto, aparentemente de ferro, em tudo diferente do farol principal da sua ilha, construído em alvenaria e pintado às riscas brancas e vermelhas.

Miguel acendeu um cigarro, protegendo a chama com a palma da mão. Aos poucos, o convés foi ganhando vida e os homens foram-se acotovelando na amurada, à espera de avistar a cidade. Sabiam que não faltava muito para chegarem, pois tinham recebido ordens para arrumar os pertences. Havia zarpado da Ilha de Moçambique, capital da província, semanas antes. A viagem tivera múltiplos percalços e a ansiedade corroía todos a bordo, à medida que a canhoneira rumava a sul.

– É o Farol da Inhaca, à entrada da baía – ouviu um dos homens dizer, a alguns passos. – Estamos a vinte milhas de Lourenço Marques.

Miguel já o tinha visto a bordo, mas não o conhecia da Ilha. Interrogou-

se como teria ele vindo ali parar; talvez fosse do Ibo ou algures da Zambézia. Devia ter mais uns dez anos do que ele e possuía uma voz de comando.

Ouviu um burburinho a percorrer o convés e deu-se conta de que os homens sussurravam uns para os outros, inquietos, como se os guerreiros landins^[1] os pudessem ouvir àquela distância.

A baía era imensa e mal se descortinava o outro lado, envolto na neblina. Miguel apenas conhecia Lourenço Marques das histórias do pai e do que ouvira nos botequins da Ilha. Nunca fizera uma viagem tão grande, que nem se poderia comparar às suas caçadas pela vastidão da Terra Firme, ou às visitas ocasionais ao Ibo, quando acompanhava o pai e o irmão.

Aproximou-se do homem, intrigado. Ofereceu-lhe um cigarro e puxou conversa:

– Já estive em Lourenço Marques?

O homem olhou-o nos olhos, circunspecto, e aceitou o cigarro. Só então é que Miguel reparou que ele não tinha uma orelha.

– Fiz parte do primeiro Corpo de Polícia que chegou do Reino há seis anos – respondeu o homem. – Fui dos poucos que escaparam às febres palustres.

– É assim tão mau? – perguntou Miguel, tentado manter-se firme. Na Ilha contava-se que Lourenço Marques estava quase sempre coberta por nuvens de mosquitos e que as doenças colhiam mesmo os mais fortes.

^[1] Termo português para rongas. Povo do Sul de Moçambique, da região em redor de Lourenço Marques.

Postos Portugueses em Moçambique, 1894



Fronteiras delimitadas pelo Tratado Anglo-Luso (Junho de 1891), após o Ultimato Britânico que pôs fim ao Mapa Cor-de-Rosa

– Naquela altura, era. Teve de se construir um novo quartel no Alto Maé, longe do pântano, para se evitarem mais desgraças – contou, após expelir o fumo. – Entretanto, plantaram-se muitas árvores e o pântano tem vindo a ser dessecado.

– Isso ajudou a afugentar os mosquitos?

– Sim, e a cidade também cresceu encosta acima. Tem um clima melhor, embora as casas estejam mais isoladas – ressaltou o homem, fazendo um trejeito. – Queira Deus que aquela gente ainda esteja viva.

Miguel anuiu, cabisbaixo. Começava a entardecer e a canhoneira avançava devagar por entre os baixios da baía. Ninguém sabia bem o que lá iam encontrar quando desembarcassem. Os relatos que haviam chegado à Ilha de Moçambique eram tenebrosos, tal como os que, entretanto, tinham recebido nas povoações por onde haviam escalado: Lourenço Marques estava por um fio!

Desde finais de Agosto que a cidade se encontrava cercada por vinte mil guerreiros landins, armados de azagaias, arcos e flechas. De início, limitaram-se a hostilizar a cidade, com cânticos e ameaças de que iriam chacinar a população inteira e arrasas os edifícios; mas, aos poucos, foram apertando o cerco e empreendendo investidas cada vez mais audaciosas: saquearam muitas casas e plantações nas proximidades, esartejando todos os que encontravam, e atacaram os postos de vigia armados nos limites da cidade, tendo de ser escorraçados a tiros de metralhadora.

Miguel fazia parte de um contingente que fora reunido na Ilha semanas antes para ser enviado para Lourenço Marques. A corveta *Rainha de Portugal* fora a primeira a zarpar, pouco depois de se saber do cerco, e não demorara a chegar. A *Quanza*, pelo contrário, esperara para embarcar tropas vindas do Ibo e depois levava uma eternidade a descer a costa: o casco era velho, a carga excessiva e as máquinas sofreram muitas avarias, obrigando a várias paragens.

Já em Inhambane, Miguel soubera o quanto a situação se agravara. Lourenço Marques estava barricada, com as ruas cheias de arame farpado, trincheiras e abrigos para atiradores; a população fora armada, e faziam-se vigílias e rondas. Apesar disso, a cidade sofrera um assalto avassalador no dia 14, com milhares de landins a romperem as linhas da defesa. Os combates duraram mais de uma hora, com a população em pânico, mas o ataque acabou por ser vergado a tiros de metralha, espingarda e artilharia da *Rainha de Portugal*.

– Os landins ainda se devem estar a refazer das balas – retorquiu Miguel. Ninguém sabia quantos habitantes haviam morrido, mas temia-se o pior. – Devem demorar alguns dias até poderem fazer nova investida.

– A cidade deve estar em suspenso, com as armas apontadas para o mato – alertou o antigo polícia. – Os homens provavelmente estão exaustos, e o mais certo é faltarem munições.

A *Quanza* deveria ser o segundo navio a chegar à baía, e outros vinham a caminho, com tropas do Reino e de Angola. Miguel ainda não sabia ao certo

o que o esperava, embora suspeitasse de que a missão não seria apenas salvar a cidade; iriam tentar capturar o homem que estava por detrás de todas as chacinas e revoltas que haviam ocorrido nos últimos anos no Sul de Moçambique.

Havia muito que os boatos chegavam à Ilha, mas daquela vez Lisboa fora rápida a agir. Dizia-se que aqueles ataques eram obra de Gungunhana, o régulo de Gaza, a quem se apontavam actos bárbaros contra outras tribos e que impunha vassalagem aos demais régulos, desde as cercanias de Lourenço Marques até quase à Zambézia. Já houvera algumas investidas em Inhambane, a outra vila portuguesa próxima das terras de Gungunhana, mas nada de parecido com o terror que agora se vivia em Lourenço Marques. Havia fortes suspeitas de que ele estava a ser instigado e auxiliado pelos malditos ingleses, ao ponto de lhe fornecerem espingardas.

Miguel ouvia com atenção aquelas palavras do companheiro de viagem, engolindo em seco de quando em quando. Até que finalmente avistou os três mastros da *Rainha de Portugal* e descortinou a fortaleza, o porto e os edifícios à volta, no meio dos coqueiros. As construções pareceram-lhe muito pequenas, ladeadas por uma língua de areia e mangais espessos, que bem poderiam albergar milhares de guerreiros landins camuflados, à espreita, para atacar.

Os britânicos haviam perdido aquela baía vinte anos antes, num conflito diplomático ganho por Portugal. Em tempos, o pai de Miguel contara-lhe que aquele porto já rendia mais do que a própria Ilha e seria o melhor de toda a África Oriental: apenas isso justificara tanta pretensão por umas dezenas de casas e palhotas contruídas à volta de uma fortaleza do século passado, num local pantanoso e cheio de mosquitos. O pai tinha razão, como sempre: as ambições britânicas sobre a baía continuavam vivas, e agora usavam os landins para acusar Portugal de ser incapaz de se defender.

– O destino de Moçambique e de Portugal está nas nossas mãos – salientou o antigo polícia, terminando o cigarro. – Se não conseguirmos impor a ordem na baía, os britânicos alegarão que os landins nos atiraram ao mar e terão a desculpa de que precisam para avançar. Os próprios *boers*^[1], do outro lado da fronteira, também nunca esconderam o seu anseio por um porto de mar.

– Havemos de pôr ordem nisto! – replicou Miguel, empunhando a *Guedes* com orgulho. – Os ingleses e Gungunhana terão o que merecem.

O homem assentiu e deu-lhe uma palmada no ombro, sorridente.

– O Leão de Gaza é astuto e tem milhares de guerreiros dispostos a morrer por ele. Se queremos vencer, temos de ser persistentes. Lisboa não pode vacilar!

Pouco depois, a *Quanza* ancorava em frente da fortaleza, a bombordo da *Rainha de Portugal*. O convés quedou-se num silêncio absoluto, numa ansiedade tremenda. Miguel tentou adivinhar o que se passava em terra, receando ouvir gritos de morte, tiros ou ver lanças a voar. Todavia, a cidade

parecia sossegada àquela distância, sem qualquer tumulto. Distinguiu algumas pessoas a circular à beira-mar e uma carruagem parada no cais. Logo depois, viu duas barcas aproximarem-se. Ficou aliviado: os guerreiros landins deveriam estar longe.

Lourenço Marques pareceu-lhe um pequeno aglomerado de casas e armazéns de madeira e zinco defronte do porto, mas, aos poucos, foi descortinando várias construções de alvenaria na encosta verdejante. Vislumbrou, ao longe, uma igreja branca e alguns edifícios proeminentes aqui e acolá, até ser surpreendido por um clarão repentino. Tratava-se de outro farol, de alvenaria, situado num promontório a leste da cidade. Por certo, os baixios na baía deveriam ser traiçoeiros e já haviam provocado vários acidentes.

– Mexam-se, vamos para terra – berrou um sargento, empoleirado no mastro perto da proa. – Lourenço Marques espera por nós.

Miguel ajeitou a *Guedes* e avançou, com a sacola ao ombro, atrás do antigo polícia. A agitação no convés surpreendeu-o. Os homens acorriam à escada no costado, na ânsia de pisar terra firme. Miguel acabou por ficar para trás, e notou o céu alaranjado. Aquela luz lembrou-lhe os dias em que Maria Teresa e ele palmilhavam a baixa-mar para apanharem caranguejos e pequenos destroços das naus da Índia que durante séculos haviam fundeado na Ilha. Assim que regressasse a casa, não iria perder mais tempo e pediria a sua mão em casamento!

[1] Descendentes de colonos neerlandeses, franceses e alemães no Sul de África.

Capítulo I

Lagos, 13 de Dezembro, 17h35

*Quando eu morrer voltarei para buscar
Os instantes que não vivi junto do mar.*

Sophia de Mello Breyner Andresen

O Algarve tinha algumas semelhanças com a Garden Route, e até mesmo com Cape Town. Talvez fosse a luz, a vegetação ou o azul do mar, havia ali algo que o fazia sentir-se em casa. Tentou concentrar-se, virou o volante para a direita e saiu da estrada principal. Deixara Lagos para trás minutos antes e entrava num pequeno bairro de moradias espalhadas, afastado do mar.

Havia dez dias que vigiava aquela zona para conhecer a área em detalhe e perceber os movimentos às diferentes horas. Estava satisfeito, as rotinas eram previsíveis durante os dias da semana, apesar da agitação da época natalícia.

Não era a primeira vez que estava em Portugal, mas ainda não se habituara ao frio em Dezembro. Para ele, aquela altura do ano era sinónimo de calor e praia. Também estranhava como é que aquelas casas luxuosas tinham tão pouca segurança. Na África do Sul, estariam todas cercadas por muros altos e equipadas com cercas eléctricas, alarmes e câmaras de vigilância, e haveria seguranças a patrulhar o bairro, de espingarda em riste. Ali não se via nada disso, apenas uma ou outra casa tinha a vedação ou a sebe mais alta, mas nem isso o impediria de saltar para o jardim se quisesse. Aquela seria a operação mais simples que alguma vez executara.

Virou novamente à direita e avistou a propriedade visada, a uns cem metros de distância. Encostou o carro junto de uns eucaliptos, longe dos postes de iluminação, e desligou o motor. A propriedade não era a maior do bairro, mas a casa parecia a mais moderna; estudara-a ao pormenor através do Google Earth e tirara as restantes dúvidas nos últimos dias. Confirmara que não tinha alarmes, nem estava ligada a um sistema de segurança e, embora tivesse uma sebe alta, havia algumas aberturas. Fora fácil memorizar aquele

espaço: o jardim, a piscina, as várias entradas da casa, o telheiro para o carro, conseguindo até ter uma boa ideia de como seria o interior pela disposição das janelas.

Aterrara em Sevilha quinze dias antes e roubara aquele carro num dos subúrbios da cidade. Tinha a missão bem planeada e percorrera aqueles duzentos e oitenta quilómetros por estradas secundárias, evitando câmaras de vigilância, qualquer tipo de registos electrónicos e a possibilidade de ser abordado pela polícia de trânsito. Fizera as últimas compras ainda em Espanha e optara por dormir no carro durante todos aqueles dias, por forma a não deixar qualquer pista. A comparar com as suas missões na África Central, aquilo era um luxo.

Investigara aquele homem durante meses e conhecia bem a sua vida: nascera em Moçambique muito antes da independência, fora contabilista de profissão enquanto jovem, e depois emigrara para a Venezuela, onde fizera fortuna. Ficara surpreendido com a facilidade com que o localizara e, sem surpresas, descobriu que residia em Portugal. O homem enviuvara poucos anos antes, não tinha filhos e vivia sozinho naquela casa, levando uma vida aparentemente simples. Os únicos registos que encontrou dele na Internet foram que financiara um clube de *rugby* no Algarve e uma escola de *surf* em Inhambane, Moçambique.

Olhou em volta e tudo lhe pareceu sossegado, como nos dias anteriores. A maior parte daquelas casas eram de fim-de-semana ou de férias, e apenas em duas se viam luzes. A propriedade que espiava estava vazia. Deveria estar assim desde manhã, pois era frequente o homem ir almoçar a Lagos ou a Portimão, e ficar por lá até ao final da tarde – se seguisse a rotina dos últimos dias, ele devia estar prestes a chegar. Tirou o capuz e o frasco do porta-luvas, calçou as luvas de couro e conferiu que tinha tudo dentro da mochila, incluindo as cordas enroladas e as rações de combate. Arrumou o resto das coisas e preparou-se. Se tudo corresse bem, estaria de volta a Espanha dentro de três ou quatro dias.

Instantes depois, colocou o capuz na cabeça, os óculos de visão nocturna e a mochila às costas, ajeitando a faca de mato à cintura. Confirmou que não havia movimento na rua e saiu do carro. Num ápice, correu agachado até ao muro, onde a sebe era menos densa e, num impulso, saltou para o jardim e acercou-se de um grande arbusto. Tudo permanecia em silêncio.

Meia hora depois, notou um feixe de luz vindo do acesso principal e viu um carro a aproximar-se. Deveria ser ele. Abriu a mochila, retirou o pano e o frasco e esperou. O *BMW* parou defronte do portão automático da propriedade, que começou a abrir-se lentamente, para depois o carro avançar para o telheiro.

Por detrás do arbusto, viu o velho a sair do carro, abrir o porta-bagagens e dirigir-se para a porta de casa. O homem não suspeitava do que estava prestes a acontecer: caminhava em passo lento, com um saco de compras na mão, que acabou por pousar no tapete da entrada para abrir a porta.

Sem hesitar, encharcou o pano e correu na direcção dele como uma flecha. Foram sete segundos, o homem nem deu conta da aproximação. Abraçou-o pelo peito com a mão esquerda e com a direita tapou-lhe o nariz e a boca com o pano. O velho era forte, mas ele apertou-o contra si e notou as pernas dele a tremerem. Arrastou-o para dentro de casa, mantendo a pressão do pano molhado na cara e, pouco depois, sentiu-o desfalecer e agarrou-o pelos braços, impedindo-o de cair. Mal fechou a porta, respirou fundo. A primeira fase da missão não podia ter corrido melhor.

Sentou o homem numa cadeira da sala e amarrou-lhe as mãos e os pés, atando o peito ao encosto da cadeira. Cobriu-lhe a boca com fita adesiva e sentiu-lhe a respiração profunda. Por momentos, receou que o composto de éter, clorofórmio e metanol fosse demasiado forte ou que tivesse exagerado na dose; a empresa usava aquele químico nas missões em África, mas os alvos eram sempre mais jovens e com boa forma física.

Retirou-lhe o telemóvel do bolso e olhou para a fotografia iluminada: era a Estação Ferroviária de Maputo, com a grande cúpula negra ao centro. Revistou-lhe a carteira e procurou os cartões bancários: como desconfiava, ele tinha conta em vários bancos portugueses, ao que se deveria somar pelo menos uma conta no exterior. Por certo, não seria na Venezuela, mas ele iria descobri-la em breve.

Aproveitou para revistar a casa. O piso térreo era semelhante ao que idealizara, vislumbrando-se várias peças valiosas, de prata e marfim. Iria levá-las todas consigo, mas sabia que aquilo não passava de uma ninharia. De repente, assustou-se: um gato anafado estava defronte dele e parecia conseguir distingui-lo na escuridão, com o pêlo eriçado, como se estivesse prestes a atacá-lo. Sem hesitar, pontapeou-o contra a parede e, por instinto, sacou da faca de mato para o neutralizar, mas o animal jazia no chão, inanimado ou morto. Não contara com aquilo, pois nunca vira aquele gato no jardim. Pegou no pano com o tranquilizante e aproximou-se do felino. Confirmou que ele estava apenas atordoado e apertou-lhe o pano no focinho durante algum tempo, tentando mantê-lo sonolento. Pelo menos assim evitaria deixar pistas de sangue na sala.

Mais calmo, vistoriou as restantes divisões da casa e subiu ao andar de cima. Em nenhum lado descobriu um cofre de parede ou embutido, mas os sinais de riqueza eram evidentes. Entrou no escritório e viu um computador portátil na secretária. Procurou por todo o tipo de *hardware* e documentos que lhe parecessem relevantes e entusiasmou-se ao ver um molho de cartas: uma era o extracto recente de uma conta num banco das Ilhas Cayman, nas Caraíbas, e a outra, ainda fechada, era de uma instituição financeira na Suíça.

Pouco depois, desceu as escadas e voltou a entrar na sala, para se certificar de que o velho continuava inanimado. O efeito daquele composto era fortíssimo, mas devia estar prestes a terminar. Abanou-o com força, deu-lhe duas bofetadas para o acordar, mas o homem não reagiu. Teve de esperar mais dez minutos. Só então viu o velho pestanejar e encarar a escuridão, meio

ensonado.

– Está na hora de conversarmos – disse-lhe ao ouvido, passando-lhe a lâmina da faca pela cara. – Vou tirar-te a fita adesiva, mas se gritas dou cabo de ti.

O homem ganhou vida e urrou agitado. Tentou soltar-se e por pouco não atirou a cadeira ao chão. Por momentos, receou que ele pudesse ter um ataque cardíaco. Deixou-o acalmar-se e então retirou-lhe a fita da boca.

– Não me mate, por favor – balbuciou o velho. – Leve o que quiser.

– Onde é que tem o cofre?

O homem não respondeu e ele não hesitou. Num ápice, deu-lhe um soco na barriga, outro na cara, e insistiu na pergunta, num tom mais ameaçador.

– No quarto do fundo, por detrás da cama – confessou o velho, adiantando-lhe o código. – Pode levar as jóias que lá estão. Eram da minha mulher...

Levantou-se, percorreu o corredor e entrou no quarto. O homem dissera a verdade e ele rapidamente abriu o cofre. Estava cheio de jóias, relógios e inúmeros documentos – tinha de os analisar com calma. Voltou à sala e pegou no telemóvel do homem, vendo de novo a Estação Ferroviária de Maputo.

– E qual é o código do telemóvel?

O homem estava cabisbaixo e voltou a não responder. Suspeitou de que adormecera, entorpecido com o efeito soporífero do químico, mas enganara-se: ele estava a fazer força nas mãos e nos pés, torcendo-os para tentar libertar-se. Soltou um esgar e suspirou: afinal, o velho iria resistir.

Nove meses depois

Filipe abriu a porta envidraçada do restaurante e sorriu com o alarido no interior – a festa já estava animada. No meio da multidão, conseguiu descortinar Jaime ao fundo, perto do balcão. O amigo bebia uma cerveja e conversava com uma mulher elegante, de vestido preto e cabelo curto – a cara dela não lhe era estranha. Pelo caminho, cumprimentou alguns amigos e conhecidos, e foi a custo que chegou perto do aniversariante. Jaime fazia cinquenta anos e organizara um evento privado num restaurante do Chiado, nas traseiras do Teatro Nacional de São Carlos.

– Muitos parabéns – disse, dando-lhe um forte abraço. – Isto é que é uma festa de arromba.

– Oh, chegou o nosso caçador de tesouros – brincou o amigo. – Fiquei contente por teres conseguido vir. Pensei que ainda pudesses andar pelo Oriente.

– Já faz uns dias que cheguei de Singapura – respondeu, olhando de soslaio para a mulher ao lado do amigo. – Mas ainda estou a recuperar do *jet lag*. Também já tenho quase cinquenta anos...

O amigo riu-se, abraçou-o de novo, e sorriu para a mulher que o acompanhava. Filipe reparou que ela o fitava com curiosidade e não lhe ficou indiferente: era uma mulher vistosa, com o cabelo escuro ondulado e uns olhos verdes incandescentes; deveria ter mais ou menos a sua idade.

– Rita, apresento-te o Filipe, um grande amigo meu, dos tempos em que eu vivia na Graça – adiantou Jaime. – Não me recordo se vocês já se conhecem...

– Sim, vagamente, de uma das festas de aniversário, de há três ou quatro anos – disse ela, cumprimentando-o. – Vive nos Estados Unidos, não é?

– Já não – respondeu Filipe, reconhecendo-a, e sentiu-lhe o perfume fresco e agradável. – Decidi regressar a Lisboa e fazer uma pausa na carreira.

– Este homem deixou a alta finança para se dedicar à investigação de naufrágios portugueses pelo mundo fora.

– Que mudança tão drástica – comentou Rita. – Como é que isso aconteceu?

– Bem, foi por causa de uma desgraça – antecipou-se o amigo. – O pai do Filipe era dos maiores historiadores deste país e trabalhou como consultor em várias expedições à procura de despojos das naus portuguesas da Índia.

– Tenho estado a prosseguir as investigações do meu pai desde que ele faleceu – esclareceu Filipe. – É um trabalho e tanto.

– Aqui a minha prima vive em Bruxelas e nem sempre vê notícias – troçou Jaime, após pousar o copo vazio no balcão. – O Filipe descobriu os despojos marítimos mais valiosos do mundo, que iam a bordo da *Flor do Mar*, uma nau portuguesa do século xvi. Foi notícia em todo o mundo, até em Bruxelas...

– Sim, eu lembro-me de ouvir falar disso – reconheceu Rita, fascinada.

Um casal recém-chegado interrompeu a conversa para dar os parabéns a Jaime, e ele acabou por se afastar. Rita acompanhou-o e quis saber mais sobre a *Flor do Mar*. Filipe sorriu-lhe e contou que o navio fora a nau-almirante do antigo Governador da Índia, D. Afonso de Albuquerque, que regressava a Goa, com o saque de Malaca, após a conquista da cidade; acabou por naufragar no meio de um temporal, ao largo da Ilha de Sumatra, à saída do Estreito de Malaca, em Novembro de 1511, e a sua carga não mais fora encontrada até então.

– Se fosse eu, não teria comunicado a descoberta às autoridades – brincou Rita, impressionada com o relato. – Teria ficado com tudo para mim.

– O caso foi mais complicado do que parece. Morreu muita gente.

Os dois acabaram por ficar sentados lado a lado ao jantar. Filipe tentou conhecê-la melhor e ficou a saber que ela trabalhava numa das agências da União Europeia havia quinze anos, embora viesse regularmente a Lisboa e estivesse a planear regressar definitivamente a Portugal.

– Já são muitos anos. Sinto falta dos meus amigos, do clima, da comida, enfim, de quase tudo...

Rita era uma mulher viajada, segura de si e com o pensamento rápido, sempre com resposta pronta. Filipe estava deslumbrado e deu por si a admirá-la ao pormenor: o nariz arrebitado, o queixo delicado, os dedos finos, o peito saliente. Por uma ou outra vez, sentiu-lhe interesse no olhar e notou que ela não tinha aliança; com toda a certeza, era solteira ou divorciada, embora estranhasse o facto de o amigo nunca lhe ter falado daquela prima.

– E esteve em Singapura a investigar algum outro navio?

– Não, estive numa conferência de arqueologia marítima e aproveitei para visitar um casal amigo e dar mais um pulo a Malaca.

Filipe contou que Malaca ganhava uma projecção cada vez maior como destino turístico cultural, dadas as fortes marcas portuguesas e neerlandesas, e mais recentemente com a visibilidade causada pela *Flor do Mar*. Afinal, Malaca chegara a ser o sultanato mais rico de toda a Ásia e mantivera-se como dos maiores entrepostos comerciais do mundo até entrar em declínio com a ascensão de Singapura, fundada pelos britânicos no século xix.

– Mas então, o que é que está a investigar neste momento? – questionou Rita. Os seus olhos verdes pareciam mais vivos do que nunca.

– A *Nossa Senhora da Graça*, uma nau que foi afundada durante uma batalha na Baía de Nagasáqui, em 1610.

– No Japão? – comentou ela, franzindo os olhos. – Por favor, conte-me tudo.

Filipe riu-se, olhou-a fixamente e sentiu a pulsação a acelerar. Aquela mulher estava a deixá-lo completamente enfeitiçado.

Filipe abriu os olhos, sobressaltado. Estava deitado no quarto e o *iPhone* tocava na mesa-de-cabeceira, com a luz azulada a brilhar na escuridão. Olhou para o número, não o reconheceu e desligou o telefone, meio estremunhado.

Voltou a esticar-se na cama e sentiu o aconchego do corpo nu ao seu lado. A festa de Jaime prolongara-se noite dentro, com pista de dança e bar aberto, e ele acabara por se envolver com Rita. Os dois não mais se tinham largado. Mantiveram-se juntos, curiosos, dançando, rindo, numa cumplicidade que ele não se lembrava de ter sentido antes. Num impulso, Filipe desafiou-a a saírem sorrateiramente do restaurante, sem se despedirem de ninguém. Beijaram-se com ardor mal chegaram à esquina do teatro e acabaram por seguir para a casa dele, na Graça. Estavam sequiosos de paixão, como se a vida se resumisse àquele instante. Adormeceram nos braços um do outro pouco antes de o Sol nascer, e ela, num sono profundo, nem sequer ouvira o telefone.

Filipe ouviu o chiar de um eléctrico descendo para Alfama e ficou mais desperto. Ainda se sentia a levitar – Rita deixara-o extasiado. Teve vontade de

lhe acariciar as costas e acordá-la, mas hesitou: ela parecia exausta. Acabou por se levantar sem fazer barulho e ligar o *iPhone*, usando-o como lanterna até à porta.

Mal saiu do quarto, notou que recebera outra chamada do mesmo número e que tinha uma mensagem de voz. Achou estranha tamanha insistência num sábado de manhã, até que ouviu a voz cristalina de uma mulher a falar inglês, com uma pronúncia diferente daquela a que estava habituado. Lize Kay, assessora de Pieter Joubert, CEO do Grupo Eland, tinha urgência em falar-lhe – um assunto da máxima importância.

Desde o seu envolvimento com a *Flor do Mar*, Filipe recebia telefonemas e mensagens de todo o lado. O caso fora notícia no mundo inteiro, e ele ganhara uma visibilidade inesperada. Ao princípio, aceitara participar em variadíssimos colóquios e conferências sobre naufrágios e arqueologia marítima, mas logo se desiludira, por se ver rodeado por gente com reputação duvidosa e por ser convidado a integrar projectos de investigação de natureza obscura. Passara assim a ser mais selectivo, aceitando apenas um ou outro convite, e continuou as pesquisas do pai com discrição e por sua conta e risco. Havia muito que deixara de responder a chamadas desconhecidas e saíra das redes sociais; mas, por mais que mudasse de contactos, nada parecia resultar. Era caricato: fora preciso chegar aos quarenta e sete anos para sentir que não controlava a sua vida.

Atravessou o corredor até à sala, olhando de soslaio para os telhados alaranjados do Bairro da Graça, e pegou por momentos na *Wakizashi*, a pequena espada japonesa que tinha na estante; fora oferta de um antigo embaixador do Japão ao seu pai, em sinal de agradecimento pela investigação histórica sobre o período português de Nagasáqui. Abriu a janela e inspirou a brisa cálida. Ainda tinha o corpo dormente, mas sorriu perante o dia soalheiro. Quando Rita acordasse, convidá-la-ia para almoçar à beira-rio ou para petiscar numa das esplanadas à volta do Castelo. Aquela mulher deixara-o encantado e queria passar mais tempo com ela e saber tudo sobre a sua vida.

Logo depois, ouviu ranger o chão no corredor. Ficou espantado por ver Rita aparecer na sala já vestida e com a mala a tiracolo. Tinha-se arranjado à pressa, estava meio despenteada, ainda que continuasse atraente e mantivesse a pose elegante da véspera. Filipe aproximou-se, abraçou-a pela cintura, mas sentiu-a um tanto ou quanto retraída.

– Adorei estar contigo – confessou Rita, beijando-o nos lábios e afagando-lhe o rosto com carinho. – Mas é tardíssimo, tenho de ir.

– Não queres comer qualquer coisa ou almoçar aqui pelo bairro?

– Gostava muito, mas não posso – retorquiu ela, com um sorriso tímido.

– Tenho mesmo de ir.

– Queres jantar amanhã? Podemos ir a um sítio bonito ao pé do rio.

– Regresso a Bruxelas daqui a pouco, mas talvez volte no próximo fim-de-semana. Eu telefono-te assim que tiver a certeza, pode ser?

Beijou-o de novo e encaminhou-se para a porta. Parecia tensa, talvez

desconfortável ou envergonhada, depois do que se passara entre eles. Tinham-se amado sem pudor durante horas, explorando o corpo um do outro, mas agora tudo parecia estranho.

– Bem, sabes onde eu moro... – gracejou Filipe, abrindo-lhe a porta, resignado. Acompanhou-a com o olhar enquanto ela descia a escadaria de madeira e só fechou a porta quando deixou de ouvir o eco dos seus passos.

Suspirou e acabou por regressar ao quarto para se vestir, até que ouviu uma nova notificação no *iPhone*. Era mais uma mensagem, mas daquela vez captara-lhe a atenção.

«Pieter Joubert, empresário sul-africano, está de férias no Algarve e convida-o para almoçar, para discutirem oportunidades de negócio em Moçambique e na África do Sul. Está disponível na próxima quarta ou quinta-feira? Avião privado ao seu dispor. Lize Kay»

A Esplanada da Graça estava cheia de turistas àquela hora. Filipe procurou Lize com o olhar, tentando adivinhar-lhe a figura, até que viu uma mulher loura a acenar-lhe de uma das mesas ao fundo, perto do busto de Sophia de Mello Breyner. Reconhecera-o: devia ter visto a fotografia dele na Internet, num qualquer artigo sobre a *Flor do Mar*.

Lize era uma mulher elegante, uns três ou quatro anos mais velha do que Filipe. Tinha a pele muito clara, olhos azul-celeste e ombros largos, de nadadora. Vestia um fato cinza com saia travada, um tanto ou quanto formal, e os cabelos louros, apanhados, deixavam sobressair os brincos reluzentes.

– Pode tratar-me por Filipe – adiantou ele, sentando-se, depois de a cumprimentar.

Lize tinha um sorriso aberto e simpático e era mais descontraída do que ele esperava. Filipe acabara por responder à mensagem, pois ficara curioso; primeiro com a menção a Moçambique, terra dos pais, depois com o que pesquisara sobre Pieter Joubert na Internet. Quanto a ela, não descobrira grande informação, mas ainda assim acedera a encontrarem-se ao final da tarde da segunda-feira seguinte para uma conversa introdutória.

– Já vim algumas vezes a Lisboa, mas não conhecia este local. É lindíssimo – comentou Lize, apontando para os pinheiros, o castelo em frente e os telhados que se estendiam até ao rio. – Mora aqui perto?

Filipe anuiu e contou-lhe um pouco da história do bairro; dos miradouros das colinas às vilas operárias dos primórdios do século xx, passando pela igreja antiga por detrás deles, até à poetisa cujo busto se encontrava duas mesas adiante. Revelou-lhe que crescera ali, mas que vivera muitos anos nos Estados Unidos.

– Principalmente em Boston, a minha segunda casa.

– Ah, agora percebo a sua pronúncia americana.

Lize tinha um olhar vivo e perspicaz, mas Filipe interrogava-se sobre o

que saberia ela dele, além do que estava publicado. Ficou especialmente alerta quando a viu arriscar algumas palavras em português, com uma pronúncia que o surpreendeu. Suspeitou de que percebesse a língua, mas não o mostrasse por insegurança. Tentou disfarçar a ansiedade, limitando-se a perguntar o que estava ela a beber. Lize pediu uma *margarita* sem álcool e ele resolveu fazer o mesmo.

– Imagino que nunca tenha ouvido falar de Pieter Joubert? – indagou ela, pousando a taça na mesa. – Pieter é um grande empresário na África do Sul, sendo talvez mais conhecido como fundador e maior accionista do Grupo Eland, um conglomerado que opera nas áreas da tecnologia, do turismo e da agricultura. Nos últimos anos, tem feito grandes investimentos fora do país, não só no continente africano, mas também no Reino Unido e na Europa, incluindo em Portugal.

O empregado pousou o *cocktail* de Filipe na mesa, e os dois acabaram por fazer um pequeno brinde. Filipe ouviu-a com interesse, embora estivesse ao corrente de grande parte do que ela contava por ter visto várias informações na Internet que o deixaram intrigado.

Além de ser um empresário de renome, Pieter Joubert tinha muitos outros interesses. Era proprietário de uma equipa de *cricket* em Cape Town e possuía várias herdades dedicadas à produção de vinho; em diversos artigos *online* sul-africanos, ele aparecia a caçar no Zimbábue, a pescar nas ilhas coralinas de Moçambique ou a pilotar um balão de ar quente pela savana da Tanzânia. Pelo que percebera, deveria ter setenta e poucos anos, ainda que parecesse mais novo, tinha boa forma física e um ar de quem apreciava os prazeres da vida.

Contudo, Filipe estranhara o facto de a informação financeira do Grupo Eland na Internet e na Bloomberg ser tão escassa e não conseguir aceder a qualquer tipo de Relatório e Contas ou dados financeiros. Deduziu que talvez fosse por se tratar de um grupo empresarial familiar e hesitou em aflorar a questão com Lize, com receio de ser desagradável.

– O nome Eland tem algum significado? – acabou por perguntar.

– É um antílope encorpado, com os chifres em espiral. O Pieter teve sempre uma adoração por eles e tem alguns na *farm*.

– Imagino que os investimentos em Portugal sejam na área do turismo?

– *Ja*, e no ramo imobiliário. Alguns em Lisboa, mas sobretudo no Algarve e no Vale do Douro – revelou Lize, sorridente. – O Pieter está muito contente com a evolução dos seus investimentos aqui.

– Mas disse-me ao telefone que o tema que quer abordar comigo é Moçambique...

– E também a África do Sul – precisou ela. – O Pieter precisa de alguém com o seu perfil e que seja fluente em português para um dos seus projectos.

– Sim, confirmo: sou fluente em português, um dos duzentos e tal milhões – gracejou Filipe, para depois se conter. Deu por si a observar-lhe os dedos à volta da taça, notando-lhe três anéis, mesmo que nenhum deles

parecesse uma aliança de casamento. Ainda estava abalado com a confidência que o seu amigo Jaime lhe fizera horas antes: Rita era, afinal, casada, ainda que o marido passasse longas temporadas na Arábia Saudita como engenheiro, e ela já tivesse manifestado vontade de se divorciar. – Conheço relativamente bem Moçambique, porque os meus pais eram de lá. Estão a contactar-me por causa de algum naufrágio de um navio português ou de alguma investigação antiga do meu pai?

– Lamento o que aconteceu ao seu pai, mas não lhe sei dizer – admitiu Lize num tom mais baixo, como se intuísse a delicadeza do assunto. – Eu própria não sei do que se trata. O Pieter quis manter tudo em segredo.

Filipe assentiu, apreensivo: Lize parecia saber que o seu pai fora assassinado. Era normal ela ou o empresário terem recolhido informações, e por certo saberiam que o seu pai fora um dos maiores estudiosos da *Flor do Mar*, ainda que fosse Filipe quem tivesse desvendado o mistério sobre o navio. No entanto, sentiu-se ligeiramente desconfortável e interrogou-se sobre se as oportunidades de negócio não estariam afinal relacionadas com os mercados financeiros ou com a carreira que tivera nos Estados Unidos.

– E como conseguiram o meu contacto?

– Temos as nossas fontes – explicou Lize, com um sorriso enigmático. – O Pieter tem amigos em todo o lado e recebeu muito boas referências suas.

Filipe bebeu mais um gole do *cocktail* e recostou-se na cadeira. O miradouro estava apinhado e uma banda preparava-se para tocar junto à igreja. Traziam violinos, guitarras, e um deles um saxofone; tinham bastante à-vontade, diante dos aplausos que se multiplicavam até ao lago do jardim.

Tentou decifrar o que ia no pensamento de Lize, mas algo nela fê-lo tomar consciência do pouco que conhecia de África. Quando trabalhara nos mercados financeiros, o continente estivera sempre fora do seu radar de investimentos. Só lá fora três vezes, e todas em lazer.

Passara uns dias em Marrocos e uma semana de praia em Cabo Verde. Moçambique era o único país que conhecia bem. Fizera uma grande viagem com os pais, quando eles decidiram visitar pela primeira vez a sua terra após a independência. Durante dois meses, percorreram o país de norte a sul. Fora a viagem mais emblemática da vida de Filipe, visitando os locais onde os pais haviam crescido e sobre os quais ouvira tantas histórias em criança. O que mais o impressionara fora a Ilha de Moçambique, onde os pais se tinham conhecido, a imensidão do Bilene e das praias de Inhambane, e Maputo, claro, repleta de avenidas largas, árvores coloridas, e com uma ampla vista para a baía e o estuário.

Na África do Sul nunca estivera. Os pais ainda o desafiaram a passar uns dias no Kruger Park, do outro lado da fronteira, mas ele, na altura, tivera de regressar para começar as aulas na faculdade. O que sabia da África do Sul limitava-se ao *Apartheid*, a Nelson Mandela e à criminalidade violenta que tantas vezes afligia a comunidade portuguesa. Se pudesse, voltaria atrás e aceitaria o desafio de cruzar a fronteira e passar mais tempo com os pais.

– E o que é que lhe disseram de mim? – perguntou Filipe.

– Que é alguém em quem se pode confiar.

Lize pegou na pasta que deixara encostada às pernas da cadeira. Abriu-a com subtilidade e colocou uma folha de papel em cima da mesa.

– O Pieter faz mesmo questão de que o assunto seja confidencial – declarou, passando-lhe a folha. – Penso que compreenderá.

– O que é isto? – questionou Filipe, franzindo a testa.

– Um acordo de confidencialidade – esclareceu Lize. Parecia mais tensa, mas notava-se que era uma mulher experiente, habituada a lidar com situações delicadas. – Mesmo no caso de decidir não avançar com o projecto...

Filipe analisou o papel. O texto era sucinto, semelhante a outros que assinara no passado, relacionados com operações financeiras confidenciais. Todavia, naquelas ocasiões soubera sempre de antemão qual seria o negócio em causa, o que não era o caso.

– Lá está, não refere o assunto – apontou ele, olhando-a nos olhos, mas Lize limitou-se a assentir.

– O Pieter dar-lhe-á todas as informações – assegurou ela, agarrando na folha de papel para que não voasse.

Filipe suspeitou de que o empresário precisaria de ajuda para decifrar manuscritos antigos que o levassem a encontrar os despojos de uma nau afundada. Era sabido que as costas da África do Sul e de Moçambique foram férteis em naufrágios portugueses nos séculos xvi e xvii, por terem sido pontos cruciais na Carreira da Índia. Filipe recordava-se de que o pai investigara vários desses navios e lhe contara que a Ilha de Moçambique estava rodeada de destroços a baixa profundidade, pois era o ponto de escala das naus, quer na viagem para Goa, quer no regresso a Lisboa, para escapar às monções.

O sino da igreja assinalou as sete da tarde, e Filipe escutou a voz de um dos músicos ao microfone; a banda começava a tocar, mas ele estava demasiado agitado para ouvir o concerto. Contava que Lize lhe adiantasse a razão daquele contacto, contudo, ela mantinha uma postura reservada, limitando-se a pedir-lhe que assinasse o documento antes da reunião com o empresário sul-africano.

– Trabalha com o Pieter há muito tempo? – perguntou por fim Filipe.

– Há cinco anos. Nem sempre é fácil: o grupo é diversificado, com negócios em vários países, e o Pieter é muito exigente. Parece que nunca dorme – brincou Lize, ajeitando o cabelo. – Mas é um trabalho estimulante, vou conhecendo diferentes países, e as condições são boas.

– Também é sul-africana? – indagou Filipe. Sentia algum desconforto por estar a ser arrastado para algo desconhecido.

– *Nee*, sou da Namíbia. Nasci perto de Windhoek.

– Namíbia? – estranhou Filipe.

– Existe lá uma comunidade branca com alguma relevância – explicou Lize, com os olhos cintilantes. – Descendente de alemães e africanos^[2]. Até

temos uma selecção de *rugby* que perde todos os jogos dos mundiais com grande dignidade. Os Welvitschias.

Filipe riu-se com o sentido de humor dela. Nunca pensara nisso, mas lembrou-se de uma conversa do pai quando era adolescente. A Namíbia fora uma colónia alemã no século xix, muito tempo depois de os navegadores portugueses passarem por lá, e fora entregue à África do Sul, no rescaldo da Primeira Guerra Mundial. Recordava-se de que a sua independência era recente, e que o pai estivera lá em trabalho, por causa da *Bom Jesus*, uma nau portuguesa do século xvi.

– Ainda tenho muitas amigas portuguesas em Windhoek – continuou ela. Não havia dúvida de que gostava de falar sobre o seu país natal. – São amigas de infância. Os pais fugiram de Angola com a guerra civil e acabaram por lá ficar.

– Ah, isso explica a sua pronúncia quando fala português – repetiu Filipe, imitando-a no comentário. Aquela referência não lhe fora indiferente. Sabia que milhares de portugueses de Angola tinham decidido rumar a sul, em grandes caravanas, para escaparem aos combates entre as várias facções angolanas, que haviam começado ainda antes da independência. No entanto, sempre pensara que tinham a África do Sul como destino. – Mas vive em Windhoek, na Namíbia?

– *Nee*, vivo em Cape Town, onde o Grupo Eland tem a sede – esclareceu Lize, terminando o *cocktail*. – É um lugar maravilhoso. Mudei-me para lá quando entrei na universidade. Trabalhei em Londres mais de vinte anos, mas felizmente consegui regressar à *Mother City*.

Filipe ouviu-a contar que Cape Town era a cidade-mãe por ter sido a primeira na África do Sul, fundada pelos holandeses em meados do século xvii como porto de escala na rota da Índia. Devia ter sido o que a Ilha de Moçambique fora para os navegadores portugueses, que mantiveram aquela rota em segredo durante um século.

Contudo, ficou pasmado quando percebeu que Lize não era apenas assessora de Pieter Joubert, mas também administradora de várias subsidiárias do grupo em África. Mais espantado ficou quando a ouviu dizer que trabalhara anos na City de Londres nos mercados financeiros, tal como ele, apesar de terem tido funções diferentes. Ela especializara-se em mercados emergentes, enquanto ele trabalhara com acções europeias.

– E dali sempre posso apanhar um voo directo para Windhoek – rematou Lize com entusiasmo. – São pouco mais de duas horas.

Filipe sorriu-lhe, embora cada vez mais intrigado com a situação em que mergulhara: o empresário sul-africano enviara alguém muito qualificado para aquele encontro preparatório, o que era um indício da importância daquilo que lhe queria propor. Sentiu-se tentado a fazer mais perguntas, por forma a tentar descortinar a natureza da missão. Porém retraiu-se, receando tornar-se inconveniente, e limitou-se a lançar um desafio a Lize.

– Já que experimentámos a *margarita* sem álcool, talvez devêssemos

confirmar como é a versão original...

Lize sorriu, ajeitou o fato e acedeu. O Sol preparava-se para desaparecer atrás das colinas ao fundo, e a música ecoava pelo miradouro. Mal as bebidas chegaram, Filipe levantou a taça e fez um novo brinde. Estava desapontado por Lize não ser mais concreta, mas também não tinha muito a perder em ouvir o que o empresário sul-africano tinha para lhe dizer. Planeava regressar a Boston e aos mercados financeiros mais tarde ou mais cedo, mas tinha tempo, até porque antes queria terminar todas as investigações pendentes do pai. A maioria centrava-se em naufrágios no Oriente, especialmente nas águas territoriais da Indonésia e da China, embora já tivesse visto algumas referências à África do Sul.

– Não sei porquê, mas sempre pensei que a Namíbia era um imenso deserto entre Angola e a África do Sul.

– Bem, tecnicamente são dois, separados por um planalto – brincou ela, com um sorriso radioso, achando graça ao comentário. – O Namibe e o Calaári.

Filipe recostou-se na cadeira, deixando-se levar pelo sotaque peculiar de Lize, a descrever-lhe as diversas paisagens da Namíbia: os grandes desfiladeiros ao sul, as dunas avermelhadas no centro, e a savana, mais a norte, já perto de Angola. Fazia tempo que não ouvia alguém falar de África com tanta paixão: os últimos haviam sido os pais, sobre Moçambique, e infelizmente nunca mais voltaria a ouvi-los. Ao invés de ficar melancólico, sentiu um conforto que não esperava. Voltou a encarar Lize, retribuiu-lhe o sorriso e imaginou-se de novo em Moçambique, no encalço dos despojos de mais uma nau proveniente de Goa ou Cochim...

[2] Termo moderno para denominar os descendentes dos *boers*.

Capítulo II

Faro, 15 de Setembro, 11h10

África ensina-nos que o Homem é uma pequena criatura, entre outras criaturas, numa paisagem extensa.

Doris Lessing, Prémio Nobel de Literatura

O jacto branco aterrou com suavidade. Filipe confiara no instinto e assinara o documento que Lize lhe apresentara no Miradouro da Graça. Voltou a olhar pela janela do avião e avistou o terminal ao fundo. Era a primeira vez que estava no Aeroporto de Faro.

O voo fora curto, pouco mais de meia hora, mas gostara de ver as planícies douradas do Alentejo e não ficara indiferente ao luxo da aeronave. Perguntou-se se o aparelho seria propriedade de Pieter Joubert, ainda que suspeitasse de que se tratasse de um jacto alugado para o período em que ele estivesse em Portugal.

Viera a conversar com Lize sobre a África do Sul, tentando conhecer melhor Pieter e os seus negócios. Soube que a família dele era natural de Cape Town e que ele continuava a viver na fazenda que herdara dos avós, nos arredores da cidade. Lize chamava-lhe *farm* e fora a partir dela que o sul-africano construía o seu império empresarial. Lize evitara falar sobre a vida pessoal de Pieter, mas contara que ele enviuvara havia muito e não tinha filhos. A sua família mais próxima era uma sobrinha, que acolhera aquando da morte precoce do irmão, embora ela nos últimos anos vivesse no Vietname, explorando galerias de arte.

Lize era uma mulher culta, inteligente e até sedutora, mas, por detrás da simpatia e da descontração, havia algo nela que o perturbava, especialmente quando lhe dava respostas evasivas. Talvez a culpa fosse sua, por lhe fazer demasiadas perguntas que a colocavam numa posição difícil. Afinal, ela própria devia ter um acordo de confidencialidade com a empresa.

Assim que desceram as escadas do avião, Lize encaminhou-o para o carro preto estacionado junto a um pequeno hangar, adiantando-lhe que sairiam por uma via alternativa ao terminal principal, pois o voo era privado.

– A viagem é curta – acrescentou mal o carro começou a andar. – Vale do Lobo fica a quinze minutos.

Não demoraram a sair da estrada principal e a entrar num pinhal. Ao fundo, no topo da colina, Filipe descortinou algumas moradias que lhe chamaram a atenção: eram construídas em vidro, com uma arquitectura moderna. Quando o carro parou, percebeu que tinham chegado ao destino e tentou controlar a ansiedade. A casa era uma mansão envidraçada de dois andares, situada na encosta à beira-mar. Dali avistavam-se quilómetros de areal que se estendiam até uma península rochosa.

Foi com surpresa que Filipe viu Pieter vir recebê-lo à porta. Pareceu-lhe um homem afável, igual ao que vira na Internet, apesar de mais alto; vestia um pólo azul-escuro, calções cremes e sandálias castanhas e tinha um largo sorriso desenhado no rosto. A primeira sensação que acudiu a Filipe foi de que estava a reencontrar um velho amigo, de férias no Algarve.

– É um prazer conhecê-lo pessoalmente – cumprimentou Pieter em inglês, apertando-lhe a mão com vigor. A pronúncia era semelhante à de Lize, embora mais carregada. – Já ouvi falar muito de si.

– Espero que tenham sido coisas boas.

– *Ja*, claro que sim – assentiu sorridente, encaminhando Filipe para o *hall*. Coxeava da perna direita, ainda que mantivesse uma postura erecta.

O interior da casa era amplo, com tecto alto, muita luz e mobiliário moderno, com diversos artefactos africanos. O *hall* desembocava numa sala, terminando com um terraço que se estendia até à piscina. Filipe tentou disfarçar o espanto: só a sala era maior do que o seu apartamento na Graça. Distinguiu estátuas de animais selvagens, arcos, flechas e azagaias nas paredes, bem com uma fotografia, a preto e branco, do Kilimanjaro, a montanha mais alta de África. Depois, fixou o olhar em duas grandes estátuas de guerreiros africanos com trajes avermelhados, munidos de lança e escudo, que pareciam vigiar a saída para o terraço.

– São *massai* – explicou Pieter. – Um povo nómada do Quénia e da Tanzânia com uma forte ligação aos animais da savana.

– São imponentes – comentou Filipe, elogiando: – Tem uma casa lindíssima...

– Comprei-a em planta há três anos – disse Pieter, ultrapassando as portas envidraçadas. – Este foi o meu primeiro Inverno aqui.

– Inverno?

– Inverno sul-africano – corrigiu Pieter. – Gostava de estar cá mais tempo. É uma base bastante prática. Sempre que preciso, dou um salto a Londres. Fica a menos de três horas de voo, pouco mais do que de Cape Town a Joanesburgo.

– Claro, eu percebo, e o aeroporto fica já ali – anuiu Filipe. Olhou de soslaio, à procura de Lize, mas ela havia desaparecido.

Os dois caminhavam pelo terraço e acabaram por se sentar à mesa, perto da piscina, onde uma empregada pousou um jarro com chá gelado.

– Agradeço-lhe ter aceitado o meu convite. Sei que pode parecer um pouco estranho.

– Ora, o prazer é meu – respondeu Filipe, tentando ser simpático. A situação era peculiar e ainda se interrogava sobre quem o teria referenciado. – Confesso que estou curioso para saber em que posso ajudá-lo.

– Analisei o seu trabalho sobre a *Flor do Mar* e quero fazer-lhe uma proposta. Trata-se de um assunto delicado, confidencial.

– A Lize foi bastante clara comigo. Já assinei o acordo.

– Sei que é um investigador discreto, com grande cultura geral e de uma honestidade inquestionável – afirmou Pieter, debruçando-se sobre a mesa. – Gostaria de contar com os seus serviços em África.

– Tenho uma ligação pessoal a Moçambique, mas infelizmente não conheço a África do Sul – adiantou Filipe, repetindo o que dissera a Lize. – Está à procura dos despojos da *São João* ou da *São Bento*, ao largo de Port Edward?

– Estou à procura de três pessoas, desaparecidas em Moçambique.

– Peço desculpa, mas quer a minha ajuda para encontrar três pessoas?! – Filipe estava perplexo. Durante dias tentara adivinhar o que aquele homem queria dele, convencido de que Pieter estaria na senda de uma nau portuguesa naufragada algures na costa africana. – Não é melhor notificar a polícia moçambicana?

– O assunto é sensível e requer discrição. Sei que o seu tempo é valioso. Faça questão de recompensá-lo generosamente.

– Mas não será um caso para um detective privado? – contrapôs Filipe. Era evidente que a polícia não fora informada. – Ou alguém de Moçambique?

– Preciso de uma pessoa com uma experiência mais abrangente. A sua investigação sobre a *Flor do Mar* deixou o mundo boquiaberto. Conseguiu decifrar um mistério com quinhentos anos, quando nenhuma expedição o fez, mesmo as que tinham grandes financiamentos e meios tecnológicos – prosseguiu Pieter, sem vacilar. – Eu sei que a pesquisa já vinha de trás, do seu pai, que foi um dos maiores estudiosos do navio. Também sei que ele foi um dos grandes historiadores de Moçambique, e tenho a certeza de que lhe ensinou muita coisa.

– Sim, é verdade – admitiu Filipe. O sul-africano parecia ter investigado a sua vida a fundo. – Sempre teve esperança de que um dia eu seguisse os seus passos.

– Claro, se o seu pai ainda fosse vivo, eu estaria a falar com ele – confessou Pieter, rindo-se. – Um amigo meu assistiu a algumas palestras suas sobre arqueologia marítima e contou-me que o Filipe tem tentado avançar as pesquisas que o seu pai deixou em aberto. Imagino que ele lhe tenha falado do *Angoche*...

– Lamento, o nome não me diz nada.

– Era um navio de cabotagem, de navegação costeira, que operava em Moçambique nos anos setenta.

– Anos setenta? – estranhou Filipe. Afinal, havia um navio envolvido, embora não se lembrasse de ter visto aquele nome nos documentos do pai.

– Talvez seja mais fácil explicar-lhe com um mapa – adiantou Pieter levantando-se e afastando-se em direcção à sala. – Só um momento, volto já.

Pieter demorou a reaparecer no terraço. Vinha a disfarçar o coxear, desdobrando um mapa, que logo estendeu em cima da mesa.

– O *Angoche* era um cargueiro português, baseado aqui, em LM.

– LM?

– Lourenço Marques – esclareceu, esforçando-se por pronunciar o nome correctamente. – Navegava sempre entre três a cinco milhas da costa, até Palma, perto da Tanzânia, abastecendo as povoações costeiras de bens essenciais.

– Desconhecia – confessou Filipe, com os olhos no mapa, que era anterior à independência, pois ainda designava Maputo como Lourenço Marques. Apesar de estar meio aturdido, lembrou a costa moçambicana: fazia quase uma curva em *s*, para depois continuar a direito para norte, até à fronteira com a Tanzânia.

– Sei que já lá estive – prosseguiu o anfitrião. – Sabe como as comunicações terrestres no país continuam limitadas, especialmente no sentido norte-sul.

– Sim, tem razão. As distâncias são enormes e até as linhas de comboio vão no sentido leste-oeste – acrescentou Filipe, recordando as ligações do Zimbabwe, do Malawi e de parte da África do Sul aos portos marítimos. – Eu viajei sobretudo de avião.

La perguntar qual a relação do navio com as pessoas que o empresário procurava, mas Pieter antecipou-se.

– O *Angoche* saiu de LM a 6 de Abril de 1971. Tinha uma carga de mil e duzentas toneladas, sobretudo farinha, açúcar e combustíveis, com várias escalas planeadas até Mocímboa da Praia, aqui em cima – relatou Pieter, indicando no mapa os diversos portos por onde o navio passara para descarregar e embarcar mercadoria. – O que faz do *Angoche* um navio especial é que teve um fim trágico.

– Naufragou?

– Foi encontrado a arder, à deriva, em alto-mar, afastado da rota e sem ninguém a bordo.

– Quantas pessoas seguiam no navio? – inquiriu Filipe, atónito.

– De acordo com os registos, vinte e três tripulantes e um passageiro, funcionário dos Caminhos-de-Ferro. Nunca mais foram vistos.

– Que aconteceu? – perguntou Filipe, imaginando um navio fantasma em chamas no meio do mar. Parecia-lhe um cenário irreal, mas agora compreendia o objectivo de Pieter: encontrar três dos tripulantes desaparecidos.

– É um mistério – respondeu Pieter. – O navio saiu de Nacala às cinco e meia da tarde do dia 23 de Abril, uma sexta-feira. A última comunicação para

terra foi duas horas depois. A partir daí, não se sabe o que aconteceu...

Pieter voltou a esticar o mapa e fez um relato impressionante. O *Angoche* escalara em Nacala pouco mais de um dia para depois rumar a Porto Amélia, actual Pemba. Seria uma viagem de doze horas para percorrer cem milhas. Deveria ter aportado às cinco da manhã de sábado, mas nunca chegara ao destino. Como ninguém se lembrara do navio durante o fim-de-semana, demorou até segunda-feira de manhã para se perceber que algo teria acontecido.

– O capitão do porto de Porto Amélia tinha passado o fim-de-semana a caçar e, quando regressou, assumiu que o cargueiro ou estava atrasado ou seguira para a próxima escala, a Ilha do Ibo. Às vezes acontecia o armador ou comandante do navio alterar a rota sem avisar – contou Pieter. – Por isso, os agentes do armador limitaram-se a telefonar para a sede da companhia em LM a perguntar o que fazer com a carga que devia ter embarcado no *Angoche* e continuava ali.

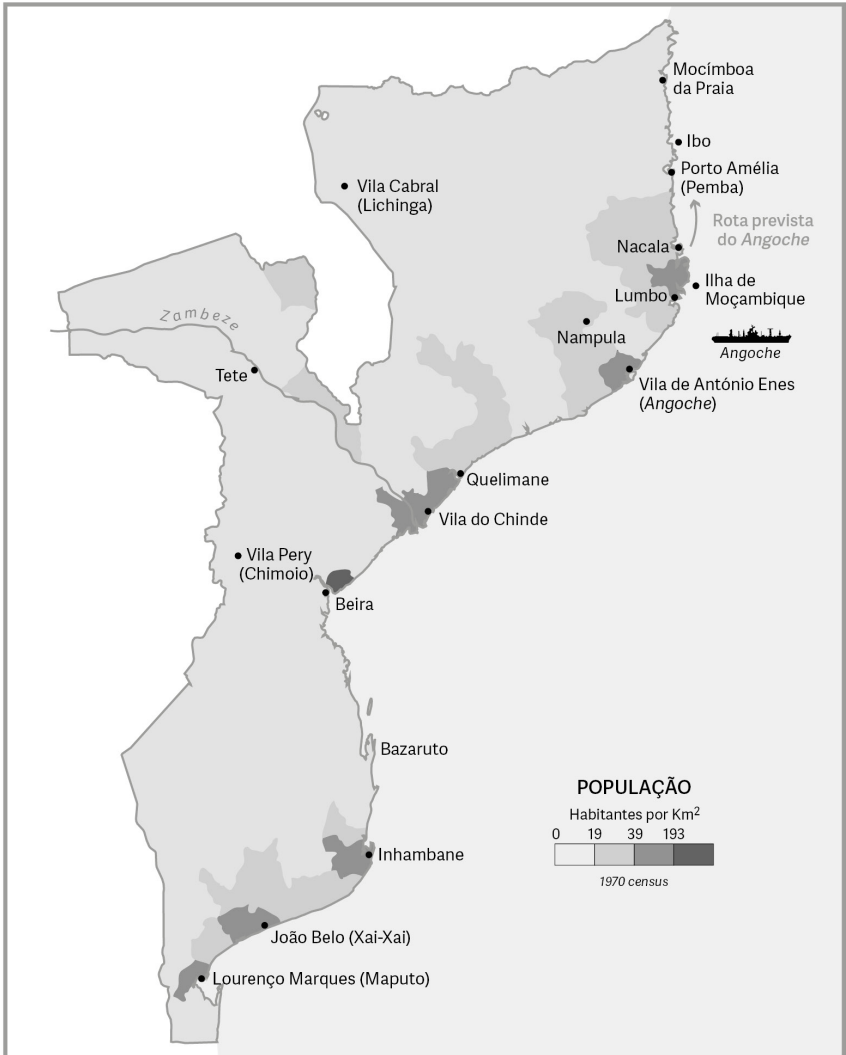
– Foi só então que se questionou o paradeiro do navio... – arriscou Filipe.

– *Ja*, mais de quarenta e oito horas depois da chegada prevista do *Angoche* a Porto Amélia – assentiu Pieter. – O armador confirmou que o cargueiro não se encontrava em nenhum porto do Norte, nem fora avistado por qualquer outro navio mercante, e destacou um avião para voar até Mocímboa da Praia, na esperança de que tivesse continuado a rota para norte, sem mais paragens.

– Mas não tinha...

– *Nee*, nessa tarde o armador comunicou às autoridades que o navio desaparecera. Foi logo enviada uma fragata de Porto Amélia na direcção de Nacala, para colaborar com os navios mercantes na zona e auxiliar nas buscas.

Moçambique, 1971



– E foi então que encontraram o navio?

– *Nee*, a verdade é que fomos nós, os sul-africanos, que informámos os portugueses de que o navio fora encontrado.

Filipe estava curioso e ouvia Pieter com atenção. O *Angoche* fora avistado a arder à deriva por um petroleiro americano, às sete e meia da manhã do dia 26 de Abril, dois dias e meio depois de ter saído de Nacala. O capitão do petroleiro ficara mais de um dia em silêncio absoluto, enquanto a sua tripulação apagava o fogo e subia a bordo para inspeccionar a carga. Ao perceber que não conseguia rebocar o cargueiro, comunicou então o achamento ao seu armador em Durban e pediu o auxílio de um rebocador. Foi nessa altura que Durban informou os portugueses, ao final da tarde do dia 27.

– Onde é que o *Angoche* foi encontrado?

– Aqui – apontou Pieter com precisão no mapa. – A mais de quarenta milhas ao largo, a sul da Ilha de Moçambique, entre estes dois pontos.

– Entendo o que diz sobre a rota – assentiu Filipe, lendo os pontos que o sul-africano referia: Mogincual e António Enes. Aquela conversa sobre Moçambique fazia-o sentir-se próximo do pai. – O navio estava muito a sul de Nacala, quando deveria estar a norte, a caminho de Porto Amélia.

– Pois, o desvio é demasiado grande para ter andado à deriva, mesmo considerando as correntes marítimas do Canal de Moçambique.

– Isso quer dizer que, em algum momento, mudou de rumo deliberadamente.

– *Ja*, caso contrário teria sido encontrado pelo avião português. Mais grave ainda é que o navio se afastou da costa e estava em águas internacionais – salientou Pieter, franzindo o olhar. – Mas isso só se soube mais tarde.

Filipe ficou então a saber que, durante dias, o petroleiro não respondeu aos apelos via rádio dos navios e faróis portugueses para indicar a sua posição. De acordo com o Direito Marítimo Internacional, o petroleiro tinha direito ao espólio, ou a receber uma indemnização pela descoberta.

Ao mesmo tempo, as autoridades portuguesas empreendiam a maior operação de busca e salvamento de sempre na província, à procura do *Angoche* e da tripulação, com meios aéreos e navais, mas sem qualquer sucesso. Nenhum sobrevivente foi avistado, nem se conseguiram localizar as duas embarcações: ninguém imaginara que estivessem tão a sul e afastadas da costa.

– Quando é que disse que isto se passou?

– O *Angoche* foi avistado pelo petroleiro a 26 de Abril de 1971. O rebocador de Durban encontrou-os a 2 de Maio, após o petroleiro revelar finalmente a sua posição via rádio. Uma fragata portuguesa interceptou essas comunicações e descobriu as três embarcações na manhã seguinte, ao largo do Bazaruto – revelou Pieter. – Dias depois, chegou-se a um acordo e o cargueiro foi rebocado para LM. A PIDE tomou conta do caso, fez inúmeras investigações a bordo para tentar descobrir o que acontecera, mas não chegou a qualquer conclusão. Sem testemunhas e sem provas, limitou-se a fazer

especulações.

– Que especulações? – perguntou Filipe.

– A principal foi a de que a tripulação se atirou ao mar, acabando por ser devorada por tubarões-tigre, muito comuns naquela zona.

– Parece descabido...

– Bem, o navio transportava, entre outras coisas, armamento. Poderiam ter entrado em pânico, com medo de que explodisse a qualquer momento.

– Mas não disse que o *Angoche* era um cargueiro civil, de um armador privado, e até transportava um passageiro? – estranhou Filipe. – Não estava a abastecer as povoações costeiras?

– Em 1971, como sabe, Portugal enfrentava uma guerra de guerrilha contra a Frelimo, o movimento independentista que ainda hoje governa o país. A logística estava toda baseada a sul, enquanto o conflito decorria a norte, perto da fronteira com a Tanzânia. Uma distância superior a dois mil quilómetros.

– Sim, claro – recordou Filipe. Conhecia o curso da Guerra do Ultramar: o pai combatera em Cabo Delgado e fora gravemente ferido nas margens do Rovuma. – A guerra só acabou depois do 25 de Abril.

– Foi por isso que o *Angoche* foi chamado a escalar em Nacala e embarcar cem bombas de avião, com destino à Base Aérea de Mocímboa da Praia. Levava também metralhadoras e material para bombas de napalm.

– E as bombas explodiram a bordo, provocando o incêndio?

– *Nee*, o porão com o armamento foi encontrado intacto. Pensa-se que o navio foi armadilhado.

– Como?

– Foram encontrados vestígios de cargas explosivas junto à chaminé da torre de comando e nos ventiladores da casa das máquinas, que detonaram quando o navio estava no mar – esclareceu Pieter. – Acredita-se que se tratou de bombas-relógio colocadas em Nacala ou durante a viagem. Por milagre, ninguém parece ter sido atingido pelas explosões. Não foram encontrados quaisquer vestígios humanos a bordo, nem mesmo calcinados.

– E ninguém reivindicou o acto?

– *Nee*, a teoria principal da PIDE foi a de que teria sido uma acção da ala armada do Partido Comunista Português, com a colaboração de alguém da tripulação ou da base militar de Nacala, que queria impedir as armas de chegarem à linha da frente.

– Faz algum sentido: comunistas e militares fartos da guerra...

– *Ja*, os comunistas portugueses executaram golpes semelhantes contra alvos militares em Portugal, usando exactamente o mesmo género de explosivos. Poderiam ter visto o *Angoche* como mais um alvo.

– E a PIDE não suspeitou da Frelimo? – arriscou Filipe.

– Essa foi outra das teorias da altura: a Frelimo teria sido ajudada por um navio ou submarino chinês ou soviético, que abalroou o *Angoche* e raptou os tripulantes, para depois fazer explodir o navio e deixar aqueles homens

morrer num campo de prisioneiros nos confins da Tanzânia.

– Mas nesse caso o golpe foi um fracasso – notou Filipe, ainda pensando na referência às bombas de napalm. – As vítimas foram civis e as armas foram deixadas intactas no navio...

– Pois, isso levou a PIDE a acreditar que não teria sido a Frelimo, mas sim um militar comunista de Nacala que colocara as bombas-relógio a bordo, sem o conhecimento da tripulação – disse Pieter. – Os tripulantes deveriam ter ficado em pânico com as explosões e atiraram-se ao mar, temendo ser pulverizados com tanto armamento a bordo. Mas, até hoje, ninguém sabe se foi mesmo isso que aconteceu, e se todos aqueles homens morreram ou não...

– A teoria parece discutível e não explica por que razão o navio terá alterado a rota – observou Filipe. – Também é estranho ninguém ter reivindicado o golpe até hoje. Com o final da guerra, a independência e o passar dos anos, seria expectável que alguém viesse a público confessar o que acontecera ao *Angoche*.

A empregada voltou a surgir perto deles e serviu-lhes um pouco mais de chá gelado, afastando-se de seguida. A piscina estava reluzente, o ar mais abafado, e ao fundo ouviam-se as ondas do mar a rebentar na areia.

– Tudo o que lhe estou a contar é informação pública. Qualquer pessoa consegue obtê-la, indo à Internet e aos arquivos portugueses – ressaltou Pieter, assertivo. – O que quero saber é se posso contar com a sua ajuda.

– Para descobrir o que aconteceu à tripulação do *Angoche*?

– A três pessoas, em particular.

– Ouça, isso passou-se há muito tempo – frisou Filipe. – Mesmo que esses tripulantes tenham sobrevivido às explosões, aos tubarões, ou ao alto-mar, já devem ter morrido de velhos.

– A questão é pessoal. As três pessoas que procuro não eram tripulantes.

Filipe ficou perplexo, sem saber o que dizer, acabando por retorquir:

– Mas disse há pouco que o navio levava apenas um passageiro...

– Pois, mas eu descobri recentemente que o *Angoche* levava mais cinco passageiros, não referenciados – revelou Pieter, baixando a voz ao ver Lize a chegar ao terraço. – Embarcaram em LM e planearam juntos o golpe mais audacioso jamais visto naqueles tempos.

Filipe tentou decifrar o semblante de Pieter e perceber qual a sua ligação às pessoas desaparecidas, mas acabou por desviar o olhar para Lize, que se aproximava com um telefone na mão. Ouviu-os falar numa língua estranha, e percebeu pelas expressões que a chamada era urgente. Pieter desculpou-se e seguiu Lize até à sala.

Filipe ficou sozinho e recostou-se na cadeira, sem saber o que pensar. O rumo da conversa surpreendera-o e as últimas palavras de Pieter deixaram-no perturbado. Interrogava-se como é que ele saberia dos passageiros não registados e por que razão estaria à procura de três deles. Respirou fundo e tentou organizar as ideias. O relato de Pieter fora tão realista que, por momentos, tivera a sensação de estar em Moçambique. A brisa acalmou-o,

reconheceu a paisagem à sua volta e, aos poucos, sentiu-se de volta ao Algarve.

– O almoço vai ser no terraço do piso de cima – informou a empregada num tom afável, mal circundou a piscina. – Eu acompanho-o.

A vista do terraço superior era magnífica: o azul do mar contrastava com o areal que se estendia até à ponta rochosa ao longe. Filipe continuava tenso: Pieter parecia saber o que acontecera ao *Angoche*, mas as suas intenções eram pouco claras, ainda para mais ao confessar que o assunto era pessoal. Felizmente, não demorou a regressar. Vinha com uma pasta acastanhada na mão e deu indicação para o almoço ser servido, sentando-se de seguida.

– Uma entrada de lascas de lavagante, com abacate e citrinos – anunciou a empregada, oferecendo depois um copo de vinho branco a cada um deles. – Será seguido por lombos de robalo daqui do Algarve, acompanhados por espargos e batatinhas assadas no forno.

Filipe esforçou-se por manter a naturalidade ante o cerimonial, e observou o rótulo da garrafa de vinho. Reparou que era sul-africano, mas teve dificuldade em ler o nome, hesitando em soletrá-lo em voz alta.

– *Spioenkop* – disse Pieter, notando a sua curiosidade. – É um *chenin* da *farm* de um amigo meu, perto de Grabouw, do outro lado de False Bay.

O empresário não perdeu tempo a revelar-lhe o que sabia.

– Vários processos antigos dos serviços secretos sul-africanos, com mais de cinquenta anos, foram recentemente desclassificados em Pretória. Julgo que a maioria passou despercebida aos investigadores da nossa *rainbow nation* e não são do conhecimento geral. Ninguém quer saber ou tem interesse em estudar material daquela altura, até porque grande parte está em português.

– Documentos secretos portugueses em Pretória? Sobre o *Angoche*?

– *Ja*, notas e memorandos de um agente da PIDE de LM, que se refugiou na África do Sul em 1974, após a mudança de regime em Portugal – revelou Pieter, com os olhos bem abertos. – Esse agente passou a trabalhar para os serviços secretos sul-africanos e continuou a investigar o *Angoche* até falecer, em 1977. Ele não descobriu o que aconteceu, mas encontrou várias pistas relevantes...

– Relacionadas com os cinco passageiros não registados?

Pieter assentiu e contou que o agente da PIDE investigava aqueles homens com a suspeita de serem comunistas e estarem a preparar um golpe contra o regime. O inspector encontrara provas de que eles tinham embarcado no *Angoche* e que haviam sido vistos em terra durante as escalas de Inhambane e da Beira. Com as informações que recolhera, estava convicto de que eles tencionavam sequestrar o navio e desviá-lo para a Tanzânia, para chamar a atenção internacional para a Guerra Colonial.

– Queriam replicar um caso semelhante que ocorrera dez anos antes,

com um pacote português nas Caraíbas – explicou Pieter. – O *Santa Maria*, conhece?

– Sim, o caso foi muito mediatizado na altura e abalou o regime português. No caso do *Angoche*, imagino que o impacto pudesse ser ainda maior, pois também impediriam as armas de chegar à frente de combate...

– E mancharia a imagem de Portugal, mesmo junto dos seus aliados tradicionais. Já imaginou as repercussões quando se soubesse que andavam a usar napalm contra os nacionalistas?

– Certo, mas, por algum motivo, a missão fracassou: nem o *Angoche* chegou à Tanzânia, nem as armas foram destruídas. Qual o seu interesse nesses homens? – insistiu Filipe. – Se ainda estiverem vivos, têm uma idade avançada.

Pieter encheu novamente os copos de vinho e adiantou:

– O agente da PIDE encontrou provas de que um desses passageiros morreu em 1973, no Rio de Janeiro. Dois anos depois do desaparecimento e reaparecimento *Angoche*...

– Tem a certeza de que era a mesma pessoa? – inquiriu Filipe. A ser verdade, aquele homem foi testemunha do que ocorreu a bordo. – Como é que ele conseguiu sobreviver ao que se passou no *Angoche*?

Pieter desconhecia o que acontecera e como é que ele chegara ao Brasil, mas adiantou-lhe que aquele homem morrera, conjuntamente com a empregada, no decorrer de um assalto à ourivesaria de que era dono. A polícia brasileira entrara em contacto com as autoridades de Lourenço Marques, após ter encontrado documentação na loja que provava que ele vivia no país com identidade falsa e o identificava como cidadão português, residente em Moçambique.

– As informações sobre a morte dele no Rio de Janeiro são rigorosas. O agente da PIDE chegou a lá ir e esteve com a polícia brasileira – adiantou Pieter, apontando para a pasta acastanhada na ponta da mesa. – Tenho as cópias dos relatórios aqui comigo. Ele levou-os consigo para a África do Sul e esteve a trabalhar no caso com um agente sul-africano.

– Mas qual era o interesse dos sul-africanos no *Angoche*?

– Os serviços secretos acreditavam que existia uma ligação entre o *Angoche* e um outro caso que ocorreu nas proximidades, quase na mesma altura.

Pieter não esmoreceu e prosseguiu o relato. Dias depois de o *Angoche* ter sido avistado, um outro petroleiro a caminho da África do Sul encontrou dois corpos a boiar em alto-mar. Suspeitou-se de que seriam náufragos, recolheram os cadáveres e entregaram-nos às autoridades em Durban. Os serviços secretos tomaram logo conta do caso, dado que controlavam o porto desde a chegada do petroleiro que encontrara o *Angoche*. De imediato, desconfiaram de uma possível ligação ao *Angoche*, uma vez que os corpos foram encontrados perto do local onde o cargueiro fora inicialmente avistado a arder.

– Conseguiram identificá-los? – perguntou Filipe, fascinado com a sucessão de factos. – Eram passageiros do *Angoche*?

– *Nee*, tratava-se do meu pai e de um amigo dele – confessou Pieter, emocionado. – Os dois haviam sido baleados, não apresentavam marcas de ataque de tubarão, embora já tivessem sinais de decomposição.

– O seu pai? – balbuciou. – O que é que aconteceu?

Pieter contou que o pai e o amigo eram antigos colegas de liceu e tinham uma grande paixão por pesca desportiva em alto-mar. Todos os anos costumavam pescar juntos durante uma ou duas semanas. Fretavam um pesqueiro em Durban e normalmente subiam a costa moçambicana até à Beira. O pesqueiro jamais fora encontrado, pelo que Pieter sempre supusera que o pai morrera num naufrágio algures entre Durban e Moçambique, até à descoberta dos documentos desclassificados em Pretória.

– A morte do meu pai foi um choque. Eu tinha dezanove anos, a minha mãe tinha falecido quando eu era criança e fiquei sozinho com o meu irmão mais novo e a minha avó. Passaram-se mais de cinquenta anos, mas eu tenho de descobrir o que se passou!

– Eu compreendo... – assentiu Filipe, recordando-se da morte do pai. – Os serviços secretos sul-africanos descobriram mais alguma coisa?

– Confirmaram que o meu pai e o amigo alugaram o pesqueiro por três semanas, mais do que o habitual. A última vez que foram vistos foi em Quelimane, quando escalaram para reabastecer, três dias antes do desaparecimento do *Angoche*. Os serviços secretos colocavam a hipótese de eles terem sido vítimas de um acto de pirataria, mas estavam convencidos de que tinham perseguido o *Angoche* por alguma razão e que o que aconteceu às duas embarcações estava interligado – admitiu Pieter, com um esgar. – Talvez o meu pai estivesse simplesmente no sítio errado à hora errada, mas somente quem sobreviveu ao *Angoche* saberá o que aconteceu.

– E porque é que só agora é que me contactou? – inquiriu Filipe, percebendo o que ia na mente de Pieter. Era bem possível que outros passageiros não referenciados também tivessem sobrevivido.

– Este assunto tem sido investigado pelo Tony, um grande amigo meu. Ele sempre foi um apaixonado pela História e pelos arquivos, e foi ele quem descobriu os ficheiros desclassificados em Pretória. Infelizmente, envolveu-se numa rixa idiota num bar na Tanzânia e foi esfaqueado...

– Morreu?

Pieter assentiu, sorumbático. Tony era português, de Moçambique, radicado na África do Sul havia décadas. Os dois tinham-se conhecido nas fileiras do exército sul-africano e mantido uma forte amizade desde então. Pelo que Filipe percebera, o português falecera poucas semanas antes.

– Foi ele quem me falou da sua proeza com a *Flor do Mar*, depois de assistir às suas palestras sobre naufrágios – clarificou Pieter. – Ele conhecia o seu pai de LM e sugeriu-me pedir-lhe ajuda para desvendar o caso. Estava convencido de que o seu pai também investigara o *Angoche*.

– Lamento, mas não me parece. O meu pai especializou-se na Era dos Descobrimentos. Nunca vi qualquer documento dele sobre navios de outras épocas ou sobre o *Angoche* – explicou Filipe, para contrapor logo a seguir: – O seu amigo conseguiu descobrir mais alguma coisa?

– *Ja*, encontrou provas de que um segundo passageiro do *Angoche* morreu em Dezembro passado, aqui no Algarve – afirmou Pieter. – É mais um indício de que os outros três ainda poderão estar vivos. Suspeito de que vivem com outra identidade há muitos anos. Não têm qualquer rasto digital, embora o Tony tenha conseguido reunir informação de várias fontes.

Puxou a pasta para si e mostrou-lhe um disco externo, pousando depois o seu telemóvel ao lado – tinha uma *App* bancária aberta.

– Eu gostaria que continuasse esta investigação. Farei esta transferência para a sua conta assim que aceitar o trabalho. Receberá outra com o triplo do valor no final, mais despesas de viagem e alojamento, evidentemente.

Filipe engoliu em seco. Algo lhe dizia para recusar aquela oferta tentadora. Contudo, sentia-se estranhamente próximo do pai por causa de Moçambique, e não havia dúvida de que o *Angoche* era um caso enigmático. Podia fazer uma pequena pausa nas investigações em que estava a trabalhar.

– O que considera como final? – perguntou, arrependendo-se logo de seguida; estava a indicar que estava interessado. – Descobrir onde estão?

– Com prova de vida ou de morte – precisou Pieter, guardando o disco externo na pasta. – Do resto, tratarei eu próprio ou os meus advogados.

– Pode contar comigo – declarou Filipe, pouco depois.

– Peça-lhe então que analise todos estes dados – retorquiu Pieter, satisfeito, deslizando a pasta para junto dele. – Alguns estão em *afrikaans*, mas penso que tem ferramentas para os traduzir. Se quiser pode encontrar informação mais genérica sobre o *Angoche* nos arquivos em Lisboa.

– Em Lisboa?

– *Ja*, as direcções estão aí dentro. Talvez o ajude a ter mais enquadramento. O Tony andou por lá; está tudo em português – adiantou Pieter. – Mas, logo que possível, queria pedir-lhe para ir a Dar.

– Dar?

– Dar-es-Salaam. Tem de falar com a minha gestora na região. Ela esteve com o Tony poucos dias antes da sua morte e foi quem guardou as coisas dele. Talvez contenham mais alguma pista que lhe possa ser útil...

Capítulo III

Lisboa, 17 de Setembro, 17h45

Navio costeiro Angoche saído de Nacala na noite 23 corrente com destino a Porto Amélia não chegou ao destino. Buscas táxi aéreo sem resultados. Solicitada intervenção comando naval e base aérea também sem resultados. Não tem havido temporal. Põe-se a hipótese entrada clandestina Nacala elementos que tenham obrigado desvio navio. Pediram-se diligências em Mtwara e Dar-es-Salaam.

Telegrama 279/71 da DGS de L.M., enviado para a sede em Lisboa, a 27 de Abril de 1971, com carácter urgentíssimo

Filipe leu a mensagem no *iPhone* e estremeceu: Rita queria voltar a vê-lo! Recordou a noite intensa que tinham passado juntos e as mensagens intermináveis que haviam trocado nos últimos dias. Rita contactara-o para lhe dizer o que ele já sabia – era casada –, confessando que se deixara vencer por uma atracção incontrolável e que nunca antes traía o marido, apesar de viver um casamento infeliz.

Filipe tinha uma vontade imensa de estar com ela, mas não sabia no que acreditar e sentia-se desconfortável; nunca se tinha envolvido com uma mulher casada. Apesar disso, não deixou de lhe responder às mensagens, nem de querer saber mais sobre ela. Sentia que Rita era sincera e que ansiava por uma vida diferente.

Ela adiantava-lhe que o marido continuava na Arábia Saudita e que poderia estar em Lisboa no próximo domingo e ficar até à quarta seguinte. Filipe ficou atónito com o repto que ela lhe lançou de irem passar uns dias a uma herdade perto de Évora. A imagem daquela mulher nua, estendida na sua cama, não lhe saía da cabeça, mas ele hesitava em responder, não queria agir por impulso. Ouviu o toque do sino da Igreja da Graça a ecoar pela colina e aquele som familiar fê-lo despertar e pousar o *iPhone*: o melhor seria mesmo responder-lhe mais tarde.

Respirou fundo e voltou ao trabalho, focando-se nas duas fotografias pousadas na mesa da sala. Uma era de Xavier Lobato, o agente da PIDE que

se refugiara na África do Sul, autor da maioria dos documentos que haviam sido desclassificados em Pretória; a outra era de Andre Van Zyl, o agente sul-africano com quem o português continuara a investigar o *Angoche* após o 25 de Abril. Filipe já lera várias vezes os documentos desclassificados e o restante material sobre aqueles dois homens, mas queria ter a certeza de que nenhum detalhe lhe escapava.

Xavier Lobato fora agente da PIDE durante mais de vinte anos e estava destacado em Lourenço Marques desde 1964, ano em que começara a guerra contra os nacionalistas. O seu trabalho inicial estivera relacionado com o desmantelamento de redes de informadores e agentes comunistas ou a mando da Frelimo. Mais tarde, também estivera envolvido na fiscalização dos próprios agentes da PIDE. Um dos documentos do processo indicava que Xavier Lobato fora o responsável pela prisão em 1970 de um agente da PIDE que controlava a maior rede de tráfico de droga em Lourenço Marques.

Não era clara a razão por que Xavier fora incumbido de realizar uma investigação paralela à oficial do «Caso Angoche», mas o ponto de partida parecia ter sido o alerta sobre o estranho desaparecimento simultâneo de cinco homens de Lourenço Marques e o relato de que haviam sido vistos em algumas povoações costeiras onde o *Angoche* escalara.

Os processos desclassificados descreviam as descobertas de Xavier sobre aqueles homens: tinha reconstituído as suas vidas, interrogado familiares, amigos e conhecidos e revistado os locais onde viviam e trabalhavam. Em Nacala, ouvira testemunhos de estivadores e empregados de um restaurante indicando a presença deles na cidade durante a escala do *Angoche*; na casa de um deles e na dos pais de outro, encontrara documentos sobre viagens anteriores do *Angoche*, a tripulação e a carga habitual do navio, bem como livros de autores comunistas e informação sobre Dar-es-Salaam. A tese de que aqueles homens planeavam desviar o *Angoche* para a Tanzânia para denunciar a guerra em Moçambique era sólida e bem fundamentada. O relatório sobre o homicídio de um deles, no Brasil, dois anos depois também era pormenorizado, tal como Pieter indicara.

Xavier era um funcionário diligente e estava convencido de que os outros quatro passageiros estavam vivos. Estranhamente, ele parecia mais interessado em descobrir o seu paradeiro do que em saber o que se passara verdadeiramente no *Angoche*. Talvez já soubesse o que acontecera a bordo e esses relatórios ainda se encontrassem nos arquivos de Pretória – dispersos ou classificados.

Filipe releu as notas que escrevinhara de manhã, tentando decifrar o pensamento de Xavier ao longo daqueles anos: ele vivera sozinho em Pretória desde 1974, sem familiares, amigos conhecidos ou ligação à comunidade portuguesa na África do Sul. Aparentemente, nunca regressara a Moçambique ou a Portugal, e a sua certidão de óbito indicava que morrera em 1977, com 57 anos, vítima de ataque cardíaco.

Andre Van Zyl, o agente sul-africano como quem Xavier trabalhara,

pertencera aos quadros da BOSS, os serviços secretos sul-africanos, e era especialista em operações de contra-subversão e contra-espionagem. Fora um dos agentes que interrogaram o capitão do petroleiro que encontrara o *Angoche* mal este acostara em Durban; fora também ele quem tomara conta da ocorrência dos dois cadáveres, um deles do pai de Pieter, encontrados dias mais tarde em alto-mar e entregues às autoridades de Durban.

Os relatórios de Andre Van Zyl estavam em *afrikaans*, mas Filipe conseguiu perceber o essencial através do Google Translate. O sul-africano não acreditava em coincidências e, mesmo antes de saber da existência de sobreviventes do *Angoche*, parecia convicto de que a morte do pai de Pieter e do amigo estava relacionada com o cargueiro português. Ele assinalara que o pesqueiro alugado era maior do que os das pescarias anteriores e reconstituía o percurso seguido pelos dois homens: tinham navegado demasiado longe e depressa, parando apenas para reabastecer, sem tempo para pescarias.

Toda a investigação estivera focada no amigo do pai de Pieter, um alegado traficante de armas e diamantes. Andre Van Zyl suspeitava de que os dois homens haviam perseguido o *Angoche* para roubar as armas a bordo, muitas delas difíceis de obter no mercado negro. No entanto, o armamento somente embarcara em Nacala e permanecera a bordo após a tragédia. Andre não encontrara nenhuma prova que aclarasse o caso, nem qualquer relação com os tripulantes do *Angoche* ou os cinco passageiros, para além da ténue ligação de um deles trabalhar no Consulado Sul-Africano em Lourenço Marques.

O pesqueiro também nunca tinha sido encontrado. Na altura, fora emitido um alerta na África do Sul e em Moçambique para o seu desaparecimento, mas a embarcação não mais fora avistada. Anos depois, Andre e Xavier admitiam a hipótese de o pesqueiro ter sido usado pelos passageiros sobreviventes do *Angoche* para chegar a terra, antes de eles próprios o afundarem: tal seria um indício de que teriam sido eles os assassinos do pai de Pieter e do amigo.

Andre Van Zyl morrera afogado numa praia de Durban em 1979 e, com a sua morte, a investigação sobre o *Angoche* e o pesqueiro cessara por completo. Tal com Pieter dissera, toda aquela documentação permanecera classificada até recentemente ter ficado disponível nos arquivos de Pretória.

Tony, o amigo de Pieter que investigara aquele caso, descobrira que Andre Van Zyl era casado. A viúva falecera entretanto, mas os seus dois filhos ainda estavam vivos e haviam emigrado para a Austrália. Tony conseguira falar por telefone com o mais velho, que lhe confirmou várias informações sobre o pai, mas nunca ouvira falar do *Angoche*, nem do pai de Pieter.

Filipe suspirou e acabou por deambular pela sala. Estava fechado em casa havia dois dias, ainda atordoado com a missão de que Pieter o incumbira. Mal regressara a Lisboa, acedera às *pens* e aos computadores antigos do pai e tirara todas as dúvidas: tal como pensara, o nome *Angoche* não constava de

qualquer ficheiro, e todas as referências a Moçambique eram de fortalezas antigas e naufrágios ocorridos nos séculos xvi e xvii.

Sentia-se exausto, com a cabeça a latejar, mas estava decidido a processar a informação que Pieter lhe passara e ele próprio recolhera na Internet. Tinha dezenas de folhas e memorandos que imprimira e espalhara pela mesa, à volta do portátil. Tony fizera um trabalho excelente em sistematizar a informação, mas as dúvidas eram intermináveis.

Filipe voltou a sentar-se à mesa e abriu o ficheiro com as duas fotografias do pai de Pieter que constavam do processo: numa, estava ladeado pelos dois filhos, ainda crianças, no meio das vinhas; na outra, mais recente, aparecia abraçado a François de Villers, o amigo que morrera com ele, mostrando um atum enorme suspenso por uma corda.

O pai de Pieter aparentava ter sido uma pessoa distinta, que tivera de enfrentar vários reveses na vida: primeiro, o falecimento do próprio pai, o avô de Pieter, que o coagira a gerir o negócio de vinhos demasiado novo; depois, a morte precoce da mulher, que o obrigara a cuidar sozinho dos dois filhos menores. O pai de Pieter tinha quarenta e seis anos quando morrera: não pareciam existir quaisquer indícios ou motivos que pudessem justificar ter estado envolvido no *Angoche* ou em qualquer actividade ilícita.

François de Villers não podia ser mais diferente, e fora isso que motivara as suspeitas da BOSS. Colega de liceu do pai de Pieter, fazia parte de uma família importante de Cape Town e herdara várias participações em minas de diamantes na África do Sul. Após a sua morte, Andre Van Zyl encontrou provas em como ele operava uma extensa rede de tráfico de diamantes e de armas em várias guerras em África, como o Congo, o Biafra e Angola. Em pouco tempo, Andre dismantelou aquela rede, mas, por alguma razão, continuara a investigar o duplo homicídio no pesqueiro e a sua eventual ligação ao *Angoche*.

François nunca se casara, nem tivera filhos. O seu herdeiro acabara por ser o irmão, que fora interrogado durante dias, mas nunca se descortinara qualquer ligação ao *Angoche* e ao armamento a bordo. Na sua investigação, Tony procurara saber do paradeiro desse irmão e descobrira que ele também falecera e que todos os seus bens haviam sido vendidos a diversos investidores.

Filipe voltou a ouvir o sino da igreja e esfregou os olhos. Já lhe custava focar o ecrã e mal conseguia ler; as linhas sobrepunham-se umas às outras. Num impulso, levantou-se e foi-se arranjar. Ia dar uma volta pela Graça, descer ao Jardim da Cerca ou beber uma cerveja num dos botequins do bairro. Estava a precisar de sair de casa e apanhar ar fresco.

O Sol já se tinha posto quando Filipe regressou a casa. O passeio pelo bairro deixara-o bem-disposto, mas sabia-lhe bem voltar ao sossego, longe do

rebuliço da Rua da Graça e do miradouro.

Foi buscar uma cerveja ao frigorífico e ficou a observar o mapa de Moçambique que colara na parede da sala: era impossível ficar indiferente ao que acontecera ao *Angoche*. Bebeu mais um trago, releu o percurso do cargueiro e seguiu com o olhar os vários portos por onde o navio passara desde que saíra de Lourenço Marques. Concentrou-se na Beira, a cidade natal dos pais, aonde o navio acostara a 17 de Abril: fora aí pelos vistos que recebera um telegrama da sede, em Lourenço Marques, com ordem para de seguida escalar em Nacala e embarcar material da Base Militar, com destino a Mocímboa da Praia.

O *Angoche* zarpara da Beira ao cair da noite de dia 19 e, dois dias e meio depois, atracara em Nacala. Ali, a estadia fora curta, suficiente para embarcar cem bombas de avião e armamento diverso. O navio levantou ferro ao final da tarde do dia 23, rumo a Porto Amélia, e dali seguiria para o Ibo e para Mocímboa da Praia, quase na fronteira com a Tanzânia, para depois iniciar o regresso. A chegada a Lourenço Marques estava prevista para 11 de Maio.

Filipe comparou a rota com a do pescueiro do pai de Pieter e do amigo e concordou com o investigador da BOSS: eles pareciam mesmo perseguir o *Angoche*. Ao olhar para o mapa na parede, lembrou como Moçambique era extenso. Um voo de Maputo a Pemba demorava duas horas e meia, o equivalente a um voo entre Lisboa e Londres. Mesmo Nacala, numa das províncias a norte, ficava a quinhentos quilómetros da zona de conflito com a guerrilha.

Sentou-se à mesa e releu os seus apontamentos sobre o *Angoche*: o navio tinha mil e quinhentas toneladas e oitenta e dois metros de comprimento; fora construído em 1958 para operar em Moçambique. A informação sobre a sua última viagem era vasta, embora contraditória, e nem sempre fidedigna.

– 15,27 Latitude Sul e 40,56 Longitude Este – murmurou as coordenadas. Aquele fora o local onde o *Angoche* tinha sido encontrado a arder pelo petroleiro.

O *Esso Port Dickson* era um petroleiro norte-americano, proveniente do Médio Oriente, com destino a Durban. O comandante era um oficial italiano e a tripulação era maioritariamente das Ilhas Fiji.

Filipe percorreu o disco externo de Pieter e abriu um dos ficheiros: tratava-se de uma cópia do Diário de Bordo do petroleiro. O navio não havia recebido qualquer mensagem SOS, mas o oficial de dia accionara o alarme às sete e meia da manhã, mal avistara fumo no horizonte. Activou o piloto manual e, pouco depois, enviou uma lancha de salvamento para perto do navio em chamas, para tentar perceber o que se passava.

A tripulação do petroleiro demorou mais de um dia para extinguir o incêndio, e só depois uma equipa de cinco homens subiu a bordo. Colocaram cabos de amarração e revistaram a carga nos porões e em todos os compartimentos. Filipe acabou por sorrir ao reler a nota do Diário de Bordo: havia várias grades de cerveja *Laurentina*.

As bombas-relógio haviam destruído os três pisos da torre de comando e a casa das máquinas, deixando o navio em chamas. No meio dos escombros, foram encontrados três relógios de pulso parcialmente calcinados no chão, com os ponteiros parados entre as 22h30 e 22h45. Tal indicava que fora essa a altura em que as explosões tinham deflagrado.

Aparentemente, a tripulação do *Angoche* não tentara combater o incêndio, pois nenhum extintor fora utilizado. As pistolas pessoais dos oficiais foram encontradas nos escombros e a maioria dos coletes de salvação havia desaparecido. Tal como Pieter indicara, não se vislumbrara qualquer vestígio dos corpos dos tripulantes, nem sinais de ferimentos, distúrbios ou luta. Um parecer médico da PIDE comprovava isso mesmo uns dias mais tarde: nem sequer haviam sido encontrados dentes, que resistem a altas temperaturas.

Filipe lera diversas informações que apontavam para a cumplicidade da tripulação com os golpistas, em particular do comandante. Por outro lado, vira que a PIDE recebera relatos da sua rede de informadores em Dar-es-Salaam a noticiar que a tripulação fora sequestrada e aprisionada na Tanzânia. Aquela parecia ser uma pista importante, mas nenhum agente da PIDE, incluindo Xavier Lobato, lhe dera grande relevância: talvez os informadores não fossem credíveis ou a PIDE nunca tivesse conseguido confirmar a veracidade dessa informação.

Releu a ficha sobre o comandante do *Angoche*. Tinha trinta e oito anos, era natural da Ericeira e vivia com a família em Lourenço Marques. Contava quinze anos de mar em Moçambique e aquela seria a sua última viagem antes de regressar à Metrópole. As referências dos superiores e colegas não podiam ser melhores, e ele parecia insuspeito: Xavier Lobato não mostrara qualquer interesse nele. Era difícil ter a certeza de qual teria sido o seu papel naqueles dias: se mais uma vítima inocente de um golpe rocambolesco ou de uma acção isolada de um militar comunista de Nacala, se o principal cúmplice dos cinco passageiros não referenciados, da Frelimo ou de mais alguém.

Abriu novamente a pasta relativa aos tripulantes. Percorreu nomes e cargos. Primeiro, os europeus, desde o imediato ao padeiro: a maioria era também oriunda da Ericeira e trabalhavam juntos havia três anos, desde que o comandante liderava o navio, pelo que deveriam conhecer-se bem. Depois olhou para os doze africanos: eram marinheiros e criados, naturais de Quelimane e Lourenço Marques, e já não era tão claro se se conheciam antes da viagem.

Sem testemunhas, era quase impossível saber o que acontecera ao *Angoche* e ao pesqueiro. As explosões no cargueiro poderiam ter ocorrido em qualquer uma das três noites em que estivera desaparecido, embora Filipe suspeitasse de que tivessem tido lugar na véspera ou antevéspera de ter sido encontrado: o navio ainda estava em chamas e o fumo do incêndio deveria ser visível a uma larga distância, para lá do horizonte. Se assim fosse, o que quer que tivesse ocorrido no *Angoche* durara entre vinte quatro e quarenta e oito horas. Era muito tempo!

Filipe tentou sistematizar os cenários possíveis. A aparente perseguição do pesqueiro ao *Angoche* indiciava que os dois casos estavam interligados. A mudança de rota do *Angoche* e a ausência de vestígios de corpos a bordo sinalizava que a tripulação não fora apanhada de surpresa pelas explosões. O facto de os sul-africanos terem sido baleados implicava a existência de terceiros, que podiam estar ou não a bordo do *Angoche*. A proximidade temporal e espacial das duas tragédias era uma forte evidência de que estavam relacionadas. Claro que não se podia descartar a possibilidade de ter sido uma coincidência e de os dois sul-africanos terem sido assassinados por piratas ou guerrilheiros da Frelimo a bordo de um navio chinês, mas parecia pouco provável.

O pai de Pieter e o amigo poderiam ter sido abatidos por terem testemunhado algo macabro no *Angoche*; poderiam ter tentado assaltar o *Angoche* por causa das armas e ter acabado mortos; poderiam ter sido cúmplices dos passageiros sabotadores e algo correria mal. Tudo era possível, mas Filipe não conseguia deixar de pensar no destino fatídico da tripulação e no que poderia ter levado o pai de Pieter a envolver-se numa golpada. As ligações entre os dois sul-africanos e os passageiros não eram claras, tão pouco as motivações para eles terem sido cúmplices. Era difícil ter a certeza do que teria acontecido e ele concordava com Pieter: a única maneira de saber seria tentar encontrar os três passageiros do *Angoche* que ainda poderiam estar vivos.

Filipe inspirou fundo e abriu a pasta principal do disco externo de Pieter, com os nomes daqueles homens.

– Mário Barbosa, Daniel Cabral e Sílvia Rosa – leu em voz alta.

A informação sobre cada um deles estava organizada em pastas independentes, com cópias de documentos e de fotografias antigas, relatórios de Xavier Lobato e notas de Tony. Pieter alertara-o: ali não constavam as novas informações que Tony, por certo, tinha descoberto nas semanas antes de morrer.

Mário Barbosa tinha vinte e sete anos aquando do «Caso Angoche». Trabalhara como tradutor e escriturário no Consulado Sul-Africano em Lourenço Marques, a Casa Hillman, desde 1967. Antes, cumprira o serviço militar em Moçambique e Angola, sem registos de maior. Era solteiro e viajado: além de visitar Angola frequentemente, estivera várias vezes na África do Sul e na Metrópole. Xavier Lobato suspeitava de que ele era o líder do grupo, pois a maior parte da documentação sobre o *Angoche* fora encontrada na casa dos seus pais.

Daniel Cabral também nascera em Lourenço Marques, embora fosse mais novo. Combatera em Cabo Delgado e no Niassa, onde fora ferido num braço sem gravidade e ganhara uma condecoração por actos de bravura. Após regressar a Lourenço Marques tivera vários ofícios, desde mergulhador e mecânico, até corredor de automóveis no autódromo da Costa do Sol. Filipe ficou admirado por saber que ele era casado e tinha um filho à data do «Caso

Angoche». Aquela poderia ser uma pista crucial para o localizar.

Sílvio Rosa era natural de Inhambane, mas tinha ido para Lourenço Marques aos dez anos, quando fora matriculado no Liceu Salazar. Tinha a mesma idade de Daniel Cabral e trabalhava na Livraria Minerva, a mais antiga da cidade, que por acaso ainda existia. Não havia qualquer informação sobre a sua família, mas o seu processo era o único que incluía uma fotografia, inserida num artigo de jornal sobre a Feira do Livro da Livraria Minerva: era de má qualidade, mas percebia-se que Sílvio tinha o cabelo farto e um nariz adunco. Haviam-se passado muitos anos, mas Filipe tinha esperança de conseguir usar aquela fotografia para esboçar a sua fisionomia actual.

Fechou os ficheiros do computador e recostou-se na cadeira. Aquela era uma investigação espinhosa, quase tão difícil como encontrar os despojos de uma nau afundada quinhentos anos antes. Tinha decorrido muito tempo, as informações eram confusas e quase não sobravam pistas palpáveis. Os três homens poderiam estar em qualquer parte do mundo e viver sob outra identidade, sem nenhuma ligação à sua vida anterior. Como Pieter bem frisara: a sua pegada digital era inexistente.

Recordou-se do que ele lhe dissera sobre os arquivos em Lisboa. Já confirmara que o antigo material da PIDE-DGS estava na Torre do Tombo; o pai sempre gostara de lá ir. Com sorte, poderia aceder a toda a documentação sobre o *Angoche* e quiçá encontrar informações sobre os cinco passageiros e os dois sul-africanos.

Instantes depois, voltou a ouvir o telefone a vibrar. Era uma nova mensagem de Rita: enviara-lhe uma fotografia da herdade em Évora, com uma piscina defronte de uma casa térrea branca. Filipe não resistiu e respondeu-lhe impulsivamente: sim, estava deseioso de voltar a vê-la e de senti-la outra vez.

– Tinhas razão, os mirtilos dão-lhe um toque especial, mas também gosto com morangos – adiantou Rita, com os olhos semicerrados. Estava apenas de *soutien* e cuecas de renda preta, debruçada sobre a bancada da cozinha. – Onde é que aprendeste a fazer isto?

– Um dos meus colegas de Boston era fanático – respondeu Filipe, sorridente. Adorava vê-la assim, quase nua. – Todos os dias nos presenteava com um sumo diferente, antes da abertura da Bolsa.

– Tens saudades desses tempos? – inquiriu Rita, afagando-lhe o braço com ternura.

– Às vezes, mas não estaria aqui tão calmo contigo numa terça-feira de manhã com os mercados europeus abertos.

Os dois haviam desistido do Alentejo e ficado em casa dele. Não se tinham largado um só instante, tentando saciar o desejo que sentiam um pelo outro. Quase não tinham comido e Rita até brincara em como emagrecera dois

quilos desde que chegara. De facto, ela parecia mais magra e com olheiras, embora os olhos verdes estivessem mais brilhantes do que nunca.

Filipe serviu-lhe um pouco mais de sumo e ouviu-a falar da sua vida em Bruxelas, como se fosse solteira. Sentia um encanto desconcertante por aquela mulher: Rita era inteligente, viajada e destemida; tinha um corpo que o enlouquecia, um odor que o deliciava, e parecia disposta a tudo, sem inibições, como se fosse o último dia da sua vida. Nunca havia estado com uma mulher tão intensa.

– Estive a tentar descobrir em qual das agências da União Europeia é que trabalhas – admitiu Filipe. – Como é que se chama exactamente?

Rita esbugalhou os olhos e ficou subitamente com uma expressão crispada, para logo depois o beijar ao de leve e voltar a encostar-se à bancada.

– INTCEN^[3], é uma agência de segurança e contraterrorismo – confessou, embaraçada. – Sou analista, procuro pistas e informações que possam evitar ataques terroristas, como aqueles que aconteceram em Nice, Paris ou Estocolmo.

– E isso não é perigoso? – questionou Filipe, fascinado. Na prática, Rita era dos serviços de informação. Sem saber bem porquê, deduzira que ela seria tradutora ou adjunta de um alto funcionário.

– Não sou uma agente de campo, mas o que faço é essencial. Eu e uma colega acabámos de dismantelar uma fonte de financiamento da *Jihad Islâmica* no Luxemburgo – adiantou Rita. – Aliás, não posso demorar-me. Fui há pouco convocada para uma reunião que começa daqui a hora e meia.

– Com Bruxelas? Mas não estás de folga até amanhã?

– Deixei de estar. Trata-se de uma urgência e não posso faltar.

– Faz a reunião daqui e depois podemos ir passear pela Vila Estrela d'Ouro, até ao Miradouro da Senhora do Monte – desafiou Filipe, apontando-lhe a sala, para logo se arrepender. Arrumara todo o material do *Angoche* que tinha na mesa, mas só agora reparara que deixara o mapa de Moçambique colado na parede. Rita ficaria, por certo, curiosa e não deixaria de o questionar.

– Gostava muito, mas não posso. A ligação tem de ser segura.

Os dois acabaram por regressar ao quarto. Filipe teve uma vontade súbita de deitá-la na cama e beijar-lhe o corpo, mas conteve-se; sabia que não era o momento. Arranjou-se num instante e voltou à sala, para retirar o mapa que deixara colado na parede, enquanto ela se vestia.

– Também vais sair? – perguntou Rita, admirada por vê-lo vestido.

– Sendo assim, também vou adiantar trabalho – replicou Filipe. – Quando é que volto a ver-te?

Rita pôs-lhe os braços à volta do pescoço e beijou-o com sofreguidão. Filipe abraçou-a, percorreu-lhe as costas com a palma das mãos e sentiu-lhe as nádegas. Ouviu-a suspirar e beijou-lhe o pescoço, a nuca, até ir ao encontro dos seus lábios, e a ouvir sussurrar:

– Quando é que queres que eu volte?

O Sol começava a desaparecer, a maré estava baixa e o areal quase vazio. Pieter afagou o cabelo e sentiu a frescura da água nos tornozelos. Adorava ter a praia só para ele. Ao fundo, avistou alguns pescadores à beira-mar, a vasculhar a areia de joelhos; já lhe tinham explicado do que se tratava: estavam à procura de conquilha, um molusco típico do Algarve. Aquela praia fazia-lhe lembrar Paternoster, a norte de Saldanha Bay, embora a areia fosse amarelada e a água mais quente, sem perigo de encontrar um grande tubarão-branco por ali.

Baixou-se para apanhar uma pedra avermelhada e atirou-a ao mar. Deu um jeito e sentiu uma pontada forte na perna direita, no sítio onde permaneciam os estilhaços. Estavam ali havia décadas por causa do rebentamento daquela maldita mina nos arredores de Luanda. A vida poderia ter terminado naquele dia, na véspera da independência de Angola, mas ele sobrevivera graças a Tony e conseguira ser evacuado por um helicóptero até uma fragata ao largo.

Fora o culminar de mais de trinta dias de combates incessantes contra os comunistas do MPLA, com o exército sul-africano a subir pela savana acima, desde Pereira d'Eça, Benguela, Novo Redondo, até àquele sítio desgraçado. Tinha sido ali que o batalhão fora travado pelos mísseis cubanos, recém-chegados a Luanda, não conseguindo impedir o MPLA de assumir o poder no dia da independência. Talvez por isso, sempre se recusara a fazer negócios em Angola. Só de pensar naquele país ficava com a perna a latejar e a pele arreganhada.

Pieter voltou a olhar para o mar, sem conseguir aliviar o olhar pesado. Aquela fora a sua última missão militar e, dias mais tarde, sentira-se ultrajado pela maneira como fora tratado pelos seus superiores, aquando do regresso à sua base em Walvis Bay.

Aos poucos, o som ritmado da ondulação acabou por o acalmar e relativizar a lembrança daqueles dias marcantes. Afinal, a desmobilização fora o melhor que lhe acontecera. Dedicara-se a fundo ao negócio de vinhos dos avós e, mais tarde, aproveitara as oportunidades do fim do *Apartheid*. A verdade é que tinha razões para celebrar: acabara de fechar um grande negócio imobiliário no Alentejo, junto a uma fortaleza secular. A oferta que fizera ao município para a reconstrução das muralhas fora determinante para conseguir a aprovação do projecto. Tinha de transferir mais fundos para Portugal e negociar com alguns bancos, mas o investimento iria valer a pena.

Desafiou-se a si mesmo e voltou a pegar numa pedra, lançando-a à água. A perna aguentou sem dores e a pedra voou, saltitando na água. Pieter esboçou um sorriso, observando de novo os pescadores na areia. Tinha outras razões para estar satisfeito: Filipe, o investigador português, era inteligente e movia-se com agilidade. Acabara de marcar o voo para Dar e parecia

compenetrado na missão.

Em tempos, Tony insistira em que deveriam contratar o pai de Filipe, pois suspeitava de que ele pesquisara o caso e estava convicto de que seria capaz de desvendar os enigmas que persistiam. Na altura, Pieter opôs-se, pois não queria envolver mais ninguém na investigação. Mais tarde, porém, ficara abismado como Filipe desvendara o caso da *Flor do Mar* e, após a morte de Tony, não hesitara: iria pô-lo à prova para prosseguir a missão. Ficara admirado por Filipe não saber nada sobre o *Angoche*, mas ainda assim estava optimista com o que ele poderia descobrir.

Caminhou com a água pelos joelhos, até o Sol desaparecer por detrás das colinas ao fundo. O cheiro a maresia serenou-o e a perna deixou de latejar. Olhou para um lado e para o outro e já não avistou vivalma, nem mesmo os pescadores. Estava sozinho naquele areal sem fim.

O lusco-fusco deixou-o mais nostálgico e reavivou-lhe a memória: não apenas sobre o *Angoche*, mas sobre o que se passara setenta anos antes disso, quando a sua família se rebelara contra o maior império do mundo. Não sabia onde tudo começara, se no Natal ou em Machadodorp, embora tudo lhe parecesse relacionado. Afinal, fora um militar português que selara o curso da História: Miguel Ferreira nascera em Moçambique e tivera a audácia de prender o maior político inglês do século xx.

[3] EU Intelligence and Situation Centre; Centro de Inteligência da União Europeia.

Capítulo IV

Natal, 15 de Novembro de 1899

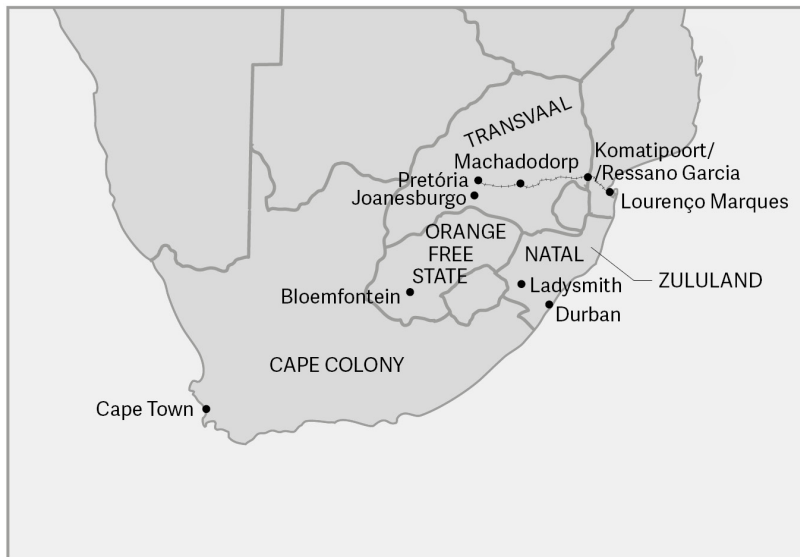
Que homens eram aqueles, os boers! Imagino-os como os vi de manhã, cavalgando pela chuva – milhares de kommandos livres, pensando por si mesmos, munidos de belas armas, galgando sem mantimentos, transporte ou colunas de munições, movendo-se como o vento, e sustentados por leis de ferro e um austero Velho Testamento.

Winston Churchill, correspondente de guerra do *London Morning Post*

Winston sentiu mais um arrepio: seguia sentado a um canto do vagão, sonolento e cada vez mais enregelado. Tentou enroscar-se melhor na manta, quando um som agudo lhe feriu os ouvidos. Abriu os olhos, desnorteadado, o comboio travava a fundo. Mal teve tempo para se agarrar. O vagão abanou com violência e muitos soldados desequilibraram-se, apanhados de surpresa, tombando uns em cima dos outros. Ao fundo, várias caixas enormes de munições soltaram-se e resvalaram pelo chão, esmagando os que se encontravam no caminho.

Winston teve sorte, escapou ileso, mas ficou apavorado com o descontrolo do comboio e os gritos à sua volta. As rodas guinchavam sobre os carris, como se estivessem prestes a cair num precipício. Conseguiu rastejar até ao canto onde estava anteriormente, agachou-se, protegendo a nuca com as mãos, e cerrou os olhos. De repente, sentiu a força bruta do choque, as paredes de metal torceram-se, e o vagão catapultou-se no ar. Winston berrou desesperado, com a cabeça zonga e o corpo em suspenso. Não conseguia respirar. Era o fim!

Sul de África, 1899



Instantes depois, o vagão embateu no chão com estrondo. Winston ficou sufocado com o peso dos corpos sobre si. Esbracejou, tentando desembaraçar-se, e lá conseguiu respirar. Tinha a cabeça a latejar, o corpo dorido e o estômago apertado, mas parecia estar inteiro, sem ferimentos de maior. Libertou-se dos braços e pernas que o apertavam e olhou à volta, atterrado. Vários soldados estavam mortos ou feridos, cobertos de sangue.

– Que aconteceu? – ouviu perguntar, por entre gritos e gemidos.

Winston não esperou pela resposta e tentou esgueirar-se para a abertura mais próxima. Tinham descarrilado! Sentiu o coração na boca, mas tentou controlar-se. Não sabia onde estavam e pressentiu que algo terrível estaria prestes a acontecer. Aquilo não podia ter sido um acidente.

Acompanhava um contingente de cento e cinquenta soldados num comboio blindado que patrulhava a linha da frente, a sul de Ladysmith, cercada havia dias. Chegara a Cape Town duas semanas antes, vinte dias depois do início das hostilidades, e acorrera a juntar-se aos combates na Colônia do Natal, como correspondente de guerra.

As duas repúblicas *boers* tinham-se antecipado e declarado guerra, ante a recusa britânica de retirar os milhares de soldados estacionados nas suas fronteiras, prontos para uma invasão. Uma vez mais, os *boers* não se tinham deixado intimidar. Defendiam a sua independência com tenacidade, década após década: haviam derrotado um golpe britânico que visava derrubar o governo e recusado mudar as leis para dar mais direitos aos emigrantes britânicos que laboravam nas minas de Joanesburgo.

Na viagem que fizera desde Southampton, Winston notara que o moral das tropas britânicas que acompanhava era elevado e todos acreditavam que estariam de regresso a casa antes do final do ano. Contudo, o ambiente no Natal era bem diferente: os *boers* estavam bem organizados e em vantagem numérica. Contavam com o dobro das forças no terreno, apesar dos recentes reforços britânicos. Havia tomado a iniciativa, invadindo território britânico, e cavalgavam pela savana, como fantasmas.

Os relatos que chegavam da frente, com a retirada de Dundee e o colapso iminente de Ladysmith, eram aterrorizantes. Afinal, Ladysmith era a terceira maior cidade da colônia e nos últimos dois anos fora o quartel-general das tropas britânicas, onde o regimento havia caído numa emboscada gigantesca. Centenas de soldados tinham morrido, mais de oitocentos haviam-se rendido, tendo os restantes escapado para o centro da cidade, entretanto cercado e com as linhas de telégrafo cortadas.

Winston respirou fundo e observou a agitação lá fora. Os soldados dos outros vagões começavam a sair e, no meio deles, vinha o capitão escocês que comandava o destacamento. Winston não hesitou e pulou para o exterior. Confirmou que a locomotiva continuava de pé, apesar de uma parte estar fora dos carris, ao passo que os três vagões se tinham desprendido e descarrilado por completo, estando um deles deitado por terra, em péssimo estado.

– A linha foi bloqueada por pedregulhos. A nossa sorte foi não irmos

muito depressa, porque estávamos próximos de uma curva – adiantou-lhe um soldado galês. – É melhor voltarmos para dentro. Pode haver *kommandos* por perto.

Winston retraiu-se, assustado, ainda atordoado com o choque. Descerrou o coldre à cintura e sacou da pistola, tentando manter a mão firme. Suspeitou de que estivessem prestes a sofrer uma emboscada, com o objectivo de apertar o cerco a Ladysmith e evitar a chegada de reforços. Observou os montes adiante à procura de um sinal, mas nada lhe chamou a atenção, excepto uma imensa manada de zebras a pastar. Tentou acalmar-se e acabou por guardar a pistola, distraíndo-se com o alarido que começava a grassar à sua volta. Muitos militares já haviam descido do comboio; quase todos estavam feridos, mas alguns inspeccionavam os estragos na locomotiva e nos vagões e outros tentavam desbloquear a linha sob as ordens de um sargento.

– Onde estamos? – perguntou Winston. Estava a suar, apesar do ar gelado.

– Perto de Frere, a trinta milhas de Ladysmith.

De súbito, ouviu um disparo e o soldado galês tombou, mesmo à sua frente. Winston atirou-se para o chão. Uma rajada de tiros varreu o contingente, muitos soldados foram derrubados e as zebras correram em debandada, aos zurros. Gerou-se o pânico e todos tentaram abrigar-se, sem perceberem de onde vinham os tiros. Winston tentou arrastar o galês ferido para debaixo do vagão mais próximo, mas o peso era demasiado e acabou por desistir, salvando-se de uma morte quase certa.

A segunda vaga foi mortífera e atingiu muitos soldados. O capitão escocês vociferava enfurecido, tentando reagrupar os homens nos vagões e ripostar, mas o ataque parecia nunca mais acabar. O inimigo estava infiltrado nos montes adiante, tinha pontaria, e o fogo provinha de múltiplas direcções. Winston encolheu-se ao ouvir o rugido da artilharia e ficou de olhos esbugalhados ao ver um dos vagões ser atingido por um projectil e explodir com violência.

O ataque intensificou-se e os disparos matraquearam-lhe os ouvidos. Winston sacou da pistola, mas não conseguia sair de baixo do vagão. Estava paralisado, deitado no chão, como se o corpo se recusasse a obedecer. Tinha vinte e quatro anos, ainda era demasiado novo para morrer. Fechou os olhos, sentindo a terra na cara, e reviveu o ataque que sofrera em Cuba quatro anos antes, quando o exército espanhol que acompanhava ficara sob o fogo cerrado dos rebeldes. Se sobrevivera àquilo, também sobreviveria agora!

Levantou a cabeça, afastando a poeira, e descortinou vários corpos prostrados no chão. Deveriam estar mortos. Ao fundo, viu dois soldados a saltar de um vagão e a correr na direcção do mato, mas foram logo abatidos. Até que ouviu o som intermitente da locomotiva e deduziu que a tinham conseguido encarrilar e desbloquear a linha. Calculou a que distância estaria e sentiu-se tentado a fugir. A locomotiva parecia ganhar velocidade e ouviam-se homens a correr no meio de berros e tiros. Porém, a intensidade das balas fê-

lo hesitar. Baixou os braços, pousou a pistola no chão e voltou a deitar-se, lamentando-se da sua cobardia, enquanto ouvia a locomotiva a afastar-se.

Winston já ouvira falar dos *kommandos* e das suas incursões em território britânico. Eram atiradores exímios, habituados a caçar desde crianças, que raramente falhavam o alvo. Tinham escolhido o local da emboscada e travado a marcha do comboio perto de uma curva para derrubarem o inimigo com facilidade.

A ideia transmitida pelo Governo Britânico de que os *boers* eram agricultores que haviam pegado em armas não era verdade. Eles achavam que podiam vencer, e possuíam artilharia pesada. Ladysmith deveria cair a qualquer momento e, se os reforços não chegassem rapidamente, Durban e toda a Colónia do Natal estariam perdidas. Seria uma vergonha difícil de aceitar para o exército mais poderoso do mundo, e não restavam dúvidas de que a guerra iria ser longa.

Pouco depois, os tiros cessaram e os soldados deixaram de ripostar. Por momentos, Winston receou ser o único sobrevivente. Manteve-se imóvel e depois arriscou. Arrastou-se para fora e vislumbrou cavaleiros a galope, vindos dos montes. Ficou pasmado por estarem tão próximos. Eram dez ou onze homens, vestidos à civil, em tons escuros, e com chapéu de abas redondas. Avançavam na sua direcção com uma bandeira branca e a estranha certeza de que não seriam atingidos.

– Baixem as vossas armas – ordenou um dos cavaleiros, em inglês, mal chegou ao local. Tinha a barba escura bem aparada, olhos amendoados e a pele queimada do sol. Ao seu lado, estavam outros três, com espingardas *Mauser* em riste e cartucheiras a tiracolo, logo seguidos por um novo grupo. – Estão cercados. Se querem viver, saiam do comboio.

Dezenas de soldados saíram dos vagões e lançaram as armas ao chão, resignados. Winston largou o revólver e caminhou pelo meio dos corpos, juntando-se ao contingente. As baixas pareciam elevadas, embora alguns dos homens atingidos ainda estivessem vivos. O *kommando* de barba escura observava-o com curiosidade, parecendo notar que não estava fardado.

– Nome e patente? – perguntou-lhe, com altivez e um olhar inquisidor.

– Winston Spencer-Churchill – apressou-se a dizer. A pronúncia daquele homem intrigava-o. Não parecia *boer*. – Jornalista do *London Morning Post*, acabado de chegar à África do Sul.

– *Joernalis*? – interrogou o cavaleiro, apontando para o coldre vazio, para depois trocar olhares com os companheiros e soltar uma gargalhada.

– Sim, de um dos jornais mais importantes de Londres – reiterou Winston. Formara-se como oficial no Colégio Militar em Sandhurst, combatera na Índia e no Sudão, mas saía do exército e estava ali como jornalista. Recebia um salário por isso. – E vós, quem sois?

– Miguel Ferreira, voluntário português ao serviço do *Generaal Louis Botha* e da *Zuid-Afrikaansche Republiek*[4].

Winston ficou estarrecido, observando o português a afastar-se em

direcção ao vagão atingido pela artilharia. Os *boers* contavam com milhares de voluntários nas suas fileiras, a maior parte vindos da Holanda, da Alemanha e da Escandinávia. Sabia que até alguns irlandeses se haviam juntado: porém, não estava à espera de encontrar um português. Afinal, Portugal era um aliado antigo dos britânicos, apesar dos recentes diferendos em África, e havia dado garantias de que o porto de Lourenço Marques não seria usado pelos *boers*.

Centenas de *kommandos* desciam dos montes a cavalo e acercavam-se. Até que, por fim, Winston distinguiu um homem fardado de uniforme caqui escuro, que adivinhou ser o comandante. Tinha a barba e o bigode aparados, cartucheiras de couro cruzadas no peito e um chapéu de abas largas com um dos lados dobrado para cima. Passou revista ao campo de batalha, examinou os vagões e deu ordens aos *kommandos*. Winston viu-os a revistar os vagões, recolher as armas e alinhar os prisioneiros, separando os feridos com um cuidado que o surpreendeu.

O oficial *boer* parou ao lado do português e os dois trocaram breves palavras, olhando de soslaio para Winston e para o capitão escocês. Depois cavalgou até um grupo de soldados, parando diante de um deles, de uniforme verde-escuro, sem elmo e com a cara manchada de óleo.

– Nome e patente?

– Wesley O'Neill, *Sir*. Soldado do Primeiro Batalhão da Infantaria Irlandesa.

– Podes ir, *Soldaat*. Sei bem que a Irlanda também está subjugada por estes imperialistas. Caminha por ali, em direcção a Ladysmith – ordenou o oficial, levantando o braço. – Quando lá chegares, diz que o *Generaal* Botha está disposto a aceitar uma rendição honrosa das tropas britânicas sitiadas e assim evitar mais mortes desnecessárias. Os ingleses não são bem-vindos em *Natalia*.

O português voltou a aproximar-se do comandante, sem tirar os olhos do soldado irlandês que corria para o mato.

– E agora, *Generaal*, o que fazemos aos prisioneiros? – ouviu perguntar.

Os *kommandos* recolhiam o restante armamento dos vagões, com pressa. O ataque fora um sucesso, mas os *boers* pareciam recear que pudessem chegar reforços britânicos a qualquer momento.

– Vão todos para Pretória. *Joernalis* incluído!

Miguel encostou-se à parede exterior do edifício dos Correios e acendeu um cigarro. Os funcionários já haviam fugido e as instalações tinham sido pilhadas. Observou o frenesim na Kerkplein, a praça principal de Pretória, e não conseguiu ficar indiferente. Quando zarpara da Ilha de Moçambique pela primeira vez com destino a Lourenço Marques, seis anos antes, pouco

conhecia do mundo e jamais sonhara viver o que tinha vivido. Nunca imaginara que mais tarde cruzaria a fronteira em busca de um sonho, combateria os malditos ingleses nos confins do Natal, ou assistiria à ruína da capital do Transvaal.

Sentiu o ar frio a percorrer-lhe as narinas e desistiu de contar as carroças apinhadas a circular de um lado para o outro. A Kerkplein sempre fora o local central de Pretória, mas aquela sexta-feira era diferente, e por isso estava melancólico. Ainda pensava naquela emboscada ao comboio perto de Ladysmith e no jornalista inglês que, semanas depois, escapara da prisão e fugira para Lourenço Marques. Os espões *boers* haviam relatado que ele conseguira encontrar-se com o cônsul britânico na cidade, após percorrer quatrocentos e oitenta quilómetros em apenas nove dias. Miguel mordeu o lábio ao imaginar os dois homens a conversar no varandim do consulado que ele conhecia de vista: um edifício branco imponente, a caminho da Ponta Vermelha, sempre com a malfadada bandeira britânica hasteada.

Miguel levou o cigarro à boca e inspirou o fumo perfumado. Tinha uma saudade imensa de Maria Teresa e de Moçambique! Saíra de lá havia mais de dois anos, pouco depois de terminar a comissão militar nas Grandes Campanhas, após o regresso do governador-geral Mousinho de Albuquerque ao Reino. Atravessara a fronteira de picareta ao ombro, para tentar a sorte em Joanesburgo, onde se contava que a terra jorrava ouro e se podia enriquecer em poucos meses. Fora uma decisão destemida, mas fizera-o por Maria Teresa.

Juntara-se aos milhares de mineiros que enchiam os acampamentos daquele planalto imenso, sempre coberto por um manto peganhento de poeira, fumo e vapor proveniente das máquinas que laboravam dia e noite. Dizia-se que aquelas minas produziam quase um terço de todo o ouro do mundo e que o metal era da mais fina qualidade, o que o tornava ainda mais valioso.

Nunca pensara que uma cidade pudesse crescer tão depressa. Num ápice, Joanesburgo ganhara avenidas, praças, lojas, escritórios, escolas, dezenas de bares, salões de chá e hotéis, transformando-se na maior cidade europeia em África – tinha mais de cinquenta mil brancos, o dobro de cinco anos antes. Aquele local atraía aventureiros *uitlanders*^[5] de todo o lado, desde a Austrália e a Europa à América do Norte, que se misturavam com outros tantos milhares de indígenas, chineses, indianos do Natal e malaio de Cape Town.

Miguel viveu em condições difíceis, acampando primeiro em Booysens e mais tarde em Ferreira's Kamp. Esgravatara aquela terra de um lado ao outro, juntamente com quatro landins da Matola que empregara, recusando juntar-se às associações mineiras ou às grandes empresas donas de maquinaria pesada, que perfuravam cada vez mais fundo. Com o passar dos meses, acumulara riqueza, fintando o frio e as doenças que colhiam muitos mineiros, mantendo-se longe dos depósitos de carvão à volta das minas, que corroíam os pulmões em silêncio.

Sonhava regressar como um homem rico à Ilha onde nascera e desposar

Maria Teresa – o pai dela, o director do Hospital Real, não poderia continuar a proibi-lo. Porém, quando o governo sul-africano apelara à mobilização geral, na iminência da invasão britânica, ele não hesitara: a ambição desenfreada dos ingleses revoltava-o e deixava-o fora de si.

Não era um sentimento recente, mas algo que crescera com ele na Ilha, por influência do pai e, depois, quando ingressara no exército. Os exemplos multiplicavam-se na sua cabeça: a disputa pela Baía de Lourenço Marques, as escaramuças com o Capitão Serpa Pinto no Niassa, as intromissões constantes nas companhias no Norte, os rumores de que queriam entregar parte de Moçambique e Angola à Alemanha, as intrigas na Conferência de Berlim, o apoio dissimulado a Gungunhana e a outros régulos, sem jamais esquecer o malfadado ultimato que dilacerara a dignidade do Reino. Uma sucessão de eventos que não deixava dúvidas sobre a cobiça daquela gente.

O que se passava no Transvaal era o culminar da ganância inglesa. A descoberta do maior filão de ouro do mundo fizera enriquecer o governo *boer*, a ponto de transformar o Transvaal no estado mais rico de África. Não demorou para que os imperialistas britânicos de Cape Town se roessem de inveja e somassem desculpas para desafiar as autoridades de Pretória.

A tensão e as afrontas dos últimos quatro ou cinco anos não poderiam ter tido outro desfecho. Com a iminência da guerra, milhares de *uitlanders* e indígenas debandaram de Joanesburgo, grande parte das minas fecharam e a maioria das lojas e escritórios foram abandonados.

Quando a guerra deflagrou em Outubro, já Miguel se juntara aos *kommandos boers*. Tinha aprendido a língua deles e destacara-se com facilidade pela sua experiência militar em Moçambique e a sua incorporação no esquadrão de Mousinho de Albuquerque. Sentia que podia fazer a diferença e todos partilhavam o mesmo sonho: expulsar os ingleses do Sul de África.

Um dia, o *Generaal* Botha quis conhecer Miguel e ouvir a história da captura do Imperador de Gaza, que tantas vezes ameaçara a autoridade *boer* e portuguesa na região. Botha estivera com Mousinho de Albuquerque na visita oficial que este fizera a Pretória, e ficara sensibilizado com os esforços do oficial português para erradicar o expansionismo britânico.

– Seria bom contar com o seu apoio contra os ingleses – confessara Botha, referindo-se a Mousinho. – Contaram-me que ele queria alistar-se nas nossas fileiras. Infelizmente, o rei de Portugal não o deixa regressar a África, nem permite que lute ao nosso lado.

Desde aquele dia, Miguel tornara-se próximo do *Generaal* e, ao longo de meses, acompanhara-o em múltiplas incursões no Natal e no Transvaal. Foram tempos arrebatadores, como só vivera durante as Grandes Campanhas. Mais tarde, o *Generaal* fora promovido a Comandante-Chefe do Exército do Transvaal e Miguel viu-se numa posição que nunca imaginara.

Suspirou angustiado e apagou o cigarro no chão enlameado da Kerkplein. Aqueles dias pareciam-lhe distantes, e a euforia de derrotar os

pérfidos ingleses havia esmorecido com a mortandade que vira no mato e as quezílias intermináveis entre as diferentes facções *boers*. Já não era o mesmo, e as saudades de Maria Teresa corroíam-no dia após dia, mais ainda desde que os Correios tinham deixado de funcionar como dantes: primeiro percebeu que as suas cartas já não chegavam à Ilha, e mais tarde também deixou de receber as cartas dela, enviadas pelo seu irmão. Começava a sentir que fora um erro ter-se voluntariado para aquela guerra, em vez de ter regressado à Ilha logo após o fecho das minas de Joanesburgo.

Notou um estranho odor no ar e voltou a observar o desespero na praça. Acabou por fixar o olhar num grupo de mulheres com espingarda ao ombro, que contornavam a igreja do centro da praça para se dirigirem ao Palácio da Justiça, entretanto transformado em hospital. Ao fundo, o *Raadsaal*, o Parlamento, mantinha a dignidade habitual, com a sua gigantesca cúpula negra, ainda que nada pudesse ser mais enganador. Miguel passara lá quase toda a noite, a encaixotar os arquivos e demais documentação do Estado, e sabia como o ambiente lá dentro era desolador. O mesmo se passava com o edifício ao lado: o Grand Hotel, o mais luxuoso da cidade, também deveria estar a ser pilhado, a julgar pela confusão à entrada e nas varandas.

Junho chegara e o frio do Inverno do Transvaal não dava tréguas. A guerra durava havia meses, e a cada dia que passava era maior a humilhação para o Império Britânico. Porém, a situação dos *boers* tornara-se exasperante.

As forças do *Generaal* Botha não tinham conseguido conquistar Ladysmith, nem empurrar o inimigo até ao Índico, antes da chegada do novo Comandante-Geral britânico e dos novos reforços. Contava-se que mais de duzentos mil soldados, provenientes de todos os cantos do Império, haviam desembarcado em Cape Town – uma força equivalente a metade de toda a população *boer*. Marcharam em direcção ao Transvaal e ao Oranje-Vrystaat, a outra república sul-africana, reconquistando o território perdido e libertando as cidades cercadas pelos *boers*, uma a seguir à outra. Ladysmith salvara-se no final de Fevereiro, após uma batalha sangrenta. Depois de quatro meses vitoriosos, os *boers* perderam força e começaram a retirar, incapazes de resistir à investida britânica.

A partir dali a situação complicara-se. Os britânicos destruíram tudo o que encontraram, incendiaram fazendas, aprisionaram civis e as famílias dos *kommandos*. Por mais que se cortassem as linhas de abastecimento e se dinamitasse a linha férrea proveniente de Cape Town, nada travava o avanço das tropas imperiais. Bloemfontein, a capital do Oranje-Vrystaat, caiu em meados de Março e centenas de combatentes *boers* renderam-se, levando ao colapso da frente.

Miguel fez um esgar e puxou de mais um cigarro. Era o terceiro, mas estava agitado e precisava de se acalmar.

A sucessão de acontecimentos dos últimos dias fora aterradora. O Oranje-Vrystaat fora anexado e, horas depois, o presidente Kruger e a maioria do governo do Transvaal abandonaram Pretória num comboio em direcção ao

interior. Por fim, Joanesburgo, a apenas quarenta milhas de distância, rendeu-se, sem oferecer resistência e sem que as minas tivessem sido dinamitadas.

Centenas de refugiados enchiam agora as ruas de Pretória, enquanto boa parte dos seus habitantes abandonavam a cidade, rumo ao interior, levando tudo o que podiam nas carroças. Já se ouvia à distância o som de trovões, sinal de que a artilharia britânica se aproximava e os combates seriam intensos. Pretória estava protegida por cinco fortes no topo das colinas, construídos antes da guerra, mas não iriam servir de muito. Miguel sabia que estavam a ser desmantelados para as armas poderem ser usadas mais tarde. A retirada era total e o cerco fechava-se: Pretória seria entregue ao inimigo, para poupar vidas civis.

Miguel acabou por atirar o resto do cigarro para a lama e ajeitou de novo a sacola. A desordem na Kerkplein parecia-lhe cada vez mais tenebrosa, mas não se podia distrair. Tinha de pôr-se a caminho para não chegar atrasado ao encontro na estação ferroviária. Ajeitou a *Mauser* ao ombro, cruzou o *Raadsaal* e seguiu pela Marktstraat, a principal artéria da cidade.

Miguel chegou à estação ferroviária e ficou incrédulo. Centenas de famílias aglomeravam-se no cais de embarque, com bagagens e animais domésticos, na ânsia de entrarem num comboio que as levasse para longe. As linhas estavam vazias e não se vislumbrava qualquer locomotiva. Os soldados e funcionários *boers* tentavam impor a ordem no meio da gritaria e do choro das crianças, mas era difícil. O barulho era ensurdecedor, o pânico tomara conta de todos e custava a acreditar que o governo fora o primeiro a fugir e deixar tudo para trás. Miguel sabia que haviam encarregado dois generais de organizar a evacuação, enquanto outros tentavam atrasar o avanço inimigo. Porém, o desespero era geral.

Contornou os edifícios de tijolo, afastando-se da confusão, e dirigiu-se para o último anexo da estação, onde funcionava a parte administrativa. Ao cruzar a porta, voltou a morder o lábio e sentiu o sabor metálico do sangue. Fora o último a chegar. Inspirou o odor acre a tabaco na sala e hesitou. Combatera ao lado daqueles três *kommandos* em Spioenkop, mas ficava sempre incomodado com a presença de Fritz Duquesne, o sobrinho do anterior Comandante-Chefe do Exército do Transvaal. Miguel notava que o *boer* o fitava às vezes com desprezo, insistindo em falar-lhe sempre em inglês, fazendo-o sentir-se um *uitlander*.

Tentou agir com normalidade e sentou-se, esforçando-se por disfarçar a tensão. Cada um representava um general específico, e os quatro estavam ali para fazer cumprir as últimas directrizes do governo.

– O presidente e os ministros já estão num local seguro – informou Leon Cronjé. Tinha um ar extenuado, ainda que estivesse bem vestido, com suspensórios brancos e uma camisa escura. – Toda a documentação da

República seguiu no comboio desta madrugada e está salvaguardada, mas precisamos de evacuar o resto. Pretória está no limite, os britânicos deverão chegar aqui dentro de dias...

– Já sabemos qual o nosso destino? – questionou Theo Van Wyk, um *Cape Rebel*, *boer* da Colónia do Cabo que se alistara nas forças das duas repúblicas independentes. Era o delegado do *Generaal* Smuts e usava sempre um *sjambok*^[7] à cintura; fora com ele que Miguel estivera a noite inteira, a esvaziar os arquivos intermináveis do *Raadsaal*.

– Machadodorp! – revelou Leon. – Foi para lá que o presidente e o governo se dirigiram.

A resposta não o surpreendeu. Era uma estação ferroviária entre Pretória e Lourenço Marques, a duzentos e vinte quilómetros dali, suficientemente longe da frente de combate, que se transformara num importante depósito de munições e mantimentos. Tinha o nome de um português – a aldeia do Machado – em honra do engenheiro responsável pelo traçado e construção daquela linha férrea: o coronel Joaquim Machado.

Miguel lembrava-se bem dele, alto e com um grande bigode, ao lado do presidente Kruger, aquando da inauguração da ferrovia em Lourenço Marques, num dos interregnos das Campanhas de Gaza. Durante anos, dissera-se que era impossível construir aquela linha por causa das montanhas graníticas do Transvaal. No entanto, Joaquim Machado vencera todos os obstáculos e conseguira ligar Pretória ao porto de Lourenço Marques. A sua fama já vinha de trás: fora ele quem liderara a expedição de obras públicas a Lourenço Marques vinda do Reino e que lançara as bases da construção da cidade moderna, duas décadas antes.

Ao pensar nisso, Miguel compreendeu a razão por que o *Generaal* Botha o designara seu representante, apesar de não ser calvinista e ser um voluntário estrangeiro. Estava ali por ser indiferente às diversas facções *boers*, mas também por ser português, numa altura em que se iriam aproximar da fronteira com Moçambique e o novo Governador-Geral era, de acordo com vários jornais ingleses, simpatizante dos *boers*: o Coronel Joaquim Machado regressara a Moçambique semanas antes para liderar o Governo da Província, depois de três anos à frente do Estado da Índia.

– Famílias inteiras estão a tentar fugir de comboio para Machadodorp e Nelspruit – lembrou Theo, apontando para a janela. – O desespero aumenta de dia para dia, e muitos vão tentar subir para o nosso comboio. Podem complicar a missão.

– Eu próprio garantirei uma zona de segurança num dos ramais da estação, mas temos de estar vigilantes e ter as portas dos vagões bem fechadas – frisou Leon. – Não podemos levar qualquer civil a bordo e correr o risco de termos espiões infiltrados.

A agitação da multidão lá fora intensificava-se. Um comboio com oito carruagens acabava de chegar e, por certo, seguiria para Machadodorp. Miguel tinha a certeza de que muitos iriam continuar viagem até à fronteira e

tentar alcançar Lourenço Marques. Era o porto mais próximo fora do controlo britânico, e dali poderiam fugir para longe do inimigo, quiçá mesmo para a Europa.

– De quantos homens dispomos? – perguntou ele. A imensidão das tropas imperiais prestes a cercar Pretória deixava-o aterrado; nunca pensara ser perseguido por soldados do Canadá, da Índia e da Austrália.

– À volta de oitenta. Talvez um pouco mais...

Miguel assentiu, confiante. Eram suficientes para fugirem em segurança, a não ser que encontrassem a cavalaria avançada britânica, quiçá num golpe audacioso para bloquear a linha férrea. Esforçou-se por manter a compostura, apesar de olhar para Fritz de quando em quando. Estava exausto e era-lhe difícil manter a calma com a presença próxima daquele *boer*, que parecia um inglês a falar, pelos anos passados a estudar em Inglaterra.

Grande parte dos voluntários estrangeiros já abandonara o Transvaal e Miguel também estava cansado da guerra, mas não queria desertar. O *Generaal* Botha tinha-lhe dado aquela última missão, prometendo-lhe que, depois disso, ele podia regressar a Moçambique. Miguel suspirou ansioso, com dificuldade em concentrar-se no que diziam os outros *kommandos*. Não havia um só dia que não se lembrasse de Maria Teresa e finalmente ela iria ser sua! Todavia, ainda se interrogava sobre se deveriam permanecer na Ilha ou mudar-se para Lourenço Marques.

A nova capital da província vivia um crescimento assombroso. Nos anos em que por lá andara, no meio das Campanhas, Miguel assistira ao desbravar do mato, à secagem do pântano, à abertura das grandes avenidas e à progressiva construção de casas até à Ponta Vermelha. Lembrou-se do que se comentava na altura: Lourenço Marques seria a cidade portuguesa mais moderna de toda a África, com um traçado nunca visto.

A linha férrea do Transvaal e o crescimento do porto fizeram com que Lourenço Marques deixasse de ser um pequeno povoado em redor de um forte num lugar pantanoso, apesar dos mosquitos e das febres terríveis que tanto haviam persistido na baía. A cidade passara a servir como ligação do Transvaal ao mar e ao resto do mundo, fora do domínio britânico, podendo receber em segurança todo o tipo de navios, mesmo em dias de temporal.

Num par de anos, Lourenço Marques enchera-se de lojas, armazéns, botequins, arruamentos modernos com iluminação pública e casas apalaçadas com canalização. Não se poderia comparar com o desenvolvimento de Joanesburgo antes da guerra, ainda assim impressionava qualquer um. Em pouco tempo, a população europeia na cidade passara de algumas centenas para mais de três mil, quase um terço da de Pretória. Por certo, devia haver ainda mais gente desde que a cidade passara a ser a capital de Moçambique, quase dois anos antes.

– Temos de carregar o que falta nas próximas horas, com a mesma discrição – asseverou Leon, começando a dividir as tarefas pelos quatro. Já havia muito trabalho feito nos vários edifícios governamentais, embora ainda

tivessem de regressar à Kerkplein, preparar os vagões e reunir os homens. – Voltem ao vossos postos e marcamos um novo encontro aqui ao pôr-do-sol. Vamos ter uma longa noite pela frente.

Miguel anuiu, já contava regressar às caves sombrias do Parlamento. Tentou concentrar-se no que Leon dizia, mas não conseguia deixar de passar as mãos pelos bolsos e sentir o metal precioso. Lourenço Marques distava dali menos de quinhentos quilómetros, mas Maria Teresa continuava a viver na Ilha. Era para lá que tinha de ir.

Dois dias mais tarde, os britânicos ocuparam os fortes dos montes de Pretória sem resistência. A cidade capitulou pouco depois e Lord Roberts, o Comandante-Chefe Britânico, cavalgou triunfante pelas ruas principais, à frente de milhares de soldados imperiais. Naquela tarde, a bandeira britânica foi hasteada no topo do Parlamento e celebrou-se o fim da guerra, em plena Kerkplein. As notícias chegaram rapidamente a Londres por telégrafo: os rebeldes *boers* haviam sido finalmente derrotados!

Contudo, não demorou muito tempo para se perceber o equívoco. Chegaram inúmeros relatos de emboscadas nas cercanias de Pretória e de outras cidades conquistadas pelos britânicos. Mais tarde, a linha férrea foi dinamitada e o telégrafo cortado. Pretória ficou isolada! Afinal, a guerra não havia terminado e ninguém estava preparado para o que viria a seguir...

[4] República Sul-Africana, informalmente denominada Transvaal.

[5] Estrangeiros.

[6] Estado Livre de Orange, Orange Free State.

[7] Chicote *boer* de couro de rinoceronte, adaptado dos malaios da Colónia do Cabo.

Capítulo V

Lisboa, 22 de Setembro, 9h50

A primeira carga estava reforçada com granadas de fosfato. As instalações da tripulação branca, situadas à ré, foram completamente pulverizadas. Se a tripulação se encontrava nas instalações, não há qualquer possibilidade de se encontrar viva. A parte da tripulação de cor foi abandonada precipitadamente, visto encontrarem-se espalhados ao longo da mesma tabaco, vestes e sapatos.

Telegrama 320/71 da DGS de L. M., enviado para a sede em Lisboa, a 6 de Maio de 1971, com carácter urgentíssimo

A chuva parecia amainar quando Filipe chegou à Cidade Universitária. Estacionou defronte do relvado central e observou as linhas rectas da Torre do Tombo. Ainda pensara em ir à sede do armador do *Angoche*, que ficava na Baixa, mas soubera que a empresa fora extinta em 1985.

Passou a segurança, subiu os degraus de pedra e abriu a porta de vidro à esquerda. A sala de leitura era grande, mas não se perdeu e dirigiu-se ao balcão ao fundo. Era a primeira vez que ali estava, ainda que sentisse a presença do pai por todo o lado.

– Fiz um pedido *online* há uns dias – explicou, após cumprimentar a senhora ao balcão. Tinha óculos, cabelos grisalhos e uma echarpe azulada por cima dos ombros. – Sobre o *Angoche*.

– Ah sim, fui eu que tratei do seu pedido – respondeu ela, observando-o com curiosidade. – Fiquei na dúvida sobre o que queria.

– Como assim?

– Se pretendia informações sobre o sultanato, a cidade ou o navio...

– Cidade? – estranhou Filipe.

– Sim, a antiga António Enes chama-se *Angoche* desde 1976.

Filipe titubeou ao ouvir as explicações da bibliotecária: não sabia que existira um sultanato e uma cidade com o nome de *Angoche*, que em tempos fora um centro escravagista, até ser conquistado pelos portugueses no início do século xx. Tão pouco se questionara sobre a origem do nome do cargueiro,

mas agora deduzia de onde vinha.

– Peço desculpa, estava a referir-me ao navio – clarificou. – E ao que se pode encontrar sobre ele nos arquivos da PIDE-DGS.

– Só um momento então, que eu vou buscar o material – acedeu ela, ajeitando os óculos. – Pode sentar-se naquela mesa.

Surgiu pouco depois, atarefada. Trazia quatro volumes, e Filipe depreendeu que aquele seria o «Processo Angoche». A bibliotecária explicou-lhe como é que a documentação estava organizada e disponibilizou-se a ajudá-lo no que fosse preciso. Voltou a observá-lo com insistência, parecendo tentada a fazer-lhe perguntas, mas felizmente afastou-se, deixando-o à vontade.

Os volumes continham telegramas, memorandos e relatórios da PIDE de Lourenço Marques, sem que nenhum deles mencionasse o agente Xavier Lobato. Também existiam muitos artigos de jornais moçambicanos e sul-africanos da época, com reportagens sobre o *Angoche*, mas não encontrou qualquer referência à existência de armamento a bordo.

O que mais lhe chamou a atenção foi o relatório oficial da DGS sobre a averiguação feita a bordo logo que o navio atracou em Lourenço Marques, a 6 de Maio. Tinha cinquenta e seis páginas e concluía, tal como Pieter mencionara antes, que os explosivos haviam sido postos em Nacala e accionados por relógio. Suspeitava-se de uma acção do braço armado do PCP, com o envolvimento de elementos da Base Aérea, dado que os explosivos eram militares, semelhantes aos de duas outras sabotagens: uma na Base Aérea de Tancos e outra num navio de transporte militar no Porto de Lisboa. O relatório sugeria que a maioria dos tripulantes fora pulverizada com as explosões na torre de comando, e que os restantes se atiraram ao mar em pânico, temendo que o navio explodisse, sendo mais tarde devorados por tubarões, muito comuns na zona.

Estava impressionado com a quantidade de telegramas trocados entre a delegação da DGS em Moçambique e a sede em Lisboa. A primeira mensagem fora enviada a 27 de Abril, com carácter de «urgentíssimo», a alertar para o desaparecimento do navio. Durante meses, tinham sido enviados dezenas de telegramas, e era notório o desnorte dos inspectores. Citavam a colaboração com os serviços secretos da África do Sul e da Rodésia, ao mesmo tempo que salientavam a existência de relatos de informadores na Tanzânia de que parte da tripulação do *Angoche* estava presa algures no mato, enquanto outros tinham sido vistos em liberdade em Dar-es-Salaam.

Filipe recordava-se de ler aquela informação no disco de Pieter, estranhando o facto de não se ter dado mais atenção àquela pista. Os telegramas seguintes desfizeram-lhe as dúvidas: afinal, a PIDE enviara secretamente dois operacionais à Tanzânia, que concluíram que as informações eram infundadas e não detectaram indícios de que algum tripulante se encontrasse no país. Ainda assim, aqueles relatos ajudaram a fomentar a teoria que viria a ser especulada mais tarde de que o *Angoche* fora

abordado por um navio chinês com guerrilheiros da Frelimo a bordo, que contara com a cumplicidade do comandante e de alguns tripulantes, tendo os outros sido encarcerados na Tanzânia.

Duas horas depois, Filipe foi à casa de banho e, no regresso, cruzou-se com a bibliotecária. A senhora sorriu-lhe, pôs o livro que tinha na mão e comentou:

– O *Angoche* é uma das recordações da minha infância. Eu era pequena, mas lembro-me bem quando o navio chegou à Baía de Lourenço Marques. Estava em muito mau estado.

– Não sabia que era de Moçambique – respondeu Filipe, tentando adivinhar a idade dela. Deveria ter à volta de sessenta anos.

– Naqueles dias, os meus pais tinham o rádio sempre ligado, e eu fui com eles para a marginal mal se soube que o *Angoche* estava a chegar – relatou. – Havia centenas de pessoas de binóculos a observar aquele navio. Foi uma coisa terrível, que me marcou muito na altura. Durante anos, perguntei-me o que teria acontecido àqueles pobres coitados.

Filipe acabou por referir que os pais também eram de Moçambique, ainda que ele já tivesse nascido em Lisboa. Não teve maneira de evitar a pergunta que estava na mente da bibliotecária – qual a razão do seu interesse pelo *Angoche*. Contou-lhe que estava a investigar o navio para um documentário, também com a ideia de escrever um romance sobre o tema.

– Muitos já tentaram descobrir o que aconteceu. Familiares, historiadores, jornalistas, ou simples curiosos. Parece daqueles casos destinados a ficarem para sempre em segredo. Deus queira que tenha mais sorte.

Filipe anuiu, tentando manter a naturalidade, e pouco depois voltou para a sua mesa. Analisou o relatório do armador sobre a viagem N266 do *Angoche*, no qual se descreviam os vários eventos ocorridos entre 6 de Abril, aquando da partida do navio de Lourenço Marques, e 1 de Maio, o dia em que o armador começara a negociar o acordo de salvado com o capitão do petroleiro, dado que o achamento ocorrera em águas internacionais. Filipe confirmou que não havia registo de qualquer passageiro a bordo, com a excepção do que embarcara em Nacala, com destino a Porto Amélia: tinha sessenta anos, era funcionário dos caminhos-de-ferro e levava consigo o automóvel, um *Peugeot 404*.

Logo depois, leu que a DGS enviara um segundo relatório para Lisboa, quinze dias após o primeiro: reiterava a teoria de que fora uma acção de militares comunistas da base de Nacala, ainda que continuasse sem pistas sobre o destino da tripulação. Nenhum militar estacionado em Nacala fora dado como desaparecido ou desertara, mas foi com excitação que Filipe viu num outro memorando que tinham sido presos três antigos pára-quedistas da base de Nacala, a 27 de Julho.

Num impulso, levantou-se da mesa em demanda da bibliotecária. Talvez ela conseguisse encontrar informação sobre aqueles antigos pára-quedistas.

– A Dra. Filomena acabou de sair – informou-o um jovem sentado ao balcão. – Estamos a fechar, mas posso ajudá-lo com alguma coisa?

Filipe agradeceu e recuou. Preferia esperar pela bibliotecária, até porque ela era expedita e tinha uma ligação pessoal ao caso.

Na manhã seguinte, regressou ao Arquivo da Torre do Tombo e soube que a bibliotecária só chegaria dali a uma hora, mas tentou terminar a leitura da restante informação do processo, já não faltava muito.

Continuou sem encontrar qualquer menção a Xavier Lobato, mas soube que a DGS prosseguira secretamente com a investigação até ao 25 de Abril e que, com a revolução, os familiares dos tripulantes haviam tido esperança de que fossem libertados e regressassem a Portugal, sendo frequentes os rumores da sua chegada a Lisboa. Nessa altura, houvera diversas comissões de inquérito sobre o que acontecera ao navio, sem que alguma delas chegasse a qualquer conclusão.

– O meu colega disse-me que estava à minha procura – anunciou a bibliotecária, aproximando-se sorridente. – Conseguiu encontrar o que queria?

– Li num memorando da DGS que foram presos três antigos pára-quedistas da base de Nacala, mas não são referidos quaisquer nomes – avançou Filipe, indicando o documento da polícia. – Conseguiremos descobrir quem foram?

– Deixe-me ver – respondeu a bibliotecária, lendo o que Filipe lhe apontava. – O memorando indica que foram desmobilizados, sem adiantar pormenores, mas vou tentar encontrar mais informação.

Filipe ouviu-a relatar que a PIDE investigava todos os suspeitos de serem comunistas ou subversivos. Com o eclodir da Guerra do Ultramar, fora muito eficiente, especialmente em Lourenço Marques e na Beira, onde quase nada lhe escapava. Possuía informadores e agentes clandestinos em toda a parte.

– Tenho aqui também o nome de algumas pessoas que podem estar ligadas ao caso – arriscou Filipe, passando o papel onde escrevinhara sete nomes. Aquela era uma jogada de alto risco, mas podia fazer a diferença.

– Deon Joubert e François de Villers – leu ela. – São sul-africanos?

– Sim, visitavam Moçambique com frequência.

– E os cinco com nomes portugueses estavam em Nacala na altura?

– Não tenho a certeza, julgo que eram todos de Lourenço Marques – adiantou Filipe. Não encontrara nenhum daqueles nomes no «Processo Angoche». – Penso que eram suspeitos de serem comunistas.

– Vou ver se eles têm ficha nos arquivos da PIDE-DGS. Já lhe entrego a documentação disponível.

A espera pareceu-lhe interminável, demorou quase duas horas, mas ficou empolgado quando viu a bibliotecária com uma mica de plástico na mão.

– Apenas encontrei duas pequenas referências, uma a Mário Barbosa e a outra a François de Villers. Não sei se é uma grande ajuda...

– É melhor do que nada – comentou Filipe. – Isso quer dizer então que a

PIDE não dispunha de mais informações sobre estes homens?

– Não necessariamente. Os processos da DGS relativos a eles podem não ter vindo para Lisboa – afirmou ela. – A delegação de Lourenço Marques queimou muita documentação em 1974 e 1975, antes da independência.

A bibliotecária entregou-lhe a mica e foi ao encontro de outro leitor que a esperava. Filipe sentou-se e pegou rapidamente nas duas folhas.

A primeira era um relatório da DGS que o fez erguer o sobrolho: Mário Barbosa, o presumível líder dos passageiros sabotadores, era suspeito de ter assassinado um jovem africano, funcionário do Clube Naval de Lourenço Marques, em Setembro de 1970. O jovem fora encontrado morto com duas facadas nas costas, num banco do Jardim Vasco da Gama. Todavia, o processo acabara arquivado pouco depois, por alegada falta de provas. A bibliotecária antecipara-se e deixara-lhe um *post-it* colado: não existia qualquer ficha sobre o jovem africano. Filipe apontou o nome da vítima, tentando recordar onde seria aquele jardim: aquele crime ocorrera sete meses antes do «Caso Angoche».

A segunda folha era um outro relatório da delegação da DGS em Luanda, datado de 1970, sobre François de Villers: identificava-o como um presumível traficante de armas e diamantes a operar em Angola, sócio de um agente desavindo da PIDE, conhecido como «Acácia». Fora mantido sob vigilância duas vezes: em Luanda e na Vila de Henrique de Carvalho, actual Saurimo, no nordeste do território, perto das grandes minas de diamantes, mas não chegara a ser abordado por nenhum agente por causa das suas alegadas actividades.

Filipe preparava-se para se ir embora quando viu a bibliotecária caminhar até ele.

– Lembrei-me de um amigo que talvez o possa ajudar – parecia realmente interessada em desvendar o caso. – Fomos colegas no Liceu António Enes e continuamos em contacto através das redes sociais. Ele ainda vive em Moçambique e conhece lá muita gente.

– Vou lá estar na próxima semana...

– Ele está praticamente reformado e passa cada vez mais tempo na Ponta do Ouro, mas tenho a certeza de que se encontrará consigo se estiver em Maputo – disse-lhe. – Vou mandar-lhe uma mensagem. Talvez ele responda rapidamente.

Vinte minutos depois, a bibliotecária regressou com um sorriso na face.

– Conseguiu falar com o seu amigo? – perguntou Filipe, ansioso.

– Sim, ele perguntou-me se é filho do Professor Francisco Rocha da Silva.

– Sou... – admitiu Filipe. Era admirável como o seu pai conseguia abrir tantas portas, mesmo depois de ter morrido. – Ele conheceu o meu pai?

– Acho que sim, mas também se lembra de si das notícias sobre a *Flor do Mar* – relatou a bibliotecária, com um sorriso cúmplice. – Vai estar em Maputo para a semana e tem todo o gosto em ajudá-lo no que precisar. Parece

que, em tempos, também investigou o «Caso Angoche».

Filipe tentou disfarçar a surpresa: por alguma razão, o amigo da bibliotecária também investigara o *Angoche*.

– Como é que o contacto? – perguntou.

– O melhor será telefonar-lhe quando chegar a Maputo – adiantou ela, dando-lhe o número. – Boa sorte para o documentário.

– Obrigado!

Filipe despediu-se e deixou o edifício com a cabeça a ferver. Tinha o voo marcado para Dar-es-Salaam para dali a dois dias. Sentia-se tentado a alterar o plano de viagem e seguir directamente para Maputo, mas não valia a pena: iria lá logo de seguida, até porque o voo a partir da Tanzânia seria relativamente curto.

Haviam-se passado décadas desde o incidente do *Angoche*, mas os três homens que procurava tinham vivido muitos anos em Lourenço Marques, Maputo. Tinha a certeza de que iria conseguir descobrir mais informações que o ajudariam a desvendar o seu paradeiro.

Entrou no carro quando teve uma ideia: conhecia alguém que o poderia ajudar. Agarrou no telefone e, num impulso, escreveu uma mensagem:

«Procuro informações sobre três homens desaparecidos em 1971. Presumivelmente vivos, com uma nova identidade. Pode ajudar-me?»

Aquela era a primeira vez que fazia um pedido à Inspectora Mendonça da Polícia Judiciária, com quem trabalhara durante as investigações sobre a *Flor do Mar*. A inspectora devia-lhe alguns favores desde essa altura e chegara a hora de lhe pedir ajuda. Sabia que podia contar com ela, e que ela confiava nele o suficiente para não ter de lhe adiantar demasiados pormenores.

Lize despertou com a agitação a bordo e uma voz estridente no altifalante. Lembrava-se de quando o avião levantara de Entebbe, no Uganda, mas deveria ter adormecido logo a seguir. Sentia-se exausta e mal conseguia mexer os braços. Notou a pressão nos ouvidos, olhou para o relógio e percebeu que dormira quase uma hora.

– Senhoras e senhores, apertem os cintos. Estamos neste momento a descer para Kigali.

Estava na Região dos Grandes Lagos havia quatro dias, para tentar resolver problemas nos contratos de fornecimento de café e chá às empresas do Grupo Eland na África do Sul. Até agora correra bem e já recebera informação de que alguns contentores estavam a caminho do porto de Durban. Tinha esperança de conseguir ultrapassar os restantes obstáculos e que todos os fornecimentos fossem retomados em breve, ainda que naquele momento nada daquilo lhe importasse. Sentia-se afogueada, a tremer e com uma terrível falta de ar. Procurou uma hospedeira para lhe pedir um copo de água, mas o

corredor estava escuro, vazio, e o avião parecia estar a descer demasiado rápido.

Cerrou os olhos, agarrou-se à cadeira e tentou acalmar-se, respirando profundamente. Aos poucos, veio-lhe à mente a imagem de uma igreja branca imponente, com uma torre sineira e três portas altíssimas, defronte de um miradouro. Tinha lá estado recentemente; sim, em Lisboa, na semana anterior. Tentou concentrar-se no que acontecera naquele dia: fora onde se encontrara com aquele investigador português, filho do historiador mais conceituado de Moçambique. Havia muito que ela tinha uma predilecção por Lisboa e já lá tinha ido algumas vezes, mas a descoberta daquele local deixara-a encantada.

– Estão vinte e três graus em Kigali e espera-se que comece a chover a qualquer momento.

O avião abanou com uma forte rajada de vento. Lize ouviu um burburinho à volta e endireitou-se na cadeira, mantendo os olhos cerrados, com a imagem da esplanada de Lisboa cada vez mais nítida. A vista sobre a cidade era maravilhosa e o fim de tarde acabara por ser agradável, após o português ter assinado o acordo de confidencialidade. Ela conseguira relaxar e ouvira-o com gosto, até porque ele era inteligente, tinha vivências interessantes, além de ser fisicamente atraente; sempre gostara de homens morenos, com um olhar intenso e sentido de humor. Tentara notar-lhe algum interesse no olhar uma ou outra vez, mas ele parecera-lhe distante.

Lize desconfiava da missão de que Pieter o incumbira. Sabia o quão importante era o *Angoche* para Pieter, mas perguntava-se se ele teria confessado a Filipe as suas suspeitas sobre o que teria verdadeiramente acontecido ao pai naquele dia fatídico.

Em tempos, ela própria se sentira curiosa em saber mais sobre o *Angoche*, mas reconhecia que a informação era quase toda em português. Nesse aspecto, Pieter tinha razão: tinha de ser um português, com ligações a Moçambique, a realizar aquela investigação. Lize suspeitava de que Filipe seria mais eficaz do que Tony: talvez não estivesse na posse de tantos dados, mas parecia ter mais sensibilidade e intuição.

– Bem-vindos ao Ruanda! – ouviu pouco depois. O avião estava finalmente no chão, a percorrer a pista, em desaceleração, e o ambiente era de euforia, com muitos passageiros a bater palmas.

Aos poucos, Lize descontraíu e recuperou a presença de espírito. Aquela viagem tinha uma importância especial para ela. Queria também implementar uma nova estrutura de transferência de fundos das sucursais africanas para a África do Sul, por forma a garantir maior controlo e eficiência fiscal. No Uganda, a mudança não podia ter corrido melhor, e estava confiante de que o mesmo iria suceder no Ruanda. Ambicionava replicar aquele sistema na Tanzânia e no Quênia, mas esses casos seriam mais complicados, pois teria de debater o tema com Joan Walkers, a responsável do Grupo Eland na África Oriental, e sabia que ela iria confrontá-la.

Aquela mulher irritava-a cada vez mais: reportava directamente a Pieter,

era demasiado próxima dele, e o negócio que geria ganhava peso no grupo. O problema era de fundo, Lize sabia disso. A própria Joan também já não disfarçava: ambas estavam conscientes de que uma delas iria suceder a Pieter como CEO do Grupo Eland, quando ele decidisse que chegara a altura de se retirar das funções executivas e ter uma vida sossegada, o que poderia estar para breve: Pieter já não era novo e Lize sabia que ele estava a pensar na sua sucessão, dado que a sua única herdeira, filha do seu falecido irmão, não tinha qualquer experiência empresarial nem envergadura para lhe suceder.

Uma hora e meia depois, Lize estava à beira da piscina do hotel. Parara de chover e o terraço estava deserto àquela hora. Tentara ficar no Serena Hotel, como de costume, mas infelizmente estava cheio, com uma conferência internacional qualquer. Voltou a olhar para o edifício de cinco andares iluminados e observou as luzinhas da cidade que se espalhavam pelas colinas. Eram mil, dizia-se.

Kigali era uma cidade muito limpa e ordenada, mas sempre a fizera sentir-se desconfortável, talvez por parecer demasiado sossegada, com se alguém estivesse a vigiar os passos de todos. Aquela pacatez não era nada condizente com as outras metrópoles africanas, nem com o que se passara ali décadas antes, quando cerca de um milhão de pessoas fora chacinado em apenas três meses. E agora ela estava no mesmo local que servira de refúgio para tanta gente.

No caminho para o hotel, recebera uma mensagem do irmão e outra de Sean, que a deixara incomodada: o marido insistia que a amava, que estava arrependido de a ter traído e que o processo de divórcio que ela iniciara era um erro tremendo.

Sean estava na Guiné Equatorial havia duas semanas, por certo a reparar mais uma plataforma petrolífera, ou a prepará-la para a conduzir para o centro de manutenção na África do Sul. Talvez por isso, adiantara-lhe que regressaria a Cape Town dentro de dias, pedindo-lhe que se encontrassem para conversarem com calma. Por mais que os meses passassem, ele recusava-lhe o divórcio e até lhe sugerira um local de que ela gostava – The Bungalow, em Clifton, com vista para os Twelve Apostles.

Lize suspirou, abanou a cabeça e soltou os cabelos louros, decidida. Estava calor mesmo àquela hora e ouvia-se o canto das cigarras. Num ápice, mergulhou. Sentiu o aconchego da água tépida e as preocupações ficaram temporariamente para trás.

Parou o jipe no capim, desligou o motor e olhou em volta, à procura de movimento. Não descortinou qualquer animal escondido por entre a vegetação e, ao fundo, viu dezenas de impalas, a pastarem sem receio. Dali, o ângulo de visão não era o melhor, embora conseguisse avistar a savana por alguns

quilómetros. Não havia sinal do veículo que procurava, mas ele não precisava de *drones*, nem de binóculos para saber que estava próximo. Lembrava-se de que existia um refúgio de rinocerontes a poucos quilómetros dali, e devia ser para lá que os caçadores furtivos se dirigiam.

Só no ano passado tinham sido abatidos mais de duzentos rinocerontes no Kruger Park, um número que não era atingido havia anos. Por isso, a sua empresa militar fora novamente chamada, e dezenas de colegas seus operavam agora nas zonas mais perigosas, com material mais sofisticado do que o dos *rangers* e maior liberdade de acção: a lei sul-africana previa que apenas se podia atirar a matar após o primeiro disparo do caçador furtivo, mas a empresa tinha a sua maneira de actuar – «*o que se passa no mato, fica no mato*».

Apesar do risco acrescido, ele gostava de trabalhar sozinho, talvez por lhe lembrar as caçadas da sua juventude e as surtidas que realizara nos locais mais recônditos da África Central, ou para operar mais à vontade. Já perdera a conta ao número de missões que fizera no Kruger Park e, daquela vez, até estava a ser mais fácil. Em dois dias, eliminara cinco caçadores furtivos, a maioria deles amadores, vindos da fronteira com Moçambique.

Colocou o silenciador no cano da espingarda, carregou a arma e saiu do jipe, inspirando o ar seco. O vento soprava de sul e o cheiro a fezes frescas era nauseabundo; um bando de hienas tinha passado por ali recentemente. Pôs a espingarda a tiracolo e perscrutou a savana de binóculos nas várias direcções. Os animais estavam tranquilos, a maior parte dormitava à sombra das árvores, tentando proteger-se do calor intenso.

Voltou ao jipe e meteu-se a caminho, picada adentro. Deixara Shingomeni para trás e já estava perto da fronteira com Moçambique, longe dos acampamentos turísticos. As últimas imagens de *drone* que recebera da base indicavam um carro-patrolha dos *rangers* dez quilómetros a nordeste. Porém, havia suspeitas de que era um embuste, pois o carro não emitia o sinal de localização GPS e nenhum *ranger* declarara estar naquela secção.

Três quilómetros adiante, virou à esquerda e subiu ao topo de uma colina. Já estava perto do local onde os rinocerontes habitualmente se refrescavam, uma enorme poça de lama nas margens de um rio. Resolveu parar junto de um embondeiro, no meio da vegetação densa. Dali, tinha uma boa visão lá para baixo e estava protegido. Distinguiu dois rinocerontes-negros a reboarem na lama e foi sem surpresa que descortinou o carro-patrolha esverdeado parado ao longe. Rapidamente descobriu os caçadores por perto. Eram dois homens, vestidos de camuflado caqui, e um deles subia a uma grande marula, porventura para dali abater os animais.

Saiu do carro tentando não fazer barulho e olhou à volta, com receio de que algum felino pudesse andar nas redondezas. Felizmente, estava demasiado calor para as leões ou as chitas caçarem, a não ser que estivessem famintas. Estendeu a manta no capô e debruçou-se em cima dela com a espingarda, acertando a mira com prontidão. Foi então que viu os dois

caçadores com nitidez no meio da folhagem da marula. Distavam umas centenas de metros. A zona de tiro não era perfeita, mas dificilmente teria uma oportunidade melhor. Os dois homens preparavam-se para matar um dos rinocerontes que, entretanto, saíra da poça e avançava pelo mato.

Sentiu uma aragem e olhou para o céu à procura do *drone* – parecia ainda estar longe. Aprontou a arma com cuidado, fez pontaria a um dos caçadores e disparou sem hesitação. O alvo caiu da árvore, embatendo no chão com violência, embora fosse difícil àquela distância ter a certeza de que o eliminara.

Foi rápido a preparar o segundo tiro, contudo, o outro caçador apercebeu-se de que algo se passava. Viu-o de arma apontada e, de repente, ouviu dois tiros. O som trespassou a savana e dezenas de aves esvoaçaram pelo ar, afastando-se, assustadas, tal como os rinocerontes, que logo debandaram pelo matagal. Não se demoveu e observou a corrida desenfreada do caçador em direcção ao veículo. Assim que o apanhou na mira, premiu o gatilho: pela maneira como o homem caiu, o tiro fora fatal.

Entrou rapidamente no jipe e desceu a colina em velocidade, aos solavancos, até junto dos caçadores. Mal chegou, viu que o caçador que caíra da árvore se tentava levantar e pegar na arma. Correu até ele e, com um pontapé, afastou-lhe a espingarda das mãos.

– Moçambicano? – perguntou-lhe em português. O homem estava aterrorizado, a sangrar da barriga.

Teve vontade de lhe cortar o pescoço, mas hesitou: o *drone* andava por ali e poderia filmá-lo; a morte tinha de ser limpa. Sacou a pistola do coldre e disparou ao coração. Num ápice, acercou-se do outro caçador e confirmou que estava morto, sem pulsação e envolto numa poça de sangue: o tiro parecia ter-lhe perfurado o peito. Agachou-se e examinou-o com atenção: aqueles homens deviam ser moçambicanos, a tentar fazer fortuna vendendo os cornos dos rinocerontes aos traficantes asiáticos.

Não hesitou e verificou o interior do carro-patrolha dos caçadores: eles estavam bem armados, com óculos de visão nocturna, mantimentos para vários dias, mais bem apetrechados do que aqueles que apanhara antes.

O calor apertava, mas a qualquer instante podia aparecer um leão, atraído pelo cheiro a sangue. Correu até ao jipe, pousou a espingarda no assento e ligou a ignição, fazendo marcha-atrás até junto do carro-patrolha. Em esforço, estendeu o cabo do reboque até ao gancho do carro e arrastou os dois cadáveres para o jipe, colocando-os na parte traseira. Tinha de os entregar aos *rangers* para eles procederem à sua identificação e comunicarem a morte às autoridades moçambicanas. Sem perder tempo, voltou a sentar-se ao volante e agarrou no intercomunicador de rádio.

- Base, daqui Zebra, escuto – proferiu, sentindo a garganta seca.
- Escuto, Zebra.
- Dois invasores confirmados. A zona já está limpa.
- Excelente, Zebra. Bom regresso!

Olhou para o relógio, fechou a porta do jipe e arrancou. Ainda não era meio-dia, mas o tempo urgia. Devia demorar cinco horas até chegar à base em Skukuza, pouco antes do anoitecer.

Filipe pegou no telefone e levantou o sobrolho – era a inspectora Raquel Mendonça da Polícia Judiciária. Ela fora rápida a responder-lhe.

– Vi a sua mensagem – avançou ela, num tom afável, após umas palavras de circunstância. – Imagino que se trate de uma nova investigação sobre uma nau portuguesa naufragada no Extremo Oriente?

– Desta vez estou a trabalhar em África – sussurrou Filipe. – Confesso que o assunto é confidencial. Espero que compreenda...

Acabara de ir buscar uma caixa de chamuças ao seu restaurante indiano predilecto, na Travessa do Monte, e encostara-se à esquina mais próxima para ouvir melhor aquela chamada.

– Claro, não se preocupe. Quem são estes três homens que procura? Pelo que percebi, já têm bastante idade.

– Não tenho a certeza de que ainda estejam todos vivos. Nasceram em Moçambique, devem ter sido amigos próximos, antigos colegas de liceu. Suspeito que possam ajudar a desvendar o caso em que estou a trabalhar.

– Mas acredita que eles estão a viver em Portugal ou em Moçambique?

– Para ser sincero, podem estar em qualquer lado...

A inspectora ficou em silêncio, como se estivesse a reflectir sobre os riscos envolvidos no que ele lhe estava a pedir. Filipe sabia que ela não iria recusar; afinal, o caso da *Flor do Mar* dera-lhe uma visibilidade imensa nos meios de comunicação nacionais e uma enorme projecção internacional.

– Está bem, envie-me os nomes e a informação disponível.

– Ficar-lhe-ia muito grato. Tenho uma fotografia antiga de um deles, de um artigo de jornal. Talvez a consiga usar para chegar à sua identidade actual.

– Pode enviar-me, veremos o que consigo descobrir – acedeu a inspectora, para logo gracejar: – Não vamos ter outro imbróglio internacional ou mais um par de mortes por explicar, pois não?

– Devem ser três velhotes reformados. Talvez os encontraremos num lar ou casa de repouso algures em Lisboa ou no Porto.

Capítulo VI

Dar-es-Salaam, 27 de Setembro, 15h40

Cada pássaro voa com as suas próprias asas.

Provérbio Swahili

Dar-es-Salaam! O taxista dissera-lhe que o nome era sinónimo de porto de paz e que a cidade fora fundada por um sultão de Zanzibar em meados do século XIX. Filipe nunca se imaginara ali, e tinha quase a certeza de que o seu pai também nunca lá estivera. Apenas se recordava de que ele visitara Mombaça, mais a norte, no Quênia, porque havia um antigo forte português que estava, nessa altura, em vias de se tornar património da UNESCO.

A Península Msasani era conhecida apenas como península. No hotel salientaram que era a zona mais luxuosa da cidade, desde o tempo colonial alemão e britânico, com grandes casas, embaixadas e ruas largas e ajardinadas. Ficava a dez quilómetros do centro da cidade e era bastante mais calma do que os locais por onde Filipe passara na véspera, quando viera do aeroporto. Fora uma viagem caótica. Nunca havia visto tamanha aglomeração a atravessar a estrada, ao ponto de impedir, por diversas vezes, os carros e as motos de transitar.

– Aquela ilha ao fundo é Zanzibar? – inquiriu Filipe, fitando o recorte esverdeado no horizonte. Passavam ao longo de uma praia de areia branca, com vegetação rasteira e casuarinas em fila. Sempre ouvira falar de Zanzibar como um destino de férias paradisíaco.

– *No, Sir.* Zanzibar é uma ilha bastante maior, e fica mais longe, não se vê daqui. Aquela é a Ilha de Bongoyo. É um bom lugar para mergulho, mas é preciso ter cuidado com os tubarões.

África



Contornavam a península e o ambiente em redor era arrebatador: o azul-turquesa do mar e a vegetação florida ao longo da estrada levavam-no a pensar que estava numa cidade diferente daquela onde aterrara. Por instantes, imaginou-se a passear por ali com Rita, recordando o seu sorriso bonito, os olhos verdes e a intensidade com que se entregava. Seria uma viagem cheia de paixão. Todavia, ficou de novo desalentado ao lembrar que ela era casada. Tentou afastá-la do pensamento, concentrou-se na missão que tinha entre mãos e voltou a olhar para o *iPhone*, observando a fotografia da mulher com quem iria encontrar-se.

Joan Walkers teria sessenta e poucos anos. Tinha o cabelo curto alourado, um olhar vivo, e transparecia uma personalidade forte. Pelo que Filipe indagara, era natural do Zimbabwe e vivia em Dar-es-Salaam havia uns anos, onde geria os negócios de Pieter Joubert na região.

– Então nasceu no Zimbabwe? – perguntou Filipe, para fazer conversa, após as apresentações no *lobby* do bar-restaurant. Estava espantado por ela ser tão alta e parecer mais nova do que na fotografia que encontrara na Internet.

– Sim, numa *farm* perto de Bulawayo – confirmou Joan, encaminhando-o por entre os coqueiros até uma das mesas à beira-mar. – Na terra dos *Ndebele*.

Filipe deduziu que se tratava de uma etnia do Zimbabwe, mas não quis perguntar. Ficaram na primeira linha de água, com uma vista deslumbrante para a baía. O brilho azulado daquelas águas era intenso e fê-lo recordar-se da viagem a Moçambique. Avistou vários iates ancorados ao fundo, e alguns *dhows*^[8] a ziguezaguearem pela baía; eram iguais aos que vira na véspera deslocarem-se na direcção do grande mercado de peixe da cidade.

– O Pieter pediu-me para me encontrar consigo – começou Filipe. – Sei que trabalha com ele há bastante tempo.

– Conheci-o através do meu marido. Eles eram sócios do mesmo clube de golf em Somerset West, nos arredores de Cape Town – adiantou Joan, baixando os olhos por instantes. – Eu já trabalhava em hotelaria há muitos anos, mas só ingressei no Grupo Eland depois de enviuar. Comecei em Mombaça e mudei-me para cá há cinco anos. O grupo explora vários hotéis na Tanzânia e no Quênia, sobretudo na costa e nas ilhas, e tem estado a investir também em alguns projectos agrícolas.

Os dois estavam protegidos pela sombra de um palheiro, embora o sol continuasse forte e estivesse muito calor. Serviram-lhes um *afternoon tea* e Filipe esboçou um sorriso: apetecia-lhe algo mais fresco, como uma água de coco ou uma cerveja, mas não quis ser desagradável, até porque os *snacks* tinham óptimo aspecto.

O sotaque de Joan não podia ser mais diferente do de Pieter e Lize. Contou que o marido, mais velho do que ela, pertencera às forças especiais da Rodésia e combatera em Moçambique; com a proclamação da independência do Zimbabwe, o casal mudara-se para Cape Town, onde muitos amigos já

residiam, até o marido sucumbir a um cancro. No entanto, o que mais chamou a atenção de Filipe foi a dimensão das empresas de Pieter e o nível de responsabilidade que Joan tinha naquela região: o Grupo Eland era muito maior do que presumira, assim como vários dos projectos desenvolvidos ao longo da costa e nas ilhas.

– O Pieter pediu-me para lhe dar os últimos pertences do Tony e ajudá-lo no que precisar – adiantou ela. Pousou a chávena com delicadeza e pegou num pedacinho de *carrot cake*. – Tenho a mala dele ali à entrada, dou-lha quando sairmos. Recolhi tudo o que ele deixou no quarto do hotel, ainda que a polícia tenha apreendido várias coisas, como a carteira, o passaporte e o telemóvel.

– Obrigado. – A referência à polícia não o deixou indiferente. Por certo, o telemóvel deveria conter bastante informação útil, mas talvez a polícia não tivesse dado importância a papéis ou objectos pessoais. Com sorte, alguns poderiam ter indicações relevantes. – Conhecia-o bem?

– Nem por isso. Era um militar na reserva, amigo de Pieter. Conheci-o há cerca de seis meses, quando ele cá esteve pela primeira vez. Depois disso, estive com ele mais duas vezes aqui em Dar. Parecia simpático, mas sempre de poucas palavras.

Filipe ficou espantando por Tony estar a realizar aquela investigação havia pelo menos seis meses. Isso poderia significar que fizera avanços importantes na descoberta do paradeiro dos restantes três passageiros sabotadores, embora ele não tivesse ficado com essa ideia da conversa com o empresário sul-africano.

– O Pieter disse-me que ele morreu durante uma rixa num bar. Quando é que isso foi?

– Há três semanas – respondeu ela, desviando o olhar para a baía. Ao fundo, parecia haver uma corrida de *jet-ski*, que fazia um ruído difícil de ignorar. – Fui logo contactada pela polícia, porque fui eu que assinei a carta de chamada do Tony para ele entrar no país. O interrogatório da polícia foi bastante tenso, com muitas perguntas, ainda que eu perceba que eles estavam a fazer o seu trabalho.

Filipe anuiu, compreendendo; fora ela também quem emitira a sua carta de chamada para o visto de entrada dele na Tanzânia. No entanto, ficou a pensar em como três semanas não eram muito tempo, tendo em conta os dias necessários para se obter o visto de entrada na Tanzânia. Isso significava que Pieter decidira contratá-lo cerca de uma semana depois da morte daquele homem.

– Chegou a perceber-se o que aconteceu?

– Penso que se tratou de álcool e testosterona a mais, e o Tony envolveu-se numa zaragata com outro estrangeiro sem se saber bem porquê – opinou Joan, ainda com uma expressão de desagrado. – O motivo deve ter sido fútil, mas a coisa foi muito séria e uma mulher acabou também por morrer esfaqueada.

– Não sabia – confessou Filipe. – Mas não admira que a polícia a tenha pressionado. Afinal, era o contacto dele no país.

– Ainda sou! Fiquei de informar o filho mal a polícia autorize a transladação do corpo do Tony para a África do Sul – acrescentou Joan, num tom fleumático. – Eu sabia que ele estava a resolver um assunto pessoal do Pieter, mas não estava a par do que se tratava e, para ser sincera, também não me interessa. Já me bastam os problemas do dia-a-dia.

– O bar é perto daqui? – inquiriu Filipe. Talvez fosse curiosidade mórbida, queria visitar o local, e até poderia dar-se o caso de descobrir algo inesperado.

– Não, na verdade o Tony faleceu em Zanzibar.

Filipe ficou boquiaberto.

– Zanzibar?

– Sim, nas traseiras de uma fortaleza antiga, em Stone Town.

Filipe regressara ao hotel já depois do pôr-do-sol, com o *trolley* de Tony na mão. Assim que chegou ao quarto, colocou a mala em cima da cama e abriu-a. Conforme suspeitara, no meio da roupa e dos objectos de higiene pessoal, havia algumas folhas amareladas, guardadas num dos separadores da mala. Umas estavam dobradas, outras desalinhasadas, como se tivessem sido mexidas ou arrumadas à pressa. Algumas pareciam estar em português, mas precisava de mais luz para ter a certeza.

De repente, o céu lá fora iluminou-se e ouviu-se um trovão mesmo em cima do hotel. O quarto pareceu abanar com o estrondo e a jarra da cómoda por pouco não caiu ao chão. Filipe abriu a porta da varanda para observar a trovoadas e apercebeu-se de que chovia com intensidade. Era uma chuva quente, quase agradável. O som da chuva e das ondas a embaterem nas rochas deu-lhe alguma tranquilidade, ainda que vislumbresse uma grande azáfama lá em baixo. Os empregados arrumavam as espreguiçadeiras da piscina à pressa, com receio de que pudessem voar, ao mesmo tempo que cantavam alegremente em uníssono.

Filipe sorriu com aquela agitação. Fechou a porta da varanda e voltou para dentro. Tirou uma cerveja gelada do minibar e agarrou nos papéis de Tony. Começou a lê-los, um a um, e confirmou, com regozijo, que continham informações sobre o *Angoche*. O primeiro descrevia a carga dos porões, bem como o que tinha sido embarcado e desembarcado em cada escala: Quelimane fora onde houvera mais movimentações, sobretudo de combustíveis, algodão e açúcar. O segundo era a cópia de um relatório do Exército Português de Setembro de 1971: tinha sido solicitado pelo Comando-Geral Militar em Nampula e era sobre o que se passara na Base de Nacala, apontando para a possibilidade de alguns elementos da Força Aérea estarem envolvidos no golpe, embora sem citar nomes. Filipe ficou desiludido ao ler que o relatório

inocentava os três pára-quedistas que haviam sido à época desmobilizados e interrogados pela DGS.

Logo a seguir, analisou o que parecia ser um memorando dos serviços secretos sul-africanos, de Maio de 1971. O documento estava carimbado na frente e no verso, e o texto dactilografado em *afrikaans*, pelo que Filipe não conseguiu entender o que dizia. Tinha de descodificá-lo mais tarde, mas parecia-lhe ser sobre o interrogatório ao comandante do petroleiro *Esso Port Dickson*, mal ele acostara em Durban, em 7 de Maio de 1971. A assinatura de Andre Van Zyl, o agente que trabalhara com Xavier Lobato da PIDE, era bem visível.

Filipe ficou espantado pela polícia de Zanzibar não ter apreendido também aquele molho de folhas: talvez até as tivesse fotografado, ou então deixado para trás por parecem irrelevantes, terem um aspecto velho e estarem numa língua estranha. Apesar disso, estava desapontado: contava encontrar informações sobre o passageiro do *Angoche* que falecera no Algarve no ano anterior e, numa vistoria rápida, confirmou que nenhum dos restantes papéis era sobre isso. Sem hesitar, mandou uma nova mensagem à Inspectora Raquel Mendonça da PJ, acrescentando o nome dele à lista: tinha de ter mais informações sobre aquele homem e saber se a sua causa de morte fora natural.

No meio das últimas folhas, viu algo que o desconcertou. Devia estar ali por acaso, após Joan juntar todos os papéis que encontrara no quarto de hotel. Tratava-se de depoimentos sobre o conflito entre os *boers* e os britânicos na África do Sul. Filipe tinha uma vaga ideia do que fora essa guerra, que decorrera no início do século xx, mas nada daquilo estava relacionado com o *Angoche*. Um eram cópias de cartas do Governador da Cape Colony sobre a queda de Pretória, datadas de Junho de 1900, outras mostravam o seu desagrado com as boas relações entre os *boers* e os portugueses de Lourenço Marques.

Depois, Filipe ficou em suspenso com uma folha onde Tony escrevinhara algumas notas. Pareciam ser sobre um português chamado Miguel Ferreira. Filipe sabia que não se tratava de nenhum dos passageiros do *Angoche*, e não se recordava de que algum tripulante do navio tivesse esse nome. Virou a folha e leu que Miguel Ferreira nascera na Ilha de Moçambique em 1875, fizera parte do esquadrão de Mousinho de Albuquerque nas Campanhas, e mais tarde combatera na África do Sul, contra os britânicos.

Acabou por pousar os papéis, exausto, e voltou a aproximar-se da varanda, notando a humidade lá fora. A tempestade cessara como por milagre, e ouvia-se agora mais nítido o eco da rebentação. Lá ao fundo, distinguiu algumas luzes brancas, por certo cargueiros à espera de entrar no porto. Abriu mais uma *Kilimanjaro*, voltou para a cama e pegou nas duas últimas folhas.

Eram fotocópias de duas fotografias: uma de uma igreja com paredes de pedra clara, quatro colunas à entrada e um torreão alto do lado direito; e a outra também da mesma igreja, com um grupo de jovens no relvado à entrada, vestidos de fato e gravata, com o emblema do Liceu Salazar, de Lourenço

Marques, gravado no peito. Ambas tinham a mesma legenda: Machadodorp. Filipe não se lembrava de ter lido antes aquele nome, mas logo reteve a sua atenção na feição nítida dos jovens que estavam à entrada da igreja. Não tardou a reconhecer o nariz adunco de um deles de uma fotografia que vira ainda em Lisboa: era Sílvio Rosa, um dos três passageiros do *Angoche* que ainda poderiam estar vivos. Não havia dúvida de que Tony estivera no encaço daquele homem.

Tony viajara à Tanzânia por três vezes nos últimos seis meses, e a sua última estadia durara quase duas semanas: ele dormira três noites em Dar-es-Salaam, hospedado num pequeno hotel em Oyster Bay, perto da península, e depois seguira para Zanzibar. Filipe olhou para alguns recibos amachucados, que tirara de um dos bolsos laterais da mala, e leu, recordando o nome que Joan lhe dissera horas antes, quando ela contara que a morte de Tony ocorrera em Zanzibar:

– Emerson Spice Hotel, Tharia Street, Stone Town.

Filipe ouviu o chamamento dos imãs para mais uma oração. Provinha de vários lados, pelo que depreendeu que Stone Town tinha diversas mesquitas próximas. Eram três e meia da tarde e sentia a cabeça a latejar com o sol. Um grupo de jovens mergulhava do passeio marítimo para o mar, a cantar e a gritar de alegria, indiferente ao eco religioso; o calor era tanto que Filipe tinha vontade de fazer o mesmo. O mar estava calmo e a água parecia cálida; apenas se avistava uma escuna de dois mastros ancorada em frente ao porto.

Filipe chegara a Zanzibar dois dias antes. Queria ter a certeza do que Tony procurara na ilha, embora estivesse desconfiado de que ele localizara o paradeiro de mais um dos passageiros ainda vivos do *Angoche*: Sílvio Rosa! Tinha a cabeça a ferver com as fotografias antigas dele e a perspectiva de aquele homem poder estar radicado em Zanzibar com uma nova identidade. Encontrara no verso de um dos recibos de Tony uma morada do outro lado da ilha, e era para lá que tencionava viajar no dia seguinte.

Aqueles últimos dias na Tanzânia tinham-no deixado sobressaltado, talvez por se interrogar pela primeira vez se a morte de Tony teria sido realmente fortuita, ou por tomar maior consciência de que o seu antecessor na investigação tinha morrido em circunstâncias estranhas. Além disso, lembrava-se de ter visto algumas informações sobre Tony no disco externo que Pieter lhe dera e, ao revê-las, percebera que ele fora um militar de elite: participara em diversas operações secretas em Moçambique, na Namíbia e nas Seychelles, tendo recebido várias condecorações durante a sua longa carreira.

Pelo menos, Zanzibar tinha um ambiente peculiar, muito diferente de Dar-es-Salaam, apesar de distar apenas cerca de trinta ou quarenta quilómetros da cidade. Filipe soubera que os portugueses haviam dominado a

ilha por quase duzentos anos, sem deixarem grandes marcas, para depois darem lugar aos omanitas, que haviam determinado o seu curso. Os sultões de Omã passaram a ser os senhores de Zanzibar, transformando a ilha num gigantesco mercado de escravos, o último a ser abolido no mundo, no limiar do século xx, após uma intensa pressão britânica.

Zanzibar mantinha uma marca islâmica muito forte e as ruas de Stone Town eram labirínticas, à semelhança do Norte de África e do Médio Oriente, mas o que mais chamava a atenção eram as mulheres, cobertas dos pés à cabeça. Trajavam cores alegres, como cor-de-rosa e azul-turquesa, e algumas mesclavam vários tons com elegância. Mesmo assim, o contraste com os turistas ocidentais não podia ser maior, pois estes andavam vestidos com roupa leve e descontraída e enchiam as ruelas, os restaurantes e as lojas da medina.

Filipe evitara entrar no labirinto. Passara pela Mercury House, onde nascera o famoso vocalista dos Queen, e resolvera seguir pelo passeio marítimo, mais arejado e menos confuso. Assim que transpôs o antigo Palácio do Sultão de Zanzibar, virou para a Jamantini Road. O odor acre a cravinho era omnipresente e chegava até ali.

Não demorou muito a desembocar numa pequena praça e encontrar o Emerson Spice. Fora ali que Tony estivera hospedado durante dez dias e onde Joan viera recolher os seus pertences. Tratava-se de um hotel-boutique com quatro andares, de paredes brancas e varandas corridas com balaustradas de madeira.

Filipe subiu os pequenos degraus e entrou por uma das portas em talha, ornamentada com espigões metálicos. Ficou admirado por o *hall* ser tão escuro, em contraste com a luz intensa do exterior, mas sentiu o ar fresco e seguiu as indicações para o *rooftop*.

Conforme suspeitara, o terraço encontrava-se vazio àquela hora, pois estava muito calor. Sentia-se ansioso, mas ficou deslumbrado com a vista. Dali conseguia ver o recorte avermelhado dos telhados do casario da medina, por onde irrompiam minaretes, bem como os pináculos da catedral, e outros *rooftops* coloridos entre as copas das árvores mais altas.

Sentou-se numa das mesas vazias debaixo do telheiro e, pouco depois, o empregado veio ao seu encontro com a ementa. Era um rapaz de uns dezoito anos e vestia uma túnica creme até aos tornozelos e um barrete castanho bordado na cabeça. Filipe pediu uma água de coco e ficou-se a admirar a vista. Atrás dos telhados do casario, avistou o mar azul e descobriu a escuna ancorada e um grande *ferry* branco a chegar ao terminal. Deveria vir de Dar-es-Salaam.

A seguir, o empregado trouxe-lhe o coco fresco e Filipe não perdeu tempo. Pousou uma nota de vinte dólares na mesa e disse-lhe em inglês:

– Um amigo meu esteve cá há umas semanas. Infelizmente, morreu num acidente, num bar aqui perto. Sabe de quem se trata?

– Sim, toda a gente no hotel esteve ao corrente – retorquiu o rapaz, sem

se amedrontar. – Foi a primeira vez que tal coisa aconteceu com um hóspede. A polícia esteve cá durante vários dias.

– Imagino que ele também tenha estado aqui em cima – inferiu Filipe, ignorando a referência à polícia. – Chegou a conhecê-lo?

– Não, nessa altura estava quase sempre de serviço no restaurante lá de baixo, no jardim, e nunca o vi por lá. Troco de turno todos os meses com o meu amigo Youssuf.

– Era ele quem estava aqui no terraço?

– Sim, e contou-me que chegou a conversar várias vezes com o seu amigo – revelou o empregado, olhando de lado para a nota em cima da mesa. – Se quiser, posso ir chamá-lo num instante lá abaixo.

Filipe assentiu, deu-lhe a nota e viu-o correr para a escadaria. Não demorou muito para os dois aparecerem no terraço. Youssuf era mais velho, tinha uma barriga saliente e olheiras que lhe cobriam parte do rosto. Vinha a mascar um cravinho e parecia nervoso, contrafeito por estar ali.

– O meu amigo estava em Zanzibar em trabalho, a reunir informação para um museu sobre os sultões – começou Filipe, lembrando-se de um dos projectos turísticos do Grupo Eland que Joan Walkers lhe referira. – Ele vinha ao terraço muitas vezes?

Youssuf ficou hesitante e olhou o colega, que acabou por se afastar, regressando ao balcão do outro lado do terraço. Filipe pousou duas notas de vinte dólares na mesa e encarou-o. Sabia que era muito dinheiro para um jovem como ele.

Youssuf começou por dizer que fora interrogado pela polícia, pois havia estado em contacto com o hóspede algumas vezes. Contou-lhe o que tinha dito: ajudara Tony a alugar um carro em conta nos arredores da cidade e sabia que ele percorrera a ilha de uma ponta a outra; algumas noites, levava ao bar uma ou duas mulheres, ainda que tivesse comentado que estava à procura de um velho amigo que vivia em Zanzibar fazia muito tempo.

– As mulheres estavam com ele ou eram acompanhantes? – perguntou Filipe. Sempre pensara que Tony estivesse sozinho.

– Penso que as conheceu aqui mesmo, no *rooftop* – disse o empregado. – Uma delas também estava hospedada no hotel e foi-se embora uns dias antes da tragédia.

– Eram sul-africanas?

– Uma era russa, a outra não lhe sei dizer. Tinha feições indianas...

Filipe ficou algo decepcionado com o relato. Vir ao hotel onde Tony estivera hospedado não parecia estar a resultar em nada que estivesse relacionado com o *Angoche*. Por momentos, receou que Tony tivesse vindo a Zanzibar apenas para se divertir.

– E sabe se ele encontrou o tal amigo?

– Acho que sim, pois no mesmo dia em que morreu disse-me que regressaria a casa, na África do Sul, dali a dois dias.

Filipe ergueu o sobrolho e deu-lhe as duas notas.

Filipe regressou a Stone Town era já de noite. Passara o dia no outro lado da ilha e confirmou o que suspeitava. A morada que encontrara na mala de Tony era de uma mansão à beira-mar, num local conhecido por Jambiani, na parte sudeste da ilha. Acontecera algo grave ali, pois o portão e o muro estavam cobertos de fitas policiais. A propriedade estava cercada por um manto gigantesco de cravoárias que o impedia de ver o interior e, por isso, tivera de esperar pela baixa-mar para tirar fotografias do lado da praia: tratava-se de uma casa ao comprido, com traços simples e envidraçada, mas estava fechada e sem movimento.

Não demorou muito a chegar ao Hotel Serena. Passou a porta ornamentada, reconhecendo o aroma fresco a cardamomo, e pediu a chave do quarto na recepção. Sentia a roupa empapada, colada ao corpo, e as meias molhadas, por causa da humidade intensa, ainda que lhe tivessem dito que a estação quente só começaria daí a umas semanas. Talvez fosse dar um mergulho na piscina antes de jantar.

O recepcionista passou-lhe a chave pesada para a mão com um ar sisudo, diferente dos últimos dias.

– Tem um senhor à sua espera – titubeou, apontando para o terraço. – Está de fato e gravata, sentado a uma das mesas ao pé da piscina.

– Não deve ser para mim – refutou Filipe. Não conhecia ninguém em Zanzibar. – Deve ter-me confundido com outra pessoa.

– É um inspetor da polícia, *Sir*. Ele referiu o seu nome.

Filipe arregalou os olhos, mas decidiu enfrentar a situação. Passou pelos coqueiros e bananeiras que rodeavam o terraço e percebeu a quem o recepcionista se referia. Um homem de fato claro parecia trabalhar com um *tablet*, de perna traçada a beber chá, numa das mesas próximas da piscina.

– Disseram-me que é da polícia e que queria falar comigo – avançou, com um tom afável, notando o forte odor a gengibre do chá.

O homem levantou-se subitamente. Era alto, magro e tinha uma pêra bem aparada.

– Agente Haji da Secção de Homicídios – apresentou-se, com um inglês correcto. Tinha feições árabes e uma expressão intimidante.

– Homicídios?

O polícia anuiu e indicou-lhe que se sentasse, indo directo ao assunto:

– Estou a investigar o caso da morte de um cidadão com dupla nacionalidade, sul-africana e portuguesa, que ocorreu há três semanas – adiantou. – Soube que anda a fazer perguntas sobre ele. Conhecia Tony Santos?

Filipe sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha. Não estava à espera de que as suas investigações chegassem aos ouvidos da polícia e pudessem ser consideradas suspeitas. Os empregados do Emerson Spice tinham sido rápidos

a denunciá-lo, apesar das gorjetas.

– Não o conheci pessoalmente, mas ouvi falar do caso. Disseram-me que tinha morrido numa zaragata num bar da cidade, embriagado.

– E qual é o seu interesse nele? – prosseguiu o agente. – Qual a razão da sua estadia em Zanzibar?

– Fui contratado para o substituir e tenho estado a ver em que fase é que estava o seu trabalho. Encontro-me a reunir informação para a construção de um hotel com um museu adjacente, em Zanzibar – declarou Filipe. – Um projecto de um grupo sul-africano para ser implementado aqui ou nas ilhas do Norte de Moçambique, onde existe um grande legado dos antigos Sultões de Zanzibar.

– Um hotel com um museu?! – estranhou o agente. – A que grupo sul-africano é que se refere?

– O Grupo Eland. Tem vários hotéis no país, um deles em Zanzibar. Presumo que conhece?

– Sim, um hotel em Nungwi, no Norte da ilha – reconheceu o polícia, para logo acrescentar: – Estou a par da sua ligação ao Grupo Eland. Foram eles que emitiram a sua carta de chamada para o visto de entrada e a assinatura é a mesma da carta de Tony Santos.

– Exacto, Ms. Joan Walkers, responsável do Grupo Eland na África Oriental.

– Ms. Walkers está ao corrente do motivo da sua visita?

– Bem, sabe que estou numa missão exploratória da sede do Grupo Eland, mas julgo que ainda não estará a par do projecto em questão – respondeu Filipe, percebendo aonde o agente queria chegar: Joan Walkers tinha-lhe dito que não sabia o que Tony estava a fazer na Tanzânia. – O tema é confidencial. O grupo ainda está a decidir se irá construir o hotel em Zanzibar ou nas Ilhas Quirimbas, em Moçambique.

O polícia não disfarçou a irritação e fez-lhe diversas perguntas sobre as intenções do Grupo Eland em Zanzibar, tentando ao mesmo tempo confirmar se ele realmente conhecia Tony. Aquele interrogatório estava a deixar Filipe nervoso: o agente estava à procura de pistas, dando a entender que o caso era mais complexo do que aparentava.

– Mentir às autoridades policiais é uma ofensa grave – avisou o polícia. – Está a arriscar-se a passar umas noites na esquadra.

– Não tenho razão para mentir. Nunca vi Tony Santos na minha vida – reiterou Filipe. – Está a insinuar que tenho alguma coisa a ver com o sucedido?

O polícia não respondeu. Quedou-se em silêncio e terminou o chá, fazendo uma pausa no fulgor inquisitório. Um grupo de turistas encaminhava-se para o restaurante do hotel, em ambiente festivo. Pareciam italianos. Filipe desviou o olhar, com a esperança de que a conversa estivesse a terminar, mas enganou-se.

– Sei que chegou à Tanzânia há poucos dias, muito depois dos factos –

admitiu o agente para logo lhe mostrar uma fotografia no *tablet*. – Conhece?

Filipe olhou com atenção, como se estivesse a esforçar-se por reconhecer o sujeito, tentando manter a compostura: parecia Sílvio Rosa, um dos passageiros sabotadores do *Angoche*. Estava bastante velho, quase careca, mas o olhar e nariz adunco não deixavam dúvidas: era ele!

– Devia conhecer? – questionou. – É português?

– Argentino, Juan Alvarez – adiantou o polícia, tentando pronunciar o nome correctamente. – Residente em Zanzibar há mais de trinta anos. Era dos homens mais ricos da ilha, um grande patrono da arte e da literatura *swahili*.

– Era? – balbuciou Filipe. Agora percebia as fitas policiais na mansão em Jambiani.

– Foi encontrado igualmente morto, com múltiplas facadas.

– Ah, foi com ele que Tony Santos lutou no bar? – arriscou perguntar Filipe, sabendo de antemão que não haveria razão para o agente lhe responder.

O polícia mostrou-lhe outra fotografia. Tratava-se de uma mulher indiana de meia-idade, com um rosto fino e cabelos negros compridos.

– E esta mulher, conhece?

– Também não – respondeu Filipe, cada vez mais agitado. – Não me diga que também a encontraram morta?

– Infelizmente, sim – anuiu o polícia, carrancudo. – Uma tragédia.

Filipe engoliu em seco, recordando-se de que o empregado do Emerson Spice lhe havia dito que vira Tony com uma mulher de feições indianas. Olhou fixamente para o agente e não resistiu a perguntar:

– A morte de Tony Santos não foi uma discussão entre turistas embriagados, pois não?

O Sol já tinha desaparecido por detrás do mar e o céu estava pincelado de um vermelho acinzentado, como se fosse um quadro – o pôr-do-sol naquela enseada era único. Pieter gostara de passar as últimas semanas em Portugal, mas era ali, na sua casa em Cape Town, e na *farm* em Franschhoek que se sentia bem. Bebeu mais um trago de *Prosecco*, um espumante italiano, e trincou uma das espetadas de queijo, tomate e manjerição que Martha lhe preparara.

– Precisa de mais alguma coisa, *Menner*?

– *Nee*, Martha – respondeu, levantando a mão para se despedir da governanta. – Podes ir, obrigado. Até amanhã.

Os jardineiros também já se tinham ido embora e tudo se silenciara. Estava finalmente sozinho em casa, com as portas envidraçadas abertas para arrefecer a sala. Olhou para o telemóvel e leu as últimas mensagens. Não viu nada de importante, e relaxou. O som do rebentar das ondas lá em baixo na praia era omnipresente, apenas interrompido, de quando em quando, pelo

grasnar dos íbis que esvoaçavam pelas copas dos eucaliptos. Aqueles pássaros tinham o pescoço longo, o bico comprido e asas com grande envergadura. Os vizinhos queixavam-se dos seus gritos estridentes, mas ele gostava de ouvir aquele eco pela enseada.

Cerrou os olhos e notou o cheiro húmido a *kelp*, as florestas de algas que cresciam naquelas águas. Foi como se recuasse várias décadas até Benguela, em Angola, e estivesse a percorrer aquelas avenidas largas à beira-mar, repletas de acácias de um lado e do outro.

Recordava-se bem. Estava no topo de um tanque *Eland*, com o dedo no gatilho, pasmado com o silêncio na cidade. Não se avistava viva alma. A população branca fugira em direcção ao Norte mal as tropas portuguesas abandonaram a cidade, e o MPLA acabara também por se retirar, após alguma resistência. Naquela altura, o batalhão estava confiante de que iria entrar em Luanda antes de 11 de Novembro, o dia marcado para a independência de Angola, e impedir os comunistas de se apoderarem do país.

Pieter estremeceu e abriu os olhos de repente, tentando afugentar aquelas lembranças malditas. Os anos passavam, mas aquelas imagens da guerra em Angola não o largavam. Talvez fosse por causa da morte de Tony. Afinal, fora aquela missão que os ligara para sempre, após Tony lhe ter salvado a vida; e, desde então, tinham-se tornado grandes amigos. Com os anos, Tony fora a pessoa em quem mais confiara e a sua ausência repentina entristecia-o. Não tinha mais ninguém com quem partilhar os seus segredos.

Esvaziou a *flute* de espumante e ouviu o som de uma mensagem no telefone. Era Joan Walkers. O investigador português já deixara Zanzibar com destino a Maputo. Dentro de dias, estaria em Pretória, para se encontrar com o filho de Tony. Joan tinha sido eficiente como sempre.

Pieter nunca simpatizara com o filho de Tony. Achava que ele tinha vergonha da carreira militar do pai e via-o sempre a arranjar desculpas para estar longe dele, passando temporadas intermináveis no Malawi. Acabou por suspirar, talvez estivesse a ser injusto com o rapaz, até porque ele era valente e não tinha um trabalho qualquer: construía e geria *lodges* de luxo no meio da savana. Sabia que ele regressara a Pretória para tratar da herança do pai e, por momentos, interrogou-se sobre o que saberia ele do *Angoche*.

Ao mesmo tempo, estava satisfeito por ver que Filipe era metódico e trabalhava bem. O seu último relatório de Zanzibar fora curto, mas claro: a rixa de Tony no bar em Zanzibar tinha sido com Sílvio Rosa e ele também morrera. Filipe adiantara-lhe que ainda estava a tentar perceber a sequência de eventos, e que o informaria assim que esclarecesse os pontos que permaneciam em aberto.

Pieter não tinha grandes dúvidas sobre o que acontecera: a luta no bar não tinha sido um acaso. Tony descobrira o paradeiro de Sílvio Rosa e decidira confrontá-lo; ou fora descuidado, ou voluntarista. Aquilo nunca deveria ter acontecido: Tony tinha obrigação de saber melhor do que ninguém que o antigo passageiro do *Angoche* poderia ter uma reacção violenta.

Estava desapontado com aquele infortúnio em Zanzibar. Sobravam agora dois passageiros e não tinha a certeza se algum deles ainda estaria vivo. Filipe não lhe enviara qualquer pista sobre eles, mas estava esperançado nos seus esforços e na sua ida a Maputo, embora a viagem a Pretória devesse ser infrutífera. Até lá, Pieter tinha de decidir até que ponto podia confiar nele.

Esticou-se no sofá e acabou por pensar em Miguel Ferreira, o destemido oficial português de Moçambique que combatera ao lado do *Generaal* Botha. Fora talvez durante o seu refúgio em Machadodorp que definira o curso da História. Infelizmente, aquela vila já perdera a sua designação original, depois da alteração para um nome em Venda^[9], que ele não conseguia pronunciar, e até mesmo a estação ferroviária fechara havia mais de vinte anos e estava em ruínas.

^[8] Canoas com uma vela latina, típicas da costa oriental africana e do Médio Oriente.

^[9] Povo do Nordeste da África do Sul.

Capítulo VII

Machadodorp, 6 de Junho de 1900

Quando a guerra foi declarada, todas as minhas simpatias pessoais estavam com os boers, mas eu acreditava que ainda não tinha o direito de fazer valer as minhas próprias convicções em casos como aquele. A minha lealdade ao Império Britânico levou-me a participar com os britânicos naquela guerra.

Mahatma Gandhi, auxiliar de enfermaria do Exército Britânico

– Machadodorp! – vociferou um dos *kommandos* encostado à beira da porta aberta do vagão.

Miguel esfregou os olhos, agarrou na *Mauser* e acercou-se da porta, sentindo o vento gelado na face. Já se notava luz. Conseguiu descortinar uma manada de girafas por entre as árvores e, ao fundo, distinguiu os contornos dos edifícios baixos a que o *kommando* se referia. Estavam a chegar!

Ficara responsável pelo segundo vagão e tudo corra sem sobressaltos; não houvera qualquer incidente desde a saída de Pretória. Os soldados tinham-se comportado à altura, o Exército Britânico havia ficado para trás, e nem um só batedor australiano ou balão de observação fora avistado.

A locomotiva começava a abrandar quando Miguel notou dezenas de pessoas a caminharem ao lado da linha férrea, em direcção à povoação: a maioria eram mulheres e crianças, e seguiam atrás de duas carroças puxadas por bois. Vários soldados dos outros vagões também se tinham apercebido do mesmo e observavam-nas cabisbaixos, encostados à beira da porta.

Miguel engoliu em seco. Não esperava encontrar tantos refugiados a pé tão longe e tão cedo. Deviam ter fugido logo, adivinhando a rapidez das tropas britânicas, e demorado uma ou duas semanas a chegar até ali. Por certo, provinham de Joanesburgo, Pretória ou até mesmo de Bloemfontein.

O comboio manteve a marcha. Miguel virou-se para trás, agarrando-se à ombreira da porta, sem conseguir deixar de olhar para aquela gente. Pareciam destroçados, e nem sequer tinham pedido ajuda ou comida. Deveriam saber que estavam prestes a chegar e que o governo *boer* se refugiara em Machadodorp.

Miguel já ouvira histórias que o haviam deixado incomodado. Era a guerra, dizia-se, e a verdade é que ele próprio fizera coisas parecidas nas aldeias vátuas^[10] e macuas^[11] durante as Campanhas. Os britânicos incendiavam as fazendas por onde passavam, arrasando colheitas e abatendo gado, para que nada servisse de alimento aos *kommandos*, que continuavam a cavalgar invisíveis pela savana. Nos tempos mais recentes, os britânicos haviam ordenado a destruição de todas as fazendas à volta dos locais onde tinham ocorrido emboscadas na retaguarda. Já lhe haviam contado que se construía um enorme campo de prisioneiros nas cercanias de Bloemfontein, onde se amontoavam mulheres, crianças e velhos, entregues ao frio e à fome.

O comboio acabou por parar defronte da pequena estação e Miguel foi o primeiro a pular para a plataforma vazia. Uma grande bandeira tricolor do Transvaal esvoaçava no mastro do telhado, mas foi o nome escrito na parede da estação que lhe chamou a atenção. Ficou radiante ao ler o nome do governador Machado, o engenheiro militar português que delineara o traçado daquela linha férrea, e que voltara a assumir o poder da província.

Apesar disso, esperava encontrar uma povoação maior. Machadodorp continuava igual ao que era quando por ali passara dois anos antes: uma dúzia de casas, o edifício dos Correios e um grande reservatório de água, no meio da savana imensa. O silêncio imperava e nenhum dos refugiados que vira embarcar na estação ferroviária de Pretória se encontrava ali: por certo, teriam continuado viagem até Nelspruit ou mesmo Lourenço Marques. Apenas vislumbrou alguns soldados de *Mauser* em punho à entrada das carruagens estacionadas nos anexos da estação: era ali que o presidente e os ministros estavam refugiados desde a fuga de Pretória, fazendo daquele lugarejo a capital provisória do Transvaal.

Acendeu um cigarro e caminhou ao encontro dos outros três oficiais que, entretanto, haviam saltado para o cais. O odor a fuligem de carvão da chaminé da locomotiva era intenso e trouxe-lhe reminiscências das minas de Joanesburgo. Observou as últimas nuvens de fumo a dissiparem-se no ar e alguns soldados armados no topo dos vagões. Estavam todos despertos e já se ouvia algum burburinho.

– Missão cumprida: chegámos a Machadodorp – saudou Leon, entusiasta. Miguel não o via assim desde os combates no Natal, quando todos tinham a esperança de atirar os imperialistas ao mar. – Agora, temos de nos aprontar.

– Aprontar? – inquiriu Fritz. Até ele parecia cansado da viagem. – Acabámos de chegar.

– Os quatro generais estão a reunir forças em Donkerhoek para a próxima batalha com os britânicos, enquanto preparam o golpe final que irá mudar o curso da guerra.

Miguel inalou o fumo do cigarro, tentando ler o pensamento dos outros homens. Ainda estava frio e esforçou-se por disfarçar o desalento. As emboscadas *boers* atrás da linha da frente causavam o pânico por entre as

tropas imperiais, mas infelizmente não alteravam a relação de forças. Miguel já não tinha ilusões; a guerra estava perdida, tal era o desequilíbrio desde que os britânicos haviam trazido tropas de todos os cantos do Império. Estava prestes a terminar a sua última missão: proteger aquele comboio e entregá-lo ao governo em Machadodorp. Fora isso que o *Generaal* lhe pedira. Agora estava a pouco mais de duzentos quilómetros de Moçambique e era para lá que tinha de ir.

A imagem de Maria Teresa não lhe saía do pensamento. Por instantes, sorriu ao recordá-la a saltitar de cabelo solto, perseguindo caranguejos pelos corais, junto à Igreja de Santo António – os dois tinham passado muitas tardes a apanhar búzios e conchas marinhas na contracosta; fora numa dessas tardes, após o seu regresso das Campanhas, que tinham feito amor pela primeira vez. Todavia, o semblante ardiloso de Fritz manteve-o apreensivo e amarrado ao presente. Não havia maneira de gostar daquele homem.

– Onde? – ouviu Fritz perguntar a Leon. O tom de voz era ríspido, como sempre.

– Nas cercanias de Belfast.

– Eu sei que é perto, mas será seguro deixar o comboio carregado, sem protecção? – questionou Theo, apontando os vagões, para logo ajeitar o *sjambok* à cintura. – E se os batedores australianos chegarem até aqui?

– Não é possível – refutou Leon. – Temos vigias em todas as colinas. Serão logo abatidos.

– *Ja*, os britânicos vão ter de passar por desfiladeiros, entre as *farms*. É possível que resulte! – adiantou Fritz, mais condescendente. – Vão ficar encurralados e facilmente serão apanhados por fogo cruzado.

– Dali só sairão para o Inferno – acrescentou Leon, pondo o chapéu de abas largas debaixo do braço. – Mas agora temos de nos apresentar ali, na carruagem mais ao fundo. Trata-se de um encontro da maior importância.

O dia raiara e o odor a terra húmida era intenso. Ao fundo, já se via a mancha de refugiados a aproximar-se; chegariam dentro de pouco tempo e ninguém parecia preparado para os receber.

Miguel sentiu um calafrio e afagou a barba, tentando serenar. Não deveria estar ali – não era *boer* nem calvinista; era apenas um voluntário estrangeiro que caíra nas boas graças do *Generaal* Botha, por ter pertencido ao esquadrão de Mousinho de Albuquerque. Equacionou relembrar isso a Leon, mas não valia a pena: afinal, fora designado mandatário de Botha naquela missão. Voltou a olhar para o nome escrito na parede da estação e compreendeu o plano do *Generaal*. Ele não o dispensara porque sabia melhor do que ninguém que o curso da guerra estava por um fio e que, em breve, Moçambique poderia ser o único refúgio.

– Está algum ministro à nossa espera? – ouviu Fritz questionar. Também ele imitara Leon e tirara o chapéu da cabeça.

Miguel apagou o cigarro e fitou Leon, expectante: algo lhe dizia que, afinal, a missão deles não terminava ali.

Leon abanou a cabeça, ajeitou os botões do uniforme e o colarinho, para logo os informar: os quatro iriam ter um encontro com a figura mais emblemática do Transvaal – o Presidente da República, Paul Kruger.

Miguel abriu os olhos de repente, ainda estremunhado. O dia clareara. Escutou o chilrear dos francolins lá fora, para depois notar o eco do passo acelerado dos babuínos no topo da carruagem. A palha onde dormira estava quente e parecia-lhe mais macia: voltara a sonhar com Maria Teresa, tal como tantas vezes nas Campanhas e nas minas de Joanesburgo. Parecia que ela estava ali ao seu lado e lhe podia tocar no rosto e nos cabelos ondulados.

Ficava sempre maravilhado quando recordava a primeira vez que a vira, a descer os degraus da Igreja da Misericórdia, nas traseiras do Palácio do Governador: as feições delicadas, a pele dourada e o sorriso gracioso arrebataram-no, mas foram os olhos profundos que o fizeram perder-se de amores e desejar tomá-la nos braços a partir daquele momento. Dias depois, conseguira trocar algumas palavras com ela, na Rua dos Baneanes, enquanto a mãe a deixara por instantes para ir à loja de tecidos. Em boa verdade, tinham sido mais do que simples palavras: Maria Teresa engraçara com ele.

Soube que ela também nascera na Ilha, era dois anos mais nova, e tinha uma predilecção por búzios e conchas. Antes de se separarem, confessara-lhe que era uma apaixonada por música e que tentava ir à Praça dos Concertos sempre que havia um espectáculo. Miguel não ficara indiferente ao convite velado e passara a marcar presença em todos os eventos. Ela não fora ao primeiro, nem ao segundo, mas ao quinto dia de concertos; acompanhada pela mãe e por uma criada. Os dois trocaram um olhar cúmplice no meio da multidão, sorriram um para o outro, como se soubessem o que lhes ia no espírito, e no final maravilharam-se com o fogo-de-artifício sobre o mar.

Maria Teresa era a mulher da sua vida! Sabia disso desde aqueles dias. O destino havia-os juntado no jardim da Praça dos Concertos por diversas ocasiões, e mais tarde aqui e ali, entre a Fortaleza de São Sebastião e a Igreja de Nossa Senhora da Saúde, para onde, por vezes, Maria Teresa se escapava, para ensinar as crianças macuas a ler ou a cantar.

Contudo, fora no exterior da cidade de pedra que os dois se tornaram mais próximos. Primeiro, nos meandros do Bairro Indígena, mais tarde, nas cercanias da Igreja de Santo António, recentemente restaurada, com o mar e a Ilha de Goa só para eles. Até que um dia deram as mãos numa das ruelas do bairro, após terem conseguido reparar várias palhotas dos estragos das últimas chuvadas. Fora entre duas delas, perto dos cemitérios da ponta da Ilha, que se haviam beijado pela primeira vez, às escondidas, e que Miguel lhe sentiu o sal nos lábios. Aquele dia ficara-lhe na memória para sempre.

Maria Teresa era filha única do director do Hospital Real e bisneta

materna de uma das últimas Donas de Quelimane, as goesas que detinham concessões de terras na Zambézia. Fora dela que herdara o tom de pele dourada, as feições delgadas e a curiosidade incessante. Vivia com os pais numa das residências elegantes da contracosta, no cruzamento da Rua dos Ourives com a Rua da Alfândega, a dois passos do Consulado Francês. A propriedade estava protegida por uma porta de madeira maciça intransponível e rodeada por um muro alto; Miguel tivera a sorte de ver a porta entreaberta uma vez e ficara deslumbrado ao vislumbrar a casa apalaçada, cheia de janelas altas, defronte de um pátio colorido, repleto de limoeiros e mangueiras.

Os pais de Maria Teresa eram frequentadores assíduos das festas e dos bailes no Palácio do Governador-Geral, onde nem o seu avô nem o pai alguma vez haviam estado, por alguma razão que ainda lhe escapava. Talvez por isso, Miguel se esforçara tanto para agradar aos pais dela, apesar de a sua família também ser bem estabelecida na Ilha. Afinal, o seu avô fora um reinol^[12] conhecido, que estivera à frente da Imprensa Nacional durante anos, a publicar o Boletim Oficial do Governo, e ajudara a lançar os primeiros jornais da Ilha. Fora substituído pelo filho, que moldara a instituição à sua imagem, até morrer tragicamente numa das cisternas da Fortaleza de São Sebastião.

Miguel sempre desconfiara de que algum desentendimento ocorrera no passado, para ser tratado com tamanho desdém pelos pais de Maria Teresa, mas nunca soube o que acontecera, e nem mesmo o seu irmão, mais velho do que ele, lhe conseguiu contar nada que o explicasse.

O destino acabara por ser cruel e separara-os, quando ele fora chamado, de emergência, a integrar as fileiras de um Batalhão de Caçadores, para salvar Lourenço Marques das rebeliões landins que ameaçavam devastar a cidade. Aquele fora apenas o início das Grandes Campanhas, que se alastraram por muitos distritos e duraram três anos, para culminar na pacificação heróica de toda a província.

Todavia, o mesmo destino atraíçara-o uma vez mais. Miguel regressara à Ilha como um herói das Grandes Campanhas: conseguira ser incorporado no Esquadrão de Mousinho de Albuquerque, por ser caçador e um cavaleiro destemido, e mais tarde chegara a oficial, acabando por ser condecorado por actos de bravura, tanto em Gaza, como no Norte. Ainda assim, o pai de Maria Teresa fora intransigente e voltara a recusá-lo, sem se comover com o desejo da filha: para ele o mais importante era assegurar que Maria Teresa vivesse com as condições que merecia, e Miguel não oferecia essa garantia.

Ele aceitara o repto e decidira então partir em busca de fortuna nas maiores minas de ouro do mundo. Maria Teresa ficara num pranto, mas Miguel prometera voltar, e com dinheiro suficiente para que o pai dela acesse finalmente à sua vontade, e ela jurara-lhe que esperaria por ele o tempo que fosse preciso. Fora na véspera de ele embarcar no *Niassa* rumo a Lourenço Marques: haviam conseguido escapar-se secretamente para a ponta da ilha, defronte do Fortim de São Lourenço, e voltaram a amar-se perdidamente, no meio dos coqueiros da praia, sem ninguém os ver. Tinham-

se passado mais de dois anos desde então, e até agora Miguel falhara na promessa de regressar rico à Ilha.

Por entre a palha, ouviu os cães a latir lá fora, à volta dos vagões, e voltou a abrir os olhos, mais desperto. O chilrear dos francolins ainda ecoava por todo o lado, mas ouvia-se um frenesim à volta da estação. Por certo, acabara de chegar mais um grupo grande de refugiados.

Miguel chegara a Machadodorp havia algumas semanas, mas ainda não tinha seguido viagem para Moçambique, acedendo a um pedido expresso do presidente Kruger. Nos últimos dias, andara pelo mato a apoiar a defesa *boer* em Belfast, mas em boa hora regressara. Pelo menos ali sentia-se mais perto de casa, a sua ilha coralina, onde estava Maria Teresa, e aproveitara para pedir a duas refugiadas *boers* em fuga para Lourenço Marques que levassem uma carta dele para a sua amada e a pusessem no correio assim que lá chegassem.

Em tempos, Miguel conseguira corresponder-se com Maria Teresa, através do irmão que lhe enviava as cartas dela para a estação dos Correios de Joanesburgo, e arranjava maneira de ela receber as dele; se as enviasse directamente para a casa dela, o pai iria conseguir interceptá-las. Mas infelizmente a correspondência cessara ainda antes da guerra, quando notou pelas últimas cartas dela e do próprio irmão que os dois não recebiam notícias suas fazia tempo. As cartas deveriam ter-se perdido no caminho, antecipando o declínio dos correios do Transvaal que viria a acontecer com a guerra. Felizmente, conseguira enviar dois telegramas de Joanesburgo para a estação dos Correios da Ilha, dirigidos ao irmão: o primeiro, pouco antes da guerra, e o segundo, por alturas do Natal. Tinham-lhe custado uma fortuna, mas pelo menos assim Maria Teresa conseguira ter notícias suas.

Miguel suspirou, angustiado. Não fazia sentido ele e Maria Teresa continuarem a viver vidas separadas. Oxalá o pai dela já tivesse falecido, ou mudado a sua maneira de pensar. As coisas tinham de ser diferentes, até porque ele conseguira amealhar uma riqueza assinalável, provando ser capaz de dar uma vida digna à mulher que amava: guardava as pepitas das minas na sacola que o acompanhava para todo o lado, por forma a garantir que ninguém o roubava.

– Acorda, Miguel! – ouviu lá fora. Voltou a abrir os olhos e percebeu que era Leon, a bater na parede do vagão. Parecia exasperado e com pressa. – Temos uma nova missão!

Miguel levantou-se contrafeito, sentindo a recordação do sorriso de Maria Teresa a desvanecer-se por entre a sombrinha que ela tanto gostava de usar para se proteger do sol. Ansiava por regressar à Ilha o quanto antes, mas não queria desertar, nem podia defraudar o presidente Kruger e o *Generaal* Botha: ambos contavam com ele para facilitar uma eventual fuga para Moçambique e ele prometera rumar à Ilha somente quando o comboio estivesse num local seguro.

De uma maneira ou de outra, o tempo começava a escassear. Os combates contra os malditos britânicos em Belfast não corriam de feição. As

tropas imperiais haviam sofrido pesadas baixas, mas contavam com o dobro ou o triplo das forças em todos os confrontos directos. Aos poucos, estavam a conseguir dominar colina após colina, e sair do cerco que lhes tinham montado.

Miguel foi o último a chegar ao encontro. Os delegados dos generais estavam à volta do fogo, a comer *potjiekos*, um estufado de carne de caça com vegetais. O ambiente estava pesado, como se o curso da guerra dependesse daquele momento.

– Recebemos ordens do presidente para continuar a marcha do comboio – informou Leon, passando-lhe uma taça com comida quente. Estava com um semblante carregado e os suspensórios soltos. – Com cinco vagões.

– Continuar para onde? – estranhou Fritz. Tinha sido ferido numa escaramuça em Belfast e continuava com o braço direito envolto em panos. – Até à fronteira?

Miguel comia com voracidade, sentindo o aconchego quente no estômago, mas não ficou indiferente ao que ouvira. A batalha estava perdida, e deveria ser uma questão de dias para os ingleses tomarem Machadodorp. Observou Fritz com apreensão e tentou concentrar-se nas palavras de Leon.

– Até LM – adiantou Leon, incapaz de esconder o que se passava: estavam encurralados. – Dentro de dias, o presidente abandonará a sua residência em Waterval Onder e seguir-nos-á. Está tudo acertado com o *Goewerneur* Machado. A estação estará pronta para nos receber.

Miguel engasgou-se e, por pouco, não cuspiu a comida. Pousou a colher, olhando para a mão a tremer. Chegara o momento em que iria ser posto à prova. Tentou pensar na parte positiva: estava finalmente a caminho de Maria Teresa. Não se despedira do *Generaal*, mas até era melhor assim. Fitou a multidão acampada ao longo da aldeia. Chegavam pessoas quase todos os dias, em carretas de bois, a cavalo e a pé. Vinham todas de oeste e acampavam em redor da estação ou debaixo das árvores. Já deveriam ser uns milhares, à espera de um milagre na frente de combate que ele sabia que não ia acontecer.

– Quanto tempo temos? – questionou Fritz. Também ele parara de comer e gesticulava com a colher.

– Dois dias, três, no máximo – respondeu Leon, desalentado. – Foram avistados batedores australianos em Geluk. São destemidos e está a ser difícil afugentá-los. Devem desconfiar de que o governo está em Belfast ou Machadodorp e querem capturar o presidente como um troféu de guerra.

– Talvez até já saibam que ele está em Waterval Onder – inferiu Theo. O presidente tinha problemas de saúde e mudara-se para uma residência no sopé de uma queda de água a alguns quilómetros dali, para estar protegido do frio das montanhas. – Devem querer levar a sua cabeça para Londres e entregá-la à Rainha Vitória.

Miguel fez um esgar, coçando a barba. Ia dizer que não era isso que os batedores australianos procuravam quando Fritz voltou a tomar a dianteira.

– Então, porque esperamos? Temos de partir quanto antes.
– *Ja*, mas temos um problema.
– Qual? – perguntou Fritz, arreliado. A agitação matinal nas tendas dos refugiados aumentava e era impossível ignorar a balbúrdia.
– A fronteira! – explicou Leon, apontando a colher para Miguel. – Os soldados portugueses em Ressano Garcia.
– Mas o *Goewerneur* Machado não está do nosso lado?
– Está, mas não sabemos até que ponto as suas ordens são cumpridas. Os nossos espiões em LM relatam que os ingleses controlam tudo o que se passa na cidade – explicou Leon. – Os navios britânicos estão a vigiar a baía, e eles têm agentes na alfândega do porto, a verificar todas as entradas e saídas. Não sabemos se o mesmo se passa nas estações ferroviárias de Ressano Garcia e LM.

Fritz e Theo viraram-se para Miguel. Estavam a contar com ele; o presidente Kruger e o *Generaal* Botha estavam a contar com ele, era essa a missão que, afinal, sempre lhe estivera reservada. Miguel compreendeu as palavras de Leon e observou os contornos da savana. Não se vislumbrava qualquer movimento: nem animais, nem batedores australianos, nem sequer os famigerados balões de observação. Ressano Garcia estava a apenas duzentos quilómetros, do outro lado dos Montes Libombos. Miguel pousou a taça de *potjiekos* no chão e anuiu.

– Não se preocupe, eu sei o que fazer para passarmos a fronteira!

Passaram dois dias desde aquele encontro, e Machadodorp estava em ebulição com os preparativos da viagem até Lourenço Marques. Miguel refugiou-se na sombra de um grande canhoeiro para fumar um cigarro. Fitou de novo, ao longe, a tabuleta com o nome da estação, como se, de algum modo, Moçambique ficasse mais próximo e lhe desse algum alento.

O rebuliço em redor da estação era incessante. O que mais o comovia não eram os soldados de um lado para o outro, mas a torrente de pessoas que continuavam a chegar, dia após dia. Eram às centenas, sobretudo crianças. A maior parte pausava por momentos, para recolher água ou comida, e depois seguia em frente, sem perder muito tempo, na direcção da fronteira. O tempo urgia para todos, e Miguel sabia como estavam desesperados para empreender aquela jornada.

A maior parte dos *boers* tinha pavor de Lourenço Marques, pois crescera a ouvir histórias sobre as febres que atacavam os que por lá andavam e matavam de um dia para o outro; os britânicos chamavam-lhe *Delagoa fever* e muitos afirmavam que quem fosse atacado nunca mais recuperaria. Antes de lá chegarem, porém, os *boers* ainda tinham de passar a região da mosca *tsé-tsé*, que matava grande parte dos bois. Felizmente, estavam na estação seca, e por isso talvez muitos conseguissem sobreviver.

– Estão todos a tentar chegar a LM...

Miguel arrepiou-se com a forte pronúncia inglesa. Atirou o cigarro para o chão e, num instinto, sacou a azagaia vátua do coldre. Afinal, era Fritz. Aparecera-lhe por detrás, sorrateiro, com um tom de voz cortante. Trajava um uniforme acastanhado, com botões reluzentes e a cartucheira de couro a tiracolo. Já não tinha o braço envolto em panos, e o que mais chamou a atenção de Miguel foi a pequena caixa metálica avermelhada que trazia na mão: tinha o desenho de um medalhão da Rainha Vitória ao centro e dizia «South Africa 1900», com uns gatafunhos escritos por baixo. O *boer* abriu-a e estendeu-a, mostrando-lhe o interior.

– Tira um pedaço – ofereceu, falando-lhe pela primeira vez na língua dos *boers*. – Vais ver que é bom.

– De que se trata? – inquiriu Miguel, desconfiado. Parecia algum género de comida com uma cor escura, envolta em palha.

– São barras de chocolate. Foi um presente de Natal da Rainha Vitória aos soldados britânicos, com desejos de Feliz Ano Novo. Esta é a sua própria assinatura – relatou, gracejando, apontando para os rabiscos pretos do tampo da caixa. – Estava na sacola de um infeliz que mandei para o inferno durante a última emboscada em Belfast.

Miguel já ouvira falar de chocolate em Joanesburgo. A cor escura deixou-o curioso. Tirou um pedaço do meio dos fios de palha, sentindo-lhe a forma macia, e meteu-o na boca sem hesitar. Nunca provara nada assim: era delicioso e desfazia-se na boca, colando-se às gengivas e aos dentes. Anuiu, sorridente, e não resistiu a tirar mais um pedaço.

Fritz sorriu, satisfeito por ver que ele aceitara a oferta. Miguel compreendeu o gesto do sul-africano – parecia uma proposta de paz. Os dois mantinham uma relação tensa desde que se haviam conhecido durante os combates no Natal. Miguel não ficou indiferente à atitude de Fritz, ainda que não conseguisse aligeirar o olhar. Levou a mão ao bolso e retribuiu, oferecendo-lhe um cigarro e tirando outro para si.

– E como é LM? – indagou Fritz, parecendo agradado por estarem a fumar juntos. – Já não é uma espelunca pestilenta, coberta de mosquitos, pois não?

– Está cada vez mais resplandecente, cheia de eucaliptos e casuarinas a florescer pelas novas avenidas – respondeu Miguel. Recordou o jardim frondoso que servira para arborizar o pântano e como se habituara a passear à noite pelas avenidas iluminadas até lá acima, à Ponta Vermelha, onde o Governador-Geral passara a residir. – Há anos que deixou de ser um centro de febres palustres. Tem cada vez mais casas na parte alta, com água canalizada e uma vista soberba para a baía.

– Folgo em saber. Sempre ouvi dizer que LM é o melhor porto de toda a África Oriental, numa grande baía protegida – salientou Fritz. – Suficientemente profunda para os grandes vapores, e que, felizmente, continua fora das garras dos imperialistas britânicos.

Os dois concordaram e ficaram-se a fumar em silêncio, observando o bando de gazelas a pastarem adiante. Eram dezenas, tão pacíficas como se soubessem que as leões ou as chitas estavam demasiado longe para as atacar.

Miguel suspeitou do que ia na mente de Fritz: Lourenço Marques crescia por ser o acesso ao mar do Transvaal, que a partir dali conseguia comercializar com a Alemanha, a França e outras nações europeias. No entanto, quase todas as construções eram financiadas por capital britânico, com inúmeros comerciantes e armazéns ingleses estabelecidos na cidade, sem que as intromissões parassem de cessar. A Royal Navy mantinha um controlo apertado sobre a baía, e dizia-se que o cônsul britânico era o homem mais poderoso da cidade, capaz de manietar todas as acções do Governador-Geral de Moçambique. Afinal, os ingleses teimavam em continuar a chamar à região Delagoa Bay, sem disfarçarem as suas ambições ou o interesse em comprar toda a baía, como se estivesse predestinada a fazer parte do Império Britânico.

Miguel recordou o que acontecera em Joanesburgo com o afluxo de milhares de *uitlanders*, que passaram a ser a maioria na cidade, suplantando os próprios *boers*. Ele não podia estar mais de acordo com a transferência da capital de Moçambique para Lourenço Marques, pois isso ajudava a garantir a soberania da baía. Estava farto daqueles imperialistas gananciosos, mas a verdade é que também estava extenuado da guerra no Transvaal. Queria deixar tudo para trás e deleitar-se com o que mais amava na vida.

– E a Kaap Kolonie? – resolveu perguntar, desviando o assunto de Moçambique. Sabia que Fritz nascera em Oos-London, embora a família se tivesse mudado para o Transvaal quando ele era pequeno. Pela primeira vez, sentiu alguma empatia por aquele homem. – Também está cheia de *uitlanders*?

– Ja, mas ainda somos a maioria, talvez porque não existem lá minas de ouro. Muitos *boers* combatem ao nosso lado, como sabes, ainda que a maior parte continue a viver nas suas *farms* – enunciou Fritz. Miguel nunca o vira tão tranquilo. – E como é que é o Reino de Portugal?

– Nunca lá fui – confessou Miguel, baixando o olhar. – Apenas conheço as histórias do meu avô que o meu pai me contou. Ele também nunca chegou a lá ir.

– Compreendo porque é que o Presidente e o *Generaal* Botha confiam em ti – adiantou Fritz, olhando-o nos olhos. – És um africano como nós. África é a nossa pátria; nem a França nem a Holanda me dizem nada.

– O Presidente e o *Generaal* pensam que eu posso ser útil até chegarmos a Lourenço Marques – assentiu Miguel, compreendendo o que o *boer* dizia. O Reino também lhe dizia cada vez menos, embora tivesse saudades dos tempos em que acompanhava a chegada à Ilha dos navios provenientes de Lisboa. – Tudo farei para lá chegarmos em segurança.

– O presidente tem razão – concordou o sul-africano, terminando o cigarro e atirando a beata contra um escorpião que lhe passava perto das botas, pisando-o logo em seguida. – Estamos nas tuas mãos e do *Goewerneur*

Machado.

Fritz sorriu e ajeitou as abas do chapéu. Teceu-lhe alguns encómios simpáticos e depois agarrou na espingarda e afastou-se em direcção à estação. Miguel respirou fundo e tentou relaxar, ainda com o olhar preso no escorpião esmagado. Esperara aborrecer-se e ser insultado por não ser calvinista ou não andar com a Bíblia nas mãos. Era sempre difícil saber o que aquele homem estaria a pensar, mas algo lhe dizia que aquela conversa não fora fortuita. Fritz era mais astuto do que pensara – oferecera-lhe chocolate, fora simpático e estivera a estudá-lo, como se quisesse prever os seus passos a partir do momento em que passassem a fronteira e estivessem em território português.

Miguel pôs-se igualmente a caminho, ajeitando a *Mauser* ao ombro. Assim que pegou na espingarda, lembrou-se de que Fritz envergava uma *Lee-Enfield*, a espingarda mais usual do Exército Britânico, em vez da *Mauser* que os *kommandos* tinham. Não se recordava se sempre fora assim, mas não deixou de achar estranho, dado as *Mausers* serem armas bastante mais versáteis. Talvez fosse mais uma recordação daquele infeliz de Belfast que Fritz mandara para o inferno.

Desviou-se de uma família de babuíños que comia perto de umas peles de leopardo que alguém deixara a secar, e acerçou-se do vagão onde dormia. O céu já estava a ficar avermelhado e aquela seria a sua última noite no Transvaal, antes de rumar a Lourenço Marques!

[10] Termo português para Tsongas-Changanas, povo das províncias de Gaza e Inhambane.

[11] Povo do Norte de Moçambique, o maior grupo étnico do país.

[12] Português nascido no Reino.

Capítulo VIII

Maputo, 4 de Outubro, 16h45

A existir algum sobrevivente do Angoche, hipótese extremamente remota, este não está interessado em se dar a conhecer.

Ofício do Ministério da Marinha Portuguesa de 17 de Dezembro de 1974

Filipe esvaziou o copo de sumo de melancia e afastou-se do terraço para se ir sentar no jardim, num dos bancos de madeira, à sombra. Sentiu-se mais fresco e voltou a abrir a *App* do hotel, no sítio onde ficara: Lourenço Marques passara a chamar-se Maputo em Março de 1976, nove meses após a independência. Leu a resenha histórica da cidade e sorriu ao lembrar-se de que o pai lhe contara que Lourenço Marques fora um navegador e mercador do século xvi que mapeara a costa oriental africana durante anos, desde o Cabo da Boa Esperança até Zanzibar. Ao contrário dos pais, ele sempre chamara à cidade Maputo; Lourenço Marques era um nome comprido e percebia porque Pieter lhe chamava simplesmente LM.

Recostou-se no banco, limpou o suor que lhe escorria da testa e tentou concentrar-se nas recordações dos últimos dias. Ainda estava abalado com a recente estadia em Zanzibar: Sílvio Rosa estava morto e Tony não perdera a vida numa simples rixa de bêbados. Não houvera testemunhas da luta, mas muitas pessoas tinham-nos visto discutir violentamente no interior do bar. Assim que a polícia lhe mostrara a fotografia de Sílvio Rosa, vulgo Juan Alvarez, Filipe deduziu o que acontecera: Tony descobrira a sua identidade e o seu paradeiro e, por alguma razão, decidira confrontá-lo ou desmascará-lo, acabando os dois por se envolver num combate fatal para ambos.

No entanto, havia algo que lhe escapava. Tony poderia estar embriagado e ter agido por impulso, mas não deixava de ser estranho um antigo militar condecorado expor-se àquele ponto e agir por conta própria: Pieter fora claro em pedir apenas a localização dos suspeitos, pois a partir dali ele ou os seus advogados entrariam em acção.

Além disso, Filipe percebera que a própria polícia não conseguia explicar todos os factos ocorridos e que continuava a investigar activamente o

caso. Ficara a saber que a mansão de Sílvio Rosa fora assaltada na noite do crime, após a saída dos empregados, o que dificilmente poderia ser uma coincidência. A própria morte da acompanhante de Tony também lhe parecia difícil de entender, mas o agente fora parco em informações.

Infelizmente, Filipe não conseguira aceder ao telemóvel de Tony, dado que o aparelho fora apreendido pela polícia; por certo, ele conseguira bastante mais informação do que aquela que já enviara a Pieter. Mesmo assim, Filipe tivera sorte de contactar o filho de Tony, com a ajuda de Joan Walkers. Ele viajara para Pretória após a morte do pai, e foi com agrado que acedeu com prontidão a um breve encontro na cidade.

Dois dias depois da conversa com o polícia no hotel, Filipe conseguiu apanhar um avião para Joanesburgo, e dali voou para Maputo. Começava a sentir algum desconforto com aquela missão e estava impaciente por receber notícias da Inspectora Mendonça da Polícia Judiciária; até agora ela não lhe dissera nada.

Apesar de tudo, agradava-lhe regressar a Maputo e sentir o aconchego das recordações de quando ali estivera com os pais. A cidade estava diferente, cheia de vida, com muitos edifícios modernos, e mais gente nas ruas e esplanadas. No entanto, o taxista relatara-lhe que o ambiente andava perigoso, porque tinham ocorrido vários crimes violentos entre a comunidade indiana, alegadamente relacionados com o tráfico de drogas e outros negócios obscuros.

Filipe continuava ansioso: não era apenas o que se passara em Zanzibar, mas também o muito que tinha de fazer em Maputo, antes de seguir para Pretória. Além do encontro com o amigo da bibliotecária da Torre do Tombo, também tinha esperança de conseguir mais informações sobre os dois homens que procurava. Afinal, os passageiros sabotadores do *Angoche* haviam crescido ali e talvez tivessem deixado pistas que ajudassem a aclarar o que se passara a bordo do cargueiro, depois de ter escalado em Nacala.

Nas últimas horas, dera algum avanço à investigação. Foi com entusiasmo que descobriu que a mulher de Daniel Cabral, um dos homens que procurava, trabalhara na Livraria Minerva até à independência. Recordava-se daquele nome de um dos documentos digitalizados de Pieter: Sílvio Rosa, o passageiro morto em Zanzibar, trabalhara na mesmíssima livraria da Baixa de Lourenço Marques, e talvez tivessem sido colegas.

Entretanto, descobrira outra notícia sobre a mulher de Daniel Cabral, que a referia como funcionária da Livraria Lello e Irmão no Porto. Suspeitava de que ela deixara Moçambique em 1974 ou 1975 com o filho pequeno e que se tinham instalado no Porto, talvez por lá terem familiares. Iria seguir essa pista logo que regressasse a Portugal e tentar descobrir se ainda estavam vivos, caso em que tentaria um encontro.

As pistas sobre o outro passageiro sabotador, Mário Barbosa, eram, pelo contrário, quase inexistentes. Apenas descobrira que os pais, residentes na Avenida Pinheiro Chagas, a actual Eduardo Mondlane, em Lourenço

Marques, haviam falecido num desastre de automóvel, alguns meses antes da independência: encontrara a cópia do obituário no *Diário de Lourenço Marques*, um antigo jornal da cidade.

– Deseja tomar mais alguma coisa? – ouviu o empregado que antes lhe servira o sumo de melancia. Nem se dera conta de que ele se aproximara.

– Não, obrigado. Pode trazer a conta.

Acompanhou o percurso do empregado em direcção à piscina, e voltou a admirar o hotel. Os pais sempre lhe tinham dito que o Polana era um dos ícones da cidade: fora construído cem anos antes, para servir como o hotel mais imponente de Lourenço Marques.

O ambiente no terraço era peculiar, uma estranha combinação de turistas, eventos e reuniões, um pouco por todo o lado. À volta da piscina, decorria a gravação de um anúncio e, mais ao fundo, as mesas estavam cheias de homens de negócios, a maioria deles chineses.

Filipe respirou fundo e tentou serenar, acabando a deambular pelo terraço, até à balaustrada que limitava o hotel. O ar era menos húmido do que na Tanzânia, e o empregado havia-lhe dito que o Verão ainda não chegara. A vista para a baía era sublime, mas Filipe tinha dificuldade em distinguir a outra margem: as águas eram turvas, quase barrentas, porque desaguavam quatro ou cinco rios naquela baía gigantesca. Fora algures ali que o *Angoche* ancorara depois da tragédia para ser vendido a sucateiros, acabando, porém, por ser afundado pouco depois da independência.

Começava a entardecer e iria ficar escuro dentro de pouco tempo. Filipe acabou por subir para o quarto e ir arranjar-se. Tinha de se despachar. As próximas horas iriam ser decisivas!

A caminhada fora curta, pouco mais de dez minutos. No hotel, haviam-lhe dito que era melhor ir de táxi, dado que o clima de insegurança na cidade não se limitava à comunidade indiana. O último caso ocorrera apenas uns dias antes: um empresário português, dono de uma fábrica de farinha na Matola, tinha sido raptado ao sair de casa.

Filipe encolhera os ombros e resolvera arriscar, apesar de ser de noite. Desde que vivera nos Estados Unidos, adquirira o hábito de caminhar sempre que podia. Foi com facilidade que encontrou a Residencial Hoyo-Hoyo, um prédio iluminado de quatro andares numa avenida sossegada.

António Menezes estava à sua espera, sentado a uma das mesas do alpendre, a beber uma cerveja. Filipe fizera uma investigação rápida na Internet e vira algumas fotografias dele: era um indiano franzino, com cabelo grisalho e barba rala. Aparentava cinquenta e tal anos, embora pelas suas contas tivesse mais dez, pois fora colega de liceu da bibliotecária da Torre do Tombo.

– Devo muito ao seu pai – atalhou o moçambicano, apertando-lhe a mão com firmeza. Vestia uma camisa florida e tinha um colar de coco colorido ao pescoço. – Deixou-nos um legado vastíssimo.

– Chegou a conhecê-lo, não foi?

– Sim, numa conferência em Portugal. Fui-me apresentar para lhe dizer que foi por causa dele que me tornei arquitecto – contou António, indicando a Filipe que se sentasse. – Li todas as obras que ele doou à Universidade Eduardo Mondlane. São documentos únicos sobre a história e a arquitectura das fortalezas portuguesas de Moçambique e da costa oriental africana, até Mombaça.

O restaurante da residencial ficava num alpendre nas traseiras, defronte de um jardim. Parecia goês, era simples e agradável, com umas quinze mesas no terraço, todas ocupadas.

– Sim, o meu pai falou-me disso. Incluía também várias obras sobre a relação com Goa, quando Moçambique dependia do Vice-Rei da Índia – observou Filipe. Afinal, António apenas conhecera o seu pai fugazmente. – A sua família é de lá?

– Não, viemos de Diu, no Gujarat – respondeu António. – Os meus bisavós chegaram aqui em 1903 e abriram uma loja de tecidos na Baixa. Eu sou uma versão adulterada dos baneanes, os meus antepassados converteram-se ao catolicismo algures no tempo. Imagino que saiba ao que me refiro.

– Confesso que não...

– Os *vanig-jana* eram comerciantes hindus, naturais de Diu. Começaram a chegar a Moçambique no final do século xvii, com o aval do Vice-Rei da Índia.

– Não fazia ideia – admitiu Filipe. Não se lembrava de o seu pai alguma vez ter mencionado aquele nome.

António contou-lhe que os baneanes detinham o monopólio da rota entre Diu e Moçambique. Com a transferência da capital da província para Lourenço Marques, dois séculos mais tarde, quase todos haviam migrado para sul. A Ilha de Moçambique já estava em decadência havia décadas, enquanto a nova capital florescia com a construção do porto e do caminho-de-ferro, que servia de ligação ao interior da África do Sul.

Por isso, os seus bisavós tinham vindo directamente de Diu para Lourenço Marques. Com o passar de gerações, a loja transformara-se num armazém e, mais tarde, abriram outro estabelecimento na Polana. Após a morte do pai, e com a guerra civil, António acabara por vender o negócio e enveredar por uma carreira diferente, no ramo da arquitectura e do ensino. Fora professor na Universidade Eduardo Mondlane, e anos mais tarde Professor Convidado na Universidade de Coimbra. Filipe lera algures que ele fora consultor de uma multinacional portuguesa e que publicara dois livros sobre urbanismo em Moçambique, especialmente sobre o traçado original de várias cidades do país.

– Estou finalmente reformado, com tempo para me dedicar à escrita –

rematou António. – Ainda tenho um *flat* aqui em Maputo, mas a minha mulher e eu estamos quase sempre na Ponta do Ouro.

A noite estava fresca, especialmente se comparada com as temperaturas da Tanzânia. António tomou a iniciativa, sugerindo uma entrada de chamuças de galinha e de vegetais, seguida por um caril de caranguejo.

– É uma especialidade – explicou, trocando um sorriso com a empregada, uma jovem vestida com um sari escarlate. – E duas 2M, claro.

As entradas e as cervejas não demoraram a chegar e os dois brindaram com regozijo. António não parava de falar. Filipe ficou a saber que 2M era uma menção ao antigo presidente francês Mac-Mahon, que presidira à questão arbitral entre os portugueses e os britânicos sobre a posse da Baía de Maputo no final do século XIX. Conhecia bem essa história: aquela era a razão de a cidade e a baía fazerem parte de Moçambique, e não da África do Sul.

– A sua amiga Filomena, da Torre do Tombo, foi uma grande ajuda com a documentação sobre o *Angoche* – adiantou Filipe logo depois, tentando focar a conversa no assunto que o trouxera até ali. – Ela contou-me que o António conhecia bem o caso e que talvez conseguisse ajudar-me a esclarecer algumas questões...

– Claro, tenho todo o gosto – respondeu António, mordiscando uma chamuça. – Imagino que esteja a prosseguir a investigação do seu pai ao *Angoche*, tal como fez com a *Flor do Mar*?

– Bem, este é um caso diferente – retorquiu Filipe. Não estava à espera de uma nova referência a um alegado envolvimento do pai na investigação do *Angoche*, mas repetiu o que explicara à bibliotecária. – Estou a reunir informação para um documentário sobre o que poderá ter acontecido à tripulação.

As pesquisas do pai tinham-se sempre cingido ao período dos Descobrimentos e, por isso, não dera importância quando Pieter o interrogara sobre o papel dele na investigação ao *Angoche*. Jamais vira qualquer referência ao cargueiro nos ficheiros do pai e confirmara isso mesmo quando regressara do encontro com Pieter no Algarve. No entanto, aquela nova menção ao pai deixou-o incomodado; talvez devesse vasculhar os arquivos do sótão, onde ainda restava algum material dele por classificar. A confusão lá era imensa, mas tinha de ter a certeza de que não passava por cima de nada.

– A Filomena falou-me que quando se encontrou com ela tinha uma lista de nomes que talvez tivessem alguma relação com o *Angoche* – disse António. – São militares?

– Apenas cumpriram o serviço militar obrigatório – clarificou Filipe. Tirou uma pequena folha de papel do bolso e passou-a ao moçambicano. Cingira-se aos cinco passageiros não registados do cargueiro, a que adicionara mais um nome. – Mário Barbosa foi suspeito de matar um homem aqui em Maputo, meses antes da história do *Angoche*. O nome dele é o último da lista.

António pôs os óculos e leu os nomes escrevinhados no papel. Não pareceu reconhecer nenhum e guardou a folha assim que a empregada

levantou os pratinhos e pousou o caril de caranguejo na mesa num tacho de barro: estava envolto num molho alaranjado, polvilhado de coentros picados, e o odor era inebriante.

– Vou ver o que consigo saber – prometeu António, servindo-se do caril.
– Fico contente que esteja a trabalhar num documentário sobre os familiares da tripulação. Sempre tive muita pena deles. Além de terem perdido os seus entes queridos, passaram a viver com a suspeição de que eles haviam sido cúmplices da sabotagem. Nunca chegaram a saber o que se passou!

– Pelo que li, eles nunca acreditaram nos relatórios da DGS – salientou Filipe. – Após o 25 de Abril, pressionaram todas as instâncias para se prosseguir com as investigações, desde o Presidente da República até ao Primeiro-Ministro.

– Sim, eu sei. Quando era jovem, também investiguei o *Angoche* e falei com muita gente, desde os antigos estivadores de Nacala até membros do PCP e da Frelimo. Sempre foi um caso que me fascinou, até porque era um assunto de que ninguém gostava de falar e com pistas que nunca foram investigadas.

– Pistas não investigadas? – interrogou Filipe, curioso.

– Sim, que indicam que isto foi um acto de pirataria, muito antes de os somalis atormentarem a navegação no Índico – declarou António, sem responder directamente à questão. – O navio foi abalroado durante a noite e sem complicitade dos tripulantes, incluindo o comandante, coitado...

António contou que, na altura, existiram rumores de que o comandante do *Angoche* recebera dinheiro para mudar a rota e ir ao encontro de um navio chinês, que capturara a tripulação e a aprisionara em Dar-es-Salaam. Nada poderia ser mais falso, garantiu, ao mesmo tempo que pedia mais duas cervejas.

– Os tripulantes tiveram de ser levados para algum sítio – assentiu Filipe, tentando perceber o argumento do moçambicano. – Pelo que percebi, apenas três coletes salva-vidas foram deixados a bordo.

– E nenhum corpo foi encontrado, nem no mar, nem na Tanzânia – notou António. – O mais certo é terem sido levados para terra, abatidos, e os corpos queimados para apagarem os vestígios.

O moçambicano continuou a argumentar, mostrando-se descrente com a possibilidade de ter sido um golpe da Frelimo ou do braço armado do PCP. Aparentemente, nenhum alto dirigente de então tivera conhecimento de uma operação contra o *Angoche*, e todas as acções do PCP da época eram agora bastante conhecidas, sem que qualquer delas tivesse relação com o cargueiro.

– Percebo o que diz – concordou Filipe. – Passados tantos anos, seria natural alguém vir a público contar o que se passou.

– Até se podia argumentar que não o queriam fazer, pois o golpe poderia ser visto como um autêntico fracasso. Afinal, as armas ficaram intactas no navio e morreram civis inocentes – afirmou António. – Mas eu acho que é impossível guardar segredo de um golpe desta dimensão por muito tempo, a não ser que só fosse conhecido por um número muito restrito de pessoas. E

mesmo assim...

– A PIDE e o Comando Militar de Nampula suspeitavam de que tivesse sido uma acção de apenas dois ou três militares da Base de Nacala – lembrou Filipe. – Militares revoltados com a Guerra Colonial, que decidiram armadilhar o *Angoche* ao ver as armas a serem embarcadas.

– A PIDE sempre foi muito eficiente em Moçambique, mas neste caso foi de uma incompetência gritante. Eu quase diria que fez de propósito.

António reiterou que o *Angoche* fora abalroado no mar por um barco pirata, embora não descartasse a possibilidade de outros piratas terem entrado a bordo em Nacala. O ponto central que salientava era que não fora encontrado qualquer vestígio de corpos a bordo, nem sequer na casa das máquinas, quando tinha de haver um maquinista de serviço sempre que o navio estava em marcha.

– Ou seja: não podia estar ninguém na casa das máquinas no momento das explosões – depreendeu Filipe. O pescueiro sul-africano não lhe saía da cabeça. – Isso significa que o navio tinha de estar parado nessa altura.

– Exacto! As explosões só devem ter ocorrido quando já ninguém estava a bordo, após parte da carga ter sido roubada.

– Carga roubada? – inquiriu Filipe, parando de comer. – Pelo que li, o armamento e a restante carga permaneceram nos porões.

– Talvez nem toda a carga estivesse registada, o que aliás ainda é uma prática comum na marinha mercante nos dias de hoje – alvitrou António. – A verdade é que ninguém consegue vislumbrar um motivo para o que aconteceu ao *Angoche*. Só pode ter sido a carga! E eu acho que houve um transbordo em alto-mar de alguma carga secreta.

Filipe ficou-se apreensivo. O que António dizia fazia sentido, tendo em conta as informações que possuía. Claro que ele não estaria ao corrente dos cinco passageiros clandestinos, da sua missão temerária para abalar o regime, nem do pescueiro sul-africano que alegadamente perseguira o *Angoche*.

– Mas o que é que o leva a pensar assim? – insistiu Filipe.

– É muito simples. São vários os registos que indicam que o *Angoche* foi encontrado com os paus de carga levantados, quando eles saíram de Nacala na posição horizontal, como é costume – revelou António. – Ora, os paus de carga só poderiam ter sido accionados com energia eléctrica. É impossível movê-los manualmente.

– E o navio ficou sem energia com as explosões e o incêndio a bordo – inferiu Filipe. Tinha de confirmar a informação dos paus de carga levantados. Não lera isso em nenhum lado. António parecia ter razão: eram os paus de carga que içavam a carga dos porões, após a abertura das escotilhas do convés. – O que está a dizer é que os paus de carga tiveram de ser levantados antes das explosões.

– Nem mais! Ou todos os registos estão errados, ou então isso é um forte indício de que existiu um transbordo de carga em alto-mar. Deve ter sido uma

manobra arriscada e que exigiu bastante tempo.

– Tempo teriam, um ou dois dias – disse Filipe, sentindo um calafrio. Imaginou o pai de Pieter e o amigo a controlarem o leme, a abrirem o convés e a fazerem o transbordo da carga para o pesqueiro. – Mas, se tiveram tempo de retirar todos os homens a bordo, também teriam para voltar a fechar o porão e baixar os paus de carga...

– Deve ter acontecido algum imprevisto que obrigou os piratas a terminarem subitamente o assalto. Eu acho que o plano inicial seria afundar o navio...

– Isso limparia todas as provas de vez – concordou Filipe. – Imagino que bastaria colocar os explosivos perto do casco, abaixo da linha de água.

– Pois, mas devem ter feito explodir o navio à pressa e zarparam dali para fora – afirmou António. – De todo o modo, a PIDE atribuiu a posição dos paus de carga às explosões e não acreditou na hipótese de abalroamento do navio.

A empregada recolheu os pratos e, no instante seguinte, trouxe dois pratinhos com uma sobremesa, sem que nenhum deles tivesse pedido.

– É uma bebinca, com sete camadas – explicou António. – Trata-se de uma sobremesa tradicional da Índia Portuguesa, com leite de coco e especiarias.

A conversa já ia longa e estavam quase sozinhos no restaurante. Apenas uma das outras mesas tinha ainda gente. Filipe acabou a cerveja, fitou António e lembrou-se de que ele tinha escrito algumas obras sobre as cidades moçambicanas nos primórdios do século xx. Num impulso, decidiu arriscar.

– Já agora, queria pedir-lhe mais uma coisa, se não for incómodo. – Os últimos clientes do restaurante levantavam-se, e eles iriam ficar sozinhos em breve. – Está relacionado com uma outra investigação que estou a fazer, e gostaria de obter informações sobre uma pessoa.

António pousou o garfo e encarou-o com curiosidade.

– Claro, diga.

– É uma pessoa que viveu há muito tempo – gracejou Filipe. – Trata-se de um militar português que pertenceu ao esquadrão de Mousinho de Albuquerque, mas que depois lutou ao lado dos *boers* na África do Sul.

– Dos *boers*? – gaguejou António, incrédulo.

– Sim, chamava-se Miguel Ferreira. Nasceu na Ilha de Moçambique, quando ainda era capital da província.

Lize contornou a piscina e caminhou até ao bar da praia. Acabara de trocar de roupa e vestira um biquíni com um pareo turquesa amarrado à cintura. Estava a precisar de descomprimir, depois de um longo dia de trabalho no centro da cidade. Felizmente, tudo correria pelo melhor:

conseguira alterar os procedimentos de pagamentos das filiais com a África do Sul e até fizera um pequeno teste com o departamento de compras.

O bar estendia-se ao longo do hotel, com as mesas dispostas na areia, por baixo dos coqueiros. A praia Labadi era deslumbrante, extensa, e encontrava-se quase deserta. Dali, Lize conseguia avistar a rebentação das ondas e um grupo de jovens a jogar futebol. O ambiente no bar não podia ser mais descontraído. Não lhe pareceu vislumbrar qualquer sul-africano, nem ninguém conhecido, pelo que podia estar à vontade. Pediu uma água de coco, inspirou a brisa cálida do mar e tentou relaxar.

O Gana era um mercado pequeno para o Grupo Eland, mas acabava por ser importante, pois dali o grupo operava vários negócios nos países da África Ocidental, incluindo os de língua oficial francesa, como a Costa do Marfim e o Senegal. Era mais uma região onde ela podia trabalhar à vontade, com o aval de Pieter e sem o olhar acutilante de Joan Walkers. Estava contente por ter conseguido cumprir a segunda etapa do seu projecto e sentia-se confiante para avançar com a investida principal. Aquele seria o passo crucial para o que ambicionava.

Pousou a água de coco e reparou no homem que se sentava numa das mesas ao lado. Tinha cabelo escuro, pele bronzeada, e deduziu que fosse italiano. Ficou intrigada por vê-lo com um livro na mão e esforçou-se por ler o título do livro, mas era difícil àquela distância.

Suspirou e tentou afastar a imagem de Sean. O marido continuava a recusar-lhe o divórcio, com juras de que nunca mais a trairia, tentando convencê-la a dar-lhe uma nova oportunidade. Sean lidava mal com o seu distanciamento e a rejeição e, por mais de uma vez, tinha tido ataques de ciúmes, vendo amantes e namorados em todo o lado. Lize tinha as suas razões para não querer um divórcio litigioso, mas a verdade é que a situação se arrastava havia demasiado tempo. Nem acreditava que ia fazer dois anos que se separara.

Lize evitava envolver-se com alguém e dedicara-se ao trabalho com afinco. Subira no Grupo Eland a pulso e podia estar à beira de ser recompensada por todos os seus esforços, mas, de quando em quando, sentia uma falta imensa de companhia masculina. Apenas tivera quatro ou cinco encontros fugazes nos últimos dois anos, sempre em hotéis durante viagens de trabalho, e nada que tivesse durado mais de uma noite; já nem se lembrava do nome e da cara dos homens com quem tinha estado.

Observou de novo aquele homem e ficou curiosa. Ele deveria ser uns anos mais novo do que ela e, por certo, também estaria em Acra em trabalho, apesar de trajar calções de banho e uma camisa colorida. Por fim, conseguiu distinguir o livro que ele lia: era um romance de Wilbur Smith, um escritor que ela bem conhecia. Acabou por trocar alguns olhares com ele e sorriu-lhe embaraçada.

De repente, um relâmpago rasgou o céu e começou a chover. Num ápice, uma torrente de água abateu-se sobre a praia e o bar esvaziou-se, com toda a

gente a fugir para o hotel. Lize demorou a afastar-se; adorava sentir a chuva na pele. Terminou a água de coco, fitando os jovens que continuavam a jogar futebol no areal, e depois caminhou até ao bar da piscina, aonde a maioria das pessoas se refugiara.

Notou que o homem moreno a observava debaixo do telheiro.

– África prega-nos destas partidas – comentou ele, divertido. – Ninguém deu conta de que aquelas nuvens se aproximavam...

Lize anuiu, reparando como ele olhava de soslaio para o seu peito. Sabia que tinha o biquíni colado ao corpo e sentia os mamilos salientes por causa da chuva e da humidade.

– Nem mesmo um fã de Wilbur Smith – respondeu ela.

– É verdade, até eu fui apanhado de surpresa – proferiu ele, levantando o livro no ar. – Chamo-me Alex, muito prazer.

– Lize. Também sou fã de Wilbur Smith. Cheguei a conhecê-lo pessoalmente num evento na África do Sul, alguns anos antes de morrer.

Lize descreveu-lhe o jantar de beneficência que decorrera num dos *wine estates* de Cape Town, onde ela chegara a cumprimentar o escritor e a mulher, e notou como Alex ficara impressionado. Chovia sem parar e o bar da piscina estava apinhado, com muita gente a dançar ao som de *Highlife*, uma espécie de jazz tradicional do Gana.

– Posso oferecer-lhe uma bebida? – perguntou Alex, indicando-lhe o seu copo vazio. – O hotel tem uma boa garrafeira.

Lize acedeu e sentaram-se numa das mesas de canto, protegidos da chuva. Ela observou-o com atenção: Alex era um homem bonito, com ombros largos e uns olhos castanhos sedutores. Tinha quase a certeza de que era italiano, mas o nariz aquilino deixava a entender que também poderia ser grego. Estava tão curiosa que não resistiu a perguntar, mal os copos de vinho chegaram:

– Imagino que trabalha para a Eni, a petrolífera italiana?

– Não, sou engenheiro civil, especializado em pontes. Sou português.

– Português? – Por instantes, ficou tensa ao pensar em Filipe e no *Angoche*, mas relaxou ao beber mais um trago de vinho gelado. Estava em Acra, demasiado longe para ter problemas. – Estive recentemente em Lisboa e conheci um sítio fabuloso: o Miradouro da Graça.

Alex relatou-lhe que crescera em Lisboa, e enumerou os vários miradouros espalhados pelas colinas. Na realidade, chamava-se Alexandre; trabalhava em África havia sete anos, visitara as regiões mais longínquas e parecia conhecer o continente melhor do que ela.

– África precisa muito de pontes e estradas – assentiu Lize. Estava fascinada com os olhos dele e perguntava-se que género de homem seria ele na cama. – E de engenheiros fãs de Wilbur Smith, claro...

– Pela pronúncia, presumo que seja sul-africana.

– Quase acertou. Nasci na Namíbia.

Os dois riram-se. Lize estava habituada à reacção de surpresa que

provocava. Notou o interesse crescente de Alexandre no olhar e encaminhou a conversa para onde queria. Respondeu às perguntas dele, insinuando-se uma vez ou outra, sem nunca lhe referir o que fazia profissionalmente e a razão por que estava em Acra.

– Lize, confesso que a acho uma mulher muito atraente. Nunca vi uns olhos azuis tão brilhantes...

– Eu também o acho muito atraente.

– E se fôssemos para um sítio mais tranquilo?

Lize bebeu o resto do vinho e pousou o copo na mesa de madeira.

– Adoraria, Alexandre – confessou. Sentia a pulsação acelerada, o peito inchado, e apetecia-lhe beijar aqueles lábios carnudos. – O que sugere?

– A minha suíte. Fica no último andar e tem uma vista esplêndida para o mar...

O barulho das hélices era ensurdecador e a trepidação incessante. Nunca gostara de andar de helicóptero, mas daquela vez sentia-se ansioso por chegar ao destino: estava a ficar velho. Era o único passageiro a bordo e seguia sentado na penumbra da parte traseira, enquanto o piloto no *cockpit* estava demasiado tenso para lhe dirigir a palavra pelo intercomunicador. Voavam a uma velocidade estonteante e aquela missão era de alto risco.

Tinham levantado voo, uma hora antes, do South Luangwa National Park, na Zâmbia, onde a empresa operava havia meses para proteger as manadas de elefantes dos ataques de caçadores furtivos. Aquela era a base perfeita para a missão que ele recebera dias antes, pois dali podia entrar em Moçambique sem ser detectado e proceder à extracção do alvo, com discrição e o mínimo de risco.

Aliviou o cinto de segurança e voltou a olhar lá para fora. Começava a clarear e já se via uma risca alaranjada no horizonte, embora continuasse sem avistar qualquer ponto de luz no solo. A rota fora bem delineada, longe de qualquer aldeia ou centro urbano, ou de Cahora Bassa, e voavam sempre a baixa altitude, a rasar os embondeiros.

Horas antes, soubera que Pieter Joubert contratara um novo investigador do *Angoche* e que ele já estava em África. Por certo, já estivera com Lize, ou estaria dentro em breve. Tentou afastar aquele pensamento e concentrar-se na missão que tinha pela frente. Memorizara a cara do alvo e recordou as últimas palavras do *boss*: o cliente era uma organização internacional de topo e negaria qualquer envolvimento com o que estava prestes a acontecer. Podia ser a União Africana, o Tribunal Internacional de Haia, ou mesmo a CIA ou a Interpol. Como sempre, ele não queria saber, embora daquela vez o alvo o deixasse pensativo.

Tratava-se de um empresário chinês, próximo das autoridades

moçambicanas, mas com um mandado de detenção em dezasseis países. Aquele homem havia estado em Tete três vezes no último ano, e os *drones* da empresa tinham captado todas as suas movimentações na última estada: ele deslocara-se diariamente da cidade de cimento até às minas de Moatize, sempre com algum aparato de segurança, que estranhamente cessava ao fim da tarde. O empresário gostava de manter a sua privacidade e parecia ter uma predilecção por um bar-restaurante na margem do Zambeze, onde por vezes ia beber umas cervejas ao pôr-do-sol, antes de se dirigir a um dos prostíbulos do centro.

De repente, sentiu-se tonto, com o estômago apertado, e agarrou-se ao cinto de segurança: o helicóptero tremia com as rajadas de vento, num voo desvairado. Por fim, descortinou o brilho de um curso de água – devia ser o Zambeze. Isso era sinal de que já estariam longe da barragem e prestes a chegar ao destino.

– Zebra, cinco minutos para a largada.

Tirou o intercomunicador e aprontou a mochila. Estava mais leve do que o normal: tinha rações de combate para dois dias, um par de algemas, um telefone-satélite e mais alguns dispositivos electrónicos, mas nada que o pudesse identificar.

Já tivera algumas missões em Moçambique, mas aquela seria a primeira numa zona urbana, e ainda por cima sem uma arma de fogo. Não sabia se o alvo estaria envolvido no tráfico de marfim, cornos de rinoceronte, ou algo mais hediondo, como órgãos humanos, mas as instruções eram claras: tinha de o capturar vivo, adormecê-lo e levá-lo para o helicóptero, de regresso à Zâmbia. Dali, suspeitava que ele voaria para longe e acordaria numa prisão escura em Haia, Adis Abeba ou Guantánamo.

Instantes depois, o helicóptero guinou para a esquerda, perdeu altitude e pousou perto da margem do Zambeze. Num impulso, levantou-se, abriu a porta deslizante e saltou para o exterior. Mal se afastou do vendaval das hélices, viu a aeronave levantar e, num sopro, tudo se silenciou à sua volta.

O céu já estava avermelhado. Agachou-se e perscrutou o mato. Não detectou qualquer movimento ou odor animal. Ainda estava longe da aldeia mais próxima e a maioria das feras daquela zona tinha sido dizimada havia décadas, embora fosse sempre preciso manter-se alerta: a África do Sul transferira muitos búfalos para uma reserva a sul de Tete e alguns poderiam ter chegado até ali.

Caminhou horas pela picada ao longo do rio, de mochila às costas, em direcção à cidade. Passou por palhotas e *machambas*^[13] e cruzou-se com algumas pessoas, sem que ninguém o interpelasse: o seu uniforme esverdeado da maior empresa mineira de Moatize era insuspeito. Contudo, o calor apertava e foi com alívio que encontrou a carrinha no local combinado: um agente da empresa estacionara uma *Nissan* amolgada nas traseiras de um barracão perto das ruínas de uma capela. Felizmente, o agente fora eficiente: as chaves encontravam-se no porta-luvas e o depósito de combustível estava

quase cheio.

A partir dali, estaria a correr riscos. O maior deles era ser parado pela polícia de trânsito, ainda que ela estivesse normalmente confinada ao controlo da ponte sobre o Zambeze. Ligou o telefone-satélite e leu a mensagem recebida: o alvo deslocara-se, como habitualmente, para as minas de carvão de Moatize, mas aquela seria a última noite em Tete – ele tinha voo marcado na manhã seguinte para Maputo, de onde voaria para o Qatar e depois para Xangai.

Aos poucos, aproximou-se dos limites da cidade de cimento. A poeira era muita, o bulício de carros e pessoas cada vez maior, mas conseguiu chegar perto do bar-restaurante sem problema. Deveria estar a menos de um quilómetro da cidade, mas tinha três locais onde poderia capturar o empresário: no terreno baldio do parque de estacionamento, no entroncamento adiante, ou na curva antes da estrada asfaltada para a ponte.

Ao final da tarde, recebeu uma nova mensagem: o alvo dirigia-se para ali. Não demorou para o empresário aparecer diante de si: estacionou a uma dezena de metros e, conforme previsto, estava sozinho e dirigiu-se para o bar. Era um indivíduo magro, de quarenta e tal anos, com cabelo escuro e roupas modestas, que não chamava a atenção. Por momentos, ele duvidou de que as informações que o apontavam como criminoso internacional estivessem correctas.

Viu o Sol a pôr-se na outra margem do Zambeze, ao som da música, e teve de esperar três longas horas para voltar a ver o alvo: saía cambaleante do bar, acompanhado por um moçambicano bem vestido. Os dois despediram-se entusiasticamente e afastaram-se em direcções opostas: o moçambicano foi rápido a entrar no carro e a sair do parque, enquanto o empresário caminhava a passo lento, visivelmente embriagado.

Não esperou mais. Enfiou o capuz na cabeça, sacou da pistola com os tranquilizantes e saltou da carrinha. Podia disparar dali, mas estava escuro, não havia ninguém por perto e queria assegurar-se de que os tiros eram certos. O empresário ia abrir a porta da viatura quando se apercebeu de que ele estava próximo, mas nem teve tempo de se virar. Ele arremessou-o contra o carro e disparou o primeiro tranquilizante no braço. Imobilizou-o com o corpo, impedindo-o de se virar, e tapou-lhe a boca com a mão esquerda.

– Larga-me – ouviu o homem grunhir em português, no meio de urros e palavrões. Não vacilou e disparou mais um tranquilizante na barriga dele. Sentiu o alvo a fraquejar e a perder os sentidos, com os lábios ainda a mexer: – Quem é que te mandou?

Aparou-lhe a queda e arrastou-o até à carrinha. A música do bar continuava a tocar, mas não se avistava viva- alma. Colocou o empresário no banco traseiro, algemou-o e saltou para o lugar do condutor. Tirou o leitor de impressões digitais da mochila, encostou-o ao indicador do homem e confirmou: era mesmo ele! Ligou a ignição, olhou para um lado e para o outro e acelerou.

Aventurou-se o mais que pôde pela picada ao longo do rio, até que parou e desligou a ignição. Já estava bastante afastado e a escuridão era total. Confirmou que o alvo continuava inconsciente e abriu a mochila para retirar a ração de combate. Tinha de beber água e comer alguma coisa, apesar de a adrenalina lhe tirar a sede e a fome. Ainda tinha umas horas pela frente.

Já se notava alguma claridade quando sentiu a terra a tremer. Assim que ouviu o ecoar longínquo das explosões, percebeu do que se tratava: estavam a dinamitar os terrenos das minas de carvão para alargar a área de extracção. Pegou no telefone-satélite e fez a chamada.

– Daqui Zebra, estamos perto do bebedouro.

– A impala está ferida?

– Negativo.

– Duas horas. A primeira rodada é por minha conta.

Mais tarde, parou a carrinha numa ribanceira, perto das coordenadas previstas. O Zambeze estava ali em baixo. Saiu da *Nissan* e sentiu o fedor a fezes de hienas: deveriam andar por perto, à caça de gado nas redondezas. Tentou medir a profundidade do rio, mas ficou apreensivo: dois crocodilos nadavam em silêncio, aproximando-se da outra margem, onde um grupo de mulheres lavava roupa. Num impulso, esbracejou, tentando avisá-las, mas logo se controlou: não podia arriscar num momento-chave da missão.

Acabou por regressar à carrinha e afastar-se da curva do rio, assegurando-se de que não havia ninguém perto. Ali, confirmou que o rio continuava profundo e retirou o corpo inerte, após lhe dar mais um tranquilizante. O helicóptero estava prestes a chegar. Num ápice, empurrou a *Nissan* para a ribanceira e lançou-a no vazio. A carrinha resvalou aos solavancos até lá abaixo, fez um chapão na água do rio e começou a submergir.

O sol já ia alto quando vislumbrou o ponto negro a aproximar-se por cima dos embondeiros. Ajeitou a mochila e pegou no alvo com destreza, sem deixar de sorrir: felizmente, aquele homem era franzino e ele estava prestes a terminar a missão. Dentro de algumas horas estaria a beber umas cervejas em Lusaka, a tempo de ver o jogo dos Springboks contra as Ilhas Fiji. Com sorte, ainda apanharia Lize em visita à cidade...

[13] Termo moçambicano para hortas ou quintas, derivado do *swahili*.

Capítulo IX

Pretória, 7 de Outubro, 15h30

Aos meus compatriotas, eu digo sem qualquer hesitação que cada um de nós está tão intimamente ligado ao solo deste belo país como os famosos jacarandás de Pretória e as mimosas da savana – uma nação arco-íris em paz consigo mesma e com o mundo.

Nelson Mandela, discurso de tomada de posse como Presidente da África do Sul

Filipe não conseguia tirar os olhos da janela: afinal, Lisboa tinha poucos jacarandás. Ali, parecia que o táxi avançava pelo meio de uma floresta imensa, com avenidas e ruas inteiras cobertas por flores lilases. Tinham-lhe dito que era sempre assim na Primavera. O ar estava quente, agradável, e custava-lhe acreditar no que vira na *App* da meteorologia: esperava-se uma violenta tempestade pelas cinco e meia da tarde.

Voltou a perscrutar o céu azul à procura de nuvens, e olhou para o relógio: pelos vistos, tinha duas horas antes de a tempestade chegar. O táxi parou num semáforo e, de rompante, Filipe saltou do banco, assustado: dois homens batiam-lhe à janela, gritando por dinheiro e comida, com um ar ameaçador. Filipe engoliu em seco e ficou aterrado quando percebeu que um deles tentava abrir a porta e o outro estava com um pedregulho na mão. O homem preparava-se para atirá-lo contra a janela quando o taxista arrancou com velocidade, sem esperar pelo sinal verde, e avançou ileso por entre os carros que cruzavam a rua à frente.

– Não ligue, *Meneer*. Eles não são tão perigosos como parecem – comentou o taxista, olhando-o pelo retrovisor. Chamava-se Blessing, era natural do Zimbabwe e agia como se nada tivesse acontecido. – Há pouco perguntou-me pela estátua de Paul Kruger. Veja, está ali ao fundo, na Church Square.

Filipe não conseguia ver nada, tinha a cabeça a girar. Nunca passara por algo parecido, nem no Brasil, e estava abismado com a frieza do taxista – aquilo devia ser frequente! Aos poucos, tentou recompor-se e acabou por observar a estátua de bronze a que o taxista se referia: era imponente, com o

antigo Presidente da República de pé, com chapéu alto e bengala, mas estava cercada por uma enorme vedação que impedia actos de vandalismo. Os edifícios à volta da praça eram grandiosos e antigos, embora estivessem pouco cuidados. O taxista explicou-lhe que um deles era o Palácio da Justiça, onde decorreria o julgamento de Nelson Mandela, e que o outro era o *Raadsaal*, o antigo Parlamento da África do Sul, que se transformara na Câmara Municipal. O ambiente da praça era deprimente, com muitas pessoas a dormirem na relva, e outras tantas sentadas nos bancos, visivelmente alcoolizadas. Pretória parecia-lhe uma cidade decadente, apesar da exuberância dos jacarandás.

Filipe aterrara no aeroporto de Joanesburgo a meio da manhã, após um voo curto de Maputo. Estava pela primeira vez na África do Sul, e notava-se que o país pouco tinha a ver com a Tanzânia ou Moçambique. Apanhara o *Gautrain*, o comboio-expresso que ligava o aeroporto ao centro financeiro de Joanesburgo, um subúrbio luxuoso a norte da cidade onde lhe tinham reservado hotel. Deixara lá a mala e apanhara um táxi para Pretória, uma viagem de quarenta minutos ao longo de uma auto-estrada, que o fez recordar os Estados Unidos.

Ainda tinha a respiração ofegante e estava desconfortável com a tensão nas ruas, mas tentou concentrar-se e voltou a pensar no que António Menezes lhe dissera duas noites antes sobre os paus de carga do *Angoche*. Não encontrara qualquer referência à sua posição nos relatórios que lera, mas pelas fotografias do cargueiro incendiado era notório que estavam levantados. Por alguma razão estranha, nenhum investigador da PIDE dera importância ao facto, ou então assumira que o petroleiro os tinha conseguido levantar por forma a inspecionar os porões.

O Porão 2 fora encontrado entreaberto, com muitos caixotes arrombados, parcialmente atingido pelo incêndio, o que era um indício de que fora aberto antes das explosões. Pelo contrário, o Porão 1, onde seguia o armamento, permanecera fechado e escapara às chamas. Filipe concordava com António: era bem possível que tivesse ocorrido o transbordo de parte da carga em alto-mar e, como essa carga não estava referenciada nos registos do armador, os investigadores não tinham dado pela sua falta.

Apercebeu-se do *iPhone* a vibrar e agarrou-o, expectante. Infelizmente, não era Rita, nem a Inspectora Mendonça da Polícia Judiciária, nem a chamada por que esperava; tratava-se apenas de uma mensagem de publicidade de um operador de telecomunicações da África do Sul. Suspirou, contrafeito. Ainda em Maputo, telefonara para uma sociedade de advogados do Porto, a pedir para falar com um dos sócios acerca da Livraria Minerva em Maputo, e tinham ficado de o contactar. O advogado havia nascido em Moçambique e Filipe tinha a certeza de que ele iria morder o isco e devolver-lhe a chamada mais tarde ou mais cedo!

Subitamente, o táxi travou a fundo e Filipe ficou arrepiado. Três homens vestidos de uniforme azul-escuro e coletes antibalas cortavam o trânsito, cada

um com uma espingarda em riste. Não pareciam polícias, nem militares.

– É um assalto ou são da polícia? – inquiriu Filipe, assustado.

– São seguranças, *Meneer*. Não se preocupe, estão só a carregar as *ATM* com dinheiro – explicou o taxista, apontando para a esquina adiante. – Normalmente, essas operações ocorrem às seis ou sete da manhã, mas por alguma razão devem ter sido obrigados a fazer isto agora...

Filipe ficou a olhar para a carrinha blindada estacionada em frente às caixas multibanco. O aparato era intimidante: dez homens armados protegiam o perímetro, monitorizando todos os movimentos à volta. Parecia que iriam disparar ao mínimo sinal suspeito.

A operação foi célere e, pouco depois, os seguranças começaram a recuar e entraram na carrinha. O veículo blindado arrancou de seguida, o trânsito começou a fluir em ambos os sentidos e o táxi retomou a marcha. Filipe respirou fundo, contente por estarem de novo em andamento. Aquela era uma realidade a que dificilmente se habituaria.

Aos poucos, foi ficando mais calmo, notando que subiam por uma colina verdejante, com os passeios e edifícios mais arranjados e com um aspecto distinto. Olhou para o *iPhone* e confirmou a morada – Brooklyn. Tinha o mesmo nome de um conhecido bairro de Nova Iorque e, pelo que lera, tratava-se de uma das melhores zonas de Pretória.

– Aquela é a morada que me indicou, *Meneer* – apontou o taxista. Diminuía a velocidade e parecia hesitante. – Ali ao fundo, onde estão os guardas.

Estavam numa rua sem saída e, ao fundo, Filipe avistou dois carros-patrolha e cinco seguranças armados com metralhadoras e vestidos com coletes antibalas e capacete. Atrás deles, vislumbrou um portão e um muro alto, com arame farpado no topo. Deu indicação para continuar e, logo depois, o taxista parou junto dos guardas.

– Venho visitar o *Meneer* Santos – informou Filipe, tentando ignorar o cano das armas a poucos centímetros. Pretória era uma autêntica zona de guerra, com toda a gente armada. – Ele está à minha espera.

– Posso ver a sua identificação? – pediu um dos guardas, num tom simpático. De perto, parecia um soldado, e apenas retirou o dedo do gatilho quando o viu de braço esticado fora da janela, com o cartão.

O guarda recebeu-o, confirmou a licença do taxista e foi até à guarida ao lado do portão. Ia telefonar para confirmar. Filipe descortinou várias câmaras de vigilância e um *drone* a voar acima das árvores. Aquele ambiente militar era asfixiante, mas a chamada foi rápida e o guarda vinha com uma expressão amigável. Assim que ele chegou perto da janela do carro, devolveu-lhe o cartão.

– Pode seguir – informou, ao mesmo tempo que o portão se abria automaticamente. Deu instruções ao taxista numa língua que Filipe não entendeu e depois repetiu-lhe, em inglês: – É o número 34, ao fundo à direita.

O táxi avançou pela alameda central do condomínio e Filipe ficou

estupefacto. Tinha chegado a um outro mundo. Deixara o perigo e as armas para trás e atravessava agora um imenso jardim florido, com moradias à volta. Por pouco não atropelaram um bando de galinhas-do-mato que cruzava a estrada em fila. Passaram por um casal a passear um cão e, ao fundo, um grupo de rapazes jogava *cricket*. O taxista virou à direita, percorrendo as moradias, até chegarem ao número 34. Aquela fora a residência de Tony durante largos anos e agora estava lá o seu filho Rob.

Filipe olhou em volta e saiu do carro. Parecia ter chegado a um daqueles subúrbios que conhecera nos Estados Unidos. A diferença é que aquele local era murado, com forte vigilância e muito perto de uma zona perigosa. Tal como combinado, o taxista ficou à espera dele e, logo depois, Filipe tocou à porta. Sabia que Rob tinha sido avisado pela segurança de que ele estava a chegar.

– Bem-vindo, eu sou a Rachel – apresentou-se uma mulher negra, de corpo esguio e cabelo curto. Deveria ter trinta e poucos anos, vestia uma túnica azulada e estava descalça. – O Rob está a terminar uma chamada urgente e pediu-me para o receber. Penso que não demora muito.

Filipe foi encaminhado para uma sala ampla, aberta para o jardim, sem ficar indiferente ao passo elegante da anfitriã. Imaginou que fosse a mulher ou namorada do filho de Tony e viu-a gesticular, divertida, às duas crianças que nadavam na piscina. Tinham oito ou nove anos e brincavam entusiasmadas.

– Chegaram a Pretória há muito tempo? – perguntou, observando o jardim cheio de buganvílias e limoeiros. Não imaginava que a casa de um antigo militar de elite pudesse ser assim.

– Há duas semanas. Estávamos no Malawi quando recebemos a notícia – contou Rachel. – O Rob queria voar para Zanzibar, mas disseram-lhe que não valia a pena. A polícia ainda nem sequer libertou o corpo.

Filipe assentiu, lembrando-se do agente que o interrogara no hotel. Era melhor não entrar em pormenores e, por isso, acabou por ser regrado na resposta.

– São sempre processos complicados, ainda para mais com estrangeiros.

– Posso servir-lhe uma bebida? – perguntou Rachel, num tom mais afável. – Estava a preparar um batido de manga para os meus filhos.

Filipe aceitou de bom grado; ainda estava abalado com a viagem de táxi. Sentou-se num dos sofás da sala e observou as brincadeiras das crianças. Não demorou muito para que Rob surgisse, de calções, *T-shirt* e igualmente descalço.

– Peço desculpa por tê-lo feito esperar, mas ocorreu uma situação grave num dos nossos *lodges* do Lake Malawi. Felizmente, tudo se está a normalizar.

Rob falava bem português, mas refugiava-se no inglês sempre que não se lembrava da palavra correcta. Filipe soube que ele tinha uma relação distante com o pai, vendo-o apenas uma vez por ano, quando vinha a Pretória no Natal. Habitualmente, vivia entre o Malawi e Moçambique, onde ele e a

mulher trabalhavam como gestores de *lodges* no meio da savana.

– Nunca fui ao Malawi, mas Moçambique conheço relativamente bem – adiantou Filipe, recebendo o batido de manga de Rachel, que logo saiu em direcção à piscina. – Os meus pais eram de lá e eu viajei com eles de norte a sul.

A conversa que tivera com Rob ao telefone dias antes tinha sido bastante amistosa. Assim que compreendera a sua ligação a Pieter, Rob acedera a que ele revistasse o escritório do pai. Filipe percebeu que Rob pretendia pôr a casa à venda e regressar ao Malawi logo que possível.

– Acho que é o primeiro português de Portugal que conheço – comentou Rob. – Trabalha então com o Pieter?

– Sim, mas não faço parte do Grupo Eland – explicou, pousando o copo vazio numa das mesinhas de apoio. – Tenho estado a assessorá-lo em vários projectos e, em princípio, vou passar a tratar de alguns que estavam a ser seguidos pelo seu pai.

– Claro, venha, o escritório é por aqui – disse Rob, levantando-se e apontando para o corredor. – O Pieter sempre foi um bom amigo e o meu pai tinha um grande apreço por ele.

O escritório era grande, com muita luz, graças às portas envidraçadas para o jardim. Um dos lados estava ocupado por uma estante cheia de livros até ao tecto e o outro decorado com uma secretária larga de madeira, com a parede coberta de fotografias e condecorações militares.

– Eles conheceram-se em Angola, não foi? – perguntou Filipe, examinando uma das fotografias, em que Tony, muito novo, estava em cima de um tanque de combate, numa picada de terra barrenta.

– *Ja*, o meu pai foi integrado no exército sul-africano, com muitos outros portugueses, mal chegou à África do Sul em 1974, vindo de Moçambique – relatou Rob, abrindo as portas para o jardim. Ao fundo, ouviam-se os gritos estridentes das crianças na piscina. – A sua primeira missão foi em Angola, no início da guerra civil, ainda antes da independência.

– Ainda nós não éramos nascidos – ressaltou Filipe, observando a secretária; estava muito arrumada, e ficou espantado por não ver nela um computador. Talvez Tony guardasse um portátil numa das gavetas, até porque não o teria levado para Zanzibar, senão Joan Walkers ter-lho-ia dito.

– O meu pai salvou a vida de Pieter. Conseguiu levá-lo ferido até uma praia, onde foi recolhido por um helicóptero – revelou Rob, apontando-lhe uma das condecorações na parede. – Imagino que nunca tenha ouvido falar do Batalhão 32, ou da Zulu Force, mas na África do Sul é muito conhecido.

Rob explicou que a Zulu Force era composta por muitos soldados portugueses de Moçambique e Angola, e que fora a principal força sul-africana a tentar conquistar Luanda antes da independência, com o apoio velado da CIA.

– Pois, o Pieter contou-me que ficou bastante ferido em Angola e acabou por ser desmobilizado. Ainda hoje coxeia.

– O meu pai continuou a lutar em Angola, e mais tarde participou em várias operações em Moçambique – acrescentou Rob. – Foi instrutor da Renamo, lançou inúmeros ataques ao longo da fronteira e, pelo que descobri mais tarde, comandou um golpe mortífero à delegação do ANC em Maputo. Tudo para forçar Moçambique a assinar um acordo de paz.

Filipe anuiu, meio perdido. Estava atordoado com tanta informação.

– E o que é aquilo? – acabou por perguntar. Era uma maquete, disposta em cima de uma mesa ao canto.

– Acabei de a trazer para aqui. Encontrei-a ontem na garagem e fez-me recordar a minha adolescência – confidenciou Rob. – Trata-se de Lourenço Marques, Maputo, onde os meus pais nasceram.

– Ah, sim, estou a reconhecer a baía – notou Filipe. Aproximou-se e examinou os edifícios na margem do estuário, localizando a fortaleza e a praça ao lado. O pormenor das avenidas e jardins era minucioso, embora a cidade fosse muito pequena. O local do Hotel Polana e da residencial onde jantara com António eram então mato. – É de que época?

– Do início do século xx. O meu pai sempre teve um fascínio por essa época da cidade. Vou tentar levar a maquete para o Malawi, sem a danificar, mas não vai ser fácil – salientou Rob, para logo ficar tenso com o som do seu telemóvel. Retirou-o do bolso e olhou para o ecrã. – Desculpe, tenho de atender.

Saiu para o corredor, mas Filipe percebeu que se tratava de novo do *lodge* do Malawi e que a situação era crítica – o *lobby* estava coberto de sangue, após um bando de hienas ter penetrado na propriedade e apanhado uma impala que perseguiam. Olhou em volta, ansioso, e não perdeu mais tempo, procurando um computador ou algum disco externo onde Tony pudesse ter armazenado informação. Abriu as gavetas da secretária e da estante, inspeccionou-as com minúcia, mas não descobriu nada que lhe despertasse a atenção. Apenas encontrou contas e recibos antigos, manuais de instruções de electrodomésticos, e inclusive licenças para armas que Tony deveria ter escondidas algures em casa. Até os livros na estante lhe pareceram irrelevantes, quase todos romances ou obras sobre a vida selvagem: a maior parte eram de parques naturais de África, como o Serengeti, o Okavango e o Etosha. Tony deveria ter sido um amante de safaris.

Rob estava na sala e falava alto, preocupado: aparentemente, vários hóspedes queriam cancelar a estadia, chocados com o sucedido. Filipe voltou a abrir as gavetas da secretária e a revirar os papéis com mais cuidado, para depois vistoriar as prateleiras da estante, por entre os livros. Infelizmente, não detectou nada sobre o *Angoche*, ou os passageiros sabotadores, ou o pai de Pieter. Parecia que estava no sítio errado. Acabou por se sentar na cadeira da secretária, desanimado, e observou, por instantes, a velha maquete de Lourenço Marques. Talvez Rob não fosse assim tão desligado dos assuntos do pai, e tivesse escondido informações importantes.

Sentiu-se frustrado, num beco sem saída, até que resolveu arriscar.

Talvez Tony tivesse escondido algo de relevante no quarto ou na garagem, onde pelos vistos estivera a maquete; se alguém o apanhasse, diria que estava à procura de uma casa de banho. Preparava-se para sair do escritório quando algo lhe prendeu a atenção no cimo da estante. Num impulso, agarrou numa das cadeiras, empoleirou-se e esticou a mão até ao topo do móvel – era um envelope grande! Tentou confirmar se existia ali mais alguma coisa, arrastando uma nuvem de pó, mas não encontrou mais nada e acabou por descer.

O envelope era velho e parecia almofadado. Abriu-o num ápice e viu que continha um molho de papéis preso por um elástico. Soltou-o e olhou para a primeira página: tratava-se de um mapa da linha férrea de Pretória para Lourenço Marques, datado de 1899, assinalando as montanhas e os rios à volta, bem como as estações ferroviárias até LM; algumas tinham um círculo à volta, por certo traçado por Tony.

A página seguinte deixou-o entusiasmado. Era a fotocópia de um telegrama da PIDE-DGS de Luanda, datado de Fevereiro de 1971, para Xavier Lobato, o agente da PIDE que se refugiara na África do Sul após o 25 de Abril e que continuara a investigar o *Angoche*: alertava para o extravio de armas em Angola, sendo o principal suspeito um agente da PIDE de Lourenço Marques, com o nome de código «Acácia». Filipe lembrava-se daquele nome: tinha-o visto num documento da Torre do Tombo, em que se mencionava a sua ligação a François de Villers, o amigo do pai de Pieter que ia com ele a bordo no pesqueiro.

OuvIU a algazarra na piscina e notou o som da trovoada ao longe – Rob continuava ao telefone. Limpou o suor da testa e olhou para o documento seguinte: era a fotografia a cores de um homem de trinta ou quarenta anos na praia. Não tinha qualquer nome, nem data, mas parecia-lhe ter sido tirada lá pelos anos oitenta, pelo aspecto do fato de banho e pelo bigode tão típico da época. Iria tentar descobrir quem era! Tinha esperança de que fosse um dos dois homens que procurava: Mário Barbosa ou Daniel Cabral.

Virou a página e ficou confuso. Era uma fotografia a preto e branco, muito antiga e pouco definida. Um grupo de homens estava sentado à volta de uma fogueira no mato, e alguns tinham uma chávina na mão. Estavam armados de espingarda, com um colete de balas ao peito, e dois deles tinham uma flor na lapela do casaco. Num canto, leu uma nota escrita a caneta azul «Janeiro de 1900: Miguel Ferreira, Fritz Duquesne e Louis Botha, em Spioenkop». Releu aquela frase várias vezes e deu por si a olhar para a forma de cada uma das palavras. Aquela letra parecia-lhe familiar...

Tinha de levar aqueles papéis consigo e analisá-los com calma. Voltou a pô-los dentro do envelope, pensando na razão por que aqueles documentos estariam juntos e num lugar tão alto. Tivera aquela mesma dúvida em Dar-es-Salaam quando analisara os papéis da mala de Tony e encontrara informações não só sobre o *Angoche*, mas também sobre Miguel Ferreira, como se se tratasse do mesmo assunto, havendo entre os dois um hiato temporal de mais

de setenta anos. Talvez existisse uma lógica que desconhecia. Mencionaria isso no próximo relatório a enviar a Pieter: talvez ele próprio visse naquilo algum sentido.

De repente, notou uma luz imensa lá fora, e ouviu um estrondo no céu. Olhou para o relógio; eram quase seis da tarde. A trovoada sempre chegara. Voltou a pôr a cadeira no lugar, guardou o envelope entalado nas calças, debaixo da camisa, e saiu para a sala. Rob acabara de terminar a chamada e estava encostado à parede do alpendre, pensativo, enquanto a mulher e as crianças esbracejavam na piscina, indiferentes aos relâmpagos que rasgavam o céu.

– Consegui resolver o problema no Malawi? – perguntou Filipe, aproximando-se, tentando ignorar o ribombar da chuva. Parecia um dilúvio.

– Ainda não, mas lá chegaremos – disse Rob, suspirando. – T.I.A.!

– T.I.A.?

– *This Is Africa.*

– Um *sundowner*, *Meneer*?

Filipe pousou o *iPad* e anuiu. Ia pedir uma cerveja, mas mudou de ideias ao passar os olhos pela lista de bebidas.

– Um copo de *Spioenkop*, por favor – disse. Aquele fora o vinho que bebera com Pieter no Algarve e, entretanto, descobrira que se tratava do nome do local onde se desenrolara uma grande batalha dos *boers* contra os britânicos. Significava a «colina dos espiões».

Estava de regresso a Sandton, o bairro financeiro de Joanesburgo, e daquela vez a viagem fora mais tranquila. Viajara de novo para Pretória, para tentar ir aos arquivos militares, mas sentia-se frustrado. Arriscara aparecer no local após inúmeras tentativas infrutíferas de contacto, quer por telefone, quer por *e-mail*. De fora, o edifício de cinco andares parecia-lhe decadente, as instalações estavam fechadas, e infelizmente ninguém apareceu para lhe abrir a porta.

Iria tentar de novo na manhã seguinte. Era crucial conseguir analisar os ficheiros desclassificados. Sabia que não iria compreender todos, mas tentaria fotografá-los, para mais tarde os traduzir. As traduções automáticas acabavam por limitar a dedução e o segundo sentido, mas davam uma boa ajuda.

Filipe ficou espantado por o céu estar tão limpo. A trovoada desta vez ocorrera mais cedo, dando tempo para o sol regressar e o ar voltar a estar abafado antes do cair da noite. Talvez por isso, o bar no terraço do hotel estava movimentado, com música de fundo, e as mesas ao longo da piscina cheias de homens e mulheres de negócios; o hotel ficava em pleno centro financeiro, entre a Bolsa de Valores e Mandela Square, o maior centro comercial do país.

Não demorou muito para ver o empregado regressar ao terraço. Vinha a cantarolar, com um semblante jovial, parando nas diversas mesas. Trazia um tabuleiro com duas garrafas de vinho, alguns copos elegantes e vários aperitivos.

– Por conta da casa, *Meneer* – adiantou-lhe pouco depois, pousando um pratinho com pequenos aperitivos escuros.

– O que é? – perguntou Filipe, sem deixar de reparar no nome bizarro do empregado. A placa ao peito dizia «Wonderful», e Filipe deduziu que também ele deveria ser do Zimbábwe, tal como o taxista que o levara a Pretória.

– *Biltong, Meneer*. Carne de antílope, seca ao sol – explicou, divertido, servindo-lhe o copo de vinho.

O vinho fresco e a carne salgada souberam-lhe bem. Tentou relaxar, antes de voltar a pegar no *iPad*, mas não conseguia deixar de pensar naquele envelope no escritório de Tony. Tinha de conseguir fazer o reconhecimento facial do homem da fotografia na praia e projectar a sua possível fisionomia actual. Podia voltar a pedir ajuda à inspectora Mendonça, mas receava não vir a obter grandes resultados, até porque ela continuava sem lhe dar qualquer resposta. Sentiu-se tentado a pedir o auxílio de Rita. Não a queria envolver por uma questão de princípio, até porque assinara um acordo de confidencialidade, mas não poderia ter melhor ajuda: ela trabalhava numa agência de segurança da União Europeia e por certo teria acesso a tecnologia e informações mais detalhadas do que as da PJ.

A ideia de que o agente da PIDE «Acácia» pudesse ser o homem da fotografia não lhe saía da cabeça. A possibilidade de ele também ser um dos passageiros do *Angoche* parecia-lhe absurda, pois aqueles homens tinham sido suspeitos de ser comunistas. Contudo, não podia descartar essa hipótese, até porque Mário Barbosa, um dos passageiros, trabalhava no consulado sul-africano e viajara várias vezes a Angola. Se assim fosse, ficaria provada a ligação entre o *Angoche* e o pescueiro e perceber-se-ia porque tanto Xavier Lobato como Andre Van Zyl tinham prosseguido com aquela investigação.

De qualquer modo, continuava desconcertado com todo o material que Tony possuía sobre o início do século xx: desde a maquete de Lourenço Marques até às várias referências à época e a Miguel Ferreira. Ainda não sabia quem tinha sido Fritz Duquesne, mas Louis Botha fora um dos principais generais *boers* na guerra contra os britânicos, signatário do tratado de rendição das forças sul-africanas e, anos mais tarde, o primeiro governante da União Sul-Africana, que resultara da junção das duas colónias britânicas com as duas repúblicas *boers*.

O céu já tinha tons escarlates e a música do bar parecia-lhe mais animada. Voltou a sentir o telefone a vibrar e sorriu ao ver o número com o indicativo de Portugal e o 22 do Porto. Tinha de ser a sociedade de advogados que contactara dias antes: pelos vistos, a referência à Livraria Minerva surtira efeito.

– Fala a secretária do Dr. Dinis Cabral – ouviu uma voz calma. – O Sr.

doutor está em viagem no estrangeiro, mas pode mandar-me um *e-mail* a expor o caso, que depois entraremos em contacto consigo.

– Assim farei – respondeu. A ideia de dizer que estava a fazer uma investigação sobre a Livraria Minerva surgira-lhe ao lembrar a conversa de António Menezes a propósito dos seus livros sobre o urbanismo em Moçambique. – Pode dar-me, por favor, o seu endereço de *e-mail*?

A secretária foi expedita e desligou pouco depois. Filipe sorriu e bebeu mais um gole de vinho. Aquela pista parecia-lhe promissora; tinha encontrado aquele advogado numa pesquisa na Internet pelo apelido Cabral em Moçambique. Ao ler a sua biografia no *website* da sociedade de advogados, dois pontos haviam-lhe chamado à atenção: Dinis Cabral nascera em 1970 em Lourenço Marques e estudara no Porto, na Faculdade de Direito. Ele bem poderia ser o filho da livreira da Minerva e de Daniel Cabral, um dos homens que procurava!

Filipe pousou o telefone, trincou o último pedaço de carne seca e esvaziou o copo de vinho branco. Observou as copas das palmeiras iluminadas ao fundo do terraço e acabou por pedir mais um copo.

Tinha de reportar a Pieter os seus últimos avanços e talvez até devesse ir ter com ele a Cape Town. Afinal, estava a pouco mais de duas horas de voo da cidade. Todavia, ainda era cedo; preferia encontrar-se com ele quando tivesse resultados mais concretos. Por isso, agarrou no *iPad* e começou a escrever-lhe uma mensagem, descrevendo as diversas pistas que tinha entre mãos.

Não demorou a sentir-se cansado e acabou por gravar o esboço do texto no *iPad*; terminaria o resto de manhã, quando estivesse com a cabeça fresca. Preparava-se para desligar o aparelho quando voltou a ver as fotografias que tirara aos documentos do envelope de Tony. A primeira era uma requisição portuguesa de 1899 sobre o transporte de carne enlatada para o Transvaal. O carimbo tinha um nome estranho – Komatipoort ou talvez Komati Poort. Era um posto fronteiriço com Moçambique, a última estação sul-africana da linha férrea que ia para Lourenço Marques. Ficava a menos de cem quilómetros do mar.

Depois, fixou o olhar na fotografia seguinte. Já a vira por diversas vezes: Louis Botha estava sentado no meio dos soldados, à volta de uma fogueira. Um deles era Miguel Ferreira. Tentou adivinhar qual, mas era um esforço inglório. Voltou a ler a legenda sobre Spioenkop, olhando com minúcia para cada palavra, até que, de repente, ficou arrepiado. Havia mesmo algo de familiar ali, talvez fosse a forma peculiar do F de Ferreira e de Fritz, que parecia tal e qual o F de Francisco que se habituara a ver desde criança. Aquela letra não podia ser a de Tony, pois tinha-a visto vezes sem conta ao longo da vida, em inúmeros relatórios sobre fortalezas e naufrágios: aquela letra era do seu pai!

Pousou a taça na mesa e voltou a observar o investigador português do outro lado da piscina. Ele parecia compenetrado a escrever no *tablet*, por certo, a trabalhar no *Angoche*. Passara pela sua mesa quando ele estava ao telefone, notando que não tinha aliança, mas pouco entendera do que ouvira, pois ele falava depressa em português. Via-o a mascar *biltong*, sem tirar os olhos do écran, e deu por si a tentar adivinhar a idade dele: parecia mais novo do que Lize, com quarenta e tal anos, o que era um contraste face ao primeiro investigador que Pieter contratara. Suspeitava de que seria o tipo de homem que deixaria Lize deslumbrada: europeu, moreno e bem-parecido.

Tentou imaginar o que aquele português faria no dia seguinte, e qual o seu próximo destino. Talvez fosse ter com Pieter a Cape Town, ou voltasse a Maputo, para continuar a pesquisa. Suspeitava que fosse demasiado cedo para ele regressar a Portugal e, por isso, estava confiante de que o poderia abordar em breve. Sempre que possível, gostava de confrontar os alvos, para lhes medir o pulso, até porque muitas vezes isso era suficiente para conseguir o que queria. Tinha sido assim nas suas missões militares na África Central, bem como nos parques naturais, a não ser que soubesse de antemão que seria uma perda de tempo ou que a sua própria vida estaria em risco.

De repente, viu o português fechar o *tablet* e levantar-se: parecia nervoso, com pressa, indiferente às mulheres atraentes sentadas nas mesas em redor. Talvez estivesse apenas cansado, ou decidira recolher-se ao quarto para fugir da crescente agitação à volta da piscina. Também ele achava que a música estava demasiado alta e o ambiente no bar se deteriorara. Bebeu o último trago de vinho, vendo o português afastar-se, e chamou o empregado mais próximo.

– Pode trazer a conta, por favor.

– Claro, *Meneer*. Qual é o número do seu quarto?

– Não estou cá hospedado – respondeu. Aquele hotel no centro de Sandton era demasiado faustoso para ele. Sempre preferira ficar hospedado em sítios mais discretos, afastado dos bairros ricos de Joanesburgo.

O investigador português deixava-o incomodado. Provavelmente, nunca pegara numa arma, nem tirara a vida a ninguém, mas tinha de ter cuidado com ele, pois não deixaria Lize indiferente. Sabia quem tinha sido o pai dele e já estava ao corrente de que fora a Dar e a Maputo, na mesma altura em que ele estivera no Kruger Park. Felizmente, chegara a Joanesburgo a tempo de o observar.

Pagou a conta, levantou-se e viu uma jovem de cabelo escuro a caminhar na sua direcção com um sorriso sedutor. Não era difícil saber ao que vinha.

– Olá, eu sou a Sheila.

– Obrigada, não estou interessado – disse-lhe, tentando ser simpático.

– Tens a certeza? As minhas mensagens são inesquecíveis...

Sorriu, assentindo, e encaminhou-se para a saída do hotel. Iria regressar na manhã seguinte, a tempo do pequeno-almoço. Tinha de manter aquele português sob vigilância apertada e abordá-lo num local discreto. De

Joanesburgo, ele poderia voar para qualquer sítio em África.

Capítulo X

Komatipoort, 29 de Agosto de 1900

Há já algum tempo que existem indícios de que o General Botha do Transvaal vem recebendo reforços, espingardas e munições, por via terrestre, de Delagoa Bay. Na sequência de uma busca, a pedido do Cônsul Britânico, foram apreendidas grandes quantidades de munições nas imediações de Lourenço Marques, o que deu origem a várias detenções.

«Contrabando para os Boers» – notícia do jornal australiano *The Barrier Miner*

Miguel seguia na dianteira, encostado a um canto da locomotiva, sem pregar olho desde que tinham saído do túnel de Waterval Boven. Haviām percorrido o longo desfiladeiro à volta do rio Crocodilo e estavam a chegar a Komatipoort, na fronteira. Assim que passassem o posto sul-africano, iria chegar a sua hora de assumir o comando. Levantou-se e foi até à janela: a fuligem e o cheiro a carvão no ar incomodavam-no, mas tentou ignorá-los. Avistou as lamparinas acesas em algumas casas e depois notou que passavam por uma ponte: era o rio Incomati, Komati para os *boers*, o mesmo que desaguava na margem norte da Baía de Lourenço Marques, defronte da Ilha Xefina.

O céu estava repleto de estrelas, mas já se distinguia claridade no horizonte. Não faltava muito para o Sol nascer. O comboio parou por instantes defronte do posto sul-africano e continuou em marcha lenta, aproximando-se do lado português.

– Aprontai-vos – ordenou Miguel para os dois maquinistas, antes de subir para o topo do primeiro vagão.

Mal subiu as escadas, ficou mais aliviado: os soldados haviam-se preparado. Não se vislumbrava qualquer movimento, nem mesmo dos oficiais. Os homens estavam trancados nos vagões de gado, tal como planeado. No entanto, algo lhe chamou a atenção quando estava a descer para a locomotiva. Várias tendas *boers* estavam dispostas ao longo da linha férrea, em plena fronteira, ainda do lado do Transvaal, onde o rio Crocodilo desembocava no Incomati.

Instantes depois, ficou abismado. As tendas montadas eram às dezenas, quiçá mais de cem, e, alguns metros à frente, reinava uma grande confusão. Centenas de mulheres *boers* protestavam junto à vedação de arame farpado. Pareciam desgraçadas, maltrapilhas, tal como vira em Machadodorp, e por certo fugiam do Exército Britânico. No meio da algazarra, percebeu que queriam entregar-se às autoridades portuguesas, ainda que sem sucesso.

Tentou ignorar a desordem e regressou ao interior da locomotiva, trocando olhares com os dois maquinistas. Também eles estavam assustados perante o que estava a acontecer. Miguel deu-lhes ordem para avançar, apesar de notar a surpresa dos soldados portugueses mais adiante, dispostos ao longo da cancela, de espingarda na mão. Não estavam à espera daquele comboio!

Miguel cerrou os dentes, consciente de que não estava devidamente fardado com o uniforme azul e trajava uma jaqueta *boer* e um chapéu de abas largas. Ainda assim, manteve-se confiante. Afinal, pertencera ao exército durante três longos anos, chegara ao posto de tenente e sabia como agir.

O céu já estava claro quando o comboio parou diante da coluna de soldados, pouco antes da estação de Ressano Garcia. Miguel avistou a bandeira portuguesa azul e branca a esvoaçar sobre o telhado do edifício e acabou por sorrir, tentando dominar a ansiedade. Pelo menos, estava de regresso a casa, a caminho dos braços de Maria Teresa.

Pulou para o chão e caminhou destemido, em passadas largas. Viu um homem fardado a sair da porta central da estação, atravessar a plataforma para ultrapassar a coluna de soldados e parar mesmo à sua frente. Era o oficial de serviço, um alferes. Estava com um semblante carregado e observava o comboio, desconfiado.

– Tenente Miguel Ferreira, oficial de ligação com o exército sul-africano, de regresso a Lourenço Marques – apresentou-se, com solenidade. Fez-lhe continência e mostrou-lhe o ofício timbrado da secretaria do governo de Moçambique, que escrevera dias antes. – Trata-se de uma missão especial do Governo-Geral.

O alferes era anafado, quase calvo e deveria ter mais ou menos a sua idade. Pegou na missiva oficial com um ar sorumbático e leu as oito linhas com atenção, passando o polegar pelo relevo do selo branco. Mais de perto, Miguel notou-lhe o olhar fatigado, quiçá por estar de serviço durante muitas horas ou se sentir arreliado com tantos refugiados aos berros.

Talvez Lourenço Marques não lhe tivesse dado instruções precisas. Era sempre assim, ainda antes das Campanhas: Lisboa nunca deixara o Governo da Província decidir fosse o que fosse, e alguém lhe contara que fora essa a razão por que Mousinho de Albuquerque se demitira anos antes.

– Não estava ao corrente da chegada deste comboio – resmungou o alferes, coçando o nariz, após ler o ofício pela segunda vez. Parecia querer perceber quem assinara em nome do Secretário-Geral. – Aconteceu o mesmo na semana passada. Preciso de ver os papéis da carga e de todos os tripulantes e passageiros. São portugueses?

– São *boers*. Sou o único português a bordo – sussurrou Miguel. – Trata-se de uma missão especial ordenada pelo governador Joaquim Machado. Os *boers* estarão de regresso ao Transvaal dentro de três ou quatro dias.

Não desarmou e apontou com veemência para o papel e para a assinatura credenciada com o selo branco da 2.^a Repartição da Secretaria-Geral, com a coroa real de cinco arcos e o escudo português ao centro. Esforçara-se para que o ofício parecesse autêntico e tinha esperança de que o texto impusesse respeito.

– Ah, já percebi. Trata-se do pagamento da farinha e de carne enlatada que temos estado a mandar para lá – depreendeu o alferes, mudando o semblante, com um sorriso cúmplice. O sotaque parecia ser do norte do Reino. – Agora compreendo porque é que estes comboios nunca vêm referenciados. É para o caso de os ingleses pedirem os registos na estação ou no porto. Assim, não há maneira de saberem destas transferências...

Miguel anuiu silenciosamente. Sabia que o contrabando de armas na fronteira era frequente, fomentado pelo cônsul do Transvaal em Lourenço Marques, que se dizia ser o homem mais rico da cidade. Além disso, o *Generaal* Botha tinha-lhe confidenciado em tempos que muitos comboios passavam a fronteira sem qualquer registo. Não deixava, porém, de ser espantoso, ante a derrocada militar *boer*, como tal situação se mantinha.

Miguel assentiu, aliviado por ver que aquele oficial também não gostava dos ingleses, e ficou satisfeito por ter confiado no seu instinto: sabia que existia um vasto sentimento antibritânico nas hostes militares e que a maior parte dos habitantes de Lourenço Marques não escondia a sua simpatia pelo ideal republicano e pela causa *boer*.

A confusão defronte do arame farpado era cada vez maior, e muitos refugiados entravam em histeria. A maioria não falava inglês nem português, pelo que os soldados nem sequer deviam compreender o que diziam.

– Vi muitos refugiados no caminho – arriscou Miguel ante o alarido, tentando desviar o assunto. – Dentro de dias, vai ter aqui um grande problema.

– Temos estado a deixar passar alguns – murmurou o alferes, com uma expressão pesarosa. Agarrou-o pelo braço e os dois afastaram-se dos soldados. – A um ou outro ainda podemos fechar os olhos, mas são às centenas.

– Mais virão.

– Mas vêm sem nada. Mulheres e crianças, sozinhas e cheias de fome. Já lhe demos tudo o que tínhamos – contou, apoquentado. – Aquilo está muito mal, não está?

Miguel anuiu, tentando conter o entusiasmo: o alferes acreditara no seu disfarce. Relatou-lhe o que vira em Machadodorp, em Belfast e, mais tarde, em Nelspruit. Eram montanhas de gente em carroças, a cavalo, ou simplesmente a pé. Vinham desesperadas, a fugir ao aprisionamento nos campos de Bloemfontein de que tanto se falava.

– São milhares. Receiam ser presos ou executados, por poderem ser considerados cúmplices dos *kommandos* – explicou Miguel, observando a

balbúrdia entre os refugiados. – A maioria vem a pé desde Pretória, como quem foge do Diabo.

O alferes benzeu-se com os olhos arregalados, ante a referência ao Diabo, e devolveu-lhe a credencial com firmeza.

– O nosso comandante em Lourenço Marques prometeu enviar-nos mantimentos, mas até agora nada chegou. Apenas nos mandou um telegrama a avisar que os britânicos tomaram Machadodorp – relatou o alferes, quase ao ouvido. – Continua sem dizer o que é que eu deverei fazer com esta gente toda. Se os deixo passar, vou ser acusado de ter levado o caos para Lourenço Marques e a minha cabeça será entregue ao cônsul britânico numa bandeja. Se não os deixo passar, vai acontecer aqui uma desgraça, assim que a cavalaria britânica chegar.

Miguel estremeceu ao ouvir que Machadodorp fora tomada e deduziu que o presidente e o governo já estivessem em Nelspuit. Apesar disso, não se podiam demorar: os britânicos pareciam cavalgar, imparáveis, na direcção da fronteira; Lourenço Marques era a única salvação possível. Tentou disfarçar o espanto, cogitando como teriam as notícias chegado a Lourenço Marques antes deles. Por certo, deveria ter sido aquele pérfido cônsul britânico a informar as autoridades portuguesas, que logo se apressaram a avisar a fronteira.

– Tendes uma missão patriótica pela frente. É aqui que começa Portugal, e o destino de Lourenço Marques está nas vossas mãos – retorquiu Miguel, com solenidade, guardando o ofício da Secretaria-Geral no bolso e fazendo-lhe continência. – Agradeço-vos a celeridade. Não vos tomo mais tempo.

– Nos últimos dias, têm também aparecido muitos homens – balbuciou o alferes, sem o deixar ir embora. – Pedem a nossa misericórdia para se renderem e nos entregarem as armas. Clamam que serão executados pelos ingleses sem contemplações.

– Devem ser os *Cape Rebels*, os rebeldes do Cabo. Não são tratados como prisioneiros de guerra, tal como os *boers* do Transvaal ou de Orange – elucidou Miguel. Se capturados, tinham instruções para dizer que eram do Transvaal, embora tal lhes servisse de pouco, pois a maioria não sabia dizer qual o código postal do local onde dizia morar. – São vistos como súbditos britânicos e, por isso, traidores à coroa.

– Então é verdade o que dizem? – interrogou o alferes, aflito. – Serão condenados à morte?

– São fuzilados assim que capturados – precisou Miguel, tentando afastar-se. O tempo urgia; já conseguira o que queria e tinha de se ir embora. – Estão a fugir para Moçambique para escapar à morte. Devem chegar mais nos próximos dias.

– Mas eu não posso deixá-los passar – teimou o alferes, abrindo os braços. – Os ingleses em Lourenço Marques iriam saber.

Miguel olhou-o nos olhos. O alferes estava a pedir-lhe ajuda. Parecia desesperado, sem saber o que fazer caso dezenas ou centenas de rebeldes

armados chegassem à estação e se juntassem à enchente de mulheres e crianças que já tinha entre mãos.

– Talvez um ou dois guardas consigam livrar-se deles, encaminhando-os para lá do rio Sabie – sugeriu Miguel, entredentes. Aquele rio afluía no Incomati. – Os *boers* sabem andar pelo mato e vão conseguir encontrar os trilhos dos indígenas que atravessam os Libombos.

– Ouvi dizer que aquelas encostas ainda são povoadas por muitos animais selvagens e que os crocodilos atacam todas as barcaças que passam no rio...

– Ninguém sabe bem o que por lá se passa – acrescentou Miguel, fazendo-lhe de novo a continência. A linha de fronteira havia sido marcada dez anos antes por engenheiros portugueses e *boers*, mas toda aquela região estava cheia de perigos. – Nem os ingleses, nem as autoridades de Lourenço Marques...

O alferes sorriu-lhe e assentiu com a cabeça, percebendo o que ele queria dizer. O problema poderia resolver-se, sem ninguém ficar comprometido.

– Boa viagem até Lourenço Marques, Tenente – desejou-lhe o militar, mais aliviado, replicando a continência. – Que Deus vos guarde.

O alferes afastou-se e deu indicação aos soldados para levantarem a cancela e deixarem passar o comboio. Os dois trocaram um último olhar cúmplice, e o oficial regressou pouco depois ao interior da estação.

Miguel respirou fundo, voltando-se e observando o comboio parado na linha. Distinguiu um par de soldados *boers* agachados, expectantes, no topo de um dos vagões, e depois vislumbrou Leon e Fritz, lado a lado. Não se tinham contido com aquela demora, saindo dos vagões, mas agora já não fazia diferença: tinham conseguido passar a fronteira, com a conivência portuguesa. Não poderia ter corrido melhor e estavam em segurança. Sabiam que os ingleses os perseguiram e que ambicionavam controlar a linha férrea para Lourenço Marques, mas eles tinham sido mais rápidos.

Miguel pulou para o interior da locomotiva e deu ordem aos maquinistas para prosseguirem. Logo depois, subiu para o topo do primeiro vagão e olhou pela última vez para o edifício da estação. Começava a ficar calor e, por momentos, pareceu-lhe ouvir o canto dos francolins, a que se habituara quando se levantava para ir trabalhar nas minas.

O comboio retomou a marcha. Miguel observou os casebres de Ressano Garcia à volta da estação, o serpentear do rio Incomati lá em baixo, e um par de hipopótamos a caminhar, em passo lento, ao longo da margem, como se tivesse acabado de acordar. Não deixou de esboçar um sorriso. Estava pela primeira vez em paz, sem receio de batedores australianos, balões de observação, ou da cavalaria avançada inglesa. Encontrava-se finalmente em Moçambique, a noventa quilómetros de Lourenço Marques!

O comboio seguia, imparável, a alta velocidade, irrompendo pela savana, em direcção ao mar.

– Esplêndido – festejou Leon, assim que chegou à locomotiva. – Graças a ti conseguimos passar a fronteira sem problemas. Correu melhor do que se poderia ter imaginado.

– O oficial da fronteira não tinha grandes simpatias pelos ingleses e estava apavorado com tanta gente ali – explicou Miguel. – E agora?

– Esperamos pelo Presidente e pelo governo em LM – esclareceu Leon, eufórico. Miguel nunca o tinha visto assim, nem mesmo no Natal. – A luta continua.

Miguel teceu um esgar, alarmado.

– Mas os portugueses não podem desafiar os britânicos às claras, mesmo sabendo que o Governador tem uma relação estreita com o presidente Kruger há muitos anos – lembrou, gesticulando. – Vamos ficar à espera na estação? Dentro do comboio?

– Trata-se de uma missão secreta. Não te preocupes, vai tudo correr bem – ressaltou Leon, falando-lhe ao ouvido e pousando-lhe a mão no ombro. – Vamos conseguir reforçar o nosso exército. Os ingleses ainda podem ser derrotados.

Miguel baixou o olhar, descrente, sem conseguir disfarçar os seus receios. Era certo que poderiam tentar continuar o esforço de guerra no Transvaal, mas parecia não haver um plano sobre o que fazer em Lourenço Marques. Duvidou de que o governador Machado tivesse grande margem de manobra, até porque ele não iria fazer nada contra as ordens de Lisboa, que não queria defraudar os ingleses, pelo menos assim, de um modo tão descarado.

O comboio seguia rápido, ao longo da margem do rio Incomati, fazendo um barulho ensurdecedor. Miguel tentou puxar de um cigarro, mas a turbulência era demasiada e acabou por desistir. Sentia-se impaciente e com maus pressentimentos. Temia que os britânicos os esperassem em Lourenço Marques. Talvez até estivessem na estação, que não passava de um barracão de madeira e zinco, em nada comparável à Estação de Pretória ou à Park Halt de Joanesburgo. Podiam ser facilmente cercados! E, mesmo que conseguissem desembarcar em segurança, seria uma questão de tempo até serem encontrados.

Lourenço Marques ainda era uma cidade pequena, apesar do crescimento dos últimos anos, e estava cheia de espões. O cônsul britânico tinha olhos e ouvidos em todo o lado, mercê da onnipresença dos comerciantes britânicos na cidade. O Clube Inglês, na Praça 7 de Março, era um antro de boatos e mexericos. Parecia quase impossível alguém passar despercebido, e a alfândega do porto, a pouca distância da estação ferroviária, era vigiada dia e noite.

Se os britânicos desconfiassem daquela operação, iriam tomar medidas drásticas, que poderiam passar por uma emboscada numa das ruas da cidade,

ou por pressionarem o próprio rei D. Carlos, em Lisboa. Com o telégrafo, tudo poderia ficar decidido em poucos dias, forçando a demissão do governador Machado, caso conseguissem apresentar provas em como ele estava do lado dos *boers*. A bem dizer, Miguel receava que tais medidas já estivessem em curso. Theo, o *Cape Rebel*, comentara que vários jornais ingleses acusavam o Governador de ser demasiado próximo dos *boers* e exigiam a sua destituição por manter a linha férrea para Komatipoort a funcionar.

Não havia dúvidas! O governo sul-africano não podia refugiar-se em Lourenço Marques por muito tempo, nem os *kommandos* se poderiam organizar em Moçambique para realizarem emboscadas do outro lado da fronteira. Os ingleses nunca o iriam permitir, ameaçando arrastar Moçambique para a guerra.

Miguel viu Leon subir as escadas e regressar aos vagões, de *Mauser* ao ombro. Seguiu-o com o olhar e viu-o passar por Fritz, que se mantinha encostado à escada de um dos vagões mais atrás. Ao contrário de Leon, parecia taciturno, com os olhos pousados no mato. Observando melhor, todos os soldados estavam tensos, com o olhar inquieto. Tinham, claro, razões para isso – estariam fora da sua terra pela primeira vez na vida. Não tinham os britânicos a persegui-los, mas não sabiam ao certo como seriam recebidos pelos portugueses.

A viagem continuou sem sobressaltos. Passaram pelas pedreiras do Incomati e Miguel acabou por se descontraír. Num instante, o comboio deixou para trás os contrafortes dos Libombos e chegou a terreno plano, afastando-se da margem do rio. Pouco depois, passou a Estação de Moamba. A bandeira portuguesa estava hasteada num poste no topo do telhado, mas a estação parecia deserta, sem um único soldado ou landim que testemunhasse a sua passagem.

O comboio seguia incógnito, sem que ninguém se apercebesse da sua presença. Aquela era uma terra sem vivalma, desde que uma guerra fratricida entre os vátuas levara anos antes a uma grande matança, da qual nem os animais haviam escapado. Talvez Leon tivesse razão: dali a pouco tempo chegariam a Lourenço Marques sem ninguém lhes dar importância e tudo se comporia. Finalmente, a maldita guerra e os ingleses ficavam para trás.

Miguel encostou-se à parede da locomotiva e respirou fundo com a imagem das novas avenidas de Lourenço Marques na cabeça. Nem sabia bem o que faria quando lá chegasse e deixasse de ser um soldado. Tinha vontade de abandonar logo o comboio e correr até um dos botequins da Praça 7 de Março ou da Rua Araújo, para se deliciar com um peixe na grelha e uma taça de vinho do Reino.

Depois partiria à descoberta dos novos edifícios e subiria até à Ponta Vermelha. Sempre tivera uma predilecção por aquele promontório argiloso, pois dali conseguia avistar-se o estuário e a baía em toda a sua extensão, como se se tratasse do oceano aberto. Recordou a primeira vez que ali chegara, seis

anos antes, quando fora instalado nos quartéis, e as cavalgadas que fizera pelo matagal acima até à antiga Quinta Sommerschild, antes de partir para a expedição a Marracuene.

Naquela altura, a Ponta Vermelha era apenas uma pequena povoação a três ou quatro quilómetros da cidade, mas aos poucos, com o desenrolar das Campanhas e a linha férrea para o Transvaal, começara a ser ocupada por mansões elegantes. Miguel suspirou, sorridente: ia procurar um bom terreno para lá da Estação Telegráfica e dos quartéis, onde pudesse construir uma casa para viver em paz com Maria Teresa, longe do pai dela, que sempre o ostracizara.

O matraquear da locomotiva quase o levou a adormecer, e o calor húmido na face tranquilizou-o – era diferente do ar quente do Transvaal e mais suave do que o da Ilha. Quedou-se a sonhar com a Ponta Vermelha, observando o mato e as mafurreiras que se dispersavam ao longo das colinas. Finalmente vislumbrou uma manada de zebras e antílopes e suspeitou de que haveria por ali perto um lago ou um riacho. Tentou descortinar algum felino à espreita por entre a vegetação, e nem se deu conta de que Leon voltara a descer as escadas de acesso à locomotiva. Vinha de novo com a espingarda a tiracolo, a mascar um pedaço de *biltong*.

– Não podia estar a correr melhor – adiantou ele, oferecendo-lhe um pedaço de carne seca. – Falta muito para chegarmos a LM?

– Estamos a meio do caminho – informou Miguel, mastigando a carne de antílope, sentindo o sal na boca. – Daqui a pouco teremos de reduzir a velocidade por causa de uma ponte, mas...

Ainda não acabara de falar quando ouviu gritos estridentes e uma revoada de tiros que se sobrepôs ao barulho da locomotiva. Miguel e Leon entreolharam-se, sem perceber o que se passava, e acorreram à escada de acesso aos vagões. O alvoroço parecia vir de um dos vagões centrais. Eram gritos de morte! Algo dramático estava a acontecer.

– Um massacre – berrou Leon, desvairado. – Os tiros não param.

Miguel anuiu, desorientado. Com cautela, ascendeu ao topo do primeiro vagão, atrás de Leon, e os dois ficaram agachados, de arma apontada. Não avistaram qualquer soldado, nem voltaram a ouvir tiros, com o comboio a continuar a sua marcha sem problema. Leon fez-lhe sinal para avançarem em direcção aos vagões do meio, mas logo a seguir Miguel ouviu o eco de um disparo e ficou aterrorizado: a cabeça de Leon despedaçou-se à sua frente, salpicando-o de sangue. Tentou ampará-lo na queda, mas foi em vão. Tinha as mãos encharcadas e o amigo escorregou-lhe e caiu morto no topo do vagão, acabando por ser projectado para fora do comboio.

Miguel baixou-se, ficou rente ao vagão e, em pânico, procurou adivinhar a origem do tiro. Aparentava ter vindo de fora do comboio, o que lhe parecia impossível. Num impulso, levantou a cabeça e vislumbrou dois soldados a rastejarem no topo dos vagões ao fundo. Deduziu que seriam os atacantes, mas depressa notou que também eles se interrogavam sobre o que se passava.

A origem do tumulto parecia ser o quarto vagão, liderado por Fritz, ainda que continuasse sem perceber quem atingira Leon. Logo depois, viu o impensável: os dois soldados ao fundo foram alvejados e caíram do comboio para o mato.

Miguel retraiu-se e agarrou na *Mauser* com força. Não teve dúvidas: aqueles tiros tinham sido disparados de fora do comboio! Estava a ser uma matança e ele deveria ser o próximo. Ficou à espera, mas nada aconteceu. Foi então que distinguiu três cavaleiros por entre o mato. Andavam a galope, mais rápidos do que o comboio: pareciam salteadores e estavam armados.

Miguel rastejou para trás, em direcção à locomotiva, até que avistou Theo no topo do comboio. Vinha desarmado, empunhando o *sjambok*, e pela maneira como se arrastava parecia ferido numa perna. Miguel fez-lhe sinais, tentando avisá-lo do perigo, quando ouviu uma nova saraivada de tiros. Encolheu-se, atemorizado. Quando voltou a olhar, já não viu Theo. Por certo teria sido abatido, a menos que se tivesse recolhido de novo no vagão.

Ficou perplexo quando viu vários soldados do quinto vagão serem atirados ao pontapé para a ribanceira, sem hipóteses de se salvarem, se é que ainda estavam vivos. Tentou dominar-se, olhando de soslaio para os cavaleiros, cada vez mais próximos. Aqueles homens não podiam ser simples salteadores, e Miguel temeu que se tratasse de uma vasta operação inimiga: os ingleses ou australianos haviam-se infiltrado no comboio e invadido Moçambique, sem qualquer pudor pela soberania portuguesa. Vinham no seu encalço, sabendo o quão importante era aquela missão: a captura daquele comboio iria garantir a vitória britânica e o fim da guerra a breve trecho!

De repente, a locomotiva fez uma travagem brusca. Miguel desequilibrou-se, mas conseguiu agarrar-se para não cair no vazio. Sentiu o sangue a subir-lhe à cabeça e preparou-se para o embate, adivinhando o que estava a acontecer. A linha deveria estar bloqueada com pedregulhos mais à frente, tal como se fizera tantas vezes aos ingleses provenientes de Durban. O maquinista deveria estar a travar a fundo para evitar que o comboio descarrilasse.

Em esforço, Miguel alcançou a escada de acesso à locomotiva. Todavia, ficou estupefacto: os três cavaleiros eram negros, com pinturas de guerra na face. Nunca havia visto indígenas montados, nem nas Campanhas, nem no Transvaal. Um deles parecia ter roupas europeias, sendo que os outros dois trajavam peles de leopardo, ainda que não lhe parecessem landins ou vátuas. Ficou ainda mais atemorizado ao pensar que poderiam ser zulus^[14], bastante mais ferozes e sanguinários, que tivessem cruzado a fronteira a soldo dos ingleses.

Miguel conseguiu chegar à locomotiva são e salvo. Ficou espantado por ver apenas um dos maquinistas, em pânico, travando a fundo, com toda a força que podia. Perscrutou a linha férrea adiante e engoliu em seco: dois enormes pedregulhos bloqueavam a via a pouca distância.

Não pensou duas vezes. Aprontou a *Mauser*, acercou-se da janela, tentando manter o equilíbrio, e disparou contra um dos cavaleiros. Falhou os

dois primeiros tiros, mas acertou em cheio ao terceiro, e viu-o a cair da montada. Recarregou a *Mauser* com mais cinco cartuchos, fez pontaria, e logo depois atingiu o segundo. O terceiro deveria ter mudado de direcção, pois desapareceu-lhe da vista.

Miguel procurou-o de um lado e do outro, apercebendo-se de que estava quase sem munições. De súbito, ouviu um grito. Virou-se e viu que o maquinista fora alvejado. Um tiro certo no pescoço derrubara-o e ele tombara no chão, quase sem vida. Miguel trocou olhares com o cavaleiro negro, que, entretanto, aproveitara o abrandamento do comboio para o contornar pelas traseiras e atacar pelo outro lado.

O comboio estava já em marcha lenta, sem o maquinista, mas chocou nos pedregulhos com violência. A locomotiva retorceu-se com o choque e a porta da fornalha abriu-se, espalhando no chão pedaços de carvão incandescente. Miguel foi projectado contra a parede e sentiu uma dor aguda no ombro que quase o fez perder os sentidos. Tentou agarrar-se a algo, inspirou fundo e conseguiu abrir os olhos: continuava vivo.

O comboio parara sem descarrilar, e um estranho silêncio quedou-se no ar, como se nada tivesse acontecido. Aos poucos, Miguel tentou levantar-se, apoiando-se nos cotovelos e levando a mão ao ombro magoado. Sentiu-se tonto, com a cabeça à roda, e por pouco não pisou o carvão incandescente.

Estava a tentar chegar à *Mauser* quando ficou estarecido. O guerreiro negro tinha saltado para dentro da locomotiva e fitava-o enraivecido. Era um zulu possante, com a face pintada com riscas brancas, tal como os vira no Natal, e estava armado de espingarda e machado. Por certo, julgava-se protegido pela feitiçaria dos seus ancestrais.

Miguel tentou agarrar na *Mauser*, porém, o guerreiro foi mais rápido, pontapeou-a para longe e apontou-lhe a espingarda para o matar. Miguel baixou-se e atirou-se a ele, antes que disparasse. O zulu deixou escorregar a espingarda, mas socou-o na barriga com uma força desmedida que o fez vomitar. Miguel conseguiu desviar-se de um novo golpe e tentou ripostar, mas não conseguiu acertar-lhe. O guerreiro era ágil, parecia indiferente às brasas que pisava, e estava decidido a acabar com ele.

Miguel viu-o sacar do machado e tentar esquartejá-lo por duas vezes, mas conseguiu mover-se com destreza e fê-lo tropeçar no corpo do maquinista. O zulu desequilibrou-se e deu um trambolhão na base da porta da locomotiva. Miguel não hesitou: puxou da azagaia vátua e espetou-lha na barriga, esventrando-o com uma força bruta. O guerreiro guinchou, com o sangue a sair às golfadas, e agarrou-se à barriga, desesperado. Miguel berrou enraivecido e forçou a golpada para acelerar a morte.

O corpo do zulu amoleceu e Miguel ficou coberto de sangue. Conseguira iludir a morte. Observou o corpo negro a balançar à entrada da locomotiva e questionou-se quem seria aquele guerreiro. Queria interrogá-lo antes que morresse, mas sentiu-se zonzó, com o ar a fugir-lhe. Tentou manter os olhos abertos, mas as forças faltaram-lhe e deixou cair a azagaia. Instantes depois,

tombou no chão com os olhos cerrados e já não ouviu o cadáver do guerreiro a cair borda fora.

[14] Povo do Sudeste da África do Sul, actual província do KwaZulu-Natal, e o maior grupo étnico do país.

~~Laurenço Marques Maputo~~

1000-1001	Lourenço Marques - Maputo		
1002-1003			
1004-1005			
1006-1007			
1008-1009			
1010-1011			
1012-1013			
1014-1015			
1016-1017			
1018-1019			
1020-1021			
1022-1023			
1024-1025			
1026-1027			
1028-1029			
1030-1031			
1032-1033			
1034-1035			
1036-1037			
1038-1039			
1040-1041			
1042-1043			
1044-1045			
1046-1047			
1048-1049			
1050-1051			
1052-1053			
1054-1055			
1056-1057			
1058-1059			
1060-1061			
1062-1063			
1064-1065			
1066-1067			
1068-1069			
1070-1071			
1072-1073			
1074-1075			
1076-1077			
1078-1079			
1080-1081			
1082-1083			
1084-1085			
1086-1087			
1088-1089			
1090-1091			
1092-1093			
1094-1095			
1096-1097			
1098-1099			
1100-1101			
1102-1103			
1104-1105			
1106-1107			
1108-1109			
1110-1111			
1112-1113			
1114-1115			
1116-1117			
1118-1119			
1120-1121			
1122-1123			
1124-1125			
1126-1127			
1128-1129			
1130-1131			
1132-1133			
1134-1135			
1136-1137			
1138-1139			
1140-1141			
1142-1143			
1144-1145			
1146-1147			
1148-1149			
1150-1151			
1152-1153			
1154-1155			
1156-1157			
1158-1159			
1160-1161			
1162-1163			
1164-1165			
1166-1167			
1168-1169			
1170-1171			
1172-1173			
1174-1175			
1176-1177			
1178-1179			
1180-1181			
1182-1183			
1184-1185			
1186-1187			
1188-1189			
1190-1191			
1192-1193			
1194-1195			
1196-1197			
1198-1199			
1200-1201			
1202-1203			
1204-1205			
1206-1207			
1208-1209			
1210-1211			
1212-1213			
1214-1215			
1216-1217			
1218-1219			
1220-1221			
1222-1223			
1224-1225			
1226-1227			
1228-1229			
1230-1231			
1232-1233			
1234-1235			
1236-1237			
1238-1239			
1240-1241			
1242-1243			
1244-1245			
1246-1247			
1248-1249			
1250-1251			
1252-1253			
1254-1255			
1256-1257			
1258-1259			
1260-1261			
1262-1263			
1264-1265			
1266-1267			
1268-1269			
1270-1271			
1272-1273			
1274-1275			
1276-1277			
1278-1279			
1280-1281			
1282-1283			
1284-1285			
1286-1287			
1288-1289			
1290-1291			
1292-1293			
1294-1295			
1296-1297			
1298-1299			
1300-1301			
1302-1303			
1304-1305			
1306-1307			
1308-1309			
1310-1311			
1312-1313			
1314-1315			
1316-1317			
1318-1319			
1320-1321			
1322-1323			
1324-1325			
1326-1327			
1328-1329			
1330-1331			
1332-1333			
1334-1335			
1336-1337			
1338-1339			
1340-1341			
1342-1343			
1344-1345			
1346-1347			
1348-1349			
1350-1351			
1352-1353			
1354-1355			
1356-1357			
1358-1359			
1360-1361			
1362-1363			
1364-1365			
1366-1367			
1368-1369			
1370-1371			
1372-1373			
1374-1375			
1376-1377			
1378-1379			
1380-1381			
1382-1383			
1384-1385			
1386-1387			
1388-1389			
1390-1391			
1392-1393			
1394-1395			
1396-1397			
1398-1399			
1400-1401			
1402-1403			
1404-1405			
1406-1407			
1408-1409			
1410-1411			
1412-1413			
1414-1415			
1416-1417			
1418-1419			
1420-1421			
1422-1423			
1424-1425			
1426-1427			
1428-1429			
1430-1431			
1432-1433			
1434-1435			
1436-1437			
1438-1439			
1440-1441			
1442-1443			
1444-1445			
1446-1447			
1448-1449			
1450-1451			
1452-1453			
1454-1455			
1456-1457			
1458-1459			
1460-1461			
1462-1463			
1464-1465			
1466-1467			
1468-1469			
1470-1471			
1472-1473			
1474-1475			
1476-1477			
1478-1479			
1480-1481			
1482-1483			
1484-1485			
1486-1487			
1488-1489			
1490-1491			
1492-1493			
1494-1495			
1496-1497			
1498-1499			
1500-1501			
1502-1503			
1504-1505			
1506-1507			
1508-1509			
1510-1511			
1512-1513			
1514-1515			
1516-1517			
1518-1519			
1520-1521			
1522-1523			
1524-1525			
1526-1527			
1528-1529			
1530-1531			
1532-1533			
1534-1535			
1536-1537			
1538-1539			
1540-1541			
1542-1543			
1544-1545			
1546-1547			
1548-1549			
1550-1551			
1552-1553			
1554-1555			
1556-1557			
1558-1559			
1560-1561			
1562-1563			
1564-1565			
1566-1567			
1568-1569			
1570-1571			
1572-1573			
1574-1575			
1576-1577			
1578-1579			
1580-1581			
1582-1583			
1584-1585			
1586-1587			
1588-1589			
1590-1591			
1592-1593			
1594-1595			
1596-1597			
1598-1599			
1600-1601			
1602-1603			
1604-1605			
1606-1607			
1608-1609			
1610-1611			
1612-1613			
1614-1615			
1616-1617			
1618-1619			
1620-1621			
1622-1623			
1624-1625			
1626-1627			
1628-1629			
1630-1631			
1632-1633			
1634-1635			
1636-1637			
1638-1639			
1640-1641			
1642-1643			
1644-1645			
1646-1647			
1648-1649			
1650-1651			
1652-1653			
1654-1655			
1656-1657			
1658-1659			
1660-1661			
1662-1663			
1664-1665			
1666-1667			
1668-1669			
1670-1671			
1672-1673			
1674-1675			
1676-1677			
1678-1679			
1680-1681			
1682-1683			
1684-1685			
1686-1687			
1688-1689			
1690-1691			
1692-1693			
1694-1695			
1696-1697			
1698-1699			
1700-1701			
1702-1703			
1704-1705			
1706-1707			
1708-1709			
1710-1711			
1712-1713			
1714-1715			
1716-1717			
1718-1719			
1720-1721			
1722-1723			
1724-1725			
1726-1727			
1728-1729			
1730-1731			
1732-1733			
1734-1735			
1736-1737			
1738-1739			
1740-1741			
1742-1743			
1744-1745			
1746-1747			
1748-1749			
1750-1751			
1752-1753			
1754-1755			
1756-1757			
1758-1759			
1760-1761			
1762-1763			
1764-1765			
1766-1767			
1768-1769			
1770-1771			
1772-1773			
1774-1775			
1776-1777			
1778-1779			
1780-1781			
1782-1783			
1784-1785			
1786-1787			
1788-1789			
1790-1791			
1792-1793			
1794-1795			
1796-1797			
1798-1799			
1800-1801			
1802-1803			
1804-1805			
1806-1807			
1808-1809			
1810-1811			
1812-1813			
1814-1815			
1816-1817			
1818-1819			
1820-1821			
1822-1823			
1824-1825</			

Capítulo XI

Maputo, 11 de Outubro, 8h15

*Eu gosto de passar algum tempo em Moçambique;
O céu soalheiro é azul água;
Há muitas raparigas bonitas
E muito tempo para um bom romance.*

«Mozambique», Bob Dylan

Filipe vislumbrou a torre rosada da Embaixada de Portugal e virou à direita. Mal se levantara, decidira sair do hotel para fazer uma corrida matinal pelas redondezas. Percorrera a Avenida Julius Nyerere até ao cruzamento com a Eduardo Mondlane, onde em tempos haviam vivido os pais de Mário Barbosa, o suposto líder dos sabotadores do *Angoche*, entretanto falecidos.

A cidade estava repleta de acácias rubras e jacarandás, mais do que alguma vez lhe parecera no passado. No hotel, comentaram com ele que as acácias haviam vindo de Madagáscar e que os jacarandás começaram a ser plantados no início do século xx, ainda que ali não fossem tão densos e exuberantes como em Pretória e Joanesburgo.

Manteve o ritmo da corrida até virar à esquerda e, pouco depois, avistou a moradia degradada numa esquina. Já tinha pensado em visitar aquele local na semana anterior, quando estivera em Maputo, e agora não resistira a passar por lá.

– Vila Algarve! – murmurou para si próprio.

Parou e observou a casa em ruínas de dois pisos. Lera que fora construída nos anos trinta do século passado por um empresário português e, em tempos, deveria ter sido uma moradia apalaçada esplendorosa, decorada com magníficos painéis de azulejos. Todavia, o edifício passara a ser a sede da PIDE em Moçambique na década de 1960 e aquelas paredes e caves tinham testemunhado inúmeros interrogatórios violentos e torturas. Sabia que havia planos para transformar a moradia num museu, mas também lhe haviam contado que ninguém queria lá entrar por se dizer que estava assombrada.

Fora dali, da Vila Algarve, que tinham sido enviados todos os relatórios

«urgentíssimos» sobre o *Angoche* para Lisboa. Filipe já vira fotografias na Internet das várias divisões em escombros. Por instantes, pensou em trepar o muro que cercava a propriedade e investigar o interior, mas acabou por deixar a moradia para trás. Não restaria lá nada para ver, especialmente depois da agitação que se vivera nos meses seguintes ao 25 de Abril, quando se queimaram milhares de documentos.

Não demorou a voltar à corrida. Desembocou numa avenida larga e virou em direcção à baía, tentando ignorar o trânsito, os vendedores no passeio e o bulício que se agigantava por todo o lado. Minutos depois, descortinou o mar. Não resistiu a parar debaixo de uma grande pérgula coberta por buganvílias escarlates; tratava-se de um miradouro antigo. Ainda não se habituara à imensidão da baía e ficava sempre abismado com aquela vista.

Passou a mão pela testa, limpando o suor, ainda que ali, à sombra, com a brisa do mar, estivesse mais fresco. A agitação e o trânsito tinham ficado para trás. Aquela parecia ser a avenida mais luxuosa da cidade, com moradias enormes, jardins espaçosos e uma vista esplendorosa. Acabou por sorrir ao vislumbrar a placa azulada com o nome da avenida: Friedrich Engels, um dos principais ideólogos comunistas.

Tentou localizar o local onde o *Angoche* estava sepultado e voltou a lembrar-se de António Menezes. Mal vira a mensagem dele, em Pretória, não hesitara e marcara o voo para Maputo. António tinha novidades importantes para lhe dar, embora pouco adiantara, dizendo-lhe apenas que queria encontrar-se pessoalmente com ele com urgência. Filipe desconfiava do que se tratava: também ele deveria ter encontrado provas de que o seu pai estivera envolvido na investigação de Miguel Ferreira ou do *Angoche*. Ainda estava incrédulo com essa possibilidade e mal esperava por chegar a Lisboa para comparar a letra em vários papéis do pai que guardara.

Por seu turno, o advogado do Porto tinha sido muito claro. Aliás, o chamariz funcionara em pleno: ele não ficara indiferente à menção no seu *e-mail* de um levantamento histórico sobre a Livraria Minerva em Maputo. Telefonara-lhe dois dias depois, quando Filipe estava no aeroporto de Joanesburgo, prestes a embarcar para Maputo. Confirmara que a sua mãe, entretanto falecida, trabalhara lá durante anos antes da independência e gostaria de saber o teor das informações que ele possuía e que investigação estava a fazer.

Procurara-o na Internet e sabia que ele trabalhara na área da gestão de fundos de investimento e estivera envolvido no caso da *Flor do Mar*. A sua curiosidade sobre Moçambique era notória, e talvez por isso acedera facilmente em encontrar-se com ele no Porto na semana seguinte, para trocarem impressões. Aquela era uma pista central: Dinis Cabral era mesmo filho do antigo passageiro do *Angoche*!

De repente, Filipe sentiu um movimento brusco. Um homem de boné, *T-shirt* e calções parara a poucos metros dele, debruçando-se na balaustrada do

miradouro. Filipe olhou-o de soslaio: era estrangeiro e parecia estar também a fazer exercício, tendo parado para admirar a vista. Filipe acabou por sorrir, mas admirou-se por vê-lo aproximar-se.

– A vista é soberba – comentou o homem em inglês. Estava de óculos escuros, tinha a testa larga e um corpo possante. – É a avenida mais bonita da cidade.

– Também acho – concordou Filipe, apontando então para a baía. – Nunca aqui tinha estado...

– Permita-me que lhe dê um conselho – avançou o homem. O sotaque era semelhante ao de Pieter e Lize. – Deixe o *Angoche* em paz. Não acorde fantasmas adormecidos. É perigoso, pode ser fatal.

– Quem é o senhor? – questionou Filipe, estupefacto.

– Volte para Portugal e nunca mais regresse a África. Esqueça esse assunto.

– Isso é uma ameaça? – ripostou Filipe. Sentia o coração a bater, mas tentou manter-se firme.

– É um aviso. O primeiro e o último – insistiu o homem, com um porte militar. Fez-lhe uma ligeira vénia, afastando-se, não sem antes rematar: – A sua vida corre perigo.

Filipe ficou gelado, com os músculos tensos, enquanto acompanhava o passo do homem a distanciar-se. Viu-o retomar a corrida, como se nada de mais tivesse acontecido. Tinha o corpo a tremer e a pulsação acelerada. Demorou a reagir e a compreender o que lhe havia acontecido. Andava a ser seguido e acabara de ser ameaçado de morte por causa do *Angoche*.

Filipe trancou a porta do quarto e respirou fundo. Estava ofegante e a suar em bica: tinha corrido sem parar até ao Hotel Polana. Ainda não estava em si. Aquele homem sabia quem ele era e o que estava a fazer, e seguira-o, possivelmente desde o hotel até ao miradouro.

Sentou-se na cama e olhou para as mãos a tremer. Não conseguia tirar a imagem daquele homem da cabeça. Foi até à varanda e fitou a piscina vazia e a baía ao largo. A aragem do mar fez-lhe bem. Aos poucos, conseguiu acalmar-se e pôr a cabeça em ordem – tinha de ligar a Pieter urgentemente para o informar do sucedido. Voltou para dentro, pegou no telefone e viu que tinha duas chamadas da Inspectora Mendonça. Deixara o telefone no quarto enquanto fora correr e ela ligara-lhe havia vinte minutos. Sem hesitar, devolveu-lhe a chamada.

– Demorei a responder porque tive de fazer várias diligências – explicou a inspectora. O tom era sério. – Temos aqui um caso complicado.

– Sobre o homem que morreu no Algarve no ano passado?

– Foi morto durante um assalto violento à sua residência. O corpo foi encontrado por um pescador numa pequena praia de difícil acesso, no

concelho de Vila do Bispo, a vinte quilómetros de casa. Tinha a cara desfigurada e o corpo mutilado. Estava amarrado, pés e pulsos.

– Que horror – disse Filipe, arrepiado. – Foi torturado...

– Segundo a autópsia, a causa de morte foi asfixia.

– Quem era ele?

– Um contabilista reformado, nascido em Moçambique, emigrante na Venezuela, mas residente em Lagos há vários anos – respondeu a inspectora.

– Falei com o meu colega de Faro responsável pelo caso. A vítima tinha uma vida discreta, mas possuía um património avultado e vivia sozinha numa moradia. Tudo aponta para que o crime tenha sido perpetrado por um grupo especialista em assaltos milionários, mas até agora, infelizmente, não se encontraram suspeitos.

– Eu lembro-me de ouvir falar desse tipo de assaltos – disse Filipe. – Tem havido mais casos no Algarve?

– Houve mais dois, um em Albufeira e outro na Quinta do Lago, mas nenhum com esta violência e, em ambas as situações, já apanhámos os assaltantes. Eram sul-americanos e negaram qualquer envolvimento neste caso – relatou a inspectora. – Este assalto foi muito profissional: levaram tudo o que puderam, sem deixarem sinais de arrombamento, impressões digitais ou qualquer tipo de marcas. A única testemunha que temos é um gato.

– Parece um gato muito experiente...

– O meu colega suspeita de que os assaltantes conheciam bem o património da vítima e coloca a hipótese de se ter tratado de um caso de extorsão – adiantou. – É isso que ele tem tentado atestar com os bancos, mas tem sido difícil.

Filipe estremeceu e ficou em silêncio. Não contava deparar-se com mais um homicídio e, ainda por cima, com algumas semelhanças com o caso de Sílvio Rosa: ambos os homens tinham património elevado, as residências haviam sido assaltadas, e eles tinham ferimentos de armas brancas. Continuava sem perceber a sequência de eventos em Zanzibar e a morte da acompanhante de Tony, mas Tony tinha de estar por detrás daquele crime no Algarve: estava à procura daqueles homens, fora um militar com grande experiência em combate e, por alguma razão, poderia ter agido à revelia de Pieter.

– Confesso que não estava à espera disto... – desabafou Filipe. Estava tentado a contar à inspectora o que lhe acontecera no miradouro, pois talvez ela o pudesse ajudar ou aconselhar, mas acabou por se retrair.

– Estou a ajudá-lo porque confio em si. Sei que me disse que o caso é confidencial, mas trata-se de uma investigação policial em curso – declarou ela. – O que é que me pode adiantar sobre este homem? Eu tenho o dever de ajudar o meu colega na investigação deste crime.

– Não sei quase nada sobre ele. Foi dado como desaparecido em Moçambique em 1971, tal como os outros que lhe mencionei. Eram suspeitos de serem comunistas e de estarem envolvidos num golpe contra um cargueiro

que transportava armas durante a Guerra Colonial.

– E porque é que isso lhe interessa agora? Passaram-se mais de cinquenta anos...

– O pai do meu cliente pode ter sido morto no decorrer desse golpe contra o cargueiro – confessou Filipe, tentando medir as palavras. – Fui contratado para encontrar estes homens, dado que eles são testemunhas prováveis do que se terá passado.

– Pensei que fosse especialista em investigar naufrágios da Era dos Descobrimentos, e não pessoas desaparecidas – comentou a inspectora, com sarcasmo. – O seu cliente é português ou moçambicano?

– Sul-africano.

– Bem, este caso parece cada vez mais obscuro – ripostou ela, suspirando. – Entretanto, descobri outra coisa preocupante.

– Mais um homicídio?

– Não, vi que existe informação no sistema sobre outro nome que me enviou: Mário Barbosa, mas não sei se será a mesma pessoa que procura. Infelizmente, não consigo ter acesso.

– Precisa de ter aprovação hierárquica?

– Sim, ou de estar envolvida numa missão especial.

Filipe anuiu. A imagem do homem no miradouro voltou a atormentá-lo: não fazia ideia de quem seria nem do que o movia. De repente, deixara de investigar um caso que ocorrera em 1971 para se cruzar com vários homicídios recentes. Tinha de falar com Pieter urgentemente!

– Isso significa que existe ou existiu uma investigação secreta sobre ele?

– Sim, e que pode ser alguém que tenha um mandado de captura internacional – acrescentou a inspectora. – Se tiver mais informações sobre esse homem, agradeço que me informe rapidamente. Tem de ter cuidado, isto parece perigoso.

– Eram pides – declarou António, antes de se sentar. Estava tenso e com o semblante zangado. – A lista de nomes que me deu corresponde a uma antiga brigada da PIDE.

– PIDE?! – questionou Filipe. As novidades surgiam-lhe em catadupa e ainda não recuperara do choque no miradouro. Não conseguia parar de olhar para os lados, com medo de estar a ser observado. – Tem a certeza?

Os dois haviam-se encontrado no café do Jardim dos Professores, perto do Hotel Cardoso e da maior escola secundária da cidade, o antigo Liceu Salazar. A esplanada estava cheia àquela hora, embora a distância entre as mesas fosse suficientemente grande para se conversar à vontade.

– Eram infiltrados. Existem provas de que estes homens actuavam secretamente aqui em Maputo – adiantou António, mostrando-lhe a folha que

ele lhe dera dias antes. Estava amarrada e cheia de rabiscos. – Este aqui, Mário Barbosa, era o líder. Desapareceram todos sem deixar rasto em 1971.

– Isso não parece fazer sentido – replicou Filipe. Afinal, o que António tinha para lhe dizer não estava relacionado com o seu pai.

– Descobri-o nos arquivos oficiosos da Frelimo, que agrega bastante informação antiga, do tempo da luta armada – sussurrou-lhe António, debruçado sobre a mesa. – Posso assegurar-lhe de que se trata de informação fidedigna. Como deve calcular, a Frelimo tinha muitos espões aqui na cidade, na Beira e em Nampula. Conhecia quase todos os agentes da PIDE, mesmo os infiltrados, e seguia-lhes os passos.

Filipe estava pasmado, ainda a tentar compreender o alcance do que António lhe relatava. Nem se dera conta de que uma empregada se acercara deles. A jovem cumprimentou-os com simpatia, elencando as sugestões do dia, e eles acabaram por pedir duas *Laurentinas*, um pratinho de chamuças e outro de camarões panados.

– E sabe o que lhes aconteceu? – inquiriu Filipe, mal a empregada se afastou.

– Desapareceram de um dia para o outro. Ou desertaram, ou foram mortos, e os corpos nunca foram encontrados – declarou António, coçando a barba rala. – Inclino-me para a segunda hipótese, claro. A maioria dos agentes da PIDE era de uma lealdade extrema, não era normal desertarem.

– E tem ideia de quando isso aconteceu exactamente? – perguntou Filipe, antevendo a resposta.

– Em Abril de 1971, claro está. O que me leva a outro ponto.

– Qual?

António não chegou a responder. A empregada aproximava-se e pousou as cervejas e os salgados na mesa. Filipe leu «1932» no rótulo da garrafa, bebeu três goles de seguida e tentou concentrar-se.

– O jovem africano que fazia parte da lista de nomes que me deu – esclareceu António. – Aquele que foi assassinado aqui em Maputo, meses antes do «Caso Angoche», supostamente por Mário Barbosa.

– Sim, no Jardim Tunduru, antigo Vasco da Gama – anuiu Filipe, apontando para a Baixa; encontrara aquela informação na Torre do Tombo. – Descobriu alguma coisa sobre ele?

– Era um informador da PIDE. Sabia disso?

– Não fazia ideia – respondeu Filipe. Estava incrédulo com a evidência de que os cinco passageiros do *Angoche* pudessem ser da PIDE. – Custa-me a crer que isso seja verdade.

– Acredite, não há a mínima dúvida – afirmou António. – E a sua morte também não deve ter sido inocente. O informador deve ter suspeitado de que estava a ser traído ou desentenderam-se os dois.

Filipe bebeu mais um trago de cerveja e recostou-se na cadeira. O que António dizia fazia sentido, ainda para mais sabendo ele que aqueles cinco homens estavam a bordo do *Angoche*. A ser verdade, o objectivo deles nunca

poderia ter sido desviar o cargueiro para a Tanzânia, em protesto contra a Guerra Colonial.

Se António tivesse razão e aqueles homens fossem da PIDE, então um deles poderia ter sido o agente «Acácia», o sócio do amigo do pai de Pieter. Recordou-se do telegrama da PIDE de Luanda que encontrara no escritório de Tony em Pretória, a relatar o tráfico ilegal de armas e diamantes do «Acácia», e sentiu a pulsação a acelerar. Aquela seria a ligação entre o *Angoche* e o pescueiro! Xavier Lobato investigara o «Caso Angoche» porque tinha aquela brigada da PIDE sob vigilância por causa do «Acácia».

– Tinha esperança de que existisse alguma ligação desses homens com o *Angoche*, mas isto nunca me passou pela cabeça – acabou por confessar. – Sempre pensei que eles fossem comunistas ou contra a Guerra Colonial...

António tinha-o surpreendido. Investigara o caso com diligência, e parecia ter mais novidades para revelar, ainda que provavelmente também tivesse perguntas para fazer.

– Também li a informação não confirmada de que o agente Mário Barbosa estava prestes a ser transferido para o Ibo – continuou o moçambicano. – Para o Centro de Reeducação da PIDE-DGS.

– Ibo? – questionou Filipe. O pai falara-lhe daquela ilha, que chegara a ter muitas semelhanças com a Ilha de Moçambique. – Nas Quirimbas?

– Sim, na altura, a fortaleza da ilha passou a ser uma prisão de alta segurança, onde se interrogavam e torturavam os guerrilheiros capturados.

– E também era uma das últimas escalas previstas do *Angoche*.

– Ouça, eu não sei se esse PIDE seguia a bordo do navio, mas continuo a achar que sempre tive razão sobre este caso – afirmou António, com um sorriso mordaz. – O motivo por detrás do assalto ao *Angoche* teve de ser a carga.

– Não registada, como disse – assentiu Filipe. Talvez aqueles agentes da PIDE tivessem sido mesmo transferidos para o Ibo, e o nome deles não constasse do registo de passageiros por razões de segurança, ou porque estariam a transportar alguma carga especial. – Afinal, o armamento ficou todo a bordo...

– Exacto, o Porão 1, onde as armas seguiam, foi encontrado fechado. O Porão 2 é que foi aberto e devia levar algo tão importante que os piratas deixaram para trás tudo o resto e tiraram a vida a vinte e três pessoas.

A empregada pousou mais duas *Laurentinas* na mesa. Já era quase de noite e Filipe tentou acalmar-se.

– E tem alguma suspeita de que carga poderia ser? – inquiriu, preparando-se para as dúvidas que António iria levantar.

– Não, tinha esperança de que o Filipe soubesse – replicou António. – Afinal, conseguiu juntar uma lista de pessoas suspeitas de estarem envolvidas no caso. Nomes que eu nunca tinha visto em relatório algum.

– Infelizmente, não. Ainda nem acredito no que me contou – respondeu Filipe. – Tenho de descobrir o destino dos tripulantes, continuo sem saber o

que lhes aconteceu. Custa-me a crer que todos tenham morrido...

– Pois, mas isso é uma missão inglória – disse António. – Temo que nunca se vá descobrir o que lhes aconteceu. Apenas que foram vítimas, e não traidores, como tantas vezes foram acusados.

António acabou por se levantar para ir à casa de banho. Filipe tinha a cabeça num turbilhão. Voltou a observar cada uma das mesas e relaxou: não havia sinais do homem do miradouro. Estava uma temperatura agradável e o entardecer naquela cidade tinha sempre algo de mágico, tal a combinação de cores no céu e o seu reflexo nas águas do estuário. Distinguiu várias bóias de iluminação, a indicar os canais de navegação, e perscrutou as luzes das ruas da Baixa, tentando descortinar a localização da Livraria Minerva: iria visitá-la logo pela manhã.

Sentiu o telemóvel a vibrar e ficou radiante: tinha uma mensagem de Rita! Ela demorara quase uma semana a responder-lhe, e ele sentira a sua falta. Rita adiantava-lhe que estava numa missão importante e que só conseguiria ir a Lisboa dali a semana e meia. Voltava a desafiá-lo a passarem um fim-de-semana fora, desta vez numa herdade na Comporta, para aproveitarem os últimos dias de calor. A mensagem era carinhosa, embora se notasse que fora escrita à pressa.

Filipe sentiu um arrepio a percorrer-lhe o corpo e, por momentos, esqueceu-se do dia alucinante que tivera. Estava a milhares de quilómetros dela, mas sentia um desejo ardente de abraçá-la e poder sentir-lhe a pele. Hesitou na resposta e acabou por pousar o *iPhone* na mesa. Queria muito voltar a vê-la! Continuava indeciso em pedir-lhe ajuda, mas sabia que ela poderia identificar rapidamente o homem da fotografia dos anos oitenta que encontrara no escritório de Tony: desconfiava de que poderia ser um dos dois homens que procurava – Mário Barbosa ou Daniel Cabral, o pai do advogado do Porto.

Pegou no *iPhone* para lhe adiantar que estava desejoso de a rever, quando vislumbrou António a regressar da casa de banho.

– Já agora, queria perguntar-lhe sobre outro assunto – arriscou Filipe. António parecia-lhe mais tranquilo. – Sobre a Guerra dos *Boers*.

– Ah, sim, o oficial que combateu nas Grandes Campanhas, às ordens de Mousinho de Albuquerque. Peço desculpa, não tive tempo para ver esse tema.

– Claro, eu percebo. Pelo que li, a Guerra dos *Boers* teve bastante impacto em Moçambique, especialmente aqui, na cidade.

– Sim, muito mesmo. Lourenço Marques era o porto privilegiado do Transvaal – explicou António, apontando para o porto lá em baixo, onde estavam vários navios iluminados. – Essa foi a razão que esteve por detrás da construção da linha férrea até Pretória. Foi algo de revolucionário naquela altura.

– Li que, nos meses seguintes à queda de Pretória, Moçambique foi invadido por uma enchente de refugiados *boers*, que fugiam das tropas britânicas – avançou Filipe. – Creio que foram mais de quarenta mil pessoas.

– Não tenho os números presentes, mas, sim, foram milhares de pessoas, a maioria delas apenas com a roupa que tinham no corpo. Os mais sortudos vieram de comboio até Ressano Garcia, e depois até aqui. Outros percorreram centenas de quilómetros a pé, até chegarem à fronteira ou à Namaacha. Uma desgraça...

Filipe seguia com entusiasmo o relato de António, mas continuava inquieto. Não sabia bem o que relatar a Pieter. Tinha de sistematizar as ideias, desde a ameaça de morte que sofrera até à possibilidade de o seu pai estar envolvido nas investigações. Por certo, Pieter não estaria a par da verdadeira identidade dos passageiros do *Angoche*, nem da possibilidade de a morte recente de dois deles estar relacionada; Tony devia ter sido o autor dos dois crimes e a dimensão das suas pesquisas não podia ser mais surpreendente. Talvez Pieter já desconfiasse de que ele não estivera apenas à procura dos antigos passageiros do *Angoche*, mas também do destino do Tenente Miguel Ferreira. Os indícios começavam a ser frequentes: aquelas duas investigações pareciam interligadas, quase como se se tratasse da mesma missão.

– Naquela altura, a cidade era muito pequena – acabou por comentar, recordando-se da maquete de Tony. – Resumia-se à Baixa, e começava a crescer pela parte alta, acima das barreiras.

– Sim, até aqui, a Ponta Vermelha – concordou António. – Poucos anos antes da Guerra dos *Boers*, isto era apenas um lugarejo a três quilómetros da cidade, com um farol, uns casebres e, claro, a casa que viria a ser a Residência do Governador-Geral. Era uma zona perigosa, susceptível de ser atacada por guerreiros rongas, os landins, como os portugueses lhes chamavam na altura.

António relatava-lhe que o domínio territorial português em Moçambique fora quase inexistente até à altura das Grandes Campanhas, no final do século xix, limitando-se a uma estreita faixa no litoral, com especial presença na Ilha de Moçambique e no Ibo. As únicas excepções haviam sido a Zambézia, a norte, e mais tarde Inhambane. Até essa altura, Moçambique não passara de uma manta de retalhos, com diversas tribos muito diferentes entre si e alguns sultanatos costeiros escravagistas ligados a Zanzibar, sendo o restante comércio dominado por mercadores baneanes.

– Antes do aterro, o pântano transbordava com as chuvas e alagava as ruas e os armazéns do porto. A maior parte das construções da cidade dessa altura era de madeira e zinco – continuou António. – Só mais tarde é que as casas em alvenaria começaram a ser comuns, e a proliferar pela cidade alta, até aqui. É por isso que todos os edifícios históricos da cidade são posteriores a isso.

De repente, a esplanada ficou numa escuridão total. O mesmo se passou na Baixa da cidade. Filipe não conseguiu vislumbrar fosse o que fosse, para além de alguns focos de luz ao fundo, que deveriam ser os navios fundeados no estuário. Ouvia um burburinho na esplanada, ainda que relativamente tranquilo, e logo viu os empregados a distribuírem velas acesas pelas mesas.

– Foi uma falha de energia – zombou António. – Nada de preocupante,

acontece quase todas as semanas.

Minutos depois, a luz voltou e ouviu-se um grande aplauso. Pagaram a conta, levantaram-se e caminharam ao longo do jardim, por entre as mesas. António ofereceu-se para lhe dar boleia até ao Hotel Polana, referindo-lhe de novo a situação perigosa que a cidade vivia nas últimas semanas.

– E o que aconteceu àquela gente? – insistiu Filipe, parado na berma da estrada. – Aos refugiados *boers* que conseguiram atravessar a fronteira?

– A maioria deles chegou a Lourenço Marques.

– Os ingleses não pressionaram os portugueses para os entregarem?

– A maior parte seguiu a sua vida, muitos conseguiram embarcar em vapores rumo à Europa, principalmente para os Países Baixos. Quanto aos restantes, os portugueses arranjaram uma solução de que ninguém estava à espera – revelou António, com as chaves do carro na mão. – Foram espertos, como sempre.

António preparava-se para entrar no carro quando Filipe parou, inerte. Do outro lado da rotunda deserta, vislumbrou um homem a fumar, na penumbra, à entrada do Museu de História Natural. Parecia observá-los. Filipe não lhe conseguiu ver as feições, mas depressa lhe reconheceu o porte militar – era ele, o homem do miradouro!

Pieter fechou a porta do gabinete, admirou a estátua do guerreiro zulu ao canto e esticou-se no sofá preto. Era tarde e estava esgotado. Tinha de avisar Marike, a governanta, de que ficaria na cidade e não iria dormir na *farm* em Franschoek porque tinha um evento na manhã seguinte, em Newlands, com a apresentação da nova equipa de *cricket*.

Olhou para o telemóvel e notou que recebera mais *e-mails*. Ainda tinha trabalho a fazer, em particular sobre as últimas informações que Lize lhe enviara de Gaborone. Ela encontrava-se agora no Botswana para se certificar de que tudo estava pronto para a inauguração do novo hotel, que estava vocacionado para homens de negócios e para quem estava em trânsito para as minas de diamantes, a noroeste da cidade – a cerimónia estava marcada para dali a um mês e iria contar com a presença do Presidente do Botswana. Aquela mulher era incansável e tinha uma inteligência invulgar: fora das melhores contratações da sua vida, tal como Joan Walkers. Era uma pena darem-se tão mal, e ele poder vir a ser obrigado a escolher uma delas, mais tarde ou mais cedo.

Pieter levantou-se, abriu o minibar e serviu-se de um copo de vinho branco, colocando um cubo de gelo. Por certo, não estaria já ninguém na empresa e podia beber à vontade, sem olhares indiscretos. Olhou pela janela e observou os edifícios vidrados ao lusco-fusco, a Signal Hill e o estádio de Green Point mais ao fundo. Acabou por se distrair com o movimento no

porto. Um cargueiro preparava-se para sair de um dos pontões, enquanto uma grande plataforma petrolífera iluminada se mantinha imóvel, a umas centenas de metros do porto.

O vinho gelado serenou-o, mesmo que a plataforma petrolífera o fizesse lembrar-se novamente de Lize: o marido, Sean Kay, trabalhava nas plataformas no Golfo da Guiné e passava muito tempo fora. Nunca simpatizara com aquele homem, talvez por causa da sua postura militar, do seu olhar inquiridor ou por saber que ele tinha uma relação tempestuosa com Lize. Mesmo assim, tinha respeito por ele. Não devia ser fácil passar tanto tempo em países tão complicados, correndo o risco de ser raptado por terroristas. Havia um grupo armado que se intitulava *Avengers*, tal como os personagens dos filmes de Hollywood, e assaltava plataformas no oceano, por forma a desestabilizar a economia da Nigéria e forçar a independência dos estados do delta do rio Níger.

Pieter sentou-se de novo à secretária e respondeu ao último *e-mail* de Lize, esclarecendo as suas dúvidas, tendo depois aprovado várias directrizes sobre alguns imóveis em Londres. Leu a mensagem do Arcebispo de Cape Town sobre o financiamento de um campo de *rugby* em Khayelitsha, a maior *township* da cidade, mas não deixou de ficar desapontado: não recebera mais nenhuma mensagem de Filipe desde que ele saíra de Pretória, quatro dias antes. Sabia que ele estivera em casa de Tony e tentara, sem sucesso, entrar nos arquivos militares de Pretória. Dali voara até Maputo e depois seguiria para Portugal, na senda de uma pista importante sobre Daniel Cabral.

Pieter encheu novamente o copo de vinho, bebeu mais um trago e fitou o Sol a cair no mar. Regressou ao computador e começou a escrever um *e-mail* a Filipe. Convidou-o a vir a Cape Town para debaterem o andamento da missão e a descoberta de novas informações que ele, Pieter, tinha sobre o caso. Para ele não eram novas, mas seriam apresentadas como tal a Filipe, e havia uma boa desculpa para isso: chegara o momento de saber se podiam confiar um no outro. Filipe iria quase de certeza compreendê-lo.

Bebeu mais um gole de vinho e procurou um ficheiro especial na sua pasta pessoal. Era a fotografia do *Generaal* Botha sentado ao lado dos seus *kommandos*, todos com espingarda e chapéu de abas, à volta de uma fogueira, perto de Spioenkop. Um deles era Fritz Duquesne, de que tanto ouvira falar; outro era Miguel Ferreira, o voluntário português que passara a ser o homem de confiança do *Generaal*. Era nele que recaíam as suas suspeitas: Miguel Ferreira devia ter sido a peça-chave de tudo o que se passara em 1900!

Capítulo XII

Moamba, 29 de Agosto de 1900

Permita-me, como convidado do governo de Sua Majestade, o Rei de Portugal, agradecer sinceramente a Vossa Excelência a excepcional gentileza, assistência e atenção que demonstrou durante a minha estadia aqui, que será sempre uma lembrança agradável para mim.

Carta de Paul Kruger, Presidente do Transvaal, a Joaquim Machado, Governador-Geral de Moçambique

Miguel acordou sobressaltado, com a cabeça pesada e um formigueiro na língua. Parecia ter engolido fuligem. Não se recordava de onde estava e, por instantes, achou que regressara às minas de Joanesburgo. Tentou manter os olhos abertos, vislumbrou um tecto metálico e lembrou-se: estava no comboio, em Moçambique, e algo terrível acontecera. Deveriam ter sofrido uma emboscada britânica, que juntara um grupo de infiltrados a bordo com um punhado de cavaleiros zulus que haviam atacado o comboio e bloqueado a linha férrea. Acontecera o que sempre temera: os ingleses haviam descoberto a existência daquele comboio governamental e sabiam que a sua chegada a Lourenço Marques poderia virar o curso da guerra.

Aos poucos, as memórias tornaram-se mais nítidas. Recordou-se dos soldados atingidos no topo dos vagões e pontapeados para fora do comboio em andamento, sem que nada pudesse fazer para os salvar. Reviveu os últimos instantes de Leon e ficou horrorizado: ele morrera mesmo à sua frente, com um tiro na cabeça.

Conseguiu mover os braços e apercebeu-se de que estava estendido no chão da locomotiva. Tinha uma dor horrível nos ombros, a camisa empapada de sangue e dificuldade em mover-se. Pouco a pouco, recuperou alguma destreza e pareceu-lhe que o sangue na roupa não era seu. Não se recordava bem do que lhe acontecera, ainda que tivesse bem presente que se refugiara na locomotiva para fugir ao tiroteio. Talvez tivesse batido algures com a cabeça, o que o levara a perder a consciência.

Apoiou os cotovelos no chão e viu o corpo morto do maquinista a um

canto e a sua azagaia vátua ao lado. Tentou encontrar a *Mauser*, mas não estava em lado algum. A custo, levantou-se. Estranhou a azagaia estar coberta de sangue e espreitou lá para fora.

Foi com surpresa que vislumbrou dois carros de bois sob um grande canhoeiro e, a pouca distância, distinguiu três indígenas à volta de uma pilha imensa de caixotes. Não lhe pareciam vátuas, nem landins, embora estivesse demasiado longe para ter a certeza. Não poderiam estar ali por acaso: deveriam ter sido eles a bloquear a linha.

Conhecia bem aqueles caixotes de dinamite de Pretória; ele próprio selara vários no interior do Parlamento. Interrogou-se sobre o que os indígenas estariam ali a fazer quando, de repente, ouviu um crepitar atrás de si: alguém se preparava para subir à locomotiva!

Susteve a respiração, ficou à espreita e viu que se tratava de um *kommando* alto e corpulento, com uma farta barba ruiva. O chapéu de abas largas tapava-lhe parte do rosto, pelo que não lhe reconheceu as feições. Vinha munido de espingarda com baioneta, de cartucheira ao peito e *sjambok* à cintura, avançando com um passo ameaçador.

Miguel deitou-se no lado oposto, fingindo-se morto, e deixou-o avançar, à espera de perceber o que ele iria fazer. A seguir, viu-o espetar a baioneta no peito do maquinista para ter a certeza de que estava morto.

Ficou aterrorizado e saltou em flecha. Apanhou-o de costas e agarrou-lhe a cabeça e o pescoço, torcendo-o com força. O *boer* estrebuchou aos guinchos, tentou desembaraçar-se dele e agarrá-lo, mas não conseguiu. Miguel apanhara-o a jeito e, com força, cortou-lhe a respiração. O sul-africano acabou por largar a espingarda e morreu-lhe nas mãos, com o corpo pesado a tombar inanimado.

Miguel estava ofegante e sentia o suor a escorrer-lhe pela testa, mas não conseguiu deixar de olhar para o cadáver à sua frente. Por alguma razão, aquele *boer* quisera ter a certeza de que o maquinista estava morto, e a seguir iria fazer-lhe o mesmo. Limpou o suor da face, sentindo o estômago às voltas, mas tentou acalmar-se e acercou-se de novo da janela.

Felizmente, ninguém ouvira o que se passara, mas ficou boquiaberto: Fritz sobrevivera e estava ao lado de quatro indígenas, dando-lhes indicações sobre o que fazer com os caixotes. Pelo à-vontade com que se movia, o desgraçado parecia estar por detrás de tudo o que se passara!

Miguel cerrou os dentes. Afinal, o comboio não fora vítima de um golpe temerário dos britânicos, mas sim de um motim: os *boers* haviam-se envolvido num combate fratricida, e a maioria parecia ter perdido a vida no fogo cruzado. Lembrava-se bem de que os tumultos tinham começado no quarto vagão, liderado por Fritz, e imaginou-o a gesticular com a espingarda em punho, dando ordens aos soldados insurrectos. Suspeitava de que ele mesmo tirara a vida a vários compatriotas que seguiam nos vagões, por forma a apoderar-se do comboio.

Voltou a espreitar lá para fora e viu os indígenas a transportarem vários

caixotes para o que aparentava ser uma gruta, à entrada da qual estavam dois *kommandos* de espingarda ao ombro. Pouco depois, viu-os desaparecer na escuridão. Ficou furioso! Aqueles homens pareciam saber o que fazer, numa missão bem organizada. O local do bloqueio da linha tinha uma razão de ser, bem como os carros de bois. Aquele golpe deveria ter sido planejado em Machadodorp, ou mesmo em Pretória. Desafortunadamente, Miguel não fora capaz de prever ou pelo menos desconfiar de que tal coisa pudesse vir a suceder.

Por momentos, hesitou no que fazer. Não podia enfrentá-los! Estava sozinho e longe de Lourenço Marques; tinha de fugir dali o mais depressa possível. Foi então que ouviu um tiro que o deixou imóvel, a que se seguiram outros dois disparos, numa cadência assustadora. Espreitou com cuidado e ficou estarecido: Fritz acabara de abater os outros dois *boers*. Viu-o trespassar o peito de um indígena com a baioneta da espingarda, fazendo-o cair no chão, para logo depois recarregar a arma: restavam apenas dois indígenas, que fugiam para o mato, em desespero.

Pouco depois, Miguel ouviu dois tiros seguidos e adivinhou o desfecho. Fritz tirara a vida a todos os que ali estavam, por certo para não deixar testemunhas do sucedido. Miguel agachou-se na locomotiva, tentando dominar o pânico, sem saber o que fazer: tinha a certeza de que Fritz viria procurá-lo, bem como ao *kommando* que jazia ali no chão. Se o encontrasse, matá-lo-ia sem hesitações.

Esperou um instante em silêncio e depois viu Fritz a entrar na gruta. Num impulso, agarrou na espingarda do sul-africano morto, retirou-lhe o *sjambok* e a cartucheira do peito e saltou para fora da locomotiva. Ficou surpreso ao ver um corpo negro esventrado envolto numa poça de sangue. Notou as pinturas brancas na cara e então lembrou-se do que acontecera: aquele fora o guerreiro zulu que atingira o maquinista e invadira a locomotiva. Lutara com ele e fora a sua azagaia que o salvara.

Olhou para um lado e para o outro, confirmou que não havia ninguém por perto e desatou a correr pelo mato sem olhar para trás. Não se lembrava de ter passado a ponte do rio Matola, mas tinha a certeza de que iria conseguir chegar a Lourenço Marques.

Miguel encostou a *Lee-Enfield* no pedregulho e sentou-se, esgotado. Já havia bastante claridade e o Sol deveria levantar-se a qualquer momento. Chegara finalmente às cercanias do Alto Maé. Atravessara uma imensa plantação de cana-de-açúcar, para se afastar das cavaliças do Quartel da Polícia, e contornara algumas palhotas e casebres por entre *machambas* até alcançar aquela ribanceira. Dali conseguia avistar a cidade e o Estuário do Espírito Santo, ainda que a neblina teimasse em cobrir o azul das águas e grande parte dos edifícios lá em baixo.

Percorrera quase cinquenta quilômetros pela savana, aproveitando o luar. Não parara um instante para dormir, e apenas sustivera a marcha para beber água num riacho, tentar disfarçar o sangue seco da roupa e apanhar um cacho de bananas, assim que começara a clarear.

Evitara caminhar ao longo da linha férrea ou da Estrada de Lidemburgo, de modo a passar despercebido e aproximar-se da cidade sem ser visto. Tinha receio do que poderia acontecer. Conseguira sobreviver à golpada de Fritz, mas não estava livre de perigo. Ele poderia chegar a Lourenço Marques a qualquer altura, embora Miguel ainda não tivesse descortinado qual era o seu plano.

Passara o caminho a reviver o assalto ao comboio em Moamba, tentando descortinar se Fritz agira por conta própria, se o que acontecera fora um ajuste de contas entre duas facções *boers*. Aquele infeliz parecia capaz de tudo.

Miguel não percebia bem o que o futuro lhe poderia reservar, até porque deveria ser uma questão de dias até os britânicos capturarem o posto fronteiriço de Komatipoort. O presidente Kruger e parte dos ministros deveriam chegar a Lourenço Marques a qualquer momento e logo tomariam consciência de que a missão do comboio fracassara. O que se seguiria depois era uma incógnita, mas a verdade é que já nada daquilo lhe importava. Apenas queria fugir de tudo e de todos e ir ao encontro de Maria Teresa.

De repente, sentiu o chão a tremer. Parecia que estava de regresso ao vale de Coolela, em Gaza, quando quinze mil guerreiros vátuas batiam com o pé no chão, antes de atacarem a formação em quadrado do exército. Por instinto, agarrou na espingarda e escondeu-se, pronto a disparar. Porém, logo levantou a arma. Tratava-se apenas de um pequeno bando de elefantes vagueando por entre os cajueiros; felizmente, não se demoraram e afastaram-se de novo em direcção ao mato.

Levantou-se e ficou de alma cheia. A neblina dissipara-se, e sorriu como já não se lembrava nos últimos tempos. Já não via o mar havia mais de dois anos, e era ainda mais bonito do que se recordava. Infelizmente, dali não conseguia ver o outro lado da baía, nem a Inhaca ou a Ilha dos Elefantes. O vento parecia moldar a ondulação, que fazia balançar os navios fundeados adiante. Mal podia acreditar que estava ali, depois de tantos sonhos, de respirar poeira dias a fio e de galopar pela savana, de emboscada em emboscada.

Observou com atenção os navios ancorados no estuário até à Catembe, na esperança de reconhecer algum que o pudesse levar à Ilha. Eram mais de vinte, entre vapores de chaminé alta e veleiros com dois ou três mastros. Pareceu-lhe ver o *Gironde*, o *Matabele* e o *Lusitano*, mas estava demasiado longe para ter a certeza. Dali, não conseguia distinguir a cor da bandeira na popa dos navios. Sabia que a baía estava bloqueada pela Royal Navy para impedir o contrabando de armas para o Transvaal, mas os cruzadores britânicos deviam estar afastados, ao largo da Xefina ou da Inhaca, pois não descortinava qualquer vaso de guerra.

Não conteve a excitação e pôs-se em cima do pedregulho, tentando observar melhor. Por instantes, não reconheceu os contornos de Lourenço Marques e sentiu que estava ali pela primeira vez; até que vislumbrou a fortaleza, o mastro da gávea da Capitania do Porto e os cobertos da alfândega mais adiante, à beira do estuário. Conseguiu enquadrar-se e distinguiu finalmente a Praça 7 de Março, com o arvoredado e os *kioskes*. Aquele era o ponto central de Lourenço Marques, e fora a partir dali que a cidade se desenvolvera.

La fazer sete anos que chegara ali pela primeira vez. Nessa altura, a cidade estava protegida por uma linha de arame farpado, desde a Ponta Vermelha até à estação ferroviária; para lá desse limite, as tropas portuguesas apenas controlavam o percurso da linha férrea para o Transvaal, embora alguns régulos nunca desistissem de a atacar. A cidade estivera à beira de ser devastada por milhares de guerreiros landins, mas felizmente a revolta fracassara e acabara por marcar o início das Grandes Campanhas.

Lourenço Marques tornara-se mais densa, repleta de edifícios graciosos e de arvoredado, durante o tempo em que estivera no Transvaal. Miguel distinguiu muitas construções deslumbrantes que não conhecia na cidade alta e ficou admirado com as novas ruas e avenidas que se espraiavam por todo o lado. Algumas delas haviam sido abertas no mato durante as Campanhas e começavam a estar preenchidas por casas de ambos os lados. As mais recentes, na direcção da Ponta Vermelha, pareciam ainda mais amplas, com uns vinte metros de largura, e imensas árvores plantadas. Dali, a cidade parecia o paraíso!

Miguel levou a mão ao bolso por instinto e fez um trejeito; havia muito que os cigarros se lhe haviam acabado. Saltou para o chão, agarrou na sacola e na *Lee-Enfield* e pôs-se a caminho, seguindo o trilho em direcção à cidade. Estava de regresso a casa, longe dos *boers* e dos ingleses, apesar de o perigo continuar à espreita. Tinha de comprar comida e tabaco e tentar livrar-se da sua jaqueta *boer* e da camisa ensanguentada para não chamar a atenção: talvez passasse pela Rua da Gávea para comprar um chapéu e roupa portuguesa numa das camisarias dos baneeanos; usaria as libras esterlinas que tinha, e não o ouro ou as pedras preciosas das minas, por forma a não levantar suspeitas. Depois disso, teria de encontrar o mais depressa possível um navio que rumasse a norte e o levasse à Ilha e ao encontro de Maria Teresa. E melhor mesmo era não se demorar...

O que se passara em Moamba seria conhecido mais tarde ou mais cedo, ainda que o caso devesse ser abafado por forma a não criar mais celeuma com os britânicos. Recordou a última conversa com Fritz em Machadodorp, quando ele se mostrara amigável e lhe oferecera chocolate. Naquela altura, já tinham Lourenço Marques como destino e todos contavam consigo para lá chegar. Talvez por isso, Fritz quisera estudá-lo mais de perto: já deveria ter aquele plano delineado e saberia o momento exacto em que o golpe teria lugar.

Suspeitava de que Fritz deixara outras espingardas *Lee-Enfield* espalhadas à volta do comboio, para indiciar o envolvimento de flibusteiros britânicos no sucedido – isso ajudava a explicar porque o *boer* que entrara na locomotiva também tinha uma espingarda inglesa, e não uma *Mauser*, como a maioria dos *kommandos*. Apesar disso, interrogava-se sobre o que teria ele feito aos corpos dos soldados executados enquanto o comboio estava em marcha, pois todos tinham trajes *boers*.

Também se perguntava se Fritz não teria dado ordens aos indígenas para retirarem os pedregulhos da linha férrea, antes de os matar. Desse modo, ele conseguiria voltar a pôr o comboio em marcha e afastar-se da gruta de Moamba, tornando o mistério mais difícil de resolver. O mais certo seria ele deixar o comboio abandonado para lá da ponte do Rio Matola ou num dos ramais adjacentes, nas cercanias de Lourenço Marques.

Miguel não podia informar as autoridades portuguesas do sucedido, dada a natureza secreta da missão presidencial, além de que confessar o seu envolvimento podia pô-lo em perigo – havia espões ingleses em todo o lado e o governador Machado poderia ser pressionado a entregá-lo ao cônsul britânico. De todo o modo, tinha quase a certeza de que os portugueses não se iriam esforçar por saber a proveniência daquele comboio abandonado, até porque o governador seria o primeiro a perceber que se tratava de mais um incidente na fronteira a juntar a toda a balbúrdia que por lá grassava, com os refugiados, o contrabando e o gigantesco Exército Britânico a querer apoderar-se da linha férrea.

Cofiou a barba, irrequieto, e passou os dedos pelo cano da espingarda. Estava preocupado em poder reencontrar Fritz lá em baixo, mais dia menos dia. Talvez o *boer* deduzisse que também ele fora chutado para fora do comboio em andamento e que fora o guerreiro zulu a atacar o *kommando* na locomotiva, mas, se descobrisse que ele estava vivo, iria fazer tudo para o ver morto de uma vez por todas. Porém, Miguel sabia que não podia descer para a cidade de espingarda ao ombro, pois iria despertar as atenções, e o mais certo seria um polícia interpelá-lo. Por isso, enterrou-a no sopé de um cajueiro gigante, conjuntamente com a cartucheira de couro, e seguiu o seu caminho apenas com o *sjambok* guardado no bolso interior da jaqueta, bem apertada para esconder a camisa manchada de sangue.

Entrou na cidade pela Avenida D. Manuel, que ligava o Quartel da Polícia, lá no alto, até à Igreja Paroquial. Passou o cruzamento com a Avenida Joaquim Machado, que ia desembocar na estação ferroviária, abismado com o movimento logo após o nascer do Sol: muitas pessoas já percorriam a avenida e vários riquexós desciam em direcção à Baixa.

Estava maravilhado! Havia postos de telégrafo ao longo da estrada, eucaliptos de ambos os lados e o passeio estava bem calçadado, sem o terreno arenoso de outrora. Ainda se lembrava do falatório sobre aqueles planos durante as Campanhas, e que na altura não havia dinheiro nem pedra suficiente. Parecia-lhe outra vida, antes das minas de Joanesburgo e dos

combates contra os ingleses. Ver aquela calçada fê-lo sorrir e sentir que estava de regresso a casa.

Chegou à Avenida Aguiar e olhou para o campanário da Igreja Paroquial, o majestoso consulado britânico logo atrás e as casas espalhadas pela cidade alta. Acelerou o passo, continuando a descer. Passou defronte de um edifício novo, de tijolo e ferro, com dois pisos, que lhe trouxe reminiscências de Joanesburgo – o letreiro no varandim dizia «Hotel Club». Recordava-se de o ver em construção durante as Campanhas, ainda assim ficou surpreendido com a sua dimensão, a elegância do alpendre e o ambiente florido em redor. Por certo, passara a ser o hotel mais fino da cidade, suplantando o Hotel Carlton, a meio da Rua Araújo.

Proseguiu ao longo do Jardim Botânico, que ajudara a secar o pântano e lhe pareceu mais denso do que outrora. Já era difícil descortinar a mansão do Cônsul do Transvaal que ficava do outro lado do jardim: aquele edifício sempre o deslumbrara e fora ali que o presidente Kruger se hospedara aquando da sua visita para inaugurar a linha férrea, cinco anos antes.

Mal continha o entusiasmo e atravessou a Avenida D. Carlos, notando como tudo estava diferente: aquele era o local do antigo pântano e não havia sinais daquelas águas lamacentas, nem das nuvens negras de mosquitos.

Toda a cidade parecia ter uma aura diferente da do tempo das Campanhas e do ambiente austero de Pretória. Ali, respirava-se algo de novo, como se vivera em Joanesburgo antes da guerra, e sem a poeira constante que se impregnava no corpo, as nuvens negras do carvão ou o martelar incessante das máquinas perfuradoras. Sentia-se a frescura da brisa marítima, as colinas eram verdejantes, e estava cheia de passarinhos a voar por entre os eucaliptos e os arbustos. Suspirou extasiado: Maria Teresa iria gostar de viver em Lourenço Marques.

Assim que chegou à Praça 7 de Março, ficou radiante. A praça estava repleta de árvores frondosas, canteiros de flores, e encontrava-se calcetada com pedra negra e branca, tal como na Ilha. Ficou espantado por ver que a tinham rebaptizado Praça Mousinho de Albuquerque, e mais ainda por ver que as tabuletas da maioria dos estabelecimentos estavam em inglês. Era quase como se se encontrasse numa praça qualquer em Joanesburgo.

Acabou por pousar o olhar no enorme *kiosk* da esquina, a poucos passos do Clube Inglês, o antigo consulado. Chamava-se Chalet Kiosk e era uma bela estrutura de ferro de dois pisos, com varandas apoiadas por colunas e os beirais recortados em madeira. Um pano corrido cobria um dos lados, anunciando em letras grandes, cerveja clara e escura.

Ficou a salivar, apercebendo-se da sede e da fome que tinha. Era cedo e a caminhada fora longa e penosa. Deveria conseguir comprar tabaco, mas talvez fosse cedo para lhe servirem comida àquela hora. Estivera afastado de Moçambique demasiado tempo e sentiu uma vontade imensa de comer camarões grelhados, seguidos de um peixe suculento, tal e qual como na sua Ilha.

Ajeitou o chapéu de feltro castanho e de abas largas, tentando cobrir o rosto, e observou o balcão de mármore e as mesas dispostas nas arcadas. Era demasiado tentador! Ficou nervoso ao ver um empregado de bata branca a encaminhar-se na sua direcção. Tinha o cabelo encaracolado, um bigode farto e vinha com um sorriso a que não estava habituado.

– *Buongiorno signore, benvenuto* ao Chalet Kiosk.

Miguel arregalou os olhos, sem palavras. O empregado era estrangeiro. Ia perguntar sobre a ementa quando ouviu uma enorme buzina a ecoar pela praça. O som repetiu-se por mais duas vezes e percebeu que um vapor se preparava para deixar o estuário. Cofiou a barba, atordoado com aquelas mudanças, sem conseguir sustentar um sorriso: Lourenço Marques era o futuro!

– O Senhor Pedro Ferreira mudou-se para a Terra Firme – informou-o o empregado do botequim do Largo do Teatro, um mulato alto e sorridente. Era o único que se encontrava ali àquela hora, a servir dois clientes que dormitavam, de chapéu na cabeça, debruçados numa das mesas de canto. – Já faz quase um ano, embora ele ainda apareça por cá de vez em quando, para levar umas garrafas de vinho do Porto.

Miguel regressara à Ilha dois dias antes, a bordo do vapor alemão *Kaiser*, que rumava a Zanzibar. Sem perder tempo, percorrera todas as ruas da cidade, de uma ponta a outra, na esperança de se cruzar com Maria Teresa. A cidade estava irreconhecível, mas aos poucos aproximou-se das mansões da contracosta, perto do Consulado Francês, e ganhou coragem para bater à porta de Maria Teresa. Tinha todos os argumentos para convencer o pai a aceitar o casamento deles; mas o que ouviu deixou-o devastado.

– E o meu irmão disse para onde foi? – perguntou, ainda com a cabeça a latejar, tentando ser indiferente ao cheiro a álcool. O irmão sempre fora um frequentador assíduo daquele estabelecimento, mas, infelizmente, as más notícias acumulavam-se e o próprio irmão também deixara a Ilha.

– Toda a gente sabe onde ele vive. Tem uma grande *machamba* de cajueiros e borracha a norte do Mossuril, perto de uma grande baía.

Miguel anuiu; devia tratar-se de Fernão Veloso. Em tempos, o irmão falara-lhe daquele sonho, e fora para lá que se escapara quando muitos homens da Ilha haviam sido recrutados para o exército, com a missão de salvarem Lourenço Marques do cerco dos landins.

Miguel agradeceu e saiu para o exterior, sentindo o calor na face – já se esquecera de como a Ilha era abafada, mesmo durante a estação seca, entre Junho e Agosto. Pôs o chapéu de palha na cabeça, olhando para a escadaria vazia da Igreja da Misericórdia, e avançou pela Rua de S. Domingos.

Tinha o coração despedaçado! Parecia que não conhecia ninguém e que ninguém o conhecia, apesar de ali ter vivido dezanove anos. A Ilha fora

abandonada à sua sorte, após deixar de ser a capital da província. De repente, parecia que as praças eram acanhadas, as ruas estreitas e irregulares, e até os edifícios de pedra coralina tinham um ar antiquado, com traços indianos e mouriscos, como se fizessem parte do passado. Lembrava-se das histórias de que os pedreiros de antigamente vinham todos de Diu e que os terraços das casas eram iguais aos de lá, permitindo a recolha da água durante as chuvadas, mas tudo isso estava cada vez mais distante.

O regresso tirara-lhe as ilusões que ainda lhe restavam: Lourenço Marques, com as suas avenidas largas e praças majestosas, era o futuro. Ainda lhe custava acreditar que se construíam vinte casas por mês nas novas avenidas da cidade.

Por instantes, susteve o passo e esboçou um sorriso. Estavam a cair de amarelo um par de casas perto da Câmara Municipal, tal como antigamente durante a estação seca. Todavia, logo percebeu que se tratava de uma excepção – a maioria dos edifícios por onde passava estavam vazios e alguns até já pareciam degradados.

Felizmente, a sua antiga casa, junto à Capitania do Porto, mantinha alguma dignidade e estava mais ou menos igual. Fora vendida pelo irmão a uma família de baneanes, que lhe pareceu simpática e contente por saber que ele havia nascido e crescido ali. Mesmo assim, sentiu que estava num local estranho.

Passou defronte do Mercado Municipal, deserto àquela hora, e arrastou-se até à Praça dos Concertos. Acabou por se sentar num dos bancos do jardim, à sombra de uma figueira que balançava ao sabor da brisa marítima. Tentou arrumar as ideias, cogitar sobre o que iria fazer de seguida, revivendo o que ocorrera na véspera. Tinha batido à porta da mansão de Maria Teresa e deparou-se com uma outra família: explicaram-lhe que viviam ali havia quase ano e meio e que tinham comprado a propriedade ao antigo director do Hospital Real, que se mudara para Lourenço Marques. Dali, correria até ao hospital, no limite da cidade de pedra, para se inteirar do paradeiro do pai de Maria Teresa, e confirmara o que ouvira antes. Isso significava que ela já não vivia na Ilha quando ele enviara o primeiro telegrama ao irmão, para que tivessem notícias suas.

Fora uma armadilha do destino! Miguel estivera em Lourenço Marques quase um mês à espera, pois só conseguira comprar bilhete num navio que rumasse a norte para essa altura, quando afinal Maria Teresa vivia na cidade. O pai fora nomeado Director-Adjunto do Hospital de Lourenço Marques e mudara-se com a família e a criadagem. A bem da verdade, quase todo o pessoal do Hospital Real havia sido transferido para a nova capital, deixando aquele edifício majestoso quase vazio, à semelhança do que se passava no resto da Ilha.

Miguel ainda sentia o estômago revirado. Parecia que Maria Teresa lhe escapava sempre, por uma razão ou por outra; e por momentos temeu que estivessem destinados a não ficar juntos. Tentou afastar os maus pensamentos

e recordou os contornos do Hospital de Lourenço Marques: ficava defronte da Igreja Paroquial e era das construções de alvenaria mais antigas da cidade alta.

Mais calmo, observou o coreto elegante e o jardim arranjado à volta, lembrando-se dos primeiros momentos em que ele e Maria Teresa ali haviam estado juntos. Num dos concertos, os dois tinham conseguido dar as mãos por instantes. No entanto, aquelas memórias pareciam-lhe cada vez mais remotas, envoltas pela poeira das minas que se entranhara nele durante tanto tempo.

Abanou a cabeça, amargurado, e tentou não pensar. A chegada à Ilha também lhe trouxera notícias da guerra: os britânicos tinham chegado a Komatipoort no final de Setembro, e passado a controlar a linha férrea, descobrindo, porém, que o Presidente do Transvaal conseguira transpor a fronteira duas semanas antes.

Pelo que diziam, Paul Kruger estava em Lourenço Marques, novamente hospedado na residência do Cônsul do Transvaal. Miguel sabia, contudo, que o Presidente não poderia ficar muito tempo na cidade: o governador Joaquim Machado não teria muitos argumentos para fazer face à pressão britânica, vinda de todos os lados, mesmo de Lisboa – não faltaria muito para lhe exigirem a entrega e rendição do velho presidente.

A guerra durava havia um ano e não tinha um fim à vista. Os britânicos achavam que tinham subjugado as duas repúblicas *boers* e começavam a impor as suas leis, mas sofriam emboscadas de todo o lado. Miguel sabia que o *Generaal* Botha e outros continuavam determinados a combater: deviam estar escondidos nas montanhas do Transvaal, fora do alcance inimigo, e a partir dali atacavam alvos militares que se julgavam inexpugnáveis.

Perguntou-se por onde andaria Fritz, se teria regressado à gruta de Moamba. Algo lhe dizia que ele continuava por Moçambique. Passou-lhe pela cabeça que planeava assassinar o Presidente do Transvaal, ainda que, por outro lado, se interrogasse se não estaria a preparar um golpe para tirar a vida ao cônsul britânico. De Fritz, podia esperar-se tudo.

Sempre que pensava naquele homem, ficava arreliado, e acabou por se levantar. A praça estava deserta, tirando um gato que dormia solitário ao sol, mas pouco depois Miguel viu passar um grupo de maometanos, de *cofió* na cabeça, a gesticularem uns com os outros, falando uma língua estranha.

Não fez caso; estava com a cabeça noutro lugar. Deu por si a afastar-se da cidade, como que atraído pela outra ponta da Ilha, até ser obrigado a voltar a encarar o Hospital Real. Sempre detestara aquele edifício gigantesco – havia-lhe selado o destino e era sinónimo do homem que sempre o desprezara e que continuava a negar-lhe a felicidade.

Assim que entrou no Bairro Indígena, libertou-se dos seus fantasmas e serenou. Fora ali que vivera os momentos mais felizes da sua vida! Observou as palhotas cobertas com folhas de coqueiro, as ruelas estreitas e as mulheres macuas sorridentes, vestidas com panos coloridos e a face pintada com *mussiro*, a pasta feita de um arbusto. Foi como se estivesse de braço dado com

Maria Teresa, ou a ajudá-la a sarar as feridas dos mais pequenitos, que se haviam magoado nos corais ou nos pequenos destroços dos naufrágios das naus da Índia que, de quando em quando, arribavam às praias com a maré.

Passou pelo beco onde deram o primeiro beijo e depois onde partilharam a primeira água de coco. Só parou diante da Igreja de Santo António, onde os coqueiros lhe pareciam mais altos do que se lembrava, sentando-se no terreno arenoso, com os olhos postos no mar.

A maré estava a vazar e dezenas de macuas percorriam os mangais e os corais em busca de marisco. Avistou ao longe o vapor francês *Gironde*, que rumava a Madagáscar, e várias embarcações macuas, de casco longo e vela triangular, na pescaria, mais perto da Ilha.

Acabou por sorrir e ganhar algum alento. Fora naquele local que Maria Teresa se lhe entregara pela primeira vez, aquando do seu regresso das Campanhas, apenas com o farol da Ilha de Goa por testemunha. Tanta coisa acontecera desde então: as minas, a guerra contra os ingleses e aquela maldita emboscada ao comboio. Miguel tinha mais do que razões para vergar os argumentos do pai de Maria Teresa. Se, ainda assim, ele mantivesse a sua posição, iria fugir com ela para a Ilha. Afinal, aquela sempre fora a sua casa e ali estariam longe da teimosia do pai dela. Já perdera demasiado tempo, demasiada vida.

Levantou-se, decidido, e inspirou a brisa do mar. Observou o azul cristalino a perder de vista e virou as costas à igreja. Prometera a si mesmo que iria visitar o irmão em Fernão Veloso, na Terra Firme, mas depois o seu destino estava em Lourenço Marques. Era para lá que iria regressar!

Capítulo XIII

Porto, 15 de Outubro, 18h10

Nasci no Porto. A cidade, os seus arredores, as praias próximas, descendo para o Sul, permanecem para mim a pátria dentro da pátria, a Terra materna, o lugar primordial que me funda. Ali estão as tílias enormes, as manhãs de nevoeiro, as praias saturadas de maresia, os rochedos cobertos de algas e anêmonas, as Primaveras botticellianas, os plátanos, a cerejeira, as camélias.

Sophia de Mello Breyner Andresen

Filipe fizera uma ampla pesquisa sobre Dinis Cabral: era um conhecido advogado do Porto, especializado em assuntos fiscais e administrador não-executivo de várias empresas do Norte. Parecia bastante discreto na vida pública e nas redes sociais, embora se tivesse deixado fotografar em eventos culturais e de moda, sendo também um frequentador assíduo dos encontros da Associação Comercial do Porto, no Palácio da Bolsa. Filipe percebera que ele era um membro destacado da associação e descobrira que, em tempos, fora um jovem dirigente do Salgueiros, um dos clubes históricos da cidade, que permanecera na primeira divisão de futebol durante largos anos.

A abordagem inicial de Filipe deveria ter-lhe tocado num ponto sensível, para rapidamente responder à chamada e se disponibilizar para um encontro. O tom do telefonema fora entusiasta. Filipe não tinha dúvidas de que ele queria saber mais sobre Lourenço Marques. O advogado tinha claramente uma ligação sentimental a Moçambique e talvez alguma amargura por nunca mais lá ter regressado. Apesar disso, Filipe não sabia bem como iria ele reagir à conversa e desconhecia se estaria a par do envolvimento do pai no *Angoche* e do facto de ele ainda poder estar vivo, provavelmente com uma nova identidade.

Filipe apanhara o primeiro voo para Lisboa, após ter voltado a ver o homem do miradouro de Maputo que o ameaçara de morte. Felizmente, ali no Porto estava bem mais relaxado. Estacionou o carro e observou a Ponte da Arrábida e o edifício à beira-rio onde tinha combinado o encontro. Tinha três pisos, um traçado elegante, com paredes de vidro e cimento, e a esplanada no

topo parecia cheia.

Assim que chegou ao terraço, identificou-o ao fundo, sentado numa das mesas: Dinis Cabral era quase careca e mais forte do que aparentava nas fotografias. Parecia tranquilo, a beber um copo de sangria e a ver a regata em direcção à foz.

– É um prazer conhecê-lo pessoalmente – disse o advogado, cumprimentando-o. – Estive a ler há dias o que se passou com aquela nau de D. Afonso de Albuquerque que saiu de Malaca, após a conquista da cidade. Aquilo é que foi uma epopeia.

Dinis estava vestido formalmente, de fato escuro, camisa branca e gravata vermelha. Tinha a barba bem aparada, embora estivesse visivelmente cansado, com umas grandes olheiras. Era sexta-feira e, por certo, o final de uma longa semana de trabalho.

– Muito obrigado pela sua disponibilidade – respondeu Filipe, sentando-se. – Sei que é um homem muito ocupado.

– Eu é que agradeço. Confesso que me deixou curioso com a sua investigação sobre a Livraria Minerva – adiantou-lhe, para logo depois apontar para o copo de sangria. – Acompanha-me?

Acabaram por pedir mais sangria e um prato de *carpaccio* com parmesão e trufas. Dinis contou-lhe que aquele edifício fora construído como posto de observação das obras da Ponte da Arrábida, muitas décadas antes, e que funcionava como restaurante havia alguns anos; confessou-lhe que era um dos seus lugares de refúgio, para onde vinha meditar ao final do dia, depois do trabalho.

– Acabo de chegar de Maputo – mencionou Filipe. Tinha o discurso ensaiado e sentiu-se encorajado com o ar descontraído do advogado. – Já lá não ia há algum tempo. A cidade está diferente, bastante mais cosmopolita.

– Também nasceu lá?

– Não, eu nasci em Lisboa, mas os meus pais são da Beira e viveram em Lourenço Marques. Saíram de lá na confusão da independência.

O empregado pousou o prato de *carpaccio* e serviu-lhes um copo de sangria, deixando o jarro na mesa. Dinis contou-lhe que saíra de Moçambique antes da independência, a seguir aos graves incidentes em Lourenço Marques após o 25 de Abril, e que se instalara com a mãe no Porto, onde viviam uns primos. O advogado não mencionou o pai em momento algum, mas adiantou-lhe que a mãe voltara a casar-se com um empresário da cidade, que fora um verdadeiro pai para ele, ajudando-o a singrar na vida. O padrasto falecera havia cinco anos, e a mãe dois anos depois, com um cancro no pâncreas.

– Os livros sempre foram a sua paixão. É das primeiras recordações de criança que tenho no Porto: quando começou a trabalhar na Livraria Lello, ali nas Carmelitas, e tirei uma fotografia com ela na escadaria – relembrou Dinis. – Procura alguma coisa específica sobre a Minerva, ou é uma pesquisa mais genérica?

– Bem, a Minerva é a livraria mais antiga de Moçambique. Foi fundada

em 1908, dez anos após Lourenço Marques passar a capital – relatou Filipe. Não lhe podia contar a verdade, até porque tinha receio de o transtornar. – Estou a reunir informação sobre os trabalhadores que passaram por lá ao longo dos tempos. São muitos, cada um com a sua história, e tenho estado a falar com vários familiares e amigos que estão em Portugal e me têm dado algum enquadramento.

– Parece uma iniciativa notável. Está a ser patrocinado pela autarquia ou por alguma entidade pública?

– Trata-se de um projecto apoiado por várias instituições moçambicanas e portuguesas. Os trabalhos estão numa fase inicial, mas irão também incluir um levantamento histórico sobre os escritores e leitores presentes nas várias Feiras do Livro da Minerva. Não sei se sabe, mas a primeira teve lugar nos anos trinta e ainda hoje continua a realizar-se, como de costume, nos finais de Julho – frisou Filipe. Não se sentia bem a iludi-lo daquela maneira, mas fazia-o por uma boa causa. – Já lá foi?

– À Minerva?

– A Maputo.

Dinis tremelicou e verteu o jarro de sangria, voltando a encher o copo. Filipe percebeu que o assunto era sensível, mas viu que ele não se acanhou.

– Nunca fui a Moçambique. Isto é, desde que saí de lá – explicitou, melancólico. – Tenho de lá ir, já pensei nisso várias vezes.

Filipe anuiu. Mostrou-lhe as fotografias que tirara da Minerva e fez-lhe perguntas sobre a vivência da mãe na livraria, os livros de que gostava, até que resolveu arriscar:

– E o seu pai também gostava de livros?

Dinis pousou o copo e alargou o nó da gravata.

– Infelizmente, nunca o conheci. O meu pai morreu na Guerra do Ultramar, pouco depois de eu nascer – confidenciou. – Dele fiquei apenas com o apelido. O meu padrasto acabou por ser o meu verdadeiro pai.

– O meu pai também esteve na guerra, em Cabo Delgado – resolveu Filipe contar. – Ficou gravemente ferido num ataque na fronteira com a Tanzânia e por pouco não perdeu a vida. Sempre o conheci de cadeira de rodas. O seu pai também combateu em Cabo Delgado?

– Pelo que sei, ele andou por toda a região norte. Devia ser um homem duro.

– Acredito – assentiu Filipe, estranhando ele não referir a paixão do pai pelo mergulho, o automobilismo e os prémios que ganhara no circuito da Costa do Sol. – Ele morreu em combate?

– Teve uma morte estúpida em Nacala. Foi atingido por estilhaços de uma explosão accidental durante a descarga de bombas de um avião de carga, em plena base aérea.

– Que desgraça. Quando foi isso?

– 1971! Março de 1971, para ser mais exacto. Tinha eu cinco meses.

Filipe arregalou os olhos. A ser verdade, aquele acidente tivera lugar

pouco antes do *Angoche*, o que era estranho – tinha a ideia de que Daniel Cabral já estaria desmobilizado nessa altura. Iria investigar a ocorrência nos arquivos militares, mas suspeitava de que poderia tratar-se de uma morte fabricada, facilitando ao alegado PIDE desaparecer antes de se tornar suspeito.

– Nunca fui a Nacala, mas estive lá perto, na Ilha de Moçambique – disse, para logo depois acrescentar: – Imagino que tenha sido uma altura muito difícil para a sua mãe...

– Eles namoravam desde o liceu. Valeu-lhe a minha avó, que ainda era viva; e, claro, a Minerva. Os livros sempre ajudaram a minha mãe a encarar as dificuldades da vida, mesmo quando ficou doente.

– E ela nunca teve vontade de regressar a Moçambique?

– Suspeito que sim, mas ela sempre disse que nunca mais lá queria voltar. Olhando para trás, eu gostaria de lá ter ido com ela, conhecer os locais por onde andou – confessou Dinis. – Posso enviar-lhe algumas fotografias antigas da minha mãe, se tiver interesse nisso.

– Seria excelente. Podemos utilizá-las no filme que estamos a montar e na exposição da livraria, se concordar. Conhece alguma das suas antigas colegas, ou amigas que tenham frequentado a Minerva? – insistiu Filipe. – Talvez tenham alguma história para contar do tempo que por lá passaram.

– Não, não conheço ninguém. A minha mãe tinha algumas amigas de Moçambique que viviam aqui no Porto e em Lisboa, mas já morreram todas.

– Pois, os anos vão passando, vamos todos envelhecendo. Da parte dos seus avós e do seu pai biológico, imagino que também não conheça ninguém?

– Infelizmente, não – respondeu, encolhendo os ombros. – Tenho uma enorme curiosidade em ir a Moçambique. O que é que gosta mais em Maputo?

Filipe sorriu e relatou-lhe as impressões que tinha da cidade. Quer da primeira vez, com os pais, quer das últimas. Falou-lhe do calor apazível, da baía imensa, das acácias que ladeavam as avenidas largas, da simpatia das pessoas na rua, e das marcas portuguesas e indianas visíveis por toda a parte que se mesclavam tão bem com a identidade africana.

– E de vários edifícios emblemáticos, claro – rematou. – A Estação Ferroviária é talvez a mais impressionante, mas eu sempre gostei muito do ambiente do Clube Naval e da Costa do Sol.

Estava a anoitecer e Filipe começava a sentir frio. Felizmente, reparou que os empregados estavam a distribuir mantas pelos clientes, e foi com agrado que recebeu uma. O advogado pediu um novo jarro de sangria e Filipe acompanhou-o. Dinis era uma pessoa afável, mas, infelizmente, não parecia saber muito do passado do pai. As esperanças goravam-se e aquela pista não lhe parecia tão útil quanto imaginara.

– Ah, lembrei-me agora de alguém com quem pode tentar falar – avançou o advogado. A conversa sobre Maputo ou a sangria deixara-o mais falador. – Um senhor que apareceu no funeral da minha mãe e se apresentou

como um velho amigo dos meus pais.

– De Lourenço Marques?

– Sim, ele também esteve em Nacala durante a guerra, e conhecia bem a minha mãe da Minerva.

Dinis pegou no telefone e, num ápice, procurou o contacto do homem a que se referia.

– Isso seria excelente.

– Cá está ele! – exclamou Dinis, num tom alegre.

Filipe tentou disfarçar a ansiedade e olhou para o que ele lia no ecrã: Pilav Coimbra. Sem demoras, perguntou:

– Vive aqui no Porto?

– Não, pelo que sei vive alguns meses por ano em Moçambique e outros na África do Sul – respondeu o advogado, voltando a olhar para o telemóvel. – O número que tenho é sul-africano. Tem o indicativo de +27.

– Pilav Coimbra é um nome estranho. Tem apelido português, mas Pilav parece ser da Europa de Leste.

– Não, quer dizer Piloto Aviador. Ele chama-se Abel Coimbra e esteve estacionado em Nacala – sorriu Dinis, trincando uma rodela de laranja da sangria. – Por alguma razão escrevi aqui AB5, mas não me recordo o que significa. Só me lembro de que fui beber uns finos com ele na Foz uns dias depois de o ter conhecido, para ver se sabia mais coisas sobre o meu pai; ele contou muitas histórias engraçadas sobre aquela época...

Filipe estava pasmado. Aquela parecia ser uma pista importante – tinha de falar com aquele homem. Agarrou no copo e bebeu o resto da sangria. Estava doce, ainda que o limão lhe desse um travo ácido. Deixou-se ficar em silêncio, meio desorientado, e depois perguntou:

– Histórias de que género?

– Histórias de aventuras que vivera em Moçambique – recordou o advogado. Bebia sangria como se fosse água. – Como construíra poços nas aldeias no meio do nada, lutara contra crocodilos à beira-rio, ou nadara no meio de flamingos ou tubarões. Ele é uma pessoa fascinante, que gostava muito dos meus pais. – Voltou a descrever a luta contra um crocodilo, para salvar um grupo de crianças que brincava na margem de um rio, e disse: – E também houve uma história qualquer com o meu pai. Parece que eles gostavam de pregar partidas aos pides.

– Aos pides? – interrogou Filipe. Dinis não parecia saber das suspeitas que existiam sobre o pai. – A polícia política?

– Sim, uma vez deram uma tarefa a uns pides que andavam bêbados numa ilha e deixaram-nos nus, amarrados aos troncos dos coqueiros. Foram encontrados pela população na manhã seguinte.

– Isso deve ter-lhes trazido problemas mais tarde...

– Que ele tenha dito, não. Foi num sítio remoto, numa ilha chamada Ibo, Dibo, uma coisa assim. Os pides devem ter passado uma vergonha e tanto.

Filipe sentiu o sangue a subir-lhe à cabeça com mais uma referência ao

Ibo. Era para lá que Mário Barbosa, o líder da suposta brigada clandestina da PIDE, estaria prestes a ser transferido, possivelmente com os outros quatro colegas. Os mesmos que Pieter achava pretenderem desviar o cargueiro para a Tanzânia em protesto contra a Guerra Colonial...

O taxista virou bruscamente à direita, desviando-se dos buracos na estrada, e avançou para a Avenida Kenneth Kaunda em marcha lenta. Lize já perdera a conta de quantas vezes havia estado na capital do Zimbabwe, e nunca fora dos seus destinos predilectos. Sempre achara a cidade estranha, com um ambiente soturno, ainda que atenuado pelas acácias que coloriam as avenidas e pelos edifícios envidraçados que mantinham alguma dignidade.

Aquela viagem era uma perda de tempo para os seus planos, mas não deixava de sentir alguma nostalgia: seria provavelmente a última vez que via Harare, pois não contava regressar.

– Já estamos perto do Hotel Meikles, *ma'am* – informou o taxista, sorrindo-lhe pelo espelho retrovisor.

– OK, *maita-basa*.

Normalmente ficava hospedada num pequeno *lodge* em Borrowdale, propriedade de um casal de *white zimbos*, que já a conheciam de viagens anteriores. Infelizmente, esta fora marcada de urgência e o *lodge* não tinha quartos disponíveis, pelo que optara pelo Meikles, na Baixa. Era o hotel mais emblemático da capital, sempre com muitos eventos, e onde tivera lugar o banquete oficial da cerimónia de independência do Zimbabwe.

Viraram para a Avenida Jason Moyo e pouco depois Lize avistou o hotel. Já ali havia estado inúmeras vezes, e interrogou-se se iria cruzar-se com algum dos seus interlocutores da reunião no dia seguinte. Pieter incumbira-a de ultimar as negociações para a venda da sua participação numa das maiores empresas de tabaco do país a um grupo australiano. Aquele era o último activo que Pieter tinha no Zimbabwe.

Combinara jantar com uma amiga da faculdade em Borrowdale, mas tinha de relaxar primeiro. Estava esgotada, cheia de dores nas costas. Voara a partir de Lusaka, depois de uma longa viagem de carro desde Kitwe, na fronteira, aonde fora vistoriar as minas de cobre. Precisava de nadar um pouco.

Fez o *check-in* e subiu para o quarto rapidamente, tentando evitar encontrar alguém conhecido no *lobby* e no bares adjacentes. Assim que fechou a porta, sentou-se na cama e suspirou. Estava saturada de percorrer os confins de África! Gostava muito de Cape Town, mas sentia uma falta imensa da Europa. Era estranho, pois passara a vida a ansiar por África enquanto vivia em Londres, mas a verdade é que agora não se sentia a mesma. Devia ser da idade, da poeira, ou do desgaste de trabalhar com Pieter. Imaginou-se

de novo a viver em Londres, ou quiçá em Lisboa, que tinha um clima ameno e um ambiente mais tranquilo. Aquela última viagem a Portugal deixara-a pensativa, a desejar algo diferente.

Ao pensar em Portugal, lembrou-se de Alexandre, com quem se envolvera em Acra: ele fora um amante incansável e enchera-a de prazer, mas ficara desiludido por ela não lhe ter dado o seu número de telefone na manhã seguinte. Lize não queria criar laços com ninguém, e quanto menos gente tivesse os seus contactos melhor.

Portugal era também sinónimo de Filipe, o investigador que Pieter contratara. Tinha quase a certeza de que ele trabalhava no «Caso Angoche» e questionou-se em que ponto poderiam estar as suas pesquisas e por onde é que ele andaria; talvez tivesse descoberto algum facto novo. Pegou no telemóvel e olhou para a fotografia associada ao seu número de telefone. Filipe tinha algumas semelhanças com Alexandre: era bonito, de tez morena, cabelo escuro e olhos castanhos. Ele deveria ir a Cape Town mais tarde ou mais cedo e, se se proporcionasse, iria desafiá-lo para um *sundowner* em Camps Bay. A vista era tão ou mais esplendorosa do que a do miradouro onde se tinham encontrado em Lisboa.

Pouco depois, decidiu-se. Vestiu o fato de banho e o roupão branco e saiu. Subiu pelas escadas até ao décimo quarto andar e contornou a piscina na direcção da sauna. Ficou estarecida: o marido estava sentado numa das mesas do bar.

– Sean?

– *Howzit* Lize?

– Que estás aqui a fazer? – perguntou ela, zangada. Não podia ser coincidência; não havia plataformas petrolíferas no Zimbabwe. A não ser que ele tivesse vindo caçar búfalos nas reservas a norte de Harare. – Andas a espiar-me?

– Não te assustes, preciso de falar contigo. Tive de vir a Harare de urgência, para o funeral da minha tia Margie.

– Oh, gostava muito dela – condescendeu Lize. Sean era natural do Zimbabwe e ainda tinha familiares no país. – Como sabias que eu estava hospedada aqui?

– Foi o teu irmão que me disse. Resolvi tentar a minha sorte, sem esperar por um encontro em Cape Town. É importante!

Por momentos, Lize recordou-se de quando sofrera o aborto espontâneo em Londres e Sean fora um marido extraordinário, que a ajudara a ultrapassar aquela tragédia. Mas depois os anos haviam passado e muita coisa desagradável tinha acontecido. O marido traía-a vezes sem conta nas suas viagens por África; não deveria haver porto ou centro petrolífero em que Sean não se tivesse envolvido com outra mulher. Tentara iludir-se durante meses, ignorando os sinais, até que um dia não aguentou mais. Não havia maneira de lhe perdoar, nem de voltar atrás na decisão que tomara.

– O meu advogado disse-me que ainda não assinaste os papéis do

divórcio – ripostou, desconfiada, tentando manter a cabeça fria. – Tenho um jantar com uma amiga daqui a pouco. Não posso demorar-me.

– O nosso divórcio é um erro, Lize. Gostava de falar contigo sobre isso mais tarde, em Cape Town, com calma, mas não estou aqui por causa disso – confidenciou Sean. – Queria avisar-te de que o Pieter não desistiu de saber o que aconteceu no *Angoche*.

– O que aconteceu no *Angoche*?

– Sim, está à procura de sobreviventes. Os que ainda estão vivos, claro... – reforçou, com o olhar carregado. – Contratou um investigador português que esteve recentemente em Zanzibar e em Maputo. Já sabias?

Lize sempre desconfiara disso, mas agora tinha a certeza.

– Não quero saber de nada disso – respondeu ela tentando contornar o bar em direção à sauna. Devia ter sido o segurança de Pieter, amigo de Sean, que mais uma vez falara demais; nunca gostara daquele imbecil.

– Claro que queres!

Lize empurrou-o, irritada, afastando-o do caminho. Sean continuava com aquele ar paternalista, como se não bastasse o quanto a magoara. No entanto, não conseguiu deixar de se perguntar se Filipe descobrira algo de novo e conseguira localizar os restantes passageiros do *Angoche*.

– Deixa-me em paz – gritou, sem se voltar para trás. Desistira da piscina e da sauna e ansiava por regressar ao quarto. – Manda-me os papéis assinados e desaparece da minha vida!

Filipe descerrou os olhos, espantado com a luminosidade no quarto. Olhou para o *iPhone* e viu o adiantado da hora. Acabara de falhar o pequeno-almoço do hotel. Tinha o braço dormente e a cabeça pesada. Ficara horas a falar com o advogado e a beber sangria até o restaurante fechar, apesar do frio da noite.

O Ibo não lhe saía da cabeça. Lembrava-se de o pai lhe ter falado daquela ilha. Fora dos lugares onde os portugueses haviam estado mais tempo, quase cinco séculos, após terem expulsado os mercadores árabes. A par da Ilha de Moçambique, era o local onde existiam as construções mais antigas do país, com várias fortificações, igrejas e mansões, que lutavam contra a força do tempo.

Aquela ilha parecia-lhe cada vez mais ligada ao que acontecera ao *Angoche*. Era a penúltima escala do cargueiro, antes do regresso para sul, e era para lá que Mário Barbosa e os outros passageiros do *Angoche* deviam ter sido transferidos. Daniel Cabral, o pai do advogado do Porto, teria mesmo visitado aquela ilha um ano antes do «Caso Angoche».

Filipe tinha de investigar a morte que Dinis Cabral descrevera como sendo a do seu pai, na Base de Nacala, mas já confirmara que aquela

informação era contraditória com os dados que Pieter lhe passara – Daniel Cabral já tinha terminado o serviço militar obrigatório nessa altura. Também não conseguia deixar de pensar no homem que o advogado conhecera no funeral da mãe – o Piloto Aviador Abel Coimbra. Pelos vistos, era próximo de Daniel Cabral e deveria ser a pessoa ainda viva que melhor o conhecera. Infelizmente, Dinis Cabral hesitara em passar-lhe o número de telefone dele, embora tivesse ficado de lhe ligar para os pôr em contacto.

Filipe acabou por se levantar e arranjou-se sem pressas. Estava hospedado num hotel nas traseiras do Jardim de Serralves, numa rua que descia para o rio Douro. Bebeu um sumo de laranja do minibar e decidiu ir caminhar ao longo do rio, para apanhar ar e tentar organizar as ideias.

Sabia que estava em falta com Pieter nos últimos dias. No meio de tanta informação confusa, adiar o envio de um novo relatório em Maputo para quando regressasse a Portugal, mas depois seguira logo para o Porto. Infelizmente, o sul-africano estranhara a ausência de notícias e enviara-lhe uma mensagem que o deixara ansioso.

Convidara-o a visitar Cape Town para analisarem novos dados que recebera, que talvez ajudassem a localizar os dois últimos passageiros do *Angoche* que ainda podiam estar vivos. Filipe suspeitava de que essas informações fossem provenientes dos arquivos militares de Pretória que ele não chegara a consultar ou de alguma embaixada sul-africana, mas interrogava-se como é que Pieter as obtivera.

Por entre a ansiedade e a frustração, estava surpreendido com o desenrolar da investigação. Primeiro: os passageiros do *Angoche* eram aparentemente agentes infiltrados da PIDE, e não comunistas ou contra o regime. Segundo: o motivo da presença deles no *Angoche* não teria sido para protestar contra a Guerra Colonial, mas sim para viajar para o Ibo. Terceiro: havia indícios do transbordo de uma carga não registada em alto-mar. Quarto: Mário Barbosa era suspeito de ser o «Acácia», sócio do amigo do pai de Pieter, o que interligava o *Angoche* ao pesqueiro. Quinto: a investigação do *Angoche* parecia estar estranhamente relacionada com Miguel Ferreira.

Mais grave do que tudo, tinha sido a ameaça de morte que sofrera em Maputo, e a semelhança entre os homicídios recentes de dois antigos passageiros: um no Algarve, outro em Zanzibar. Filipe já não suspeitava apenas de Tony, mas também do homem do miradouro: não sabia quem ele era, embora desconfiasse de que fosse algum tipo de segurança privado de um dos últimos passageiros do *Angoche*. A última coisa que queria agora era voltar a África, por isso, iria sugerir a Pieter uma conversa *online*.

Por outro lado, o regresso a Portugal confirmara as suas suspeitas: o pai tinha mesmo investigado Miguel Ferreira. Comparada a letra da legenda da fotografia antiga dos *boers* com vários relatórios escritos pelo pai, tirou as dúvidas que lhe restavam: a letra era a mesma! Infelizmente, não encontrara qualquer referência sobre aquele homem nas *pens* e computadores do pai, e ainda não tivera tempo para investigar a documentação antiga que se

acumulara no sótão. Numa vistoria rápida, apenas constatara que a tarefa iria ser árdua, até porque, no meio dos *dossiers*, descobrira um molho de disquetes e CD num dos armários, que provavelmente também continham material mais antigo. Iria tentar aceder-lhes mal regressasse a Lisboa.

Chegou à beira-rio e não ficou espantado por encontrar tanta gente a passear ao longo da margem. A paisagem e a maresia acabaram por serená-lo; dali, já se avistava o mar e conseguia ver bem a outra margem. Virou à direita, caminhando na direcção da foz, mas susteve o passo mal sentiu o telefone a vibrar. Era uma mensagem de Rita! Confirmava-lhe que estaria em Lisboa na próxima quinta-feira, confessando-lhe que estava a contar os dias para o ver. No entanto, a última parte da mensagem deixou-o desconcertado:

«Tens algum colega de confiança especializado em offshores neerlandesas nas Caraíbas? Preciso de ajuda numa investigação!»

Filipe respondeu-lhe, sem hesitar. Conhecia bem dois *sales-traders* em Boston, que costumavam usar contas *offshores* em Aruba e Curaçau, e talvez a pudessem ajudar – facilmente os poderia pôr em contacto. Ele próprio nunca trabalhara com as Caraíbas, pois toda a sua experiência nesse campo resumia-se às *offshores* britânicas, principalmente Jersey e a Ilha de Man.

Aquela mensagem de Rita deu-lhe ímpeto para dar o passo que hesitara em dar. Chegara a hora de arriscar, até porque tinha de explorar todos os meios possíveis, antes da conversa com Pieter. Tinha de apresentar trabalho!

«Tenho de confirmar a identidade de uma pessoa através de uma fotografia com quarenta ou cinquenta anos. Consegues ajudar-me?»

Filipe sentiu uma leveza inesperada ao enviar a mensagem: aquela hipótese andava a remoer-lhe a cabeça desde Pretória. Mais satisfeito, inspirou a maresia e acelerou o passo ao longo do rio. Sentia-se empolgado com a perspectiva de abraçar Rita pela noite dentro, sem pensar no dia seguinte.

Passou por um farolim empedrado, observou os barcos a cruzarem a barra do rio, até que chegou a um jardim ladeado por uma alameda de palmeiras, com dois obeliscos à entrada. Viu a placa e sorriu, achando graça ao nome: era o Jardim do Passeio Alegre.

Filipe ficou agradado com a tranquilidade do jardim, e acabou por sentar-se num dos bancos defronte de um lago. Deveria ter andado uns três quilómetros. Pegou no *iPhone* e voltou a olhar para as fotografias que tirara aos documentos que encontrara no envelope do escritório de Tony, dez dias antes. Havia duas que continuavam a importuná-lo:

A primeira era um mapa da linha férrea entre Pretória e Lourenço Marques de 1899, com as várias estações. Três delas tinham um círculo à volta – Machadodorp e Komatipoort, na África do Sul, e Moamba, do outro lado da fronteira. Algo diferenciava aquelas estações, e Filipe acabou por pousar o olhar na nota escrita à mão em baixo: *«Wednesday – 29th August 1900 – Miguel Ferreira and Fritz Duquesne»*. A tinta era mais visível e a letra era notoriamente diferente da do pai, pelo que deveria ser a de Tony, embora

o significado da legenda o deixasse inquieto. Parecia tratar-se da data de uma viagem a Moçambique e, pelo que investigara, ocorrera num momento dramático da Guerra dos *Boers*: semanas depois, o Exército Britânico chegava ao posto fronteiriço de Komatipoort.

A segunda era ainda mais desconcertante e passara-lhe despercebida numa primeira análise: era a cópia de uma carta assinada por Miguel Ferreira, com uma caligrafia difícil de ler. Filipe já ganhara prática e conseguira decifrar várias frases. Aumentou o *zoom* da fotografia, voltou a observá-la e confirmou a data: 10 de Março de 1901. O início também era fácil: «Meu querido irmão.» As linhas abaixo eram mais difíceis, mas pareciam relatar as novidades em Lourenço Marques, após Miguel Ferreira ter regressado da Ilha de Moçambique. Em esforço, conseguiu ler mais algumas palavras sobre as obras de um grande bazar e logo depois decifrou mais uma frase. Era um avanço!

«*Boers* em Lourenço Marques a embarcar no *Zaire* para Lisboa.»

Capítulo XIV

Lourenço Marques, 9 de Março de 1901

A Guerra na África do Sul excedeu os limites de barbárie. Lutei contra muitas tribos negras ao longo da minha vida, mas nenhuma delas é tão bárbara quanto os ingleses, que queimaram as nossas quintas e levaram os nossos filhos à miséria, sem comida ou abrigo.

Paul Kruger, Presidente da República Sul-Africana

– Vivam os *boers*!

Miguel franziu a testa, surpreso com a algazarra que parecia vir do cais. Ainda assim, não conseguia deixar de observar os quatro homens sentados à mesa num dos botequins da Rua D. Luís. Eram *boers* e conversavam alto sobre algo que se passara do outro lado da fronteira. Felizmente, não se tratava de ninguém conhecido.

Parou na esquina para acender um cigarro e tentar ouvir o que diziam. Falavam sobre uma recente investida de trezentos *kommandos* na Colónia do Cabo, onde haviam feito uma razia a diversos alvos militares ingleses, infligindo pesadas baixas. A guerra de guerrilha continuava imparável e, pelos vistos, já ameaçava a maior colónia britânica.

Ajeitou o chapéu de palha e seguiu pela calçada em direcção à praça. Estava perturbado e sentia a cabeça a latejar. Passara pelo Hospital de Lourenço Marques, à procura de informações sobre o pai de Maria Teresa, mas não tivera sorte. Soubera pelo pessoal de enfermagem que o Director-Adjunto do Hospital se encontrava de folga, mas ninguém sabia ou lhe quis dizer onde residia. Por isso, acabara por descer a Avenida Central até à Baixa, na esperança de descobrir alguma pista sobre o paradeiro de Maria Teresa.

Tinha de a encontrar, agora que estava certo de que ela se mudara para Lourenço Marques! A bem dizer, quase toda a Ilha migrara para a nova capital. O Arsenal e as máquinas reparadoras haviam sido os precursores, e o resto seguira mais tarde: a Companhia de Teatro, a Imprensa Nacional, os tribunais e, claro, todos os funcionários públicos, incluindo os goeses, que eram o alicerce da administração da província. O mesmo se passara com os

consulados estrangeiros e os comerciantes baneanes, que logo criaram ligações ao mato e ao Transvaal. Miguel sabia bem como era impossível vigiar toda a fronteira ao longo da cordilheira dos Libombos, cheia de rios e trilhos tortuosos por entre o mato povoado por animais ferozes.

Apenas o seu irmão decidira ficar pelo Norte, no meio daquela fazenda imensa de cajueiros e borracha em Fernão Veloso. O irmão sempre fora diferente e estava feliz por partilhar a vida com três mulheres macuas da Terra Firme, vivendo todos sob o mesmo tecto como uma grande família. Tinha cinco filhos mulatos e vinham mais dois a caminho. Todavia, o irmão dera-lhe uma notícia perturbadora: por alguma razão estranha, não recebera os seus telegramas de Joanesburgo, e por muito tempo julgara-o morto nas minas ou na guerra.

Miguel regressara a Lourenço Marques a bordo do *Clan Graham*, um vapor inglês proveniente de Bombaim, que ia para Inglaterra. Pernoitava numa hospedaria modesta no Alto Maé, longe do novíssimo Hotel Club e do Hotel Carlton da Rua Araújo, onde antigamente se instalavam os mineiros ricos do Transvaal. Queria definir a sua vida e o seu futuro, mas ainda estava espantado com tudo o que sucedera em Lourenço Marques durante a sua viagem ao Norte de Moçambique.

O presidente Kruger permanecera um mês na cidade, hospedado na Residência do Governador do Distrito, para depois embarcar para a Europa a bordo de um vapor holandês, com vista a angariar apoios para o esforço de guerra. O governador Machado demitira-se na sequência dos vários casos de contrabando na fronteira contra as directrizes do Reino e acabara de rumar a Lisboa, após a chegada do novo Governador-Geral. Por último, o poderoso Cônsul do Transvaal fora expulso, após grande pressão britânica, sob suspeitas de ser o maior contrabandista da região, responsável pelo envio de numerosos carregamentos de armas e mantimentos para lá da fronteira.

Miguel contava encontrar Lourenço Marques com um ambiente mais tranquilo, dado que os malfadados britânicos já controlavam a estação ferroviária de Komatipoort e ocupavam grande parte do Transvaal. No entanto, a cidade permanecia agitada com a enchente de refugiados *boers* e parecia pequena para tanta gente. Muitos haviam chegado semanas antes da queda de Komatipoort e tinham embarcado em vapores para a Europa, mas a torrente de refugiados teimava em continuar. Alguns refastelavam-se nos *kiosks* da cidade, outros acampavam na Praia da Polana, embora a maior parte das famílias se encontrasse exausta, a curar-se das mazelas da viagem.

Miguel atirou a ponta do cigarro para o chão, desviou-se dos riquexós e avançou para a Praça 7 de Março. Ainda não se habituara à ideia de que se chamava Praça Mousinho de Albuquerque! Passou a Casa Amarela, onde funcionava a Secretaria-Geral do Governo, e os *kiosks* adiante, atraído por gritos ensurdecedores. O fim da praça e o jardim à frente estavam apinhados, como se a cidade estivesse toda ali. Miguel ficou estarrecido. Aproximou-se devagar e tentou descortinar as gentes amontoadas diante do Cais da

Alfândega, perto da Capitania. Eram elas que saudavam os *boers*!

Não estava à espera de ver tamanha exaltação a favor dos *boers*, mas logo compreendeu: o sentimento contra os britânicos continuava bem marcado, e ele era o primeiro a concordar. Os *boers* tinham-se transformado num símbolo contra o imperialismo britânico por terem a coragem de pegar em armas contra quem se queria apropriar da sua terra, cobiçando o ouro que jorrava das minas a sul de Pretória.

Para surpresa dos britânicos, a guerra perdurava mês após mês. Dizia-se que milhares de *kommandos* continuavam escondidos nas montanhas e na savana do Transvaal, para atacarem de surpresa, invisíveis, protegidos pela vegetação e pelos animais selvagens. As emboscadas sucediam-se: dinamitavam as linhas férreas, atacavam estações, comboios blindados, patrulhas isoladas, e destruíam instalações militares, causando centenas de mortos.

Os britânicos foram obrigados a dispersar tropas, sem poderem contar com o telégrafo que estava sempre cortado. Exasperados, começaram a punir as famílias dos *kommandos*. Contava-se que milhares de fazendas haviam sido arrasadas, com as colheitas e as árvores de fruto queimadas, e todos os animais abatidos, incluindo galinhas e patos, para que nada pudesse servir de alimento aos que lutavam contra eles.

Muitas mulheres e crianças *boers* fugiram para as montanhas, mas a maioria foi encarcerada em campos de concentração espalhados pelo Transvaal. Os relatos que Miguel ouvira eram tenebrosos e custava-lhe acreditar que pudessem ser verdade: milhares de pessoas morriam de tifo, ou simplesmente de fome e de frio, e os britânicos usavam aquela tragédia para obrigar os *kommandos* a baixarem as armas e renderem-se.

Os vivas incessantes no Cais da Alfândega ecoaram nos seus ouvidos. Observou o vapor de casco negro ancorado defronte da fortaleza e reconheceu-o: era o *Zaire*! Conhecia bem aquele navio do tempo das Campanhas, quando trouxera centenas de soldados do Reino.

– Que se passa? – resolveu perguntar ao homem que estava ao seu lado. Era baixo, gordo, e ovacionara os *boers* com entusiasmo.

O homem estranhou a pergunta e agitou o chapéu com os olhos franzidos. Suava copiosamente.

– Deve ter chegado agora a Lourenço Marques – gracejou. – São os *boers* a embarcar para Lisboa.

– Sim, vim da Ilha de Moçambique – confessou Miguel. Mal conseguia acreditar no que ouvira. – Vão para Lisboa?

– O *Benguela* já seguiu na semana passada com centenas de *boers* – gesticulou o homem, admirando o seu chapéu de palha. – Dentro de algumas semanas estarão todos em Lisboa, longe dos malvados ingleses. Demos-lhes sapatos e agasalhos para conseguirem aguentar o frio do Reino. Que Deus os proteja...

Miguel rapidamente compreendeu o que se passava: os refugiados

havam sido agrupados pelas autoridades na plataforma do Cais da Alfândega e alguns já estavam na Ponte de Passageiros, perto da fortaleza, para entrarem nas barcas que os levariam ao navio. Eram mais de trezentos, metade crianças. Um outro vapor deveria zarpar para Lisboa dentro de dias, com os restantes refugiados.

Os britânicos haviam exigido aos portugueses que os entregassem ou prendessem, por suspeitarem de que havia muitos infiltrados que se preparavam para lançar uma contra-ofensiva a partir de Moçambique. Contudo, os portugueses tinham optado por levá-los para o Reino, contornando as exigências britânicas de cabeça erguida, recorrendo a um tratado internacional antigo. Aquela prepotência inglesa deixava Miguel fora de si e, por momentos, sorriu ao perceber o estratagemma do governo português.

– Vivam os *boers*! – continuou a ouvir à volta. O ajuntamento era cada vez maior e, olhando para trás, parecia chegar à praça e ao Kiosk Pyramid. O homem a seu lado gritava com uma voz estridente, agitando os braços sem parar.

Miguel também não conseguiu ficar indiferente: os *boers* alinhavam-se ao longo da Ponte de Passageiros e começavam a descer as escadas para as barcas. Curioso, tentou aproximar-se da Capitania, acotovelando várias pessoas, e só parou no gradeamento do cais guardado por uma coluna de soldados. Observou a azáfama dos marinheiros no convés do *Zaire* e acompanhou mais de perto o embarque. Os refugiados partiam miseráveis, com a tristeza marcada no rosto. A maioria eram crianças e mulheres, embora também houvesse alguns homens, tal como acontecera em Komatipoort.

No meio da multidão na Ponte de Passageiros, Miguel reconheceu vários *kommandos* disfarçados de agricultores. Assim, desarmados, pareciam inocentes, mas todos haviam combatido ao seu lado no Natal ou no Transvaal. Alguns bem poderiam ser *Cape Rebels*: deviam ter chegado a Lourenço Marques poucos dias antes de os britânicos tomarem Komatipoort, ou seguido a sugestão que ele dera ao alferes na fronteira de Ressano Garcia e rumado ao rio Sabie.

Subitamente, sentiu um calafrio: Fritz Duquesne estava entre os homens! Trajava vestes modestas e uma barba espessa, como um mero camponês, e assim não parecia o intrépido *kommando* que tirara a vida a centenas de soldados imperiais e traía o seu país no comboio para Lourenço Marques.

Miguel ficou apreensivo. Questionou-se sobre o que Fritz teria estado a fazer desde a última vez que o vira junto ao comboio, e recordou o momento em que ele fuzilara os homens à entrada da gruta em Moamba, após terem escondido os caixotes de Pretória. Viu-o descer os degraus da Ponte de Passageiros e saltar para uma barcaça, no meio das crianças, como se fosse mais um pobre coitado a caminho de Lisboa. Tinha de existir uma razão muito forte para ele deixar África para trás e abandonar a gruta de Moamba: talvez estivesse a ser perseguido por espões, ou quiçá conseguira concluir a missão

na gruta, qualquer que fosse.

Num impulso, afastou-se antes que alguém o reconhecesse. Esgueirou-se por entre a multidão que continuava a bradar fervorosa e só abrandou quando passou pela estrutura metálica do Kiosk Levy, deserto àquela hora. Ainda tinha a pulsação acelerada, mas foi-se acalmando à medida que atravessava a praça. Contornou a esquina da Casa Amarela e regressava à Rua D. Luís quando ouviu algo que o fez estremecer.

– Miguel? – escutou de novo. A voz era-lhe conhecida. – És tu?

Miguel levou a mão à azagaia vátua que tinha à cintura por baixo do casaco, mas não a sacou de imediato. Estava em plena Baixa, a dois passos da Farmácia Veiga. Virou-se e ficou surpreso; conhecia aquela cara. O homem segurava uma cigarrilha com a mão direita e estava bem vestido, com um fato branco de linho e um chapéu distinto.

– Ricardo?! – inquiriu. Parecia ter recuado no tempo, quando ainda vivia numa aura de inocência na Ilha.

– Sou eu, mais gordo e careca – troçou, tirando o chapéu e mostrando-lhe a cabeça reluzente. – É uma alegria ver-te em Lourenço Marques depois de todos estes anos!

Os dois homens abraçaram-se no meio da rua, mal se dando conta de que uma bicicleta se desviara para não os atropelar. Ricardo era um amigo de infância e tinham estudado juntos na Ilha. Já em Lourenço Marques, haviam-se reencontrado nos quartéis da Ponta Vermelha e, depois, em algumas das Campanhas de Gaza.

Ricardo continuava jovial e falava ainda mais alto do que Miguel se lembrava. Contou que ingressara no Banco Nacional Ultramarino, após ter regressado à Ilha no final das Campanhas, e que pouco depois se tinha mudado para Lourenço Marques. A sede do banco ficava ali perto, ao fundo da Travessa das Laranjeiras.

– Trabalhei na Rua dos Baneanes menos de dois meses – relatou Ricardo, terminando a cigarrilha. – Quando o banco começou a tratar da mudança da sede, eu ofereci-me logo e fui dos primeiros a cá chegar.

Um som sibilante percorreu as ruas da Baixa e os dois amigos viraram-se para perceber de que se tratava. Dali não conseguiam ver o porto, mas deveria ser o *Zaire* a apitar, sinal de que levantava ferro e se preparava para zarpar do estuário. Fritz deixava Lourenço Marques com destino ao Reino!

– Dentro de um mês deverá chegar a Lisboa – comentou Ricardo e, parecendo de repente lembrar-se de alguma coisa, disse: – Bem, tenho de ir andando: saí à pressa do banco só para ver o embarque. Temos de nos rever um dia destes!

– Gostava muito – anuiu Miguel, sorridente, ao ver o amigo a afastar-se.

– Aparece um dia no banco ao final da tarde – desafiou Ricardo. – Temos de pôr a conversa em dia.

Maria Teresa casara-se! Miguel nem quisera acreditar quando descobrira que a mulher da sua vida se entregara a outro. Ainda estava de cabeça perdida, sem fôlego e com o estômago revirado. Soubera-o num dos pavilhões do Largo da Igreja, nas imediações do hospital, quando voltara a indagar sobre o paradeiro do pai dela. Após dois dias a rondar o hospital, conseguira obter informações junto de um dos farmacêuticos, veterano das Campanhas de Gaza, que finalmente lhe confidenciou que a filha do Director-Adjunto era casada com um membro do Governo-Geral, oficial do exército, e que vivia para lá dos quartéis da Ponta Vermelha. O nome do marido soou-lhe familiar; lembrava-se dele das Campanhas de Gaza.

Dias depois, descobrira a casa onde viviam. Tratava-se de uma residência na Polana, um lugar com o nome de um antigo régulo landim que, quando ele chegara ao quartel da Ponta Vermelha, não passava de um matagal sem fim.

Mal o sol raiara, decidira vir a pé desde o Alto Maé e subir de novo a Estrada da Ponta Vermelha. Fizera aquele mesmo caminho no dia anterior, embora não tivesse avistado ninguém. Voltou a passar pela Estação Telegráfica, seguindo na direcção do Hotel Cardoso, e, assim que chegou às imediações da Residência do Governador-Geral, subiu a avenida ao longo da encosta.

Já não se lembrava de que o prolongamento da Estrada da Ponta Vermelha até à Polana era largo e macadamizado, com as bermas arrançadas com arbustos. Cruzou a Rua de São Rafael e observou as novas casas em alvenaria do lado direito que se destacavam por entre as pré-fabricadas, ainda incrédulo em como num par de anos aquela área fora conquistada ao mato.

Escondeu-se por detrás do eucalipto onde estivera no dia anterior e olhou para os jardineiros landins que arranjavam os canteiros de flores mais à frente. Dali, a casa de Maria Teresa parecia-lhe majestosa. Estava pintada de fresco, tinha dois pisos de alvenaria, uma fachada triangular e um alpendre corrido à entrada. Era uma propriedade graciosa, com um jardim cheio de flores e árvores de fruto à vista de todos, circundada apenas por um murete de madeira, tão diferente dos muros altos da Ilha.

Pelo que indagara, os pais de Maria Teresa viviam mais adiante, no cruzamento com uma das novas avenidas: tratava-se de uma mansão rodeada de coqueiros tão imponente como aquela que possuíam na Ilha.

Miguel estava roído de inveja: o desgraçado do marido de Maria Teresa estava a viver o que ele sempre almejava; ficava desvairado só de o imaginar a tocar nela. Cerrou os dentes, angustiado, e limpou o suor da testa com a mão. Aventurou-se um pouco mais, até ficar de frente para a casa, do outro lado da avenida, encostado ao tronco de uma mafurreira. Não pensava senão em ver Maria Teresa, falar com ela, dizer-lhe que estava de volta e que a desejava

mais do que nunca. Amava-a demasiado para desistir de lutar por ela; tinha de a salvar de um casamento que ela, com toda a certeza, fora forçada pelos pais a aceitar.

De repente, vislumbrou uma charrete a aproximar-se, vinda de cima, e parar defronte do portão da casa. Eram os pais de Maria Teresa! A mãe desceu da carruagem, ajeitou a saia comprida e acenou ao pai, que iria continuar a viagem. Era ele, o antigo director do Hospital Real da Ilha, que tantos dissabores lhe causara. Miguel retraiu-se, revoltado, sentindo que recuara alguns anos e voltara a ser confrontado com os seus temores. Aquele homem fora o grande entrave à sua felicidade, convencido de que a filha deveria casar-se com alguém mais distinto. Observou-o com desdém; parecia-lhe mais velho e curvado, apesar de manter o ar altivo com que sempre o vira pelas ruas da Ilha.

Viu a charrete seguir para a Ponta Vermelha, por certo na direcção do hospital. Estava impaciente, mas quedou-se ali, à espera do que pudesse acontecer. A mãe de Maria Teresa havia entrado em casa e, ao abrir-se a porta, Miguel recebeu que aparecesse o marido da sua amada, mas talvez confrontá-lo fosse o preço a pagar para voltar a vê-la.

O tempo foi passando, sem que Miguel avistasse fosse o que fosse no jardim, no alpendre ou nas janelas. Tentou esconder-se melhor detrás da mafurreira, notando como a avenida ganhava vida, com mais gente nos passeios e vários riquexós a descerem para a Baixa. Estava decidido a esperar o tempo que fosse preciso, mas não demorou muito para voltar a descortinar a charrete ao fundo, vinda da direcção da Ponta Vermelha. Deveria ter deixado o pai de Maria Teresa no hospital e regressara de seguida.

A charrete parou defronte do portão e, pouco depois, a porta da casa abriu-se. Miguel ficou extasiado! Maria Teresa estava ali, à sua vista, do outro lado da estrada. Seguia ao lado da mãe, com um vestido lilás elegante que lhe acentuava as curvas e lhe chegava aos tornozelos, um chapéu largo na cabeça, e o cabelo escuro apanhado.

Maria Teresa abriu uma sombrinha azul mal transpôs o portão e, como que por milagre, levantou a cabeça e fixou o olhar nele. Reconheceu-o e levou a mão aos lábios, como se não acreditasse no que via. Miguel estremeceu, acenando-lhe emocionado. Os dois sorriram um para o outro e trocaram olhares cúmplices, como se os anos não tivessem passado e estivessem de volta ao Bairro Indígena na Ilha.

Miguel quis correr ao seu encontro e abraçá-la, mas controlou-se. Logo, porém, notou o sorriso dela a desvanecer-se e o corpo hirtos, como se estivesse defronte de um fantasma. Por momentos, recebeu que Maria Teresa fosse perder os sentidos, mas viu-a recuperar o equilíbrio e erguer de novo a sombrinha, evitando olhar para ele e ajudando a mãe a subir para a charrete.

Manteve-se protegido pela mafurreira e viu as duas mulheres sentarem-se no banco da charrete. Instantes depois, avançaram pela avenida, sem que Maria Teresa se voltasse para trás uma única vez. Miguel suspirou, resignado,

ainda que satisfeito por tê-la visto esboçar aquele sorriso luminoso mal o reconheceria. O olhar dela dizia tudo: Maria Teresa continuava a amá-lo!

Ajeitou o chapéu de caqui e levou a mão ao bolso da jaqueta, em busca da caixa de fósforos e de um cigarro. Tinha o coração aos pulos. Caminhou na direcção da Ponta Vermelha, ao encontro da Residência do Governador-Geral. Ao fundo, vislumbrou os pavilhões de madeira do quartel e, aos poucos, caiu em si: voltou a sentir-se amargurado, temendo estar a enganar-se a si próprio.

Maria Teresa era agora uma mulher casada, numa cerimónia selada pela Igreja, e ele recordava o marido das Campanhas. Era um reinol de uma família nobre e com tradição militar, que combatera em Coolela e Chaimite. Pelo que soubera dias antes, ascendera ao Estado-Maior da Secretaria Militar do Governo-Geral e era próximo do novo Governador-Geral. Miguel não tinha dúvidas: cumpria todas as exigências do pai de Maria Teresa!

Aproximou-se do Hotel Cardoso e terminou o cigarro. Aquela propriedade sempre o encantara, talvez por conhecer as histórias do Capitão Cardoso: em tempos, o pai contara-lhe as suas expedições pelo Niassa e que, mais tarde, fora nomeado comandante do porto de Lourenço Marques. Quando Miguel desembarcara naquela cidade, ficara abismado quando soube que ele construía um hotel requintado perto dos quartéis da Ponta Vermelha.

Miguel sentia-se desgostoso, mas parou ao ler a placa nova à entrada: «Cardoso Hotel». Ficou surpreendido com o aroma do jardim, os arranjos florais que delimitavam o caminho e as trepadeiras escarlates que se enrolavam nos pilares do alpendre. Não resistiu a entrar e interrogou-se se não se deveria mudar para ali, ao invés de estar alojado na hospedaria do Alto Maé. Afinal, aquele hotel era igualmente tranquilo e longe dos olhares indiscretos da Baixa. Além disso, ele era agora um homem endinheirado e dali podia observar o estuário e os contornos da Catembe, até lá abaixo, na direcção da *Zululand*.

– *Buongiorno signore, bienvenuto* ao Cardoso Hotel – enunciou uma jovem com cabelos encaracolados, interpelando-o no meio do jardim e fazendo-lhe uma vénia. Não deveria ter mais de doze ou treze anos, e usava um uniforme bonito com um sorriso radiante. – Vem para o nosso *Morning Tea*? Ainda temos uma mesinha no canto do terraço...

– *Morning Tea*? – estranhou Miguel. Parecia estar de volta a Joanesburgo, quando os mineiros ingleses paravam de perfurar para se juntarem à volta do lume e beberem chá, de manhã e ao final da tarde.

Estava sem apetite, mas esforçou-se por sorrir à menina italiana e acabou por aceitar o convite. Sentou-se na mesa vaga do terraço ajardinado, notando que era o único português, mas não fez caso; aquela mudança de ambiente talvez o ajudasse a refazer-se dos nervos de ter voltado a ver Maria Teresa. Duas empregadas cobriram-lhe a mesa com uma toalha branca e, logo depois, pousaram nela um prato com rolinhos de carne, pão e ovos, e outro com canapés, *scones* e três fatiazinhas de bolo.

Miguel arregalou os olhos com aquela opulência a que já não estava

habituação, enquanto uma das empregadas lhe servia chá numa chávena de porcelana. Sentiu-se de novo num dos *Tea Rooms* de Joanesburgo antes da guerra, onde duas ou três vezes decidira gastar dinheiro e desfrutar daquele luxo.

Uma brisa agradável passou-lhe pelo rosto, mas ele tinha a cabeça num turbilhão, sem saber o que pensar. Receava ter perdido Maria Teresa para sempre e que não houvesse volta a dar àquele casamento, embora a sua troca de olhares lhe trouxesse alguma esperança. Talvez ela ainda o amasse e ele a conseguisse resgatar para viverem o sonho que tanto haviam desejado.

Acabou por se acalmar e, aos poucos, ganhou algum apetite. O bolo de cenoura era saboroso e o chá preto forte, como gostava. Recostou-se na cadeira, mais confortado. Estava de estômago cheio, e com uma estranha certeza de que iria voltar a ter a sua amada nos braços.

Porém, não era apenas o destino de Maria Teresa que o atormentava. Desde que vira Fritz a embarcar para Lisboa, a emboscada em Moamba remoía-lhe o pensamento. Estava cada vez mais convencido de que aquele desgraçado fizera um golpe por conta própria e, por isso, executara todos os cúmplices, não deixando qualquer testemunha viva. Miguel interrogava-se sobre o que acontecera aos caixotes de Pretória e suspeitava de que ainda estivessem na gruta. Fritz deveria tê-los lá deixado, para regressar mais tarde, mal a situação em Lourenço Marques voltasse à tranquilidade.

Fritz não deveria regressar a Lourenço Marques nos próximos meses, e pensar nisso deixava Miguel ansioso. Aqueles caixotes eram propriedade do Transvaal, mas a república estava à beira do abismo, sem salvação. Não seria possível devolvê-los ao presidente Kruger, nem ao *Generaal* Botha, que por certo já tinham perdido a esperança de os reaver. O mesmo se passaria com os britânicos, que ainda deveriam julgar que aquela carga estaria algures escondida na savana do Transvaal.

– Aceita um pouco mais de chá, *Sir*?

Miguel anuiu e inspirou o ar fresco da Ponta Vermelha. Sentiu um fresesim a percorrer-lhe o corpo e, aos poucos, o pensamento ficou mais claro. Mal o sol raiasse, iria pôr-se a caminho da gruta de Moamba. Sabia bem o que fazer!

Miguel desceu da montada e amarrou o cavalo à sombra, no tronco de um dos canhoeiros. A viagem fora longa e estava a suar em bica, com o sol cada vez mais alto. Comprara o cavalo a um baneane e saíra de Lourenço Marques ao raiar do dia. Não encontrara ninguém pelo caminho, a não ser quando passara pelo rio Matola, onde várias mulheres landins lavavam roupa na margem.

Voltou a perscrutar a linha férrea ao fundo e as colinas em redor, sem

vislumbrar qualquer movimento. Estava só e no sítio certo. Recordava-se bem daquelas duas árvores, com as copas entrelaçadas uma na outra, não muito distantes da Estação de Moamba. Haviam-se passado mais de seis meses desde que dali fugira para Lourenço Marques, e Fritz estaria algures no mar, rumo a Lisboa.

O que se passara naquela manhã não lhe saía da memória. Tremeu assim que se aproximou dos rochedos. Nem sabia como conseguira ludibriar a morte. Tocou no *sjambok* à cintura, que roubara ao *kommando* que o tentara matar na locomotiva, e sentiu a pele rugosa entre os dedos. Engoliu em seco; desafiara o destino e escapara à matança de Fritz: era a única testemunha do que acontecera, desde a emboscada ao comboio até ao fuzilamento dos últimos *kommandos* e zulus a soldo de Fritz. Voltou a olhar para ambos os lados, para se certificar de que estava sozinho, e apenas ouviu o som do vento a embater na copa dos canhoeiros.

Penetrou na gruta e deparou-se logo com o primeiro cadáver. Os animais haviam comido a carne, por certo atraídos pelo cheiro, pois apenas se viam ossos e o que restava de uma vestimenta *boer* rasgada. Deviam ter sido hienas ou chacais, que andavam por ali a vaguear. Miguel agachou-se e desviou-se do cadáver, descortinando por entre a poeira um *sjambok* e uma espingarda carcomida.

Fritz não deveria ter voltado ao local, nem ninguém havia descoberto a gruta. Teve a certeza disso quando vistoriou os outros cadáveres ao fundo, tanto dos zulus como dos *boers*, todos armados com espingardas inglesas. Já não cheiravam mal, também eles tinham sido dilacerados pelos animais, mas as armas estavam sujas, já com alguns sinais de ferrugem.

Miguel ergueu-se, respirou fundo e olhou em frente. Começava a estar demasiado escuro. Acendeu o archote com um fósforo e avançou com cuidado. O terreno era escorregadio, o que o levou a pensar que estava perto de uma nascente ou de algum lago subterrâneo. À medida que foi descendo, percebeu que a gruta era larga e perguntou-se como teria Fritz descoberto aquele local. Não sabia se ele alguma vez cruzara a fronteira, mas deduziu que talvez tivesse vindo a Moçambique por alturas da inauguração da linha férrea, seis anos antes. De todo o modo, o golpe fora bem delineado, e o momento, exacto.

Miguel também se questionou sobre o que Fritz teria feito durante os meses em que permanecera em Moçambique. Sabia que ele era capaz de sobreviver escondido no mato, mas parecia-lhe inevitável que acabasse por se refugiar em Lourenço Marques, ou pelo menos nas cercanias. Não era difícil imaginar que se tivesse sentido acossado pela presença de tantos britânicos e espões *boers* na cidade. Talvez por isso decidira rumar a Lisboa, mas Miguel não tinha qualquer dúvida: o desgraçado iria voltar àquela gruta quando já não corresse perigo.

Manteve-se firme, caminhando por entre as pedras com cautela, até que algo o levou a parar. Levantou a tocha mais alto e teve a certeza: a carga do

comboio de Machadodorp estava ali à sua frente. Aproximou o archote até um dos caixotes de madeira mais próximos e leu as letras negras: «*Zuid Afrikaansche Republiek – P.K.*»

Eram os caixotes que se usavam para transportar dinamite, que tão bem conhecia. Deviam ser umas centenas, muitos dos quais ele próprio ajudara a encher naqueles últimos dias em Pretória, seguindo as ordens dos quatro generais. Não resistiu: com agilidade, entreabriu um deles, e logo esboçou um largo sorriso ao vislumbrar o metal a brilhar à luz do archote: estava tal e qual como quando fora selado em Pretória!

Capítulo XV

Caldas da Rainha, 19 de Outubro, 14h50

A simpatia e a hospitalidade dos portugueses não tiveram limite para os boers. Por sorte, o clima agradável e saudável das Caldas da Rainha, e ainda os bons tratamentos que tiveram, permitiram-lhes recuperar da malária contraída em Moçambique.

Ockert Jacobus Ferreira, professor investigador sul-africano

Fritz Duquesne estivera internado nas Caldas da Rainha! Filipe mal continha o entusiasmo ao estacionar o carro na berma, defronte do muro gradeado do parque da cidade. Fizera aquela descoberta dois dias antes, num dos *dossiers* do arquivo do pai no sótão: aquele *kommando* embarcara em Lourenço Marques como refugiado com destino a Lisboa, por certo para escapar à ira britânica.

Filipe saiu do carro e caminhou ao longo do parque: os plátanos eram enormes e albergavam bandos de passarinhos. Era a primeira vez que estava nas Caldas da Rainha. Já tinha passado ali perto por diversas vezes, para ir a Óbidos ou à Foz do Arelho, mas nunca entrara na cidade. A viagem de Lisboa tinha sido curta, pouco mais de uma hora pela auto-estrada.

Desde que chegara do Porto, quase não saíra do sótão de casa, a revistar a documentação antiga do pai. Encontrara material mais diverso do que estava à espera, pois nem tudo era sobre navios e fortalezas dos séculos xvi e xvii. Deduziu que fossem trabalhos que o pai fizera no início da carreira, antes de se ter especializado na Era dos Descobrimentos.

Alguns dos documentos eram sobre a linha férrea entre Lourenço Marques e Pretória, a Guerra dos *Boers* e o que se passara em Moçambique naqueles anos. Vira que o pai agrupara bastante informação sobre Fritz Duquesne, incluindo sobre o que ele fizera após a Guerra dos *Boers*. No entanto, não encontrara mais nenhuma menção a Miguel Ferreira ou ao *Angoche*.

A carta antiga que Miguel Ferreira escrevera ao irmão também o levava a investigar com mais detalhe o que acontecera aos refugiados *boers*.

Com a derrota militar *boer* em 1900, milhares de pessoas haviam fugido para Moçambique. Muitos não conseguiram seguir com as suas vidas noutras paragens e deambularam por Lourenço Marques durante meses, ante a crescente pressão britânica para que todos os *boers* lhes fossem entregues. Os portugueses serviram-se de um tratado internacional para contornar a vontade dos britânicos e enviaram os refugiados para Lisboa, alegando a falta de infra-estruturas e as graves epidemias em Lourenço Marques.

O que se passara nos campos de concentração britânicos na África do Sul fora hediondo. Milhares de famílias *boers* foram aprisionadas em quarenta campos do exército, como represália pelos incessantes ataques dos *kommandos* e para assegurar que estes não recebiam comida do seu povo. A fome, o sarampo, a febre tifóide e as más condições dos campos tiraram a vida a mais de cinquenta mil pessoas: trinta mil mulheres e crianças *boers*, e vinte mil africanos. A tragédia causou uma profunda indignação no mundo inteiro e fez com que muitos britânicos deixassem de apoiar a guerra, que tardava em acabar.

Filipe caminhava ao longo de uma rua empedrada, até que reconheceu o edifício ao fundo, que vira na Internet. Era antigo, amarelado, de linhas direitas e com três pisos: tratava-se do Hospital das Termas, onde cerca de trezentos refugiados *boers* provenientes do vapor *Zaire* haviam permanecido durante mais de um ano. Ao todo, tinham chegado cerca de mil e quatrocentos a Portugal, a bordo de três vapores. Além das Caldas, os *boers* haviam sido instalados em quatro outras vilas do Oeste – Peniche, Tomar, Abrantes, Alcobaga –, bem como em Oeiras, mais perto de Lisboa.

Filipe tinha esperança de encontrar ali alguma ligação a Miguel Ferreira ou qualquer pista que explicasse porque o pai também estivera interessado em Fritz Duquesne. As expectativas eram baixas, até porque as ligações pareciam ténues, mas não podia ignorar aquela via de investigação.

Subiu a rua estreita, contornou o Hospital das Termas e encontrou o edifício que procurava. Tratava-se de um palácio cor-de-rosa, de dois pisos, com escadarias de ambos os lados, defronte de um pátio. Avistou uma porta aberta e soube que estava no sítio certo: chegara ao Museu do Hospital e das Caldas.

– Tenho um encontro marcado com a directora, a Engenheira Isabel Matias – avançou Filipe à senhora que estava ao balcão. – Ela deve estar à minha espera.

– Ah, sim. Ela avisou-me de que o senhor estaria para chegar. Deve encontrá-la no pátio, mais ao fundo.

Isabel Matias estava a fumar debaixo de um plátano. Tinham falado brevemente ao telefone e trocado algumas mensagens. A directora era mais velha do que a sua voz indicia: rondava os sessenta anos e tinha o cabelo branco bem arranjado e um vestido lilás que chamava a atenção.

– Confesso que, ao início, não percebi o seu interesse pelo Hospital das Termas. Afinal, não temos aqui nenhum mistério sobre naufrágios.

– Obrigado pelas informações que me enviou – agradeceu Filipe. Não esperava ser reconhecido, mas infelizmente o seu nome aparecia com regularidade na Internet por causa da *Flor do Mar*. – Regressei há uns dias de Maputo.

A directora anuiu, com uma postura algo fleumática, e pediu-lhe que a acompanhasse. Passaram pela recepção, percorreram duas salas, com a directora a explicar, por alto, as várias peças alusivas à fundação do hospital, ocorrida no final do século xv. Filipe percebeu que o museu havia sido reorganizado poucos anos antes e retratava principalmente a história do Hospital das Termas, que estivera na origem das Caldas da Rainha, até aos primórdios do século xx.

Subiram dois lanços de escadas, com as paredes decoradas com relógios antigos e outros artefactos. O Hospital das Termas fora reconstruído no final do século xix, pouco antes da chegada dos refugiados *boers*, com vista a transformar a vila numa grande estância termal. Construíram-se novos edifícios, modernizaram-se os antigos e criou-se um grande jardim para dar aos doentes uma zona onde pudessem convalescer tranquilamente.

– Temos de subir mais um lanço – apontou Isabel, levantando a corda que impedia os visitantes de avançarem. – A estadia dos *boers* foi um marco na cidade, apesar de ser quase desconhecida dos nossos munícipes.

– Compreende-se, a Guerra dos *Boers* não diz muito aos portugueses – reconheceu Filipe. – Mas o impacto em Moçambique foi tremendo...

Isabel Matias assentiu e relatou-lhe várias histórias dos refugiados que ali residiram entre Abril de 1901 e Julho de 1902. Inicialmente tinham sido colocados no Hospital e, quando a estação termal abriu, foram quase todos transferidos para os Pavilhões do Parque, que ainda estavam inacabados, mas que se iam tornar futuras enfermarias do hospital.

– Instalaram lá vários dormitórios, uma escola para mais de cem crianças e uma cozinha enorme, onde faziam a sua própria comida – acrescentou. – Talvez o Filipe tenha passado por lá: são aqueles edifícios góticos esguios, entre o Balneário Novo e o lago do Parque D. Carlos.

– Vi-os ao longe, sim – confirmou ele. – Parecem meio abandonados, com alguns vidros partidos, mas têm a sua imponência.

– Sem dúvida! A maior parte dos refugiados eram civis, crianças e mulheres – explicou a directora, abrindo a porta do arquivo. – Aliás, mais de metade eram crianças, embora houvesse também alguns soldados. Chamavam-lhes *kommandos*!

– E não existiram medidas especiais para esses?

– Não, foram tratados da mesma maneira. A maioria chegou com a família – respondeu a directora. – Uns ocuparam os pavilhões, outros ficaram hospedados no Grand Hotel Lisbonense e aqueles que puderam alugaram casas. Tinham de se apresentar duas vezes por dia às autoridades e estavam sujeitos ao recolher obrigatório. Fora isso, gozavam de plena liberdade na vila e arredores e até podiam ir ver o mar à Foz do Arelho, se assim quisessem.

Apenas as idas a Lisboa e as viagens de longa distância tinham de ser autorizadas.

A directora relatou-lhe que, na altura, o sentimento anti-inglês em Portugal era bastante vincado, devido ao Ultimato Britânico, que exigira a retirada de todas as tropas portuguesas dos territórios entre Angola e Moçambique.

– Os *boers* foram, por isso, muito bem recebidos na vila, como heróis na luta contra a opressão, e integraram-se com facilidade, apesar das dificuldades da língua e das diferenças culturais. A grande maioria regressou à África do Sul em Julho de 1902, pouco depois de a guerra ter terminado. Mas o refugiado em particular que me disse por telefone que procurava...

– O nome dele é Fritz Duquesne, um oficial *boer* que estudou em Inglaterra.

– Sim, consultei os arquivos, mas ele esteve aqui pouco tempo, fugiu quase logo depois de ter chegado. Escaparam seis, no total.

– Como é que isso aconteceu?

– Dizem que a filha de um dos guardas portugueses se enamorou dele e o ajudou a fugir. Parece que daqui foi para Paris – relatou a directora.

– E sabe-se mais alguma coisa sobre a estadia dele nas Caldas?

– Infelizmente, não. Tenho pena de não o poder ajudar nisso.

Filipe não deixou de sentir alguma frustração, apesar das expectativas baixas que tinha. A vinda às Caldas da Rainha fora uma perda de tempo; ele próprio sabia mais do que a directora. Pelo que lera no material do pai, Fritz conseguira regressar à África do Sul ainda durante a guerra; não era claro se depois voltara a Moçambique, mas havia provas de que estivera envolvido em várias sabotagens em Cape Town e fora capturado em Outubro de 1901, sendo levado para um campo de prisioneiros nas Bermudas. Meses depois, conseguiu evadir-se com a ajuda de outros *boers* e embarcar clandestinamente para os Estados Unidos. Pela Internet, Filipe soubera que ele se transformara num espião alemão durante a Primeira Guerra Mundial, destacando-se ainda mais na Segunda, quando fora responsável pela maior rede de espionagem alemã no país, até ser preso e ficar na cadeia o resto da sua vida.

– E o museu tem mais algum legado dos *boers*? – insistiu Filipe. Ainda não perdera a esperança de encontrar alguma referência.

Isabel hesitou e pareceu ficar nervosa, mas acabou por lhe explicar que raramente mostravam os artefactos dos refugiados. Eram sobretudo de artesanato, coisas feitas na altura por alguns deles, mas que pouco diziam à população local.

– Os visitantes do museu vêm sobretudo pelas termas e pela Rainha D. Leonor, mulher do rei D. João II. Temos peças interessantes usadas no hospital ao longo dos séculos – afirmou ela, com um tom solene. – De qualquer maneira, temos no arquivo alguns documentos sobre esse tempo: tivemos vários casamentos e nascimentos entre os refugiados. Uma das crianças até ganhou o apelido de Caldas da Rainha.

– O nome Miguel Ferreira diz-lhe alguma coisa? – inquiriu Filipe.
– Não, mas posso investigar. Também estive cá nessa altura?
– Penso que não – admitiu Filipe. – Foi um voluntário português que lutou ao lado dos *boers* e que conhecia bem Fritz Duquesne.

– Se não estive cá, não temos informações sobre ele – respondeu Isabel, encarando-o depois com um ar sério. – Mas há uma coisa sobre os *boers* que lhe posso mostrar. Tem é de me prometer que fica entre nós.

– Claro, pode confiar em mim.

– Trata-se de uma peça que não está exposta – revelou Isabel, encaminhando-o para o corredor que dava acesso a várias salas. – É a mais valiosa do nosso espólio, apenas um par de funcionários do museu conhece a sua existência.

Entraram na sala mais ao fundo e Isabel parou diante de uma secretária, para tirar um par de luvas de uma gaveta. Calçou-as e foi até ao canto oposto, onde existia um cofre na parede. Com cuidado, retirou de lá um objecto: era uma pequena barra de ouro! Cintilava com a luz do candeeiro do tecto e parecia ser pesada. Filipe ficou perplexo: a ligação com as minas de Joanesburgo estava à sua frente.

– Pode ver as inscrições *boers* de lado – murmurou ela, apontando. – Foi encontrada enterrada debaixo de um plátano, durante as obras de requalificação, há mais de setenta anos.

Filipe anuiu, emocionado, observando a insígnia ZAR no metal dourado. Sabia, por razões profissionais, que se tratava das iniciais do Rand, a moeda sul-africana. Todavia, também já lera aquilo dias antes nos documentos de Tony: *Zuid-Afrikaansche Republiek!*

– Um dos refugiados deve tê-la trazido da África do Sul – deduziu Filipe, sem desviar o olhar.

– Sim, o anterior director suspeitou que fosse um deles que a tivesse enterrado, com medo de que lha roubassem, mas que morrera antes de a recuperar.

Filipe ficou em suspenso, a examinar o brilho da barra de ouro. Lembrou-se do relato da mãe sobre uma breve estadia em Joanesburgo, quando tinha feito um circuito turístico nas profundezas das minas e visto o ouro a ser fundido e derramado em moldes de aço. Fora aquele o principal motivo para o conflito entre os *boers* e os britânicos! Filipe lera recentemente que o Transvaal produzia apenas um por cento do ouro mundial aquando da descoberta dos primeiros filões, mas, poucos anos depois, passara a ser responsável por um quarto da produção mundial, muito acima da dos Estados Unidos, da Rússia ou da Austrália, onde tinham ocorrido várias corridas ao ouro. Tal riqueza fizera do Transvaal o estado mais rico de África naquela altura.

Recordou que o Governo do Transvaal tinha feito o mesmo que aquele refugiado, mas em larga escala: retirara todo o ouro dos bancos e das minas de Joanesburgo, antes de o Exército Britânico chegar, por forma a manter o

esforço de guerra. Os *boers* não tinham baixado as armas após a queda de Pretória e Joanesburgo, continuando a lutar por mais dois anos.

Observou as inscrições *boers* com atenção e viu a directora recolocar a barra no cofre. Sentia a cabeça a rodopiar. Recordava-se dos vários documentos de Tony e do pai e um deles não lhe saía da cabeça: o mapa antigo da linha férrea entre Pretória e Lourenço Marques. Aquela linha fora construída para escoar o ouro das minas para o porto de mar mais próximo. Por certo, o governo usara o comboio para transportar o ouro para longe da frente; não haveria forma mais eficiente de o fazer, até porque as distâncias eram grandes.

Ao reflectir nisso, o pensamento aclarou-se: possivelmente, Tony tentara reconstituir a viagem de um comboio e destacara três estações, uma delas na fronteira e outra já em Moçambique – Moamba! A nota que escrevinhara parecia indicar que Miguel Ferreira e Fritz Duquesne seguiam a bordo e tinham passado a fronteira a 29 de Agosto de 1900, pouco antes de as tropas britânicas conquistarem a última estação ferroviária no Transvaal. Tentou imaginar o que poderia ter acontecido naqueles dias dramáticos. Os indícios eram cada vez mais claros: aquele comboio bem poderia ir carregado de ouro e era imperioso que estivesse a salvo dos britânicos!

O cheiro a pó no sótão da casa era quase insuportável, mas Filipe tentava manter-se indiferente e lia cada um daqueles documentos com a pulsação acelerada. Coçou o nariz, aumentou o *zoom* do computador e confirmou aquilo de que já suspeitava. Era o nome de Miguel Ferreira que estava sublinhado na cópia da lista de passageiros daquele vapor que havia escalado na Ilha de Moçambique e em Lourenço Marques. Pelos vistos, ele embarcara no *Kaiser*, um navio alemão, em Lourenço Marques para a Ilha de Moçambique, em Outubro de 1900, e regressara à cidade a bordo do *Glan Graham*, um vapor inglês proveniente de Bombaim, em Março de 1901.

Aquela era a quarta vez que Filipe estava no sótão desde que regressara de África e já não faltava muito para ter todo o material do pai verificado. Finalmente, encontrara mais provas do que procurava: o pai investigara claramente a vida de Miguel Ferreira. Um dos CD continha vários ficheiros com cópias digitalizadas de documentos onde constava o nome dele, incluindo no livro de hóspedes do Hotel Cardoso, bem como no Boletim Oficial de Moçambique e nos editais da Câmara Municipal da Ilha de Moçambique, com louvores pela sua prestação nas Campanhas de Gaza.

No entanto, o que deixara Filipe mais intrigado fora a cópia de uma fotografia antiga de Maria Teresa, o amor da vida de Miguel Ferreira: ela estava com uma expressão risonha e trajava um vestido comprido esbranquiçado, empunhando uma sombrinha, à beira-mar. O pai escrevera o

nome completo ao lado – Maria Teresa Correia da Silva Ferreira – o que indicia que os dois se tinham casado.

Instantes depois, Filipe ouviu o som de uma mensagem no *iPhone*. Era Dinis Cabral, o advogado do Porto, informando-o de que o Piloto Aviador Abel Coimbra aceitara falar com ele, e passando-lhe o seu número de telemóvel para combinarem um encontro. Aquela era uma notícia excelente! Filipe olhou satisfeito para o indicativo sul-africano, mas voltou a lembrar-se de Pieter.

Aceitara o convite de Pieter para ir a Cape Town, tentando mostrar alguma naturalidade. Queria contar-lhe pessoalmente a ameaça que sofrera no miradouro de Maputo. Além disso, as pistas da investigação eram confusas e Filipe ainda não estava preparado para lhe transmitir uma mensagem coerente de tudo o que descobrira. Assim ganhara tempo para lhe fazer um ponto da situação.

Continuava a recear voltar a África, mas ainda não sugerira a Pieter terem uma conversa *online*, e começara a dar por si a pensar no que fazer para não ser surpreendido e se manter fora de perigo, caso fosse a Cape Town. Podia evitar sítios isolados e pedir a Pieter um segurança, mas não lhe agradava nada ter alguém a bisbilhotar o que ele andava a fazer.

A mensagem de Dinis Cabral deixou-o entusiasmado com a nova viagem à África do Sul. Aquela podia ser uma pista determinante para encontrar o rasto de Daniel Cabral e quiçá perceber qual a relação entre o *Angoche* e Miguel Ferreira. Tinha de encontrar-se pessoalmente com Abel Coimbra e obter o máximo de informação.

Filipe voltou a observar a fotografia de Maria Teresa e fixou o olhar nas suas feições delicadas – aquele era mais um trabalho do pai que aparentemente ficara por concluir. Sentiu a presença do espírito dele no sótão, como que aguçando a sua curiosidade. Aquela investigação deixara de ser um assunto meramente profissional para ele desde o momento em que vira a letra do pai naquela fotografia dos *kommandos* à volta da fogueira no meio do mato, em Spioenkop.

A recente viagem às Caldas da Rainha também lhe iluminara o pensamento e o levara a analisar os documentos de Tony sob outro prisma. Já não tinha grandes dúvidas sobre o que acontecera: Miguel Ferreira e Fritz Duquesne haviam seguido a bordo de um comboio supostamente carregado de ouro, que entrara em Moçambique semanas antes de os britânicos chegarem à fronteira. Com isso, deveriam ter conseguido salvar as reservas do estado mais rico de África. E, por alguma razão, o seu pai e Tony tinham investigado o que afinal teria acontecido. Restava saber se o próprio Pieter, afinal, também não teria interesse nisso...

A ida à Comporta tivera o mesmo desfecho da viagem a Évora. Rita

encontrara-se com Filipe no seu apartamento da Graça e os dois não mais haviam saído de lá. As saudades tinham sido incontroláveis! Mal se viram, entregaram-se um ao outro, entre beijos apaixonados e carícias descontroladas, e correram para o quarto. Num ápice, exploraram o corpo um do outro e encheram-se de prazer, vez após vez. Nem deram pelo passar das horas, até quase ao pôr-do-sol.

Filipe encostou-se ao balcão da cozinha e abriu uma garrafa de vinho, enquanto Rita preparava uns petiscos ao seu lado com o que encontrara no frigorífico. Juntara queijo, tomate e azeitonas por cima de pão torrado com azeite e, pouco depois, os dois regressaram à sala, para admirar a vista do bairro da janela. O ar continuava abafado e parecia um fim de tarde de Verão.

– Brindamos a quê? – perguntou Filipe. Ainda pensara em desafiá-la para um passeio pelas ruas da Graça, mas a verdade é que adorava vê-la assim, de *lingerie* preta rendada, só para ele.

– Ao meu primo Jaime, que nos juntou. A estes momentos que nos enchem a alma e nos fazem sentir vivos.

Rita chegara de Bruxelas no primeiro voo da manhã. Os dois já não se viam havia quase um mês e Filipe sentia uma imensa vontade de estar com ela. Ainda assim, não resistiu a perguntar-lhe:

– O teu marido não desconfia destas tuas vindas a Lisboa?

– Ele acha natural eu vir visitar o meu pai.

Filipe ficou o saber que o pai dela vivia num lar no Estoril e que sofria de Alzheimer havia vários anos.

– O meu pai já mal me reconhece, mas eu quero estar com ele e aproveitar os últimos momentos que nos restam.

– E como é que arranjas tempo para o ver? Entre as tuas missões?

– Bruxelas fica apenas a três horas de voo. Além disso, não tenho filhos e o meu marido está sempre a viajar, como sabes. Tenho muito tempo livre...

O Sol descia pouco a pouco e começava a tocar no topo dos telhados da colina ao fundo. Brindaram mais uma vez e voltaram a ouvir o som de um eléctrico a descer para Alfama. Rita pareceu aproveitar a referência ao marido e admitiu que fora feliz durante os primeiros anos de casamento, para depois a distância e a ausência começarem a ser um problema.

– E porque é que continuas casada?

– É desta que vou pedir o divórcio. Eu já ando a pensar nisto há dois anos, mas agora não aguento mais – confessou-lhe, bebericando o vinho. – Não é por ti, é por mim. Estou a desperdiçar anos de vida.

Filipe suspirou, não deixando de concordar. Aquela conversa com Rita estava a tornar-se séria e reveladora. Ela parecia exausta, com vontade de desabafar, acabando por lhe confessar que fizera várias noites nas últimas semanas, sem parar de trabalhar: estivera envolvida numa operação em Marselha que evitara um ataque terrorista no Sul de França.

Filipe fitou-a com admiração, e compreendeu a razão de ela parecer pálida, mais magra e com olheiras. Não conseguia deixar de estar fascinado

com aquela mulher. Teve vontade de abraçá-la e voltou a encher os copos de vinho.

– Mas agora estás em Lisboa – tentou desanuviar Filipe, meio acanhado.
– No bairro mais bonito da cidade.

Beijaram-se com paixão e deram as mãos, acompanhando a descida do Sol e a mudança de cor no céu. Estava a escurecer e, dentro em breve, a noite cairia.

– Ainda nem te agradeci o contacto que me deste para o caso das contas *offshore* nas Caraíbas – proferiu Rita, instantes depois. – O teu amigo de Boston foi muito prestável e também me ajudou a ter uma perspectiva de mercado sobre as transacções de criptomoedas nas várias plataformas *online*.

– Ah, ainda bem. Deve ser difícil saber a verdadeira identidade dos compradores e vendedores, já para não falar do sigilo total das contas *offshore*.

– Um pesadelo, as criptomoedas são cada vez mais usadas para se movimentarem fundos avultados para qualquer país – notou Rita. – Não têm limites de transacção nem fronteiras e estão fora do controlo bancário.

– Pois, imagino que tens em mãos mais um caso de financiamento ilícito a terroristas ou grupos radicais? – perguntou Filipe, curioso.

– Não, este caso é diferente – respondeu ela, para logo mudar de assunto: – Tenho ali os resultados do reconhecimento facial que pediste, o do homem de fato de banho na praia. Desta vez, não estás a investigar os destroços de uma nau portuguesa, pois não?

– Esta investigação também é diferente – admitiu, brincando. Não a queria envolver ainda mais naquele assunto. – Não, não se trata de uma nau afundada.

Rita assentiu e foi lá dentro, à procura da mala. Trouxe uma pasta de cartolina e entregou-lha.

– Mas tens de ter cuidado – advertiu-o ela. – A fotografia é de um antigo agente da PIDE de Moçambique, suspeito de ter sido dos maiores traficantes de diamantes de África. Recentemente, a Europol suspeitou que ele estivesse envolvido no fornecimento de armas para a Rússia, mas a investigação foi inconclusiva e não foi emitido qualquer mandado de captura internacional.

Filipe olhou para a primeira folha e ficou arrepiado. Acertara em cheio: era Mário Barbosa, o alegado líder da brigada da PIDE infiltrada. Tinha de ser ele o «Acácia», o sócio do amigo do pai de Pieter.

– Eu já estava desconfiado de que ele tinha sido da PIDE...

– Parece que ele falsificou a sua morte há décadas e mudou de identidade – acrescentou Rita. – O seu nome actual é Louis Castillon. Tem nacionalidade francesa e moçambicana e, pelo que percebi, é dos empresários mais influentes da Ilha da Reunião, apesar da idade avançada. Vive perto da capital, Saint-Denis, numa plantação de baunilha.

– Tens alguma morada? – inquiriu Filipe, abismado. Nunca tinha ido à Ilha da Reunião, mas sabia que ficava perto das Maurícias e de Madagáscar.

Deveria estar a três ou quatro horas de voo de Joanesburgo.

– Até tenho duas – adiantou ela, apontando-lhe um dos documentos que imprimira. – A primeira está aqui: Maison Flamboyant, Sainte-Suzanne.

– E a segunda?

– Vila das Acácias, na Ilha do Ibo, em Moçambique.

Filipe sentiu um calafrio ao ouvir mais uma referência ao Ibo e à acácia. Os últimos dias no Porto e nas Caldas tinham-no deixado entusiasmado, assim como as investigações no sótão do pai. Aos poucos, mudara de ideias sobre o que fazer e aquela pista era mais um sinal de que não podia desistir. Tinha mesmo de regressar a África para terminar aquela investigação do pai; não voltaria a Maputo e teria muito cuidado por onde andaria.

– Voo para Cape Town no domingo e talvez só regresses daqui a duas semanas – murmurou. – Será que consegues vir visitar o teu pai nessa altura?

Rita pousou o copo e abraçou-o. Acariciou-lhe as costas com ternura e levou os lábios aos dele.

– Passo os dias a pensar em ti – sussurrou-lhe ao ouvido. – Voltarei a Lisboa para estar contigo, para ser tua, e para viver no teu mundo.

Saltou borda fora e sentiu-se tonto mal pôs os pés em terra. Era sempre assim quando passava uma temporada no mar. Tentou recompor-se, inspirando o ar fresco da madrugada e, aos poucos, avançou pelo pontão flutuante da marina de Sainte Marie. Estava enervado: o investigador português não o tinha levado a sério em Maputo e preparava-se para regressar a África, depois de uma curta estadia em Portugal. Deveria chegar a Cape Town dentro de dias, para se encontrar com Pieter e, quase de certeza, iria estar com Lize outra vez...

Pelos vistos, fora demasiado brando com ele e agora tinha de reagir com violência. Olhou para a marina iluminada e ajeitou a sacola para se pôr a caminho quando ouviu o telemóvel a tocar: era o líder de missões da empresa militar. Tinha de ser urgente para lhe estar a ligar àquela hora, ainda para mais tendo em conta a diferença horária em relação à África do Sul.

– Zebra, temos uma nova missão num parque natural. Desta vez, na tua terra.

– No Etosha? – perguntou, adivinhando a resposta. Aquele era o maior parque da Namíbia, já perto de Angola, e com uma grande população de rinocerontes e elefantes.

– *Ja*, três *rangers* morreram na semana passada a norte de Okaukuejo, num combate feroz com um grupo de caçadores furtivos – informou o chefe. – Foram encontrados cinco rinocerontes-negros mortos num raio de quarenta quilómetros, todos eles sem cornos. As autoridades acreditam que os caçadores ainda continuam no parque e deram-nos autorização para os

eliminar.

– Quando é que a missão começa?

– Estou a tentar que os rapazes estejam lá todos amanhã. Daí de Cape Town, tens um voo para Windhoek às seis e vinte da manhã, e outro às dez e quarenta.

– *Boss*, infelizmente, eu ainda não estou em Cape Town. Continuo nas Maurícias a resolver um assunto familiar – explicou. – Peço desculpa, mas preciso de mais alguns dias.

– Pensei que isso já estivesse resolvido. Preciso de ti, és o melhor que temos nestas operações. Estes caçadores são experientes, vão dar luta.

– Não se preocupe, *Boss*. Estarei no Etosha assim que puder.

Desligou o telefone, cerrou os dentes e caminhou em passo acelerado pelo pontão. Não estava nas Maurícias, mas era como se estivesse. Acabara de chegar à Ilha da Reunião e estava empolgado; tinha a certeza de que a missão seria bastante mais simples do que a de Zanzibar. Daquela vez, a presença de Tony Santos na ilha complicara-lhe os planos e obrigara-o a improvisar, algo que nunca gostara de fazer. Com esforço e alguma sorte, realinhara a missão e deixara a Tanzânia antes de a polícia se dar conta.

O alvo que agora tinha em mãos era o mais importante de todos – Mário Barbosa! Estava confiante de que iria ser bem-sucedido, até porque tinha bastante informação e conhecia todas as rotinas daquele homem. Se tudo corresse conforme planeado, regressaria a Cape Town dentro de dias, a tempo de ajustar contas com o investigador português, voar para o Etosha e abater mais um punhado de caçadores furtivos. Aquela seria a sua última missão em África!

Capítulo XVI

Lourenço Marques, 2 de Abril DE 1901

Delagoa Bay é um dos melhores portos da costa oriental africana e, pela sua situação e proximidade com a Suazilândia, Transvaal e Rodésia, está destinado a tornar-se importante. Têm existido rumores de que a Grã-Bretanha está a tentar comprar a baía. Um acordo nesse sentido seria a garantia do seu sucesso. As barreiras em torno do porto são propícias para a construção de belas moradias e, se este lugar cair nas mãos dos ingleses, não demorará muito para que se torne mais próspero e bonito.

Robert Mitchell, viajante inglês do final do século xix

A charrete havia parado defronte do Edifício das Obras Públicas, a meio da Avenida D. Carlos. Miguel seguira-a de longe desde que a vira passar na Estrada da Ponta Vermelha. Maria Teresa descera da carruagem, acompanhada pela criada. Passaram algum tempo na Casa Robinson's e depois seguiram para o Prédio Pott, um grande armazém na esquina com a Avenida Aguiar. Parecia ter ido às compras, dessa vez sem a companhia da mãe.

Miguel espreitou para o interior do armazém e viu que estava cheio e havia grande alarido. Não descortinou qualquer homem lá dentro, pelo que decidiu não entrar para não chamar a atenção. Afastou-se, pressentindo que decorria algum acontecimento especial, e deu passagem a duas senhoras bem vestidas que se dirigiam para a porta principal. Nunca havia visto tamanha agitação naquela loja.

Atravessou a avenida e ficou-se do outro lado, à sombra de um eucalipto. Olhou por instantes para os landins que empilhavam sacas de mandioca numa carreta de bois mais à frente e acendeu um cigarro. Estava impaciente, com o olhar preso na loja, ainda que receasse que Maria Teresa se demorasse. Sentiu o fumo quente a percorrer-lhe a garganta e, aos poucos, distraiu-se com a azáfama na Baixa e o movimento na Ponte de Passageiros ao fundo, no final da Praça 7 de Março.

Distinguiu dezenas de pessoas a percorrerem a ponte até à Capitania.

Deviam ser recém-chegados à cidade. Dali não conseguia avistar o estuário, mas suspeitou de que um navio acabara de fundear, quicá vindo do Reino. Acabou por olhar para trás e confirmou que a charrete de Maria Teresa permanecia parada na berma. Também o cocheiro mulato fumava, à espera de que o tempo passasse.

Mal terminou o cigarro, Miguel reparou que várias senhoras saíam da loja em grande animação. O evento parecia estar a acabar e, pouco depois, vislumbrou Maria Teresa e a criada à porta. Susteve a respiração, expectante, e, tal como antes, ela fixou o olhar nele, como se adivinhasse que estaria ali à sua espera. Reconheceu-o e esboçou um sorriso radiante. Miguel acenou-lhe, tirou o chapéu de caqui e saiu de baixo da árvore sem hesitações. Encontraram-se no passeio, no meio do frenesim da Baixa, e ficaram defronte um do outro, a pouca distância.

– Miguel? – inquiriu ela, pasmada, sem perder o sorriso. – És mesmo tu?

– Sou – respondeu ele, maravilhado por ouvi-la chamar por ele, mal acreditando que estavam tão perto um do outro. Maria Teresa estava mais elegante do que nunca, com um vestido creme e um chapéu largo a condizer, e ele sentiu uma vontade imensa de a abraçar. – Demorei, mas regressiei a Moçambique, tal como prometi.

– Eras tu no outro dia, não eras? – sussurrou Maria Teresa. Parecia inquieta, enquanto a criada ao seu lado fingia observar o bulício da avenida. – Em frente da minha casa.

– Não tenho parado de tentar saber de ti. Disseram-me onde vivias e queria voltar a ver-te. Tenho muito que te contar...

Maria Teresa deu indicações à criada para que levasse as compras para a charrete, adiantando-lhe que não se demoraria.

– Esperei tanto por ti, Miguel – balbuciou ela, mal a criada se afastou. – Pensei que tivesses morrido nas minas, ou na guerra...

– Pois, o meu irmão disse-me o mesmo – condescendeu. Os seus receios confirmavam-se. – A maioria das minhas cartas não chegou à Ilha e o meu irmão nem sequer recebeu os telegramas que lhe enviei para te dar notícias minhas...

Os dois encostaram-se ao eucalipto, afastando-se dos riquexós que passavam de um lado para o outro.

– Pode ter sido o meu pai, ele descobriu que o teu irmão me passava as tuas cartas – adiantou Maria Teresa, cabisbaixa. – O chefe da Estação dos Correios era amigo dele e deve ter confiscado as cartas e os telegramas.

– Oh, agora percebo o que se passou. De início, pensei que as cartas se tivessem extraviado, mas, quando soube que o meu irmão também não tinha recebido os telegramas, vi logo que havia algo estranho – contou Miguel. O desgraçado do pai dela conseguira cortar a correspondência entre ambos. – Fiz de tudo para te dar notícias. Até durante a guerra, pedi a duas refugiadas *boers* para que depositassem aqui nos correios uma carta para ti; mal eu sabia que já não vivias na Ilha.

– Há muito que deixei de ter notícias tuas, não voltaste quando as minas fecharam – lamentou Maria Teresa, com os olhos lacrimejantes. – Durante semanas, corri para a estação sempre que sabia que estava a chegar um comboio com magaiças^[1], na esperança de te ver...

Miguel anuiu, angustiado. Por maldição do destino ou obra do pai de Maria Teresa, tinham sido ludibriados. Mas a culpa era dele: decidira ficar no Transvaal, a lutar contra os ingleses, por sua conta e risco. Fora uma decisão impulsiva, de que se arrependera mais tarde, mas que lhe custara reverter por lealdade ao *Generaal* Botha e ao presidente Kruger.

– Cheguei a Lourenço Marques há uns meses e embarquei logo para a Ilha, para ir ter contigo – explicou Miguel. – Visitei a tua antiga casa, assim como a da minha família, que o meu irmão vendeu. Regressei a Lourenço Marques logo que pude, para te encontrar...

– Não esperava voltar a ver-te – murmurou Maria Teresa, com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto. – Pensei que estivesse morto. Passei meses a rezar a Deus para que cuidasse de ti.

Miguel assentiu. Sabia o que Maria Teresa lhe tentava dizer, explicando que se submetera à vontade do pai.

– Eu já sei que te casaste – declarou, mordendo os lábios. – És feliz?

Maria Teresa não respondeu. Não precisava; não era necessário. Miguel suspirou, destroçado. Ele sabia que falhara e não a podia censurar. Deveria ter vindo nos primeiros comboios para Lourenço Marques, assim que as minas fecharam, dias antes do deflagrar da guerra. Dali iria a tempo de embarcar para a Ilha e mostrar ao pai de Maria Teresa a riqueza que amealhara.

– Tenho de ir, não me posso demorar – asseverou Maria Teresa, agarrando-lhe na mão por um instante, mas afastando-a logo de seguida. – Daqui a dois dias, vou estar numa aldeia landim, para lá da Quinta Sommerschild, a ensinar as crianças a ler e a cantar. Não fica longe da praia...

Miguel sorriu e sentiu o coração a bater mais do que nunca. Viu-a afastar-se com a criada na direcção da charrete e sentiu um arrepio. Maria Teresa lançara-lhe um convite dissimulado, tal como tantas vezes fizera na Ilha. Não havia dúvidas: a mulher da sua vida ansiava por voltar a vê-lo!

Miguel saiu da gruta e ficou ofuscado com a luz intensa. O Sol já começara a descer, mas ainda havia muito dia pela frente. Esfregou os olhos e tentou perscrutar as redondezas. Não se avistava qualquer movimento. Estava no meio do nada e apenas ouvia o soprar do vento. Caminhou na direcção do cavalo que deixara amarrado um pouco adiante, no tronco de uma mafurreira, ansioso por matar a sede.

Passara as últimas semanas a cavalgar por toda a região inóspita em

redor de Moamba, com esperança de encontrar um novo esconderijo. Aquele assunto atormentava-o dia após dia, importunando-lhe até os planos com Maria Teresa. Estava determinado a evitar que Fritz recuperasse aqueles caixotes, pois era uma questão de tempo até ele regressar de Lisboa. Por isso, iria carregá-los a todos para outro sítio! Não o fazia apenas pelo *Generaal* Botha ou pelo presidente Kruger, mas também por Leon, Theo e todos os que tinham perdido a vida naquele dia em Moamba. E tinha de admitir: fazia-o também por si próprio!

– Já estou de volta – disse para o animal, afagando-lhe o dorso com ternura. Talvez estivesse a exigir muito do cavalo do baneane, mas ele parecia forte e resistia. Felizmente, conseguira guardá-lo nas cavalariças de um dos quartéis da Ponta Vermelha, e era notório que estava a ser bem cuidado.

Miguel retirou o cantil do bolso da sela, limpou o suor da testa e bebeu água com sofreguidão. Estava extenuado, mas satisfeito – aquele local fora um achado. Descobrira-o por acaso na sua visita anterior e voltara ali para se assegurar de que era igualmente reservado e tinha espaço suficiente. A única desvantagem era ficar mais afastado da linha férrea, perto da qual estavam depositados os caixotes de Pretória.

Guardou o cantil e observou de novo o horizonte, sem detectar nada que o alarmasse. Aquelas terras pareciam mesmo amaldiçoadas, após as batalhas sangrentas entre duas facções vátuas, e poucos eram os animais que se atreviam a regressar. Voltou a olhar para o topo da colina mais adiante; talvez devesse subir até lá para observar as cercanias. Acabou por desistir; o Sol continuava a descer e ele tinha de chegar a Lourenço Marques ainda com luz, até porque daquela vez não contaria com a ajuda do luar.

Montou o cavalo e seguiu na direcção da linha férrea. Não conseguia deixar de olhar para o chão, apreensivo. O solo era argiloso, mas não seria fácil passar ali de carreta. Interrogou-se como é que teria sido possível, seis décadas antes, milhares de carroças *boers* terem percorrido centenas de quilómetros pelo mato, desde a Colónia do Cabo até ao Transvaal, para fundarem as duas repúblicas sul-africanas.

Se tal acontecera, também ele seria capaz de percorrer aquela distância; afinal, não deveriam ser mais do que uns cinco quilómetros. Ainda não tinha a certeza se o plano podia resultar, mas, pelo menos, encontrara um bom esconderijo que poderia servir para guardar os caixotes de Pretória escondidos na gruta por Fritz Duquesne.

Voltou a pensar em Maria Teresa. Estava desejoso de revê-la e tinha a certeza de que ela não ficara indiferente ao seu regresso. Interrogou-se sobre como seria o seu casamento e o que poderia ela estar a pensar. Sentia que ela queria viver a vida com que tinham sonhado, ainda que se perguntasse se ela teria forças para enfrentar tudo e todos. O casamento dificilmente poderia ser anulado e Maria Teresa seria considerada adúltera, caso se envolvesse com ele, correndo o risco de ser punida com uma pesada pena de prisão.

Miguel mal conseguia dormir, com a cabeça cheia de ideias e temores.

Sabia que não conseguiriam ficar em Lourenço Marques, teriam de fugir! Para a Ilha ou para outro lugar, e começar uma vida nova, uma vida só deles. Cogitou noutros lugares possíveis: o Ibo, Fernão Veloso, perto do irmão, ou uma das outras vilas portuguesas, como Inhambane ou a Beira. A Ilha parecia ser o destino mais natural, pois sempre fora a casa de ambos, mas também seria o primeiro sítio aonde o pai e o marido iriam procurá-los...

Estava tão alheado que mal se deu conta de que se aproximava dos dois canhoeiros, à entrada da gruta. Avistou a linha férrea e percebeu que tinha chegado. Olhou para um lado e para o outro e confirmou que estava sozinho. Amarrou o cavalo ao tronco de uma das árvores, puxou do archote da sela e caminhou até à gruta.

Entrou com cuidado, medindo cada passo, seguindo o caminho que conhecia, à medida que se ia habituando à escuridão. Acabou por acender o archote quando já estava perto dos caixotes. Continuavam lá todos, aparentemente intactos. Agachou-se junto ao que abrira da última vez e pegou numa das moedas. Era uma das que se encontravam depositadas nas caves do Parlamento, pois ainda não estava cunhada.

Recordou as instruções de Leon naqueles últimos dias em Pretória, quando já se ouvia a artilharia do Exército Britânico e milhares de pessoas fugiam para o interior. Tinham enchido os caixotes de dinamite com as reservas do Banco Central, bem como com todas as moedas e lingotes trazidos das minas e depositados no Parlamento, antes de serem cunhados. Era uma riqueza imensa, difícil de mensurar, com o propósito de comprarem mantimentos e armamento para conseguirem debelar o maldito invasor.

Aproximou o archote e fitou as centenas de caixotes empilhados. O que tinha pela frente era um trabalho gigantesco e não podia pedir ajuda a ninguém: teria de dormir muitos dias ali, quiçá semanas, por forma a conseguir levar toda a carga para a outra gruta e garantir que não era visto a fazer aquele percurso vezes sem conta. O mais simples seria arranjar uma carreta onde pudesse carregar bastantes caixotes de cada vez, embora isso tornasse a operação mais arriscada, apesar de a região ser inóspita. Usando apenas um cavalo seria mais discreto, mesmo obrigando a mais viagens. O ideal seria fazer o percurso de noite, ao luar, para assegurar que não era visto.

Sentiu o relevo irregular das moedas e mordeu os lábios, ansioso. Pensou nos comerciantes baneanes espalhados pela cidade. Eram mais permissivos com os meios de pagamento e não exigiam libras esterlinas ou moedas de ouro cunhadas. Para eles, ouro era ouro, ainda que ele tivesse de ter cuidado para não despertar a atenção.

Miguel não esperou mais. Respirou fundo, agarrou num punhado de moedas e começou a encher a sacola. Para o Transvaal e o *Generaal* Botha aquilo não passaria de uma insignificância, mas para ele, para Maria Teresa e para a Ilha faria a diferença. Nas minas de Joanesburgo, ele juntara ouro suficiente para vergar a vontade do pai de Maria Teresa; mas, com alguma daquela riqueza, eles poderiam ter uma vida como nunca haviam sonhado, e

até transformar o Bairro Indígena no sítio mais aprazível da província, salvando a Ilha do declínio em que mergulhara nos últimos tempos...

Miguel desmontou perto da foz do riacho e deu de beber ao cavalo. O Sol estava alto, e ele afastara-se da Quinta Sommerschild mais do que alguma vez se aventurara nas cavalgadas de antigamente. Dali conseguia avistar a Xefina Pequena e a ponta de areia da foz do rio Incomati. Por entre as árvores, descobriu as palhotas de mais uma aldeia. Não pareciam mais de trinta, e ao fundo vislumbrou muitas crianças a cantarolar e a bailar ao som de cânticos e batuques. Era a terceira aldeia por onde passava e tinha esperança de que fosse ali que Maria Teresa estivesse, pois encontrava-se mesmo encostada à baía.

Caminhou pelo mato, com a azagaia numa mão e o *sjambok* na outra, para o caso de ser confrontado. Todavia, tudo lhe parecia em paz, sem razão para alarme, e até os macacos se mostravam indiferentes à sua presença. Foi com regozijo que descortinou a charrete de Maria Teresa mais adiante. Estava estacionada à sombra, do outro lado da aldeia, e o cocheiro dormitava no assento. Miguel sorriu e suspirou de alívio: chegara ao sítio certo!

Ao fundo, voltou a ouvir um coro de vozes e reconheceu a melodia. Era uma das músicas favoritas de Maria Teresa, que tantas vezes a ouvira ensinar aos macuas da Ilha. Sabia que o compositor era alemão ou austríaco, ainda que não se lembrasse do nome. Avançou com cautela por entre os espinhos da vegetação e de repente ficou pasmado: a criada de Maria Teresa estava acompanhada por um jovem landim, próxima de uma árvore. Os dois pareciam conhecer-se bem, pois viu-os a abraçarem-se e aos beijos, pensando que ninguém os via.

Miguel tentou passar despercebido. Continuou à procura de Maria Teresa e descobriu-a debaixo de um telheiro de folhas de coqueiro, a cantar defronte de dezenas de pessoas sentadas. Não eram apenas crianças, mas também mulheres e homens, cantando em uníssono. A música era uma das grandes paixões de Maria Teresa e, por instantes, Miguel sentiu-se orgulhoso por ver que ela irradiava uma alegria inebriante.

Sorriu emocionado, mas logo desviou o olhar ao ouvir o eco dos trovões; iria começar a chover em breve. Ficou à espera de que a aula terminasse e deu por si a cantarolar a melodia que ouvira. Às tantas acercou-se, tentando que Maria Teresa o visse. Assustou-se com um outro bando de macacos à procura de comida, mas esbracejou com tal veemência que os afugentou mato adentro.

Instantes depois, a música cessou e, aos poucos, os landins dispersaram. Miguel entrou no terreiro da aldeia e conseguiu trocar olhares com Maria Teresa. Ela largou o que estava a fazer e correu ao seu encontro. Parecia radiante! Miguel sentiu-se tentado a abraçá-la, mas hesitou ao ver que ela se

quedara a alguma distância, embora com aquele sorriso com que ele sonhara durante tanto tempo nas minas e na savana do Transvaal.

– Eu sabia que irias encontrar a minha aldeia!

– Costumava cavalgar aqui perto durante as folgas, quando estava aquartelado na Ponta Vermelha – respondeu Miguel, com a voz embargada. Parecia enfeitiçado pelo olhar dela.

– Ainda me custa a acreditar que estás vivo, e que estás aqui à minha frente.

Os dois passearam até à beira-mar. Não sabiam bem o que dizer um ao outro, mas estavam juntos e não conseguiam parar de sorrir. Miguel serenou ao perceber que a criada e o cocheiro eram cúmplices de Maria Teresa. Os dois caminharam pela areia e ele não resistiu: tirou as botas, arregaçou as calças e aproximou-se do mar. A água estava morna.

– Anda – disse-lhe, estendendo o braço. – Não devem existir aqui corais, mas podemos procurar conchas.

Maria Teresa sorriu, com os olhos cintilantes, surpreendida com o desafio.

– Não posso – respondeu-lhe, com as mãos no vestido comprido, embora acabasse por tirar os sapatos. – Só tu para teres essa ideia...

Miguel saiu de dentro de água e foi ao seu encontro. Afagou-lhe os cabelos e o rosto, com carinho, sem disfarçar a comoção. Os dois deram as mãos tal como dantes e tentaram fugir do vaivém da maré.

– Estive a contar os dias para voltar a ver-te – confessou ele, rodeando-lhe a cintura com os braços. Entreolharam-se, sentindo a respiração um do outro, como se o mundo se resumisse àquele momento. – És tudo para mim.

Maria Teresa retribuiu o abraço, e encostou-se ao peito dele, para depois voltar a olhá-lo de frente. Miguel não aguentou e beijou-a, sentindo o sabor que tão bem conhecia e que o acompanhara em tantos sonhos na África do Sul. Maria Teresa não se fez rogada e devolveu o beijo.

Estavam sozinhos, longe da aldeia, e sorriram um para o outro ao sentirem as primeiras pingas de chuva no rosto. Beijaram-se sofregamente, sem parar, indiferentes à chuva, tentando saciar as saudades que sentiam.

– Viemos para Lourenço Marques algum tempo depois de a cidade passar a ser a capital – contou ela, afagando-lhe os cabelos molhados. – O meu pai tinha tudo combinado com o Tomás, o meu marido. É de uma família nobre do Reino. Casámo-nos há dez meses, na Igreja Paroquial.

– Nunca saíste do meu pensamento – respondeu Miguel, tentando resistir ao que ouvira. – Foi um erro enorme não ter voltado logo que as minas fecharam, mas naquela altura estava fora de mim com a ganância dos ingleses. Nunca pensei que a guerra durasse tanto e que as minhas cartas não chegassem...

– Se soubesse que estavas vivo, teria feito frente ao meu pai com todas as minhas forças – afirmou Maria Teresa. – Ele só dizia que tu te tinhas casado com uma *boer* em Joanesburgo.

– Que disparate, não houve um só dia em que não pensasse em ti – suspirou ele, com uma dor na alma. – Quero viver contigo até aos meus últimos dias. Vou resolver a questão com o teu pai e com o teu marido de uma vez por todas.

– É tarde demais, Miguel. O destino traiu-nos – asseverou Maria Teresa, soluçando, pousando as mãos no rosto dele. – Sou uma mulher casada perante Deus Nosso Senhor, e já me entreguei ao meu marido. Só não carrego um filho dele no ventre porque tive um infortúnio...

Vários relâmpagos rasgaram o céu e um estrondo ecoou pela baía, fazendo abanar o chão e os coqueiros em redor. A chuva adensou-se e começou a cair uma torrente de água, alagando tudo em redor. Ouviram a agitação dos landins, ao fundo, e perceberam que se estavam a abrigar nas palhotas.

Os dois pareciam estar de volta ao Bairro Indígena da Ilha, quando os ciclones chegavam vindos do mar. Acabaram por fugir para a aldeia, e refugiaram-se debaixo do mesmo telheiro onde Maria Teresa dera a aula. Não estava lá ninguém. Miguel sentia-se desesperado. Num sopro, agarrou-a por um braço, deu-lhe as mãos e beijou-a com paixão.

– Podemos escolher o nosso destino – insistiu, sem parar de a acariciar. – Consegui amealhar ouro suficiente para nós. Teremos de nos esconder durante algum tempo, mas depois podemos ir viver para a Ilha e ficar juntos para sempre!

– Viver na Ilha? – interrogou Maria Teresa. O olhar brilhante contrastava com o semblante pesaroso. – Na nossa Ilha?

– Sim, para vivermos o nosso sonho...

Maria Teresa ficou pasmada, mas logo se agarrou a ele, abraçando-o com força. Miguel beijou-a nos lábios e no pescoço e levantou-lhe o vestido. Sentiu-lhe o peito e o coração a bater e deslizou os dedos até ao seu ventre. Tocou-lhe com suavidade e aventurou-se; estava com dificuldade em controlar-se.

– Meu amor... – murmurou ela, agarrando-lhe nos cabelos. – Sou tua, sempre fui e sempre serei.

Miguel atravessou a Avenida D. Carlos, em passo acelerado, aproveitando não haver riquexós nem bicicletas. Estava atrasado! Distraíra-se a ouvir o fonógrafo do salão do Hotel Cardoso com uns turistas franceses em escala para Madagáscar, sem se aperceber de que o tempo passara.

Combinara encontrar-se com Ricardo, o amigo de infância, que se mudara para Lourenço Marques e era funcionário do Banco Nacional Ultramarino. O momento do encontro não era fortuito: Ricardo talvez conseguisse ajudá-lo a aclarar um dos planos que cogitara. Haviam escolhido

o Kiosk Central, perto do local onde, semanas antes, se tinham se reencontrado.

Ricardo já chegara e estava sentado numa das mesas ao fundo. O *kiosk* estava apinhado, embora com um ambiente tranquilo. Os últimos *boers* já deveriam ter embarcado para Lisboa, e os ingleses preferiam sempre juntar-se nos varandins do Club Inglês, um pouco mais adiante.

– Desculpa, demorei-me mais do esperava...

O amigo abraçou-o com exuberância, alegre por voltar a vê-lo. Miguel não deixou de reparar no fato claro e elegante de Ricardo. Parecia estar bem na vida.

– Senta-te, homem. Estava aqui a ler as últimas e a beber uma fresquinha.

Miguel olhou para o jornal. Tratava-se de *O Futuro*, um dos mais influentes de Moçambique. Sentou-se numa das cadeiras desdobráveis e sentiu-se nostálgico, pensando nos esforços do pai e do avô na Imprensa Nacional; eles não haviam vivido o suficiente para verem o que sucedera a Lourenço Marques.

Ricardo esvaziara o copo e os dois pediram mais cerveja, que veio logo a seguir, com uma tacinha de castanhas-de-caju. A época das chuvas estava a terminar, mas o calor continuava intenso, embora mais suave do que na Ilha. Miguel comentou que acabara de regressar de lá, descrevendo-lhe o abandono quase completo e a degradação de muitos edifícios, incluindo o antigo Palácio dos Governadores, que era agora a residência do Governador do Distrito.

– A minha antiga casa é das poucas que permanece igual. O resto é desolador – proferiu Miguel. – E por aqui, como é que te tem corrido a vida?

Ricardo contou-lhe que vivia numa casa bonita com jardim na Avenida Fernão de Magalhães, na companhia de dois cães. Relatou-lhe como gostava da cidade e como a vivência era tão diferente da da Ilha. Lourenço Marques era uma cidade moderna, espaçosa, com muitos estrangeiros, e cada vez mais arranjada.

– A mudança foi a melhor decisão da minha vida – acrescentou o amigo. – E tu já te decidiste? Estás em Lourenço Marques para ficar?

– Ainda tenho assuntos de família para resolver na Ilha – respondeu Miguel, hesitante, referindo que o irmão se instalara em Fernão Veloso, como produtor de caju. – Ele quer que eu o ajude a vender parte da sua produção para Zanzibar e para as Ilhas Francesas.

Ricardo lançou-lhe um olhar céptico, para logo advogar que o declínio da Ilha era irreversível. Miguel estava consciente de que Lourenço Marques era o futuro de Moçambique, mas não o seu, nem o de Maria Teresa. Queria interrogar o amigo sobre o que tinha em mente, mas ainda era cedo e tinha de ter cuidado, não fora ele desconfiar: tinha tudo pronto para mudar os caixotes de Pretória para a nova gruta, mas punha a hipótese de os armazenar no banco, ainda que temesse que tamanha quantidade de ouro não passasse despercebida.

– Mas conta-me sobre a tua estadia nas minas – atalhou Ricardo. – Conquistaste fazer um pé-de-meia?

Miguel sorriu e bebeu mais um gole da cerveja. A conversa começava a seguir o rumo que lhe interessava.

– Foi mais duro do que alguma vez poderia imaginar – disse, relatando-lhe as dificuldades por que passara em Joanesburgo. – Mas valeu a pena e consegui juntar uma pequena fortuna.

– Se tiveres interesse, podes depositá-la no banco – afiançou Ricardo, com um sorriso cúmplice. – Sempre ficaria mais bem guardada e o banco poderia oferecer-te várias benesses.

– Sim, talvez seja uma ideia.

Ricardo revelou-lhe que o banco possuía uma grande caixa-forte, com dezenas de cofres recém-chegados de Liverpool, onde depositavam vários valores, incluindo ouro e outros metais preciosos. Tinha muitos clientes *boers* e ingleses, bem como alguns portugueses.

– Teremos de preencher papelada, mas tudo se resolve.

– Papelada?

– Burocracias, de que o nosso Governo-Geral tanto gosta – explicou Ricardo, fazendo uma careta. – Obriga-nos a declarar todas as entregas de ouro e diamantes.

– Pois, compreende-se – assentiu então Miguel, tentando manter-se firme.

O seu principal receio confirmava-se: tornava-se impossível depositar o ouro *boer* no banco, pois era fácil identificar donde vinha. Verteu o resto da cerveja no copo e resolveu mudar de assunto. Adiantou que se tornara voluntário no Transvaal, revoltado com a ganância inglesa, e que regressara a Moçambique após o colapso militar *boer*, quando os voluntários do mundo inteiro abandonavam a luta.

Ricardo suspirou, verteu a última gota de cerveja do copo, e retorquiu:

– O que os britânicos nos fizeram com o Ultimato é imperdoável, mas a verdade é que eles continuam a ser os nossos melhores aliados.

– Um bom aliado não nos ameaçaria com uma guerra – ripostou Miguel, perplexo. Ricardo era o primeiro português a quem ouvia comentários abonatórios sobre os ingleses. – Nem andaria a ter conversas com a Alemanha, para dividir as nossas terras.

– Dito assim parece grave – concordou Ricardo. – Mas sabes bem que a nossa presença em Moçambique sempre foi um mito. Basta olhar para o mapa da província, do Niassa até cá abaixo, para se perceber que o nosso domínio era quase insignificante antes das Campanhas.

– Com os ingleses a armarem os régulos e a semearem intrigas por todos os distritos da província...

– São práticos. Estavam a pensar no plano de ligar África de norte a sul.

– Pois, o famoso *Cape to Cairo*. Ouvi falar disso no Transvaal... – Miguel tentou disfarçar a irritação. Não compreendia como é que um

português poderia dar o benefício da dúvida aos ingleses. Contudo, não quis contrariar o amigo no primeiro reencontro: sempre gostara dele, desde os tempos em que pregavam partidas aos padres da Igreja da Misericórdia.

– E os *boers* também não são flores que se cheirem. Se pudessem, expulsavam-nos de Lourenço Marques. Durante anos, fizeram várias explorações por aqui, para tentar marcar território – recordou Ricardo. – Ao menos, os britânicos aceitaram pôr a questão da soberania desta baía numa arbitragem internacional, e, claro, o presidente Mac-Mahon, como bom francês, decidiu contra eles.

– O presidente francês não podia decidir de outra forma – declarou Miguel. Aquele acontecimento era quase uma questão pessoal para ele, pois passara-se no ano em que nascera e o pai relatara-lhe aquela história vezes sem conta. – Nós fomos os primeiros a chegar e a estabelecer um posto permanente, quando não havia aqui ninguém; Vasco da Gama, Lourenço Marques e muitos mais fundearam nesta baía, antes de todos os outros!

– Mas durante anos não quisemos saber disto – lembrou o amigo. – Deixámos a baía deserta, à mercê dos holandeses que se instalaram nestas encostas. Sabes quem deu o nome à Ponta Vermelha?

– Não – confessou Miguel, esforçando-se por não perder a paciência.

– Receio que os *boers* não sejam mais do que peões dos alemães, para corroer os britânicos. Também eles foram iludidos – notou Ricardo. Nem parecia o mesmo homem que Miguel conhecera na Ilha. – Agora, que precisam deles, os *boers* vêm-se sozinhos. Os alemães não se vão sujar nesta ponta de África.

– Sim, os britânicos vão vencer a guerra – assentiu Miguel. Os *boers* continuavam a lutar, mas ninguém os viria salvar. – É uma questão de tempo...

– A população aqui continua a apoiar os *boers*, mas felizmente o governo em Lisboa sabe o que está a fazer. Está a usar a guerra para ganhar a confiança dos britânicos e tirar partido dessa vantagem.

Ricardo pediu uma nova rodada de cerveja e um pratinho de salgados indianos. Eram sempre picantes, como na Ilha.

– Vantagem? – interrogou Miguel.

– Sabes, tenho muitos clientes ingleses no banco, e aprecio a sua apetência para os negócios – confessou Ricardo, debruçando-se sobre a mesa. – Em geral, acham que somos incompetentes, e com alguma razão. Se Lourenço Marques está como está connosco, imagina como não seria nas mãos deles.

– É porque têm mais dinheiro!

– E nós precisamos do dinheiro deles, Miguel! Antes da guerra, a cidade já representava metade das receitas de toda a província – salientou Ricardo. – Com a guerra, o porto ressentiu-se, claro, mas, assim que as minas reabrirem, vamos voltar a crescer como dantes. Quanto mais depressa a guerra acabar, melhor.

– Estás enganado! Nas mãos dos ingleses, o tráfego das minas irá todo para Durban. Por eles, isto voltava a ser um pântano. Lourenço Marques só existe por ser a via de acesso de um Transvaal independente ao mundo.

– Nem penses nisso. O Governo-Geral está a trabalhar num acordo com os britânicos para ficar com pelo menos metade do tráfego do Transvaal – confidenciou Ricardo. – Os britânicos querem pôr as minas a produzir mal a guerra acabe. Moçambique tem o porto mais próximo de Joanesburgo, bem como o recurso mais importante: a mão-de-obra indígena!

– Os magaiças?

– Claro, por isso é que os britânicos vão aceitando algumas das nossas exigências.

Miguel aquiesceu, lendo o pensamento de Ricardo. Havia décadas que os vátuas e landins rumavam às minas. Contava-se que eram mais de vinte e cinco mil todos os anos. Primeiro, enviados pelos régulos que haviam estabelecido acordos com os *boers*; mais tarde, por sua própria iniciativa, para ganharem mais dinheiro.

Miguel lembrava-se bem de que, antes da guerra, trabalhavam mais de cem mil moçambicanos nas minas; o dobro de poucos anos antes. Tal incremento devera-se a um tratado que Mousinho de Albuquerque assinara sobre o recrutamento de indígenas, que substituíra os acordos verbais com os régulos, levando a que perfizessem mais de metade dos mineiros em Joanesburgo.

– Com os projectos em marcha, a cidade vai ficar irreconhecível – revelou Ricardo, empolgado. – Lourenço Marques vai suplantar Lisboa.

– Não conheço Lisboa, ainda assim parece-me difícil – asseverou, tentando acalmar-se. Já desistira da possibilidade de depositar o ouro na sede do banco em Lourenço Marques para conseguir aceder ao dinheiro através do balcão da Ilha. Nada se poderia fazer sem o controlo do Governo-Geral e, por isso, tinha de seguir com o plano original – levar os caixotes para a nova gruta.

Ricardo estava entusiasmado com o futuro. Relatou-lhe a recente inauguração do terceiro farol na baía, assente num banco de areia, que permitia aos navios atravessarem a barra durante a noite. Contou-lhe sobre a rede de carros eléctricos ingleses, que começaria a funcionar dentro de um ano ou dois, para depois lhe referir os planos de construção da nova estação ferroviária, que iria substituir o actual barracão e que seria tão imponente como as do outro lado da fronteira.

– Mas o mais importante são as obras no porto – salientou Ricardo, tentando acender a cigarrilha. Parecia ter bebido demais. – Por causa delas, dentro em breve, vamos ter um cais onde os vapores poderão acostar.

Miguel ouviu com interesse o projecto de expansão do porto, impulsionado pelo novo Governador-Geral, mas depois pousou o copo vazio. Estava cansado. Aquela conversa era inútil para os seus planos e Ricardo parecia-lhe diferente de antes, mais ambicioso e paternalista.

– Tenho de ir andando – acabou por dizer, aproveitando uma pausa do amigo. – Mas vemo-nos de novo em breve.

– Sim, claro. Onde estás hospedado, afinal?

– No Hotel Cardoso, na Ponta Vermelha.

Ricardo ficou espantado por ser tão fora de mão, para logo depois reconhecer que se tratava de um local elegante, digno de um cavalheiro.

– Ainda és um novato na cidade – comentou ele, com a voz entaramelada. – Temos de ir ali à Rua Araújo.

– Já ouvi falar – sorriu Miguel, lembrando-se da algazarra dos bares de Joanesburgo. Eram mais de trezentos espalhados pela cidade, quase todos com mulheres à disposição nas traseiras. – Combinamos para outro dia.

– Não estás a perceber. Naquela rua estão as mulheres mais belas de Moçambique – insistiu Ricardo, apontando para a esquina. – São francesas!

Ainda era noite cerrada. Miguel deixara o Hotel Cardoso e descia a Estrada da Ponta Vermelha com agilidade. Não se avistava viva alma e a cidade permanecia num silêncio sepulcral, apenas interrompido pelo feixe luminoso do farol. Cruzou a Avenida Augusto Castilho e chegou às imediações do hospital. Susteve o passo, vislumbrou algumas luzes das lamparinas nas alas da enfermaria, mas não se moveu e seguiu em frente.

O encontro com Ricardo não correria como esperara e, por isso, seguiria com o seu plano inicial. Já transportara os primeiros caixotes para a nova gruta, sem sobressaltos de maior, e fora numa dessas viagens que tivera outra ideia.

Lembrou-se de que o cônsul do Transvaal fora expulso de Moçambique havia uns meses, logo depois da demissão do governador Machado, de quem era próximo. Gerard Pott fora cônsul durante dez anos, acumulara uma vasta riqueza, e nos últimos tempos era tido como o maior contrabandista de armas para o Transvaal. Fora obrigado a rumar aos Países Baixos, a sua terra natal, com as suas mulheres e mais de uma dúzia de filhos, deixando para trás várias propriedades, sem saber quando poderia regressar.

A Vila Jóia, junto ao Jardim Botânico, sempre fora o edifício que mais intrigara Miguel. Era a maior mansão da cidade, mais magnânima do que a residência do Governador-Geral, e parecia abandonada à sua sorte. Num dos *kiosks* da cidade, alguém lhe dissera que a casa estava assombrada, povoada por fantasmas. Parecia ser mais uma lenda, mas a verdade é que, nos dias seguintes, comprovou que ninguém gostava de passar por lá, e muitos transeuntes atravessavam para o outro lado da avenida, para se distanciarem.

Miguel acercou-se do Jardim Botânico e, sem hesitar, pulou a cerca e esgueirou-se lá para dentro. O jardim deveria estar deserto. Ainda assim, sacou do *sjambok*, mas foi sem dificuldade que caminhou pelos carreiros em

direcção às traseiras da Vila Jóia.

Soubera que uma parte da mansão ainda estava em construção e ficara a matutar se não poderia ser um bom esconderijo para guardar alguns caixotes, a dois passos do porto. Tinha esperança de conseguir levá-los consigo, apesar do bloqueio da Royal Navy e do controlo na alfândega. Planeava esconder-se com Maria Teresa na *machamba* do irmão em Fernão Veloso durante algum tempo, mas as ideias do que poderiam depois fazer pela Ilha multiplicavam-se. Aquele ouro era o garante de que a terra onde nasceram voltaria a ter a dignidade que merecia.

Aproximou-se de uma janela da mansão e abriu-a com destreza. Num ápice, saltou para o interior e suspirou de emoção mal pisou o chão de madeira. Estava numa casa assombrada e o cheiro a bafio fez-lhe comichão no nariz. Acendeu um fósforo, descortinou as sombras à sua volta e notou o tamanho do interior. Com toda a certeza, iria encontrar um sítio onde pudesse esconder alguns caixotes, para os vir buscar mais tarde...

[15] Moçambicanos que trabalham nas minas de Joanesburgo, normalmente naturais do sul do rio Save.

Capítulo XVII

Cape Town, 25 de Outubro, 11h55

O Comandante Jan Van Riebeeck transformou este Cabo de um deserto estéril num ponto de escala aprazível, onde existem sempre frutos e vegetais suficientes para as tripulações dos nossos navios.

Despacho da Companhia das Índias de 1662, sobre o fundador de Cape Town

– O Farol de Green Point fica a dez minutos de carro daqui – disse o camareiro, que insistiu em mostrar o quarto. Não tinha os dois dentes da frente, mas parecia expedito e apontava lá para fora. – Fica do outro lado da Signal Hill.

Filipe observou a colina esverdeada a que o empregado se referia, embora não conseguisse deixar de olhar para a montanha enorme mais adiante. Era altíssima, escarpada, de tal maneira imponente que fazia parecer o aglomerado de edifícios à volta insignificante.

De repente, ouviu um estrondo lá fora e os vidros do quarto abanaram. Por instantes, reviveu o ambiente tenso de Pretória, mas sossegou ao ver o semblante risonho do empregado.

– Não se preocupe, *Meneer*. É o *Noon Gun* na Signal Hill, a assinalar o meio-dia – explicou, com um sorriso desdentado. – São tiros de pólvora seca.

Filipe agradeceu, meio aturdido, e fechou a porta. Olhou ansioso para a mala, mas faltavam-lhe forças para começar a trabalhar. Ainda em Lisboa, conseguira arranjar um leitor de disquetes e outro de CD, e transferira os antigos ficheiros do pai para o portátil. Queria terminar a pesquisa antes do encontro com Pieter e sistematizar toda a informação sobre Miguel Ferreira, até porque continuava sem encontrar no material do pai qualquer menção ao *Angoche*.

Estava esgotado depois de uma espera imensa na fila de controlo dos passaportes, após uma viagem de catorze horas com escala em Amesterdão. Ali, aterravam voos de todo o lado, cheios de turistas. Haviám-lhe dito que era o início da época alta, quando o frio começava a assolar o hemisfério norte e o Verão estava a chegar a Cape Town.

Retirou o portátil da mala, pousou-o na cama, mas decidiu ir tomar banho, para relaxar. Combinara com Pieter encontrarem-se no Farol de Green Point às quatro da tarde, para fazerem uma caminhada junto ao mar. A conversa iria ser difícil: tinha muito a reportar e várias perguntas a fazer.

A água quente amoleceu-lhe o corpo e Filipe deixou-se ficar a ver o vapor a embaciar o espelho, pensativo. Já não tinha grandes dúvidas de que o comboio onde Miguel Ferreira e Fritz Duquesne seguiam em Agosto de 1900 entrara em Moçambique carregado de ouro do Transvaal. Pelo que lera na Internet e na documentação do pai, havia suspeitas de que grande parte dessa carga imensa desaparecera misteriosamente. Um dos documentos do pai mostrava que o presidente do Transvaal já antes ordenara o envio de várias toneladas para Lourenço Marques, num comboio de gado, para pagar armamento a uma empresa alemã: o ouro fora carregado em caixas de dinamite e embarcara num vapor para Hamburgo. Contudo, o resto nunca chegara a Lourenço Marques, e existiam relatos de que Fritz Duquesne fora o responsável pela golpada; houvera várias tentativas de espões *boers* para o capturarem em Moçambique e essa devia ser a verdadeira razão pela qual fugira no navio para Lisboa.

Filipe suspeitava de que o ouro do comboio acabara por ficar na posse de Miguel Ferreira, após a partida do presidente Kruger e de Fritz Duquesne para a Europa. Só podia ser esse o motivo por que Tony e o seu pai o haviam investigado! Fechou o jorro de água e pegou na toalha. Tinha sobretudo três grandes pontos em aberto; tentara estruturá-los no computador portátil durante o voo, mas não fora fácil:

O primeiro era qual seria a ligação entre o *Angoche* e Miguel Ferreira. Não tinha bases sólidas para chegar a uma conclusão, mas fazia sentido que o *Angoche* transportasse aquele ouro na sua viagem fatídica – poderia ter sido essa a carga não registada e o motivo para o que acontecera ao navio, tal como António Menezes apontara. Como o ouro do Transvaal aparecera décadas depois e embarcara no *Angoche* era ainda uma incógnita, mas parecia ter-se tratado de uma operação secreta executada por uma brigada da PIDE, à revelia de todos.

O segundo ponto era exactamente sobre esses antigos agentes da PIDE, os tais passageiros não referenciados do cargueiro. A morte recente de dois deles tivera o mesmo padrão e pareciam relacionadas. Restava saber se fora Tony a executá-los ou o homem do miradouro de Maputo, para se certificar de que o «Caso Angoche» seria enterrado definitivamente.

O terceiro ponto era qual seria a verdadeira motivação de Pieter em todo o processo. Interrogava-se sobre quais seriam os novos dados que o empresário lhe anunciara; talvez ele sempre os tivesse tido e não os quisesse partilhar logo. Os seus objectivos poderiam ir além de querer saber o que acontecera ao pai. Filipe não podia excluir a hipótese de ele, afinal, estar a par da carga secreta do navio e do teor das investigações de Tony. Filipe ficara perturbado com uma descoberta recente no sótão do pai: Fritz Duquesne

chamava-se Fritz Joubert Duquesne, era o sobrinho do Comandante-Chefe das forças *boers* no início da guerra, Piet Joubert, que perecera pouco depois. O apelido não podia ser mera coincidência!

Filipe vestiu o roupão, abriu a janela do quarto e inspirou a maresia. Por instantes, observou os iates na marina e descortinou duas focas a nadar por entre dois barcos, e uma outra, mais ao fundo, a apanhar sol num convés. Respirou fundo e tentou controlar a ansiedade. Apesar de todas as dúvidas e frustrações, poderia estar prestes a localizar os dois últimos passageiros vivos do *Angoche*:

Mário Barbosa, o homem da fotografia na praia, aparentemente vivia na Ilha da Reunião, sob o nome falso de Louis Castellon. Pelo que investigara na Internet e na Bloomberg, era detentor de um grande fundo de investimento, com várias participações em empresas na zona francófona do Índico e alguns activos no Norte de Moçambique, incluindo em Nacala e no Ibo. Aquela ilha parecia ter tido um papel crucial no que se passara no *Angoche*, e por isso Filipe decidira marcar uma estadia na Vila das Acácias, o hotel-boutique que aparentemente servia de residência moçambicana ao antigo PIDE. Se dali não descobrisse nada de conclusivo, seguiria logo para a Ilha da Reunião.

Daniel Cabral, o outro homem que procurava, causava-lhe mais frustração. Tentara confirmar a história que o advogado do Porto lhe contara sobre a morte do pai e encontrara a notícia de um acidente na Base de Nacala: um militar morrera durante a descarga de munições de um avião proveniente de outra base. No entanto, tal sucedera em Março de 1970, e não em Março de 1971, e a vítima fora um paraquedista, natural de Porto de Mós. Apesar disso, tinha uma pista promissora – o Piloto Aviador Abel Coimbra –, muito embora ele não atendesse as suas chamadas para acertarem o encontro sugerido por Dinis Cabral. Agarrou no *iPhone* para fazer mais uma tentativa quando teve outra ideia. Talvez ele não atendesse por ver que a chamada era proveniente de um número de Portugal. Pegou no telefone fixo da mesa-de-cabeceira e marcou o número: Abel Coimbra iria ver que lhe estavam a ligar da África do Sul, com o indicativo de Cape Town. Talvez isso fizesse a diferença!

A viagem de táxi até ao Farol de Green Point foi curta. Filipe ficou admirado pelo farol ser muito pequeno; era pintado com barras vermelhas e brancas, e estava no meio de um relvado imenso, por onde corriam vários cães.

Pieter já lá estava à sua espera, no passadiço em frente ao mar. Trajava um fato de treino azul e tinha o mesmo ar descontraído com que o conhecera no Algarve. Filipe estendeu-lhe a mão com simpatia, mas notou-lhe algum nervosismo. Distinguiu dois seguranças do outro lado do relvado que o observavam com um ar intimidatório e retraiu-se.

– Peço desculpa – explicou o empresário, tentando manter alguma

naturalidade. – Eles não querem que eu corra riscos.

– Algum problema? A zona é insegura?

– *Nee*, apenas chatices. Recebi mais uma ameaça de morte, nada de novo – comentou Pieter, arriscando um sorriso. – É um prazer revê-lo na *Mother City*.

Filipe olhou à volta, recordando-se do homem do miradouro, mas a paisagem não podia ser mais tranquila – dezenas de pessoas passeavam pelo paredão, num ambiente familiar e relaxado. Distinguiu casais de namorados a caminharem de mãos dadas, amas com carrinhos de bebé e vários desportistas que passavam por eles com ligeireza. Os dois teceram breves comentários sobre o local, mas Filipe mal podia concentrar-se na Signal Hill ou nos edifícios ao longo da marginal. Estava impaciente!

– Peço desculpa por não ter dado notícias nos últimos dias, mas tive alguma dificuldade em sistematizar as últimas informações que recolhi.

– Então, que se passa?

Filipe começou por explicar a similaridade da morte recente dos dois passageiros não referenciados do *Angoche* e contar que ele próprio fora ameaçado de morte, caso continuasse a investigar o que acontecera ao navio. Relatou-lhe então o encontro no miradouro em Maputo, a conversa com a polícia em Zanzibar, bem como as informações que a inspectora Mendonça da PJ lhe tinha passado.

– Confesso que, de início, suspeitei que o Tony pudesse ter assassinado esses dois homens, mas aquele desgraçado do miradouro em Maputo fez-me mudar de ideias. É bem possível que até tenha eliminado o Tony em Zanzibar...

– Não acredito que o Tony tenha matado quem quer que fosse – assegurou Pieter. Parecia assustado. – Quem será esse homem?

– Alguém que não quer que se investigue o *Angoche*, claro, ou que esteja a mando de um dos passageiros do navio. É sul-africano, africâner, mais velho do que eu, com porte militar – descreveu Filipe, para logo inquirir: – O que é que o Tony lhe contou sobre a morte do passageiro do *Angoche* no Algarve, no ano passado? Eu não encontrei qualquer informação no disco que me passou.

– Ele descobriu o rasto desse homem através de um clube de *surf* em Moçambique e soube onde é que ele morava em Portugal. Viu que a casa estava à venda e foi a agente imobiliária que lhe contou que ele tinha falecido e que a casa fora deixada em testamento a um clube de *rugby* da região. Julgo que ele nunca pensou que se tratara de um homicídio – declarou Pieter. – Mas quer que lhe arranje um segurança? Para ficar mais descansado e evitar problemas...

– Já pensei nisso, mas para já não. Eu gosto de trabalhar sozinho e agora estou bastante mais alerta.

– Pensei que essas duas mortes tivessem sido uma coincidência. Naturalmente, fiquei espantado quando me disse que o Tony tinha morrido na

mesma altura de Sílvio Rosa, mas deparei que ele se deixara surpreender e que os dois se tinham matado um ao outro – admitiu Pieter. Tinha um semblante carregado e caminhava a passos largos, apesar do coxear. – Tem mais alguma pista sobre os dois passageiros?

– Ainda não os consegui localizar, mas pelo menos um deve estar vivo. Encontrei indícios de que Mário Barbosa vive na Ilha da Reunião há mais de trinta anos. Devo conseguir confirmar isso nos próximos dias.

Filipe relatou-lhe vários pontos que descobrira, embora continuasse desconfortável por não saber ainda que novas pistas é que Pieter possuía e quais os seus reais objectivos.

– A Ilha da Reunião não fica assim tão longe. Sempre achei que os antigos passageiros do *Angoche* estariam em Portugal, ou pelo menos na Europa – comentou Pieter. – E sobre o outro, Daniel Cabral? Disse-me que estava a seguir uma pista importante em Portugal.

– Sim, encontrei o filho dele no Porto. Chama-se Dinis Cabral: não se lembra do pai, acha que ele morreu, mas passou-me o contacto de uma pessoa que o conheceu bem na altura – contou Filipe. – Consegui falar com esse homem e combinei um encontro com ele.

O truque resultara: Abel Coimbra atendera a sua chamada do hotel; ele dissera-lhe que estava numa caçada no Eastern Cape, mas prometera encontrar-se com ele dali a uns dias, mal regressasse a casa, nos arredores de Cape Town.

– De quem se trata?

– Um antigo piloto da Força Aérea Portuguesa que estava baseado em Nacala quando se deu o incidente. Tenho alguma esperança de que saiba de alguma coisa que ajude a descobrir o rasto de Daniel Cabral.

– Fico satisfeito que esteja a fazer progressos. E, quanto ao seu pai, descobriu algum material sobre o *Angoche*? – insistiu Pieter. – O Tony estava convencido de que ele possuía informações que poderiam esclarecer o caso.

– Eu voltei a pesquisar todos os documentos e não encontrei uma única referência ao *Angoche*. Como lhe disse, ele dedicou-se sobretudo à presença portuguesa no Oriente nos séculos xvi e xvii, embora tenha realizado algumas pesquisas sobre Moçambique – reconheceu Filipe, titubeante. Chegara a hora de o confrontar. – Não sei que informações novas é que tem, mas eu descobri mais alguns dados inquietantes sobre este caso...

– Inquietantes? – questionou Pieter, sustendo então o passo, para o encerrar.

– Os passageiros do *Angoche* não eram jovens idealistas que lutavam contra a Guerra Colonial. Eram agentes infiltrados da PIDE que aparentemente estavam a transportar uma quantidade imensa de ouro proveniente da África do Sul.

Pieter anuiu e inspirou fundo, olhando por instantes para o mar. Dali, avistava-se uma plataforma petrolífera e vários cargueiros ao largo.

– Pois, eu devo-lhe um pedido de desculpas – confessou. – Não lhe

passsei todos os documentos desclassificados nos arquivos de Pretória sobre o caso. Espero que compreenda, precisava de me certificar de que podia confiar em si.

– Ah, tratou-se então de um teste!? – comentou Filipe, tentando disfarçar a irritação. Não era nada que não lhe tivesse passado pela cabeça.

– Os investigadores da altura, Xavier Lobato e Andre Van Zyl, suspeitavam de que o *Angoche* transportava várias toneladas de ouro, do tempo da Guerra dos *Boers*. Uma carga secreta, de que nem a tripulação, nem as autoridades, estariam a par. Pode ter sido esse o verdadeiro motivo para o que aconteceu!

– E como é que esse ouro foi parar ao *Angoche*? – quis saber Filipe.

– Julga-se que esses agentes da PIDE encontraram centenas de caixotes escondidos numa gruta nos arredores de LM, possivelmente enquanto procuravam refúgios da Frelimo – adiantou Pieter. – Mantiveram a descoberta em segredo, claro, e devem ter planeado a operação durante meses.

– Pois, e um deles era sócio do amigo do seu pai no tráfico de armas e diamantes. Sabia disso?

– *Nee*, de que está a falar? – perguntou Pieter, boquiaberto.

Filipe revelou o que António Menezes lhe confidenciara em Maputo, bem como a informação que encontrara na Torre do Tombo, na casa de Tony e o que Rita lhe adiantara sobre Mário Barbosa. Por alguma razão, Tony não chegara a informar Pieter dessa ligação, ou então não conseguira ter a certeza.

– Isso liga o seu pai ao *Angoche* – disse Filipe. – Ele não estava no lugar errado à hora errada. Resta saber se o seu pai e o amigo eram cúmplices dos agentes da PIDE, se os perseguiam por causa do ouro e foram abatidos...

– É precisamente isso que eu quero saber! Se ele foi iludido, se sabia ao que ia por ser o ouro dos nossos antepassados, e quem, afinal, o matou.

Um parapente vindo do topo da Signal Hill sobrevoou-os, aventurou-se sobre o mar e regressou a terra.

– Mas diga-me – instou Filipe. – Está à procura dos últimos passageiros ainda vivos ou do ouro que seguia a bordo?

– Sou demasiado rico e velho para me preocupar com esse ouro. O Tony estava entusiasmado com isso, mas a verdade é que quem se apoderou dele já o deve ter vendido há muito tempo.

– É bem capaz de ter razão – assentiu Filipe, para logo adiantar: – Suspeito de que os agentes da PIDE estavam a ser transferidos para a prisão do Ibo, que acabara de abrir. Que mais informações é que tem sobre eles?

– O Tony suspeitava de que eles planeavam ir para Mocímbo da Praia, onde existia um aeródromo militar, longe de LM e da África do Sul – adiantou Pieter. Parecia sincero. – De lá, carregariam os caixotes num avião não registado, ao serviço da PIDE, que os levaria para Lisboa, sem levantarem suspeitas ou passarem por qualquer alfândega.

– Para Lisboa?

Filipe sentia o sol a queimar-lhe a pele, mas tentou disfarçar o

desconforto. Contornavam um parque infantil à beira do paredão, onde várias crianças brincavam alegres, mas os dois seguranças continuavam a segui-los à distância.

– *Ja*, imagino que tivessem um local seguro ou um acordo secreto com um banco para depositarem o ouro. Deveriam querer vendê-lo aos poucos no mercado negro para não levantarem suspeitas.

– Faz sentido – concordou Filipe. Nunca pensara nisso, mas tinha lógica.

– Tem ideia de que quantidade de ouro seria?

– Pelo menos catorze ou quinze toneladas. Existem registos que apontam para bastante mais, dado que o Governo do Transvaal também confiscou o ouro armazenado nas minas de Joanesburgo e nos vários bancos.

Pieter relatou-lhe que, na altura, o Governador da Cape Colony entrara em Pretória após a conquista da cidade. Foi direito ao Banco Central e encontrou os cofres vazios. Procurou na sede do De Nationale Bank e em outros locais, sem vislumbrar qualquer tesouro. Durante meses, investigou pistas e interrogou prisioneiros de guerra, acabando por descobrir que um comboio carregado de ouro saíra de Pretória, na véspera de os britânicos entrarem na cidade, rumando a Machadodorp. Mais tarde, pensou-se que o ouro tivesse sido enterrado algures na savana, perto da fronteira com Moçambique, ante o avanço dos britânicos.

– Julgo que o comboio deve ter passado a fronteira dias antes de o presidente Kruger se refugiar em LM, mas o ouro desapareceu. Ninguém soube o que aconteceu – confidenciou Pieter. – Paul Kruger rumou à Europa de bolsos vazios.

– Pelo que descobri, Fritz Joubert Duquesne era um dos homens a bordo desse comboio – contrapôs Filipe, sem rodeios. – Era o seu avô, não era?

– Tio-avô.

– Houve relatos na altura de que ele roubou esse ouro, mas, por alguma razão, deve ter-se sentido pressionado e fugiu para Lisboa no meio dos refugiados sem nada.

Uma onda embateu contra o paredão, mas nenhum deles fez caso disso.

– Foi um traidor à pátria, que enganou o seu presidente e os seus camaradas de armas.

Pieter contou que o tio-avô regressara à África do Sul depois de uma curta estadia em Portugal e que voltara a trair o seu povo para escapar ao fuzilamento: fora capturado pelos britânicos em Cape Town e aceitara decifrar os códigos *boers* usados pelos *kommandos*. Mais tarde, fora transferido para uma prisão nas Bermudas, muito longe de África.

– Outro nome que descobri foi o de Miguel Ferreira, um soldado português – continuou Filipe. – Deduzo então que terá sido ele quem se apoderou do ouro...

– O Tony achava que sim. Deve ter sido ele a esconder a maioria dos caixotes de ouro na gruta e outros tantos sabe-se lá onde.

– Também existiam caixotes noutros sítios? – inquiriu Filipe. Pieter

tentava mostrar-se indiferente ao ouro do Transvaal, mas o seu entusiasmo era notório. – Onde?

– Não sei. O Tony punha a hipótese de que poderia haver alguns caixotes escondidos noutra gruta ou algures em LM, mas julgo que não encontrou provas disso.

Os dois chegaram ao fim do paredão e Pieter remeteu-se ao silêncio, cabisbaixo, como se estivesse a meditar no que ouvira. A reunião parecia terminada, mas o sul-africano fez sinal a Filipe para continuarem. Contornaram as bancas de comida e as piscinas e aproximaram-se de uma zona residencial sossegada, com palmeiras e prédios de sete e oito andares, virados para o mar.

– Dentro de dias, conto ter novidades sobre os dois homens que procura – proferiu Filipe. – Com sorte, vamos saber o que aconteceu ao seu pai e ao ouro.

– Espero que sim. Vá dando notícias, mas tenha cuidado – acautelou Pieter, estendendo-lhe a mão e apontando para um carro preto estacionado ao fundo. – O meu motorista está ali e deixa-o no hotel.

Filipe agradeceu e foi com alívio que se afastou na direcção do carro: Pieter parecia sincero e a reunião correria melhor do que pensara. Conseguira não mencionar as pesquisas do pai sobre Miguel Ferreira, até porque queria ter mais certezas antes de o fazer. Logo depois, o motorista abriu-lhe a porta traseira do carro e encarou-o com porte militar. Filipe esbugalhou os olhos, assustado, e hesitou: parecia o homem do miradouro em Maputo!

Filipe viu-a assim que ela entrou no *lobby*. Lize estava vestida com calças de ganga apertadas e uma blusa preta de alças que mostrava os seus ombros de nadadora. Parecia mais jovem do que ele se lembrava, tinha os cabelos soltos, mas caminhava com o mesmo passo decidido.

Levantou-se e foi ter com ela. Os dois trocaram olhares e sorriram.

– *Howzit*, Filipe? Peço desculpa pelo atraso – disse ela, cumprimentando-o com um aperto de mão. – Não estava à espera de apanhar tanto trânsito na Baixa.

– Não tem importância, eu é que agradeço ter-me vindo buscar. Eu podia ter ido directo para o restaurante.

– O hotel fica em caminho. Fez boa viagem?

Filipe assentiu, comentando com ela a quantidade de turistas na zona de controlo dos passaportes. Aceitara o convite de Lize para jantar quando estivesse em Cape Town e estava satisfeito por voltar a falar com ela a sós. Tinha esperança de saber mais sobre Pieter: a conversa com ele tinha corrido bem, mas continuava curioso sobre alguns pontos. Sabia que pressionara Lize em Portugal e, por isso, teria de ter mais cuidado desta vez.

– Achei mais prático vir de táxi – explicou ela, indicando o carro defronte da entrada, para logo apontar para a Baixa. – A sede do Grupo Eland é aquele arranha-céus acinzentado, com um grande pára-raios.

O céu ainda estava escarlate e Filipe conseguiu reconhecer o edifício, mas não pôde deixar de olhar à volta: ficava tenso mal saía do hotel, com a lembrança do homem do miradouro de Maputo, mas felizmente nada de grave tinha acontecido; até o motorista de Pieter não fora quem inicialmente suspeitara.

Lize estava descontraindo e contente por revê-lo. Filipe já se esquecera de como ela era elegante e tinha uma conversa agradável, desinteressada sobre a missão que Pieter lhe dera. Mostrava-lhe, com entusiasmo, os vários locais e montanhas por onde iam passando.

Percorreram as avenidas de Sea Point, contornaram uma montanha cônica com moradias ao longo da encosta e, minutos depois, chegaram ao restaurante. O The Bungalow ficava num rochedo à beira-mar. O terraço estava virado para uma baía recortada por uma cordilheira imensa que parecia o prolongamento da Table Mountain. Era impossível ficar indiferente àquelas falésias.

– Normalmente, este sítio está cheio, mas hoje há jogo de *rugby* – explicou Lize, ao ver o terraço com mesas livres.

– É um jogo importante?

– Claro, os *Stormers*, de Cape Town, jogam contra os *Sharks*, de Durban. O estádio é do outro lado daquelas montanhas.

Sentaram-se numa das mesas perto do mar. Lize sugeriu-lhe um prato de ostras de Saldanha Bay, bem como alguns petiscos sul-africanos, incluindo carne de avestruz e de antílope. Filipe anuiu, divertido, e procurou na lista o vinho do amigo de Pieter – *Spioenkop*. Infelizmente, não o encontrou.

Lize contou-lhe algumas particularidades de Cape Town, explicando-lhe como a cidade se encontrava dividida por aquele bloco montanhoso e como se desenvolvera para norte e sul. Aquela costa era a zona mais nobre da cidade, embora existissem vários outros sítios agradáveis do outro lado da montanha. Explicou-lhe que, apesar de Cape Town ser considerada uma das cidades mais perigosas do mundo, grande parte da violência ocorria nas *townships*, os bairros pobres da periferia, a trinta quilómetros do centro.

– Cape Town é lindíssima, percebo porque quis regressar – comentou Filipe. A cidade desenvolvera-se ao longo de diversas encostas e baías, cada uma diferente da outra. Parecia ser mais segura do que Pretória ou Joanesburgo, pelo menos nos sítios por onde ele andara. – Não deve ter muitas saudades de Londres...

– Fui feliz em Londres, mas o meu lugar é aqui, na ponta de África.

– E trabalha num grupo impressionante – acrescentou Filipe. – Imagino que seja muito diferente de trabalhar na City.

Lize descreveu-lhe várias actividades do Grupo Eland no continente africano, em especial no Gana e no Ruanda, onde estivera recentemente.

Filipe notou a paixão com que ela falava, embora compreendendo porque se referia a África como um lugar distante: a África do Sul era muito diferente de Moçambique e da Tanzânia, e de alguma maneira lembrava-lhe os Estados Unidos.

– E como é que o grupo começou exactamente? – perguntou ele, tentando aproveitar a oportunidade com subtileza.

– A génese esteve no negócio dos vinhos. Já vinha dos avós, da *farm* em Franschhoek, a oitenta quilómetros daqui – relatou Lize. – O Pieter alavancou o negócio ainda muito jovem, e soube desenvolver vários outros projectos com sucesso. Tem sido um visionário.

– Sem dúvida, o seu percurso tem sido admirável – declarou Filipe. – Não tendo filhos, quem é que serão os seus herdeiros?

Lize levantou o sobrolho e ficou com uma expressão séria. Por momentos, Filipe pensou que ela iria voltar a distanciar-se do assunto e desconversar. No entanto, continuou tranquila e lembrou-lhe que Pieter tinha uma sobrinha, que vivia no Vietname nos últimos anos.

– E as suas viagens por África têm corrido bem? – inquiriu ela, com um olhar cintilante, após beber mais um gole de vinho. – Soube que tem tido alguns percalços. Espero que não tenha sido nada de grave.

– Tenho tido alguns sustos aqui e ali – respondeu Filipe, acabando por confessar que estava a caminho da Ilha da Reunião. – Imagino que esteja ao corrente do assunto...

– O Pieter vive obcecado com o *Angoche* há muito tempo – confessou Lize, com um sorriso cúmplice. – Nunca percebi bem porquê.

– Como assim?

– Eu imagino que ele queira encontrar os homens que traíram o pai, mas isso já se passou há tanto tempo – notou, gesticulando. – Não sei o que vai ele ganhar com isso.

– O pai de Pieter foi traído? – inquiriu Filipe. – Por quem?

– Peço desculpa, não devíamos estar a falar sobre isso – retraiu-se ela, atrapalhada. – É um assunto privado de Pieter, e eu não devia fazer qualquer juízo, até porque não conheço o caso em profundidade.

– Mas diga-me – insistiu Filipe. – Pelo que sei, o amigo do pai de Pieter era sócio de um agente da polícia política portuguesa e, juntos, tinham uma rede de tráfico de armas, que utilizava aviões militares para as vender em África.

Lize ficou tão incomodada que, por pouco, não deixou cair o copo, desviando o olhar para o mar, onde passava um navio que transportava uma plataforma petrolífera. Filipe esperou, mas Lize quedou-se em silêncio: pelos vistos, ela tinha informações sobre o *Angoche*.

– Peço desculpa – recuou Filipe, cauteloso. – Tem razão, não devíamos estar a falar sobre isto. Afinal, eu assinei um acordo de confidencialidade.

– Pois, e eu fui testemunha disso – respondeu ela, acabando por sorrir. – Eu é que tenho de pedir desculpa. Os últimos tempos têm sido difíceis. Estou

muito sensível, a passar por um processo de divórcio traumático que já dura há dois anos.

Lize apontou para a plataforma petrolífera ao largo e explicou-lhe que o marido trabalhava na reparação daquele tipo de instalações. Cape Town era o maior centro de manutenção da costa ocidental africana, a par das Ilhas Canárias. Felizmente, estava muito tempo fora, viajando frequentemente para as plataformas do Golfo da Guiné.

– E aquela plataforma está a dirigir-se para o porto da cidade?

– *Ja*, para a base de reparação – esclareceu ela. – Fico sempre nervosa quando vejo uma a chegar à cidade. O meu marido continua a perseguir-me e até já ameaçou colegas meus de trabalho por suspeitar que eu estava a ter algum tipo de relacionamento.

Filipe recostou-se na cadeira e tentou afastar o *Angoche* do pensamento. O ambiente no restaurante não podia ser mais pacífico, com o ressoar das ondas do mar. Sentia-se ligeiramente tonto; não sabia se o vinho era forte, se estava demasiado cansado, se seria por estar a descomprimir da conversa com Pieter.

– Então, um brinde aos divórcios – gracejou ele, lembrando-se de Rita: também ela se queria divorciar e terminar um casamento infeliz.

Os dois brindaram e acabaram por relaxar. Lize parecia outra mulher, com um tom de voz e um brilho nos olhos que pareciam enfeitiçá-lo. Notou-lhe interesse no olhar, mas continuava incomodado. Aquela conversa sobre o *Angoche* perturbara-o.

– E o que vai fazer após terminar o seu contrato com o Pieter? – questionou ela. – Vai voltar a Boston e aos mercados financeiros?

– Sim, mas antes quero terminar as pesquisas do meu pai.

– Alguma em especial?

– São todas especiais, mas aquela em que eu estava a trabalhar era sobre o Japão – explicou. As lembranças do pai deixavam-no sempre emocionado. – Trata-se da *Nossa Senhora da Graça*, uma nau que se afundou numa batalha na baía de Nagasáqui em 1610.

– Nunca fui ao Japão – murmurou ela. – Imagino que a sua namorada o acompanhe em algumas das suas viagens.

– Viajo sempre sozinho – confessou Filipe, percebendo aonde ela queria chegar.

Uma rajada de vento frio apanhou-os de surpresa, e a temperatura baixou num instante. Filipe começava a habituar-se àquelas amplitudes térmicas: os empregados apressaram-se a distribuir mantas, à semelhança do que tinha acontecido durante o encontro com o filho de Daniel Cabral.

– As noites podem ser frias em Cape Town, mesmo em Outubro – adiantou Lize. – Talvez seja melhor recolhermo-nos, não?

Filipe concordou e sorriu com a insistência dela em pagar a conta. Aquela mulher tinha uma sensualidade inebriante e já se insinuara por duas ou três vezes. Lize não podia ser mais diferente de Rita, mas ambas tinham algo

em comum: ansiavam por sair de um casamento falhado e recuperar a vida.

– E o que gosta mais de Cape Town? – perguntou ele, levantando-se.

– Das montanhas a cair no mar, de ser um farol em África, mas sobretudo de ser uma cidade lindíssima no fim do mundo, onde todos tentam ser felizes.

– E são?

– Infelizmente não – confessou ela. – A pobreza e o crime nos arredores da cidade são uma tragédia difícil de resolver.

Os dois entraram no táxi e sentaram-se lado a lado. Filipe olhou pela janela, observando a sombra negra das montanhas. O perfume dela não o deixou indiferente e sentiu-a próxima. Voltou a pensar em Rita, recordando-se da última vez que a abraçara. Também ela era uma mulher casada, o que fazia dele o seu amante e o deixava incomodado. Contudo, Lize era um perigo ainda maior: envolver-se com ela poderia complicar aquela investigação que parecia cada vez mais tortuosa.

– O seu hotel é já ali – apontou ela. – Gostei muito de o conhecer melhor.

– Eu é que agradeço. O restaurante era fantástico. – Estava tentado a convidá-la para uma última bebida no bar do hotel, mas sabia aonde isso iria terminar. – Quando estiver em Portugal, por favor telefone-me.

– Para irmos de novo ao Miradouro da Graça?

Lize olhava-o fixamente. Os lábios dela chamavam por ele.

– Sim, mas existem outros miradouros igualmente bonitos...

– Boa sorte com a missão, mas, por favor, tenha cuidado na Ilha da Reunião. É dos sítios com mais tubarões no mundo – avisou ela.

– Não se preocupe, eu não vou ter tempo para dar um mergulho.

O táxi estava parado em frente ao hotel. Filipe deveria sair, mas não conseguia deixar de olhar para ela. Tinha uma vontade imensa de a beijar, de lhe acariciar o corpo e de a levar para o quarto.

– Alguma coisa que precise, tem o meu contacto – sussurrou Lize. – Ligue-me quando quiser. Para si, estou sempre disponível.

Filipe engoliu em seco, sorriu e decidiu-se.

Capítulo XVIII

Ilhas Quirimbas, 29 de Outubro, 10h45

Entra vivo, sai morto.

Inscrição na sala de interrogatório da Prisão da PIDE-DGS, na Fortaleza de S. João Baptista, no Ibo

– Já se vê o Ibo – gritou o piloto do *cockpit*, pelo intercomunicador. Era um jovem sul-africano que apontava em frente com um grande sorriso.

O barulho da hélice era incessante e a avioneta estremecia com as rajadas de vento. Filipe espreitou pela pequena janela, tentando descortinar a ilha, mas ainda não tinha ângulo. Olhou para baixo e vislumbrou várias outras ilhotas verdejantes, algumas com uma língua de areia branca, no meio do mar azul-turquesa. Sabia que, ao todo, eram mais de trinta até à fronteira com a Tanzânia e que a maioria era desabitada; o Ibo era uma das maiores e a mais povoada.

Haviam saído de Pemba quinze minutos antes e seguiam ao longo da costa. Filipe era um dos cinco passageiros a bordo. Os restantes eram de uma família canadiana que andava a fazer mergulho por África e tinha vindo do Quênia. Conversara com eles na pista do aeroporto, ainda que tivesse a mente toldada com tudo o que se passara em Cape Town.

Não conseguia esquecer o jantar com Lize. Felizmente, tinha conseguido sair do táxi sem a beijar, evitando envolver-se com ela. Aquela mulher parecia-lhe cada vez mais intensa, mas deixava-o desconfortável. Lembrava-se de ter sentido o mesmo durante a viagem de avião para o Algarve, quando se fora encontrar com Pieter. Talvez fosse o seu olhar, o tom de voz e, agora, o simples facto de ela parecer saber sobre o *Angoche* mais do que devia. Desde que levantara voo de Cape Town, vinha a cismar no que ela comentara sobre o pai de Pieter, tentando perceber o interesse dela, embora de quando em quando acabasse por imaginá-la nua ou a despir-se à sua frente e a cair na cama ao seu lado.

Filipe tentara ligar a Rita por mais de uma vez. Queria falar com ela, escutar a sua voz, senti-la próxima e ouvi-la dizer que tinha saudades dele e que entregara os papéis para o divórcio, mas infelizmente ela não atendera nenhuma das suas chamadas, nem vira as várias mensagens que lhe enviara. Deduziu que estivesse no meio de mais uma missão importante.

A avioneta abanou e Filipe olhou lá para baixo. Continuava sem ver o

Ibo, mas tentou focar-se no que tinha pela frente. Estava na senda de Mário Barbosa, o suposto líder da brigada clandestina da PIDE, que detinha a Vila das Acácias na ilha e que vivia habitualmente na Reunião. Seguiu a sua intuição e decidira visitar o Ibo antes de tudo: aquela ilha deveria ter tido o papel central nos acontecimentos de 1971 e ele queria perceber se o antigo PIDE visitava aquele local com frequência. Até já lhe passara pela cabeça que Mário Barbosa poderia ter guardado parte do ouro do Transvaal naquele fim do mundo.

– Aterrámos dentro de um minuto – avisou o piloto pelo intercomunicador.

A avioneta descia rapidamente e Filipe conseguiu vislumbrar o Ibo. A ilha tinha um formato quadrado, era bastante maior do que a Ilha de Moçambique, e parecia mais arborizada. Estava cercada por uma floresta de mangais, e uma das pontas era povoada por um largo casario, em frente ao qual muitos *dhows* e canoas pareciam levar sobre o mar.

Pouco depois, a avioneta rasou os coqueiros e aterrou na pequena pista, que sobressaía no meio da vegetação. Filipe foi o último a desembarcar. Estava um calor abrasador, tal como em Dar-es-Salaam e Zanzibar. Caminhou pela pista com a sacola ao ombro e observou o piloto atarefado com o desembarque da carga do porão. A avioneta começava a ser reabastecida, sinal de que regressaria a Pemba em breve. Acenou ao piloto, despedindo-se, e vislumbrou alguns turistas ao fundo a avançarem pela pista. Entre eles, notou que uma jovem vinha direita a ele: parecia moçambicana e estava vestida com uma capulana amarela.

– *Karibu*, Senhor Filipe! Bem-vindo ao Ibo – apresentou-se ela. Era alta, magra e tinha cabelos encaracolados. – Veio sem bagagem?

– Gosto de viajar só com o essencial – respondeu, apontando para a sacola ao ombro. Tinha deixado o resto da bagagem no hotel em Cape Town.

– Venha, eu levo-o até à Vila das Acácias.

Lize passou o cartão de acesso no leitor do elevador e carregou decidida no botão do piso vinte e cinco. À medida que subia, respirou fundo e olhou-se no espelho, ajeitando a pasta azul que trazia na mão. Não conseguia disfarçar o nervosismo. Era sábado, seis e vinte da manhã, e entrara no edifício directamente pela garagem. Fizera aquele percurso três vezes nos últimos dois meses, para testar as rotinas e os seguranças, mas daquela vez era a valer. Não deveria estar ninguém na empresa e os seguranças, por certo, estariam a dormir ou a conversar na recepção, como acontecera das outras vezes.

Assim que chegou ao último andar, atravessou o *hall* e dirigiu-se ao seu gabinete. O piso estava deserto. Entrou no gabinete e fez um compasso de espera, olhando para o clarear lá fora, tentando acalmar-se: o farol de Robben

Island ainda estava a funcionar. Levou a mão ao bolso para retirar o lenço e não resistiu a tactear o *token* – era de um dos maiores bancos sul-africanos, com quem o Grupo Eland mais trabalhava.

Instantes depois, saiu do gabinete. Olhou em redor, estava tudo em silêncio e apressou-se até ao gabinete de Pieter, de pasta na mão. Havia câmaras de vigilância na empresa, mas nenhuma no piso da administração. Os únicos registos que existiriam da sua presença seriam o da sua entrada e saída da garagem e do elevador, tal como das últimas três vezes, e teria a desculpa de que viera deixar uma pasta importante a Pieter ou buscar uns documentos de que se esquecera para trabalhar durante o fim-de-semana.

O gabinete de Pieter estava igualmente deserto, embora continuasse a ser intimidante, com a estátua de bronze de um guerreiro zulu num dos cantos. Acercou-se do cofre de parede, pegou no lenço e, num ápice, digitou os seis números. Demorara quase um ano a descobrir aquele código, mas iria valer a pena. Assim que abriu o cofre, vislumbrou o *token* verde que procurava. Era um duplicado, pois o original andava sempre com Pieter, mas serviria. Trocou os *token* e rapidamente fechou o cofre, evitando a tentação de ver o que mais Pieter teria lá guardado. Estava focada naquele *token*, que apesar de ser um equipamento antigo, funcionava bem e com total segurança.

Preparava-se para sair, quando o seu telemóvel tocou. Ficou apavorada! Era Sean, o marido, que lhe estava a ligar sabia-se lá de onde, sem noção de que horas seriam em Cape Town. Desligou rapidamente, mas sentiu-se ainda mais tensa, expectante sobre o que poderia acontecer.

A medo, saiu do gabinete de Pieter, olhou para o corredor, mas felizmente não se via ninguém. Segundos depois, foi com alívio que constatou que o elevador permanecera naquele piso desde que chegara. Não tardou a descer e voltou a olhar-se no espelho. Conseguira o que queria e, por momentos, pensou em Joan Walkers e nos indícios cada vez mais claros de como seria ela a futura CEO do Grupo Eland. Aquela mulher iria ter o que merecia!

Subitamente, o elevador parou. Estava no Piso 0! Em pânico, viu as portas a abrirem e deparou com a figura de uma mulher fardada, de corpo possante.

– *Mevrou Kay?* – proferiu a segurança, espantada. – Peço desculpa, não dei pela sua entrada no edifício tão cedo.

– Não tem importância, entrei pela garagem – explicou, com os olhos pousados na placa de identificação da segurança: chamava-se Makeba. – Vim buscar uns documentos de que me tinha esquecido. Preciso deles para preparar uma reunião na segunda-feira.

– Ah, compreendo – anuiu a segurança, sorridente. – Bom fim-de-semana.

As portas voltaram a fechar-se e Lize suspirou de alívio, à medida que o elevador descia para a garagem. Fizera aquele teste três vezes, e fora logo daquela vez que se deparara com um segurança. Menos mal, pelo menos

estava preparada e correria tudo bem. Caminhou até ao carro, e logo depois saiu da garagem.

Abriu as janelas para sentir a brisa matinal e refrescar a cara. A *downtown* estava sem tráfego, com os semáforos desligados, e por isso começou a subir a Buitengracht Street num instante. Não demorou muito a chegar a Tamboerskloof e gritou de satisfação. Virou à direita e subiu pela rua estreita até casa. O tempo urgia, tinha de ser rápida; a partir daquele momento, não haveria hipótese de voltar atrás. Dentro de uma semana tudo estaria resolvido e ela encontrar-se-ia a voar, de uma vez por todas, para Paris, com ou sem divórcio.

Filipe saiu da piscina, sentiu o odor a frangipani e observou o mar à sua frente. A maré estava baixa e vários pescadores debruçavam-se na areia molhada, à procura de amêijoas e caranguejos, apesar do calor intenso.

A Vila das Acácias devia ser a propriedade mais elegante da ilha. Tratava-se de um conjunto de quatro mansões antigas à beira-mar, convertidas num hotel-boutique com vinte quartos, mantendo a traça antiga. As casas tinham paredes de pedra coralina caiadas, telha portuguesa, e a decoração de madeira no interior lembrava a do seu hotel em Zanzibar. À volta, o jardim estava bem cuidado, e polvilhado de casuarinas, embondeiros e mangueiras.

– Já avisei o Senhor Alberto Matos. Ele terá todo o gosto em ajudá-lo – informou a empregada que o recebera na pista no dia anterior, seguindo depois ao encontro da família canadiana que estava do outro lado da piscina.

O gerente apareceu pouco depois, ainda Filipe se estava a calçar. Era um homem entroncado, vestido de branco e com o cabelo grisalho penteado para trás. Devia ter sessenta anos, a pele queimada do sol e parecia português.

– Seja bem-vindo à Vila das Acácias – cumprimentou-o, com um forte aperto de mão. – Vem mesmo de Portugal?

– Sim, de Lisboa, mas já estive na África do Sul – adiantou, jovial. Parecia ser uma grande surpresa.

Filipe explicou-lhe que o seu pai fora um grande estudioso das antigas fortificações portuguesas do Índico, desde Sofala até Mombaça, e ele estava no Ibo para continuar uma investigação sobre a presença portuguesa nas Quirimbas.

– Bem, há aqui muito trabalho por fazer – concordou o gerente. – Temos toda a papelada do tribunal, da conservatória e da alfândega amontoada num dos edifícios da praça principal. Procura alguma coisa em particular?

– A investigação do meu pai estava relacionada com a Fortaleza de S. João Baptista – respondeu, não fugindo muito à verdade. – Penso que foi construída no final do século xviii.

O gerente anuiu, com um ar alegre. Era um dos pontos turísticos

principais da ilha. Contou-lhe que a fortaleza fora erigida para garantir a soberania portuguesa, proteger o comércio e afugentar os ataques dos macuas, bem como dos franceses e dos piratas de Madagáscar, que tanto fustigaram aquelas águas.

– Se quiser, vamos lá e eu mostro-lhe o interior – prontificou-se o gerente, apontando para a rua. – Não fica longe daqui.

– Agora? Isso seria excelente! Agradeço-lhe a simpatia.

Os dois saíram para a rua principal, viraram à direita e seguiram ao longo do mar, por um carreiro. Filipe já tinha percorrido parte daquele caminho, embora na direcção contrária, até junto de uma ponte-cais. As ruas eram mais largas e arejadas do que na Ilha de Moçambique. Não perdeu tempo e tentou direccionar a conversa, interrogando o gerente sobre a razão por que vivia no Ibo.

– Os meus pais decidiram cá ficar em 1975, para cuidar das propriedades da família e de alguns amigos, que tiveram de abandonar a ilha à pressa – contou Alberto. – Eu era pequeno, mas lembro-me bem. Alguns adiaram o mais possível, mas acabaram por fugir para não renunciarem à nacionalidade portuguesa. Deixaram tudo para trás: casas, mobílias, vestuário, máquinas...

Alberto vivia no Ibo desde que nascera, e a ilha era a sua casa. herdara o trabalho do pai, explorando várias plantações de coqueiros espalhadas no Ibo e em três outras ilhas próximas: os cocos seguiam para Pemba, para dali serem exportados para o estrangeiro. Filipe percebeu que ele era uma pessoa respeitada pela população e pelas autoridades, que viam nele uma fonte de emprego e uma maneira de promover a ilha. Ficou admirado por ouvir que ele apenas fora três vezes a Portugal, embora fosse frequentemente a Maputo e a Joanesburgo.

– Eu estive na Ilha de Moçambique há alguns anos. Vi muita degradação, mas também um grande esforço de recuperação dos edifícios – comentou Filipe. – Aqui o abandono é desolador, quase todas as casas estão em ruínas.

– A maior parte das casas do Bairro de Cimento são do século XIX. Tudo o que existe aqui é português, com grande influência indiana – explicou Alberto. – A maioria da população da ilha vive no Rituto, o bairro das palhotas. Ninguém quer ocupar estas casas, porque dizem que não são suas.

Alberto contou-lhe que a ilha estivera ao abandono durante décadas. As casas foram-se degradando, muitas ficaram decrepitas, com paredes e telhados a desabarem, acabando invadidas pelos troncos e as raízes das árvores. Alberto tentara lutar contra o desmoronamento da vila e, sozinho, recuperara mais de vinte casas sem qualquer apoio estatal. O Ibo tivera alguma reabilitação com o turismo e a perspectiva de existirem mais estrangeiros a trabalhar nos projectos de gás natural, mas os ciclones constantes durante as monções e as insurgências islamitas a norte eram uma ameaça persistente.

Caminhavam por um carreiro delimitado por pedras brancas, e Filipe distinguiu várias casas com portas semelhantes às de Zanzibar. A maioria

devia ter tido varandas ou alpendres, tal como a Vila das Acácias, pois ainda eram visíveis alguns pilares na parte frontal. Não demoraram muito a chegar ao terreiro defronte da fortaleza, onde um grupo de rapazes jogava futebol.

– A fortaleza foi restaurada nos anos sessenta e teve novamente grandes obras em 2018. Tem um formato pentagonal, tal como uma estrela-do-mar – adiantou Alberto, apontando para as guaritas nas pontas. – Do céu, vê-se bem.

– Tem um aspecto imponente – salientou Filipe, observando as muralhas. Eram altas, caiadas de branco, e com ameias largas. – Acabou por ser transformada numa prisão da PIDE, não foi?

– Chamaram-lhe Centro de Recuperação, mas era uma prisão de alta segurança – esclareceu Alberto, ultrapassando a porta de acesso e entrando para a Praça de Armas. – Estava muito longe de Lourenço Marques, e não havia grande controlo sobre o que se fazia aqui. Foi uma desgraça...

– Pelo que li, funcionou durante quatro ou cinco anos, e vários presos foram enterrados aqui à volta – insistiu Filipe, lembrando-se da conversa com o advogado do Porto. – Até ao 25 de Abril.

– Sim, a prisão fechou semanas depois da revolução. Nessa altura, foram libertados mais de seiscentos presos.

O interior da fortaleza era amplo, com uma praça larga, que dava acesso a várias divisões. Em tempos, deveriam ter sido alojamentos de soldados, armazéns e outros compartimentos, ainda que mais tarde fossem transformadas em celas e salas de interrogatórios da PIDE. Passaram por um grupo de turistas italianos, e o gerente explicou-lhe que aquelas divisões funcionavam actualmente como oficinas para ourives, que vendiam depois as suas peças.

Os dois subiram a rampa para as ameias, e Filipe avistou a costa verdejante ao largo. A maré começava a encher e paisagem era deslumbrante. Dali, o continente distava apenas alguns quilómetros e a fortaleza parecia ter sido disposta para se defender dos ataques vindos daquela direcção. Alberto apontou-lhe vários canhões debruçados ao longo das ameias. Eram mais de dez, tinham o brasão português e deveriam ter uns duzentos e tal anos. Filipe tocou num deles, tirou algumas fotografias e voltou a lembrar-se do pai: aquela tinha sido a vida dele; ele estudara todos os fortes portugueses do antigo Estado da Índia.

– E quando é que teve a ideia de desenvolver a Vila das Acácias? – resolveu perguntar, após tirar mais uma fotografia. Não podia perder aquela oportunidade. – A propriedade é lindíssima e muito bem enquadrada.

– Bem, não fui eu que tive a ideia, nem a propriedade é minha – esclareceu Alberto, soltando uma gargalhada. – Sou apenas o gerente, para além de gerir as plantações de coqueiros.

– Ah, percebo. O hotel é de algum dos familiares ou amigos que os seus pais ajudaram na altura da independência...

– Sim, é do meu padrinho. Ele é um apaixonado pelas Quirimbas e vem cá de vez em quando, sobretudo na estação seca. Esteve cá na semana passada

– revelou Alberto. – Foi ele quem montou e financiou o projecto. Para além de ter recuperado a propriedade, reconstruiu várias casas na Rua D. Maria Pia, que funcionam hoje como lojas para turistas.

– Impressionante! E vive em Portugal? – arriscou perguntar.

Alberto contou que o padrinho vivia na Ilha da Reunião e era um empresário com negócios na produção de baunilha e no imobiliário. Era um daqueles portugueses que nasceram em Moçambique e que vagueavam por África, com pouca ligação à Europa. Fora um velho amigo do pai e, alguns anos antes, desafiara-o para ficar à frente daquele projecto turístico.

– Não podia dizer que não. O meu padrinho tem feito muito pelo Ibo, e eu sou das pessoas que melhor conhecem estas ilhas.

– Claro, eu percebo.

– O meu padrinho vem cá duas ou três vezes por ano. Quase sempre com a mulher, uma senhora francesa que adora caminhar pelos mangais na maré vazia.

Começava a soprar um vento forte e, de repente, ouviram o som estridente dos trovões, vindo do lado do mar.

– Parece que a estação seca está a terminar – gracejou Filipe, apontando para o céu escuro. Tentava manter alguma naturalidade, apesar de acabar de saber que Mário Barbosa era casado, estava ligado ao Ibo havia muitos anos e estivera ali poucos dias antes. O antigo PIDE reconstruíra várias casas naquela ilha perdida e era possível ter escondido ou enterrado algum ouro do Transvaal numa delas, embora fosse mais acertado tê-lo depositado num banco francês da Reunião.

– Sim, vai começar a chover em força. É melhor regressarmos ao hotel.

Filipe assentiu, comentando-lhe que voltaria à fortaleza no dia seguinte. Ultrapassaram a antiga capela e juntaram-se aos turistas italianos que também se retiravam. Um relâmpago iluminou o céu e, pouco depois, um estrondo assustou todos à volta. Não demorou muito para começar a chover intensamente. Filipe perscrutou o céu cinzento e lembrou-se das tempestades em Joanesburgo. Parecia que o mundo ia acabar. Avistou o clarão de mais um relâmpago, ouviu o trovão, e continuou a correr atrás do gerente do hotel.

Mário desistiu de chamar pelo cão: o *Ibo* era um rebelde, sempre gostara de vaguear pelas trepadeiras e já não era a primeira vez que pernoitara ali fora, após ter caçado um coelho ou uma perdiz. Perscrutou a plantação pela última vez e voltou a inspirar o odor adocicado da baunilha: aquele aroma enfeitiçava-o havia décadas. Já estava demasiado escuro para descortinar fosse o que fosse, e os mosquitos não davam tréguas, num zumbido incomodativo. Fechou a porta da cozinha, sentiu o conforto do ar condicionado, e virou-se para a *Nacala*.

– Ainda tens fome? – perguntou, afagando-lhe o pelo dourado. – Anda, eu dou-te mais um petisco.

Encheu-lhe a taça com mais ração e observou o animal a deleitar-se. *Nacala* ainda parecia faminta: abocanhou tudo num instante e só depois é que foi refastelar-se na sua almofada.

Mário sorriu, apagou as luzes e subiu para o quarto. Sentia falta da companhia da mulher: Colette fora visitar a família na Bretanha havia uma semana e só deveria regressar dali a dez dias. Também estava mais pensativo; ficava sempre assim após visitar Moçambique.

Aqueles dias fatídicos em 1971 haviam sido os mais marcantes da sua vida. A escala do *Angoche* em Nacala e o embarque das bombas para a Força Aérea obrigara-o a antecipar o golpe. Ficara alarmado com tanto armamento a bordo, receando o aumento de vigilância ao navio nas escalas seguintes. Decidira executar a missão naquela mesma noite, após se ter encontrado com o seu sócio sul-africano no pesqueiro que ele alugara. Três horas após terem zarpado de Nacala, os seus homens cortaram a linha de antena de rádio e tomaram o navio de assalto: controlaram a tripulação e separaram-na em quatro grupos, aprisionando-a no refeitório e em três camarotes. Mal se apoderaram da torre de comando, afastaram o navio da rota, rumando para alto-mar, em direcção às coordenadas pré-estabelecidas.

O que se passara ao nascer do Sol fora tenebroso, mas inevitável. Cumpriram o plano à risca: retiraram um homem de cada vez para o convés, com a desculpa de o interrogar, e depois atiraram-nos ao mar, alvejando-os durante a queda. A maioria morreu com a pontaria certa, mas alguns infelizmente foram apenas feridos e tiveram um destino mais trágico. Com tanto sangue na água, aconteceu o inevitável: apareceram dezenas de tubarões e devoraram tudo o que encontraram num festim horripilante. Mário não mais esquecera aqueles gritos de morte, e sabia que os seus companheiros também tinham ficado abalados: foi um alívio quando tudo se silenciou e os cinco homens ficaram finalmente sozinhos a bordo. Não tinham amarrado nem amordaçado os tripulantes para não deixarem pistas, e sabiam que os peixes iriam eliminar os restos que os tubarões-tigre haviam deixado a boiar.

O pesqueiro sul-africano apareceu ao início da tarde e, após abrirem o porão do *Angoche*, começaram a fazer o transbordo dos caixotes. Demoraram um dia a terminar a tarefa e, por pouco, vários caixotes não caíram ao mar. Numa dessas ocasiões, o seu sócio enervou-se com os portugueses e a confusão instalou-se no pesqueiro. Mário não hesitou: sacou do revólver e, de rompante, abateu os dois sul-africanos. Havia meses que a relação com o seu sócio se degradara, com a suspeita de que este o enganara no último negócio em Angola. Além disso, tinha consciência da importância daquele ouro que estavam a desviar. Eram as reservas do Transvaal ao tempo da Guerra dos *Boers*, retiradas de Pretória dias antes de os britânicos conquistarem a cidade. Aquele ouro desaparecera havia setenta anos e existiam muitas lendas à sua volta: Mário sabia que o seu sócio o voltaria a trair; assim garantiria que tal

não aconteceria.

Infelizmente, os seus homens ficaram perturbados com o sucedido e os erros começaram a surgir na ânsia de abandonar o local. Atiraram os dois corpos ao mar, confiantes de que os tubarões os fizessem desaparecer, e armadilharam o *Angoche* com bombas-relógio, por forma a afundá-lo. Porém, as explosões não foram suficientes, e nada mais lhes restou senão zarparem para as Comores no pesqueiro, cumprindo o planeado: tinham de retirar o ouro de Moçambique, levá-lo para longe da África do Sul, e deixar claro que também eles haviam morrido.

As Comores eram território francês na altura e distavam duzentas e cinquenta milhas do local onde se encontravam. Demoraram dois dias a lá chegar. Fundearam numa enseada na costa norte de Maiote, que Mário conhecera meses antes, enquanto delineara a operação. Mais calmos, seguiram o resto do plano: desembarcaram a carga, dividiram os caixotes pelos cinco, afundaram o pesqueiro e, uma semana depois, cada um prosseguiu com o plano que montara, desde Zanzibar à Venezuela. Seguiram o sonho de uma vida de luxo, com uma identidade forjada, jurando nunca mais se verem.

Fora mesmo isso que acontecera, embora Mário tivesse vivido em Maiote por mais dois anos, até conseguir depositar o ouro na filial de um banco francês da Ilha da Reunião que não desse importância às inscrições *boers* nas barras de ouro. Esforçara-se por ter uma vida discreta e fora um felizardo, escapando às mudanças políticas da região porque Maiote e a Reunião se mantiveram como território francês, ao contrário das restantes ilhas do Índico.

Tirou o robe, deitou-se ao comprido na cama e, pouco depois, apagou a luz da mesa-de-cabeceira. Sentia-se exausto: o dia fora preenchido, a acompanhar a visita de um grupo de investidores canadianos a Saint-Denis.

Estava quase a adormecer quando ouviu um som estranho. Abriu os olhos, suspeitando de que a *Nacala* subira as escadas para vir ter com ele, mas distinguiu uma sombra enorme. Nem teve tempo de gritar: alguém o agarrou à bruta e cortou-lhe a respiração.

Mário estrebuchou aflito, tentou desembaraçar-se e, em esforço, conseguiu respirar. Estava em pânico, a desvanecer, e, no segundo seguinte, alguém lhe enfiou um pano na boca, agarrou-lhe os pulsos e algemou-o. Aproveitou o alívio do peso para encher os pulmões de ar. Foi como se ressuscitasse, embora ouvisse logo depois uma voz que o deixou gélido:

– Levanta-te, velhote – ordenou uma voz, em inglês. – Quero-te sentado!

A pronúncia *africâner* deixou Mário apavorado. Não resistiu e começou a urinar, sentindo o líquido quente a correr-lhe pelas pernas e a humedecer os lençóis. Temia que aquele homem não tivesse invadido a sua casa apenas para o assaltar: durante anos, protegera-se contra um golpe daquele género, mas o passar das décadas deixara-o menos providente, seguro de que nunca seria descoberto.

Tentou desembaraçar-se das algemas, gritar por socorro, mas o pano

enfiado na boca impedia-o. Acabou por ficar sentado na borda da cama e, num ápice, o homem amarrou-lhe as pernas. Viu-o a arrastar a cadeira que tinha no canto do quarto, tentou ver-lhe as feições, mas estava encapuçado.

– Ouve com atenção, a tua vida depende disso – avisou o homem. – Aponta para onde deixaste o teu telefone. – Mário indicou a almofada. Dormia sempre com o telemóvel no colchão, até porque se servia dele como relógio à noite. O homem facilmente encontrou o aparelho e uma luz azulada sobressaiu na penumbra do quarto. – Preciso da *password* – instou. – Vou tirar-te a meia da boca. Se gritares ou fizeres alguma parvoíce, corto-te um dedo.

Mário estava apavorado, mas não gritou quando lhe tiraram a mordaça. Ouviu o homem a insistir e manteve-se firme, sem adiantar palavra. De repente, levou um soco no queixo e contorceu-se de dor. Apercebeu-se de que tinha um dente partido e notou o sabor metálico do sangue na boca. O homem não se demoveu e socou-o na barriga sem parar. Mário sentiu o estômago revirado, a cabeça a girar, e vomitou o jantar. Tentou respirar, mas até isso lhe doía. Estava desesperado. Não aguentou mais e confessou a *password* do telefone.

– Agora deixa-me! – suplicou. – Vai-te embora.

– Daqui a pouco vou enviar uma mensagem a informar a tua secretária de que vais falhar as reuniões de segunda-feira, porque estás maldispuesto. Mas antes, preciso das *passwords* das tuas contas bancárias. Das tuas e do Group Vanille.

Mário voltou a libertar o que ainda tinha na bexiga, inundando tudo à volta. Aquilo nunca lhe sucedera antes. Fez um último esforço para tentar desembaraçar-se, mas estava bem preso, sem hipótese de se mexer.

– Quem és tu? – perguntou. Aquele homem parecia saber tudo sobre ele.

– Dá-me as *passwords*! Podemos ficar aqui até a tua empregada Lucie chegar na terça-feira de manhã.

– Deixa a Lucie em paz...

– A escolha é tua. Até lá, tens de me ajudar. Caso contrário, vou cortar-te dedo a dedo, sem te deixar sequer desmaiar.

Filipe pousou a 2M na mesa e suspirou. A chuva parara e uma calma repousante pairava pela Vila das Acácias. Apenas ouvia o som ritmado da maré e da água ainda a pingar pelos telhados. Já era noite cerrada, e parecia tarde, embora não passasse das seis horas.

Trocara de roupa e era dos poucos hóspedes na varanda do bar. O ar estava mais fresco e a brisa marítima era agradável. Filipe trouxera o portátil para terminar a pesquisa do material do pai. Desde que chegara a África, quase não tivera tempo para se debruçar sobre o assunto.

Continuava intrigado sobre o que acontecera a Miguel Ferreira. Por alguma razão, ele deixara centenas de caixotes de ouro depositados na gruta que haviam sido encontrados setenta anos depois. De igual modo, escondera aparentemente alguns caixotes noutro lado, que talvez ainda não tivessem sido descobertos.

Aquela investigação fazia-o sentir-se próximo do pai e estava confiante de poder desvendar aquele mistério. Não encontrara mais dados sobre Miguel Ferreira, mas a informação sobre a Guerra dos *Boers* nos antigos CD e disquetes era extensa. Voltou a olhar para o ecrã, fez uma pesquisa por Ibo e deparou-se com alguns ficheiros. Foi sem surpresa que constatou que o pai visitara a ilha mais de uma vez e encontrou apontamentos sobre as três fortalezas da ilha, aquando da sua construção, embora nada da época do *Angoche*.

Bebeu mais um gole de cerveja e voltou a ler o material sobre as viagens do pai ao Ibo. Aquela informação estava num CD guardado no sótão, pelo que deveria ser antiga. Porém, o pai gravara o ficheiro somente dois anos antes de morrer, o que contrastava com os outros, que tinham uma data muito anterior.

Suspirou, sem encontrar lógica no que via, e acabou por fixar o olhar nas velas que ardiam junto dos pilares da varanda: deixavam um odor agradável e haviam-lhe dito que se tratava de citronela, para afugentar os mosquitos. Foi então que teve uma ideia: fez uma pesquisa nos ficheiros pela data de modificação e ficou pasmado – havia três outros ficheiros que o pai gravara pouco antes da sua morte:

O primeiro tinha um nome estranho: *Sjambok*! Recorreu ao Google e estranhou o significado: era um chicote *boer* feito de pele de rinoceronte. O ficheiro tinha várias fotografias e reconheceu uma delas: o chicote estivera numa das prateleiras da estante do escritório do pai, onde ele guardara os artefactos das viagens que fazia. A imagem fê-lo recordar-se daquela peça, que arrumara junto de outras após a sua morte. Por certo, o pai deveria tê-la trazido da África do Sul.

– O jantar será servido dentro de momentos – informou-o uma empregada. Tinha um ar simpático e trajava uma túnica branca com uma acácia desenhada no peito. – Os pratos principais são matapa com caranguejo aqui da ilha e galinha à cafreal, mas tem outras opções, claro.

Filipe assentiu, mas voltou a observar o ecrã. O nome do ficheiro seguinte era também peculiar, pois estava em latim: «*Modus Vivendi*». Leu que se tratara de um acordo secreto assinado entre o Governo-Geral de Moçambique e os britânicos, a 18 de Dezembro de 1901, em plena Guerra dos *Boers*. Regia o futuro tráfego ferroviário do Transvaal para Lourenço Marques, o funcionamento da fronteira e o recrutamento de mão-de-obra para as minas de ouro. Não sabia se existia alguma relação com o que procurava, mas aquele acordo era contemporâneo de Miguel Ferreira. Tinha sido assinado pelo sucessor do governador Machado – Rafael Gorjão. Filipe nunca tinha ouvido falar nele, mas, numa pesquisa rápida na Internet, soube que

fora, mais tarde, nomeado Ministro da Marinha e do Ultramar e que o seu nome continuava vivo em Maputo: o Cais Gorjão era onde os navios acostavam na cidade.

Já estava sozinho no bar e ouvia algum alarido vindo da sala de jantar, reconhecendo a voz do gerente a discursar em inglês. Apesar disso, quis ver o último ficheiro antes de ir jantar. O nome também era especial: «Vila Jóia».

Tratava-se da antiga casa do Cônsul do Transvaal, durante a Guerra dos *Boers*. Leu que Gerard Pott vivera em Lourenço Marques durante dez anos e que fora uma pessoa muito influente na época, detendo várias propriedades na cidade. Tivera um papel determinante na primeira fase da guerra, até ser expulso pelas autoridades portuguesas, em Novembro de 1900.

Pesquisou o local da casa na Internet e viu que era junto ao Jardim Tunduru, antigo Jardim Botânico, numa das avenidas que descia para a Baixa. As informações do pai indicavam que o antigo cônsul regressara à cidade em 1903, após a guerra, mas fora obrigado a vender aquele imóvel ao Estado, para colmatar dificuldades financeiras. O pai tinha inúmeras plantas e fotografias da propriedade, que passara a ser o Museu Provincial e, mais tarde, o Tribunal Supremo de Moçambique.

Olhou uma última vez para as fotografias da mansão branca. Parecia um edifício deslumbrante, e estranhou não o ter visitado aquando da sua viagem a Maputo com os pais. Num instante, voltou a verificar a data do ficheiro e confirmou que o pai estivera a trabalhar naquele assunto poucos meses antes de morrer. Porque seria?

Capítulo XIX

Lourenço Marques, 17 de Abril de 1901

*Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;*

Lúís Vaz de Camões

Maria Teresa percorreu o corredor de madeira encerada em bicos dos pés e confirmou o que vira pouco antes: a porta do quarto dos pais continuava fechada. A mãe retirara-se logo após o almoço, fatigada, como sempre, dos afazeres matinais e, por certo, já estaria a dormir a sesta. Sentiu o coração a saltar e não hesitou; chegara o momento por que tanto ansiara. O pai fora visitar as aldeias landins da Matola, e apenas regressaria ao pôr-do-sol, ao passo que o marido viajara em trabalho para a Beira e deveria ficar por lá até ao final da semana.

Maria Teresa prometera a Miguel que tentaria encontrar-se com ele após a hora do almoço, nas barreiras da Polana, para lá das traseiras das casas da Rua de São Rafael. Na altura, não sabia se iria conseguir escapar-se de casa dos pais, mas ele garantira-lhe que estaria à espera dela.

Regressou à sala e parou, por instantes, para se olhar ao espelho e compor o cabelo e o vestido: não se podia demorar, mas queria estar bonita para ele. Certificou-se de que a criada continuava na cozinha e esgueirou-se pela porta principal, tentando fugir aos olhares dos jardineiros. Assim que saiu para a avenida, ficou ainda mais animada. Estava tanto calor que o movimento era escasso e não avistou um único riquexó a circular.

Abriu a sombrinha e pôs-se a caminho, em passo apressado. O sol era tão forte que lhe secou a garganta e fez com que a testa se enchesse de suor. Por momentos, sentiu-se a fraquejar, com medo de ser apanhada, mas não esmoreceu – tinha de continuar em frente, na direcção da Ponta Vermelha, e encontrar-se com ele. Não havia nada mais importante do que abraçar o homem da sua vida. As memórias daquela tarde na aldeia landim perto da

Xefina Pequena deixavam-na sempre encantada. Até que, de repente, ficou com a mente toldada, ao ouvir uma voz aguda que a paralisou.

– Menina Teresa?

Voltou-se, aterrorizada, sem baixar a sombrinha, e reconheceu a mulher adiante, ladeada por dois criados.

– Boa tarde, Senhora Andrade – cumprimentou, tentando sorrir. Era a mulher de um médico amigo do pai, e o casal ia, por vezes, almoçar lá em casa aos domingos. – Também está a tentar escapar ao calor?

– Sim, fui visitar uma amiga que está muito doente – respondeu, apontando para uma das casas pré-fabricadas do outro lado da avenida. – A menina anda por aqui sozinha?

– Estou a fazer uma surpresa à minha mãe e preciso de ir ali à Mercearia Saraiva.

– E não é perigoso? – questionou a senhora, intrigada.

– Felizmente, Lourenço Marques é uma terra de paz, abençoada por Deus – adiantou, tentando afastar-se. – Não se preocupe, a mercearia é já ali. Cumprimentos ao Doutor Andrade.

Não demorou muito a livrar-se daquela mulher, mas sentiu o coração a bater mais do que nunca. Tinha sido descoberta! A desculpa era frágil e tinha de dar uma razão mais robusta aos pais para justificar aquele passeio solitário; talvez devesse ir mesmo à Mercearia Saraiva para a verem por lá. Pensaria nisso mais tarde, no regresso – agora só queria saber de uma coisa. Respirou fundo e continuou a descer a avenida, sem mais hesitações.

Passou defronte da mansão de um conhecido casal alemão e não demorou a chegar à Rua de São Rafael. Ao longe, já se viam as cavalações do Quartel da Ponta Vermelha. Olhou para um lado e para o outro e decidiu-se: num ápice, avançou pelo trilho por entre o mato da barreira, na direcção da ribanceira. A vista para a Praia da Polana era arrebatadora, mas perscrutou as redondezas até ao farol do outro lado e reconheceu-o ao longe. Miguel estava a fitar a baía, sentado em cima de um pedregulho gigantesco que emergia da vegetação.

Maria Teresa acelerou o passo, olhando em todas as direcções e confirmou que não havia mesmo ninguém a andar pelas barreiras. Estavam sozinhos, tal como ele lhe havia dito. Não resistiu e chamou por ele, gesticulando, sentindo os olhos cheios de lágrimas.

Miguel saltou do pedregulho e correu até ela, com um sorriso rasgado. Assim que chegou perto, abraçou-a, levantou-a no ar e beijou-a nos lábios.

– Meu amor, nem acredito que estás aqui.

– A mamã está a dormir a sesta, mas não me posso demorar. Deve acordar daqui a pouco e irá à minha procura...

Por instantes, pensou em ir passear pela Praia da Polana, deserta àquela hora, pois podiam molhar os pés e procurar conchas tal como faziam na Ilha. Mas logo caiu em si: seria uma loucura arriscarem-se tanto, a descoberto da vegetação da barreira seriam vistos mais cedo ou mais tarde.

– Sinto tanto a tua falta – confessou Miguel, afagando-lhe os cabelos. – Passo os dias a pensar no nosso próximo encontro.

– Eu também não penso noutra coisa. Tenho de estar louca para me arriscar a vir ver-te aqui. É mais forte do que eu.

Miguel beijou-a sofregamente, ciente de que tinham pouco tempo. Os lábios dele deixavam-na arrebatada, mas as carícias nas costas, nos seios e entre as coxas despertaram-lhe os sentidos e puseram-na a delirar. Ficou zozna, com a respiração ofegante e um formigueiro dos pés à cabeça. O medo de ser descoberta e a imagem dos pais e do marido foi-se-lhe desvanecendo da sua mente. Num impulso, perdeu a vergonha e percorreu-lhe o corpo com as mãos, aventurando-se até onde nunca imaginara. Ficou maravilhada como ele suspirava a cada toque. Sentiu uma ânsia de o acarinhar – o tempo que tinham era curto e aquela poderia ser a última vez que estariam juntos. Tinha de voltar a tê-lo dentro de si!

Miguel leu-lhe os pensamentos e deitou-a entre os arbustos, para depois a deitar por cima dele, quiçá para a proteger das cobras ou de outros bichos. Num ápice, baixou as calças, abriu-lhe as pernas e levantou-lhe a saia. Maria Teresa ficou pasmada com tamanho arrojo, mas estava em brasa. Não resistiu, sentiu-o com deleite e desprendeuse de todos os temores. Tinha uma vontade imensa de continuar a acariciá-lo, porém, não teve tempo. Mal ele entrou dentro de si, descontrolou-se. Deu por si a gemer, extasiada, sentindo-o cada vez mais fundo. Cerrou os olhos e os lábios, tentando controlar-se, mas só teve vontade de mais e mais.

Miguel agarrou-a pelas ancas, incentivando-a, com os olhos semicerrados. Também ele parecia desgovernado, mas, de súbito, apanhou-lhe um seio e apertou-o levemente, deixando-a ainda mais arrebatada. Os dois moviam-se em simultâneo, sem precisarem de trocar palavra, rumo ao infinito. Maria Teresa nunca sentira nada assim...

Momentos depois, Miguel gritou em surdina, tentando manter a boca fechada, e ela não mais resistiu. O sangue subiu-lhe à cabeça, ficou com o coração na boca e sentiu um espasmo arrepiante, que se repetiu vez após vez. Voltara ao paraíso. Olhou para Miguel, esperando que ele abrisse os olhos, e sorriu-lhe apaixonada. Estava a tremelicar, esgotada, mas só pensava em abraçá-lo pelo pescoço e encostar a face ao seu peito. Tinha de regressar a casa dos pais o quanto antes, mas queria ficar ali para sempre!

A ocasião no Hotel Cardoso era solene. O Governador-Geral, o General Manuel Rafael Gorjão, e sua esposa Feliciano de Vasconcelos ofereciam um majestoso banquete aos cidadãos ilustres de Lourenço Marques para celebrar o projecto de construção de uma ponte-cais no porto da cidade, onde os grandes navios iriam finalmente poder acostar.

Ricardo, o seu amigo bancário, já lhe falara disso. Contudo, Miguel cedo percebera que a questão não era simples e que o projecto era bastante polémico, com várias opiniões dissonantes, quer em Lourenço Marques, quer em Lisboa. Por isso, o Governador-Geral decidira marcar posição e mostrar o seu apoio inequívoco ao projecto, antevendo a recuperação da actividade do porto, mal a guerra do outro lado da fronteira terminasse.

Desde que regressara a Lourenço Marques, Miguel esforçara-se por passar despercebido e, por isso, tentara escapar-se ao evento. Todavia, acabara por aceder depois de tamanha insistência de Ricardo e do gerente do hotel, que queria ter o seu melhor hóspede no salão de cerimónias. Ainda tentara inventar uma desculpa, uma viagem qualquer, ou simplesmente desaparecer para a gruta de Moamba; contudo, percebeu que a sua ausência iria causar ainda mais desconfiança. O seu nome foi, por isso, incluído na lista de convidados. Assistiria a um ou dois discursos, tentando não ser notado, e depois escapar-se-ia à primeira oportunidade.

Olhou-se no espelho do quarto e não se reconheceu. Vestia um belo fato branco que comprara à medida na Casa Fabião & Silva e não se conteve a trocar de si próprio. Na Ilha, acostumara-se a andar com roupas simples por causa do calor e, depois no Transvaal, trajava sempre uma farda mineira ou uma jaqueta *boer*, por forma a andar camuflado no mato.

A cerimónia já começara, pois a música lá em baixo ecoava com intensidade. O som daquele fonógrafo deixava-o sempre maravilhado, não apenas pela melodia, mas por lhe fazer lembrar a paixão de Maria Teresa pela música. Penteou-se e olhou-se ao espelho pela última vez. Estava na altura de descer. Ricardo já lá deveria estar, mas o principal era mais desagradável: por certo que Maria Teresa também iria estar presente e, infelizmente, acompanhada pelo marido, um dos oficiais próximos do Governador-Geral.

Assim que desceu para o piso térreo, ficou estarrecido. Estavam mais de duzentas pessoas no salão principal do hotel e no jardim adiante. Reconheceu alguns militares do Quartel da Ponta Vermelha, o gerente vestido a rigor, donos de vários estabelecimentos da Baixa e, no meio de todos, Ricardo, sempre sorridente, empunhando uma cigarrilha.

– Estava a ver que não vinhas – sussurrou o amigo. – Anda, pega numa taça de champanhe e junta-te à festa.

– Fui cavalgar pela Quinta Sommerschild e tive de me refrescar – desculpou-se Miguel, aceitando o repto do amigo ao ver um empregado a passar junto deles. – A estação quente já lá vai, mas o calor teima em não passar.

– O meu novo chefe, o Dr. Noronha, desembarcou há dias de Lisboa e gostaria de te conhecer. Ficou fascinado por saber que andaste nas minas de ouro do Transvaal e a combater pelos *boers*.

Miguel ficou apavorado e só lhe apeteceu fugir dali – a última coisa que queria era expor-se daquela maneira. O amigo parecia decidido, mas de repente, a música parou e todos se entreolharam: o Governador-Geral acabara

de chegar e, num instante, soou uma salva de palmas interminável.

Miguel respirou de alívio e distinguiu o Governador por entre as convidados. Tinha um grande bigode branco e estava ladeado pela mulher e por um homem calvo, vestido com um fato escuro.

– Quem é aquele senhor? – perguntou Miguel, fingindo-se interessado.

– É o engenheiro Albers, o director dos Caminhos-de-Ferro – esclareceu Ricardo, ao ouvido. – O projecto da ponte-cais é dele. Se tudo correr bem, as primeiras estacas serão colocadas dentro de poucos meses.

Pouco depois, o salão ficou em silêncio. O Governador-Geral agradeceu a recepção e começou a discursar. Miguel ouviu-o enaltecer os últimos desenvolvimentos da cidade e sublinhar efusivamente a importância da construção do novo cais. A voz matraqueava-lhe os ouvidos, mas Miguel percebeu que ele, e vários engenheiros de Moçambique tinham validado o início das obras no porto, apesar do parecer negativo de uma comissão técnica de Lisboa. Com isso, os navios de grande porte iriam conseguir acostar na Baixa, sem necessitar das barcaças, e impulsionar o comércio com toda a costa africana.

No meio da solenidade, Miguel descortinou Maria Teresa. Estava sozinha, cabisbaixa, a observar de perto o fonógrafo. Miguel sentiu uma vontade imensa de ir ter com ela, de a abraçar e reconfortar. Contudo, ficou logo enervado: o marido estava a pouca distância dela. Era alto, distinto e bem fardado: aplaudia as palavras do Governador-Geral com intensidade e um sorriso nos lábios.

Miguel ficou amargurado. Aquele homem tinha-lhe usurpado a vida. Teve uma vontade louca de esventrá-lo com a sua azagaia e de o mandar para o inferno, mas respirou fundo e tentou acalmar-se. Fitou a escadaria ao fundo, pensou em refugiar-se no quarto no piso superior, e acabou por voltar a olhar para Maria Teresa. Também ela o descobrira por entre a multidão e o observava fixamente, como que pedindo-lhe para a salvar. Os dois trocaram olhares e arriscaram sorrir um para o outro, como que recordando o que tinham vivido secretamente nas barreiras da Polana poucos dias antes. Maria Teresa estava muito bonita, com o cabelo bem arranjado e um vestido deslumbrante.

Miguel estava tentado a aproximar-se dela. Bebeu mais um gole de champanhe, tentando controlar-se, até que notou alguém a fitá-lo com insistência. Ficou aterrado! O antigo director do Hospital da Ilha aproximava-se, com um olhar enraivecido, indiferente ao discurso do Governador-Geral.

– Como é que se atreve a estar aqui, nesta cerimónia?

– Fui convidado, aliás, com bastante insistência.

– Deixe a minha filha em paz. Ela encontrou o homem da vida dela – vociferou o médico, arrastando-o para o jardim. – Não sei o que anda aqui a fazer, mas devia ter morrido nas minas de Joanesburgo.

– Pois, mas estou aqui, e de boa saúde – retorquiu, com sarcasmo. – Rico, como lhe prometi.

– Afinal, porque está em Lourenço Marques?

– Pela mesma razão que toda a gente está em Lourenço Marques. A Ilha foi deixada à sua sorte.

– Mas eu já lhe disse: a minha filha está bem casada. Peço-lhe que a deixe em paz...

– Nunca percebi porque me detesta tanto – declarou Miguel, tentando mostrar alguma complacência. – Porque é que se recusou a aceitar-me, apesar de saber dos sentimentos da sua filha?

– Não são coisas que lhe digam respeito.

– Claro que são! – exclamou Miguel. – Sempre impediu a felicidade da sua filha. Fez tudo para nos separar, até roubou as cartas e telegramas que eu enviei do Transvaal.

– Não sei do que está a falar – negou o médico. – O que sei é que a minha filha é uma mulher feliz, casada com uma pessoa de grande dignidade e membro de uma família nobre do Reino.

– Maria Teresa não é uma mulher feliz – afirmou Miguel. – Como pai, tenho a certeza de que sabe disso.

– A minha filha tem a vida definida. Peço-lhe, deixe-a em paz de uma vez por todas.

– Pelo menos, diga-me porque se recusou a aceitar o nosso namoro – insistiu Miguel, notando-lhe o ar menos determinado.

O discurso do Governador-Geral terminara e a música voltara ao salão. Ouviram-se vivas, gritos de alegria e, pouco depois, um clarão de fogo-de-artifício irrompeu nos céus do estuário e iluminou a Baixa.

– O seu pai era um republicano ignóbil. Um revolucionário, que passava a vida a infernizar as pessoas na Ilha, com ideias indignas.

– Republicano? – estranhou Miguel. Nunca suspeitara de tal coisa, nem o irmão alguma vez lhe referira tal facto. – Deve estar enganado. O meu pai nunca me falou sobre isso. Li todos os seus artigos nos jornais da Ilha e nunca vi nada que o indiciasse.

– Passou anos a maldizer El-Rei D. Luís em todos os botequins da Ilha. Era um bêbado intratável e, pior, enfeitiçou a mulher da minha vida. Casou-se com ela – confessou o médico, desalentado. – Sim, a sua mãe deveria ter tido outro destino, mais digno, e não deveria ter morrido tão nova.

Miguel engoliu em seco, observando o pai de Maria Teresa. Ficou sem palavras! Agora percebia todo aquele ressentimento, que persistia ano após ano; finalmente descobrira por que razão o pai da sua amada tomara as atitudes que tomara.

Tinha poucas recordações da mãe, mas lembrava-se de ir à missa com ela e o irmão, na Igreja da Nossa Senhora da Saúde. Bebeu o último trago de champanhe e não conseguiu ouvir os últimos lamentos do pai de Maria Teresa. Deixou-o sem resposta no meio do jardim e afastou-se pelo meio da multidão em festa. Assim que regressou ao salão, tentou descortinar Maria Teresa por uma última vez: ela já não se encontrava perto do fonógrafo, nem a

vislumbrou em sítio algum. Avançou por entre os convidados, ouviu o riso inconfundível de Ricardo e conseguiu alcançar as escadas. Tinha de fugir dali o mais depressa possível!

Miguel desmontou o cavalo e amarrou as rédeas a um coqueiro à beira-mar. Não distinguiu ninguém no areal, a não ser um bando de flamingos a deambular perto da maré. Ao longe, ouviu as melodias de Maria Teresa, o entusiasmo das crianças landins, e sorriu: aquela mulher deixava-o sempre maravilhado.

Tinham-se passado quatro dias desde aquele maldito banquete. Fora doloroso ver a displicência do pai de Maria Teresa e saber que o seu destino fora traçado porque a sua mãe se recusara a casar-se com o pai de Maria Teresa. Sentiu-se destroçado, como se estivesse a mais em Lourenço Marques.

A única coisa que o mantinha de cabeça erguida era saber que Maria Teresa ansiava por ele e que não desistira de sonhar uma nova vida. O plano estava cada vez mais claro na sua cabeça e, por isso, percorrera diversas agências de navegação da Baixa, indagando sobre os lugares disponíveis nos navios que escalariam em breve na Ilha ou no Ibo – tinham de fugir de Lourenço Marques o mais depressa possível!

O calor continuava abrasador e ele tinha a roupa colada à pele. Aproximou-se da água e não resistiu a tirar as botas e as vestes, para mergulhar de seguida. Desde menino que tinha uma predileção por se refrescar no mar.

Instantes depois, Maria Teresa surgiu-lhe sorridente, por entre os coqueiros, como que adivinhando a sua presença nas cercanias da aldeia. Ao contrário da última vez, não hesitou e mostrou-se desprendida: tirou o corpete, a saia e tudo o mais, e entrou nua dentro de água. Miguel sorriu, encantado com tamanha desenvoltura. Acompanhou-a com o olhar, deliciado com a vontade imensa dela de se entregar e não se conteve em abraçá-la.

– Tens os olhos mais bonitos do mundo – declarou Miguel. – Vieram de Goa para me enfeitiçar.

– E tu tens o rosto mais formoso da Ilha. Sou tua desde o momento em que olhaste para mim pela primeira vez, na Rua dos Baneanes.

Estavam nus a nadar naquela praia, longe de tudo e de todos. Miguel abraçou-a, beijou-a nos lábios e mergulharam de mãos dadas, como se nada mais existisse no mundo.

– Vamos fugir, meu amor – desafiou ele, assim que voltaram à tona. – Quero ficar contigo para sempre.

– Fugir para onde? Para a Ilha?

– Sim, para a nossa Ilha...

– Mas o Tomás virá atrás de nós. Ele nunca aceitará!

– Ficaremos escondidos na *machamba* do meu irmão em Fernão Veloso por algum tempo, até as coisas se acalmarem. Depois, tenho a certeza de que poderemos viver em paz.

– Quero tanto voltar para a Ilha contigo. Viveríamos um para o outro, longe de tudo e de todos.

– Sim, com os nossos filhos.... – acrescentou Miguel. – Na nossa terra!

– Mas o Tomás é capaz de tudo – notou Maria Teresa, com os olhos bem abertos. – Achas mesmo que estaríamos seguros em Fernão Veloso?

– O meu irmão tem o sítio bem guardado, com um grupo de guerreiros macondes^[16] – asseverou Miguel. – Estaremos bem protegidos e poderemos lá ficar o tempo que for preciso.

Maria Teresa fitou-o em suspenso e depois abraçou-o, aninhando-se nele, para voltar a mergulhar. Nadou até ao largo e a seguir regressou, acercando-se de Miguel. Empoleirou-se nele, atrevida, beijou-o emocionada e acabou por confessar:

– Não quero pensar nisso agora. Apenas quero sentir-te dentro de mim.

Miguel estremeceu, louco de desejo. Beijou-lhe os mamilos e agarrou-lhe as nádegas. Olhou para um lado e para o outro, asseverando que a praia continuava deserta, e arrastou-a pela água. Mal chegou à areia, deitou-a, afastou-lhe as pernas e penetrou-a. Maria Teresa sabia-lhe a mar e parecia uma sereia. Ela estava radiante, apaixonada, pronta para ele. Sentiu-a húmida, quente, e quedou-se ao ritmo da respiração.

A maré começava a encher e já lhe chegara aos pés, mas ele não fez caso: o mundo resumia-se àquela mulher maravilhosa e Miguel continuou sem parar, deliciando-se com cada instante que estava dentro de Maria Teresa. Ela era tudo o que ele queria!

[16] Povo do Nordeste de Moçambique e do Sueste da Tanzânia.

Capítulo XX

Hout Bay, 1 de Novembro, 17h20

Em vez de celebrar, devíamos era chorar. Todo este ouro levará a que o nosso país fique ensopado em sangue.

Piet Joubert, Vice-Presidente do Transvaal,
para Paul Kruger, após a descoberta do maior filão
de ouro do mundo em Joanesburgo

Filipe não seguira para a Ilha da Reunião e regressara a Cape Town mais cedo, após receber a mensagem de Abel Coimbra: o antigo piloto adiantara-lhe que já estava em Cape Town. Não quisera adiar mais e os dois acertaram um encontro para aquela tarde, num dos subúrbios da cidade.

Filipe chegou a Hout Bay antes da hora. A vila ficava a cerca de vinte e cinco quilómetros a sul do centro da cidade. Espraia-se ao longo da encosta de uma grande baía de águas calmas, delimitada por uma cordilheira que caía para o mar. Era uma imensidão a que ainda lhe custava habituar-se.

Talvez fosse por causa do mar ou das montanhas, mas Cape Town parecia-lhe uma cidade muito diferente de Pretória ou Joanesburgo. Notava-se mais gente na rua, sem medo nem pressa, menos presença policial e, por vezes, tinha a sensação de que se poderia estar algures na Serra da Arrábida ou na Califórnia.

Tinham combinado encontrar-se no Dunes, um bar-restaurant de praia com vista para a baía. O ambiente não podia ser mais descontraído. Abel Coimbra chegou pouco depois: viera de bicicleta, com equipamento de ciclista, e parecia mais novo do que Filipe pensara, com boa constituição física.

– Filipe? – inquiriu ele, pousando o capacete e os óculos na mesa. – Vi a sua fotografia na Internet, a propósito daquele navio português de Malaca.

Filipe cumprimentou-o com simpatia, notando-lhe, porém, uma frieza inesperada. A cara dele não lhe era estranha, mas custava-lhe a acreditar que aquele homem pudesse ter quase oitenta anos, a mesma idade de Daniel Cabral. Perguntou-lhe, apontando para a bicicleta:

– Vive aqui perto?

– O ciclismo é a minha paixão, todos os dias ando um bocadinho – explicou, evasivo. – Infelizmente, já não consigo fazer o *Cycle Tour* como antigamente.

Os dois pediram uma cerveja, e Filipe ficou atónito quando percebeu que o *Cycle Tour* era uma corrida de bicicleta anual, com cento e dez quilómetros, que partia do centro da cidade e ia até ao Cabo da Boa Esperança, para depois fazer o percurso de volta.

– Obrigado por se encontrar comigo – acabou por dizer. – Tenho estado a falar com várias pessoas que conheceram a Livraria Minerva de antigamente.

– O Dinis explicou-me, a mãe dele trabalhou lá durante uns anos – proferiu Abel. Perdera o ar carregado, mas mantinha-se formal. – Já sei que os seus pais eram de Moçambique.

– Sim, tenho estado a prosseguir várias pesquisas que o meu pai deixou pendentes quando morreu. Ele também frequentava a Livraria Minerva.

Abel conhecia a Minerva desde criança. Fora lá muitas vezes com os pais, até para comprar material escolar e, mais tarde, marcara presença em vários eventos, dado que a mulher de um grande amigo dele, a mãe de Dinis Cabral, trabalhara lá. Descreveu-lhe vários episódios sobre a livraria e como a mãe de Dinis era apaixonada pelos livros. Recordava aqueles tempos em Lourenço Marques com saudade, tanto como aqueles em que ingressara na Força Aérea e se formara como piloto, tendo feito duas comissões em Nacala.

– Que avião pilotava?

– Um caça-bombardeiro leve, o *Fiat 92G* – respondeu Abel. – Fazia parte da Esquadra 502, os Jaguares; bombardeávamos as posições inimigas até ao limite de abastecimento.

– Esteve em Nacala até ao fim da Guerra do Ultramar?

– Sim, o cessar-fogo foi em Setembro de 1974 e a base foi desactivada em Novembro – precisou. Relatou-lhe que, naquela altura, cada um fazia o que queria, não havia comando militar; recusavam-se missões e a maioria das tropas queria regressar à Metrópole o mais depressa possível. – Naquela confusão, resolvi não apanhar o transporte para Lourenço Marques. Ninguém deu pela minha falta.

– Ficou por lá?

– Eu era um idealista e adorava aquelas praias. Acabei por me especializar em mergulho.

– Mergulho?

– A baía tem zonas com trinta metros de profundidade e recifes de coral cheios de vida marinha – contou Abel, sorrindo pela primeira vez. – Montei um negócio em Fernão Veloso para clientes italianos e, mais tarde, para russos e alemães de Leste, instrutores militares da Frelimo. Estive naquilo durante sete anos, até a guerra civil chegar a Nacala em força.

– Foi aí que deixou Moçambique?! – deduziu Filipe. A guerra civil trouxera uma devastação de norte a sul, e custara um milhão de vidas. – Veio

logo para Cape Town?

– Sim, Joanesburgo fica muito longe do mar. Conheci a minha mulher e por aqui fiquei – disse, acabando a cerveja. Por instantes, olhou para a bicicleta e para o capacete, e pareceu preparar-se para se ir embora. – A minha mulher morreu há dois anos, mas esta cidade é tudo para mim...

Abel perdera a frieza inicial e Filipe aproveitou a oportunidade. Desafiou-o a partilharem um pratinho de *calamari*, outro de *LM Prawns*, camarões-tigre com piripiri, e acabaram por pedir mais duas cervejas. Havia qualquer coisa naquele homem que o desconcertava e ainda tinha muitas perguntas para lhe fazer. Resolveu esperar pela comida, deixá-lo à vontade e descreveu-lhe as investigações sobre a *Flor do Mar*, bem como alguns trabalhos do pai sobre Moçambique e outros postos portugueses no Índico, como Mombaça e Quíloa.

Pouco depois, o empregado pousou os chocos fritos e os camarões grelhados na mesa. A esplanada estava cada vez mais cheia e barulhenta, com a chegada de um grupo de crianças com uniformes escolares e alguns professores, que se sentaram em duas grandes mesas e pediram pizzas.

– Já agora, talvez me consiga ajudar no caso de um navio que tenho estado a investigar. Está relacionado com Moçambique...

– Ah, uma das naus que naufragou por lá?

– Não, é sobre um cargueiro que foi encontrado abandonado em alto-mar, em 1971: o *Angoche*! Calculo que saiba a que me refiro, estava em Nacala naquela altura.

– Claro que me lembro, mas receio não o puder ajudar – advertiu Abel. – Naquela altura, limitava-me a voar e a fazer missões no Norte.

– Mas deve ter ouvido rumores na base. O que acha que aconteceu?

– Eu pouco acompanhei o assunto, mas na altura falava-se de que tinham sido os comunistas. Havia suspeitas de que alguns militares estariam envolvidos.

Filipe bebeu mais um gole de cerveja, notando o nervosismo de Abel; havia qualquer coisa no seu olhar que o denunciava. Recordou as investigações meticulosas da PIDE-DGS e do Comando-Geral Militar de Nampula, e como todos os militares haviam sido interrogados naqueles dias. Mesmo os pilotos...

– O nome Sílvio Rosa diz-lhe alguma coisa? Era um antigo funcionário da Livraria Minerva, colega da mulher do seu amigo, Daniel Cabral – decidiu arriscar, confrontando-o. Talvez tivesse sido a emoção com que Abel falara do mergulho ou da mãe do advogado do Porto que o deixara cismático. – Imagino que ele até tenha sido seu colega no Liceu Salazar.

– Já lá vão muitos anos. Assim de repente, não estou a ver – respondeu o antigo piloto. – Qual o seu interesse nele?

– Ele foi assassinado em Zanzibar há dois meses. Há suspeitas de que o motivo possa ter sido o *Angoche*.

– Mas como? Esse caso passou-se há mais de cinquenta anos...

– Pois, mas, no final do ano passado, um outro amigo de Sílvia Rosa, antigo contabilista da Fábricas de Cerveja Reunidas, foi torturado até à morte em Portugal – insistiu Filipe, adiantando-lhe o nome do antigo agente da PIDE. – Chegou a conhecê-lo?

– Também não, lamento. Infelizmente, esses crimes são comuns na África do Sul. Acha que esse homicídio está igualmente relacionado com o *Angoche*?

– Ambos os homens seguiam a bordo do cargueiro sem que o nome deles constasse dos registos. Faziam parte de uma brigada da PIDE que actuava infiltrada em Lourenço Marques.

– Tem a certeza? Onde é que descobriu isso tudo?

– Mário Barbosa deve ser a próxima vítima – adiantou Filipe, sem vacilar. Já sabia de onde conhecia aquela cara: era do Porto. – E se Daniel Cabral ainda estiver vivo, receio que também seja esse o seu destino.

– Isso parece uma história e tanto – retorquiu Abel, sarcástico. Era notório que não ficara indiferente. – O meu amigo Daniel morreu em Nacala há décadas.

– Eu próprio fui ameaçado de morte em Maputo, caso continuasse a investigar o *Angoche*.

– Por quem?

– Não sei, pela pronúncia um sul-africano, talvez militar ou ex-militar. Alguém que sabe o que realmente aconteceu a bordo do navio.

Abel ficou petrificado: perdeu o ar endurecido e parecia um velhinho curvado, de ombros caídos, a fitar o vazio, perdido no tempo e no espaço. Contudo, foi rápido a recuperar a firmeza e proferiu:

– Tem razão, isso realmente parece tenebroso. Se me lembrar de algum desses nomes de que me falou, eu telefono-lhe, não se preocupe. – Levantou-se, agarrou no capacete e nos óculos e estendeu-lhe a mão. – Peço desculpa, mas está a ficar tarde e não posso chegar a casa de noite. Tenho mesmo de ir.

– Mas espere. Tem alguma suspeita de quem possa ser o homem que me ameaçou em Maputo?

– Não, mas parece ser alguém perigoso. Tenha cuidado...

Filipe ia insistir, mas o homem virou-lhe as costas e afastou-se. Viu-o a pôr o capacete e subir para a bicicleta, para depois observá-lo a pedalar pela estrada ao longo do mar. Tinha presenciado algo surpreendente: Abel Coimbra nunca fora piloto da Força Aérea, e aquele nem sequer era o seu verdadeiro nome.

Lize observou o manto de nuvens a deslizar pelo cume da Table Mountain e sorriu. Estava em Cape Town havia uma semana, após mais uma viagem por África e, como sempre, ali sentia-se mais segura, reconfortada e

longe dos mosquitos, da poeira e da terra barrenta. Era como se tudo voltasse a funcionar, depois de dias e dias no meio do nada, onde qualquer desgraça podia acontecer.

Daquela vez, o périplo africano fora mais exigente: visitara seis países em duas semanas, sempre com reuniões difíceis, e com a pressão adicional de assegurar todas as autorizações para movimentar os fundos planeados. Estava esgotada, a desesperar por uma vida nova num refúgio na Europa. Já faltava pouco, mas até lá tinha de manter a postura habitual, para não levantar suspeitas.

Voltou a olhar para o computador, leu o último *e-mail* da filial do Uganda e respondeu de seguida. Queria despachar os assuntos pendentes, antes de seguir para a Groot Constantia, a maior *farm* de vinhos da cidade, do outro lado da Table Mountain. Tratava-se de um evento de prova de vinhos, integrado num grande festival com várias agências publicitárias, criativos e realizadores internacionais, à qual o Grupo Eland também se associara. Cape Town era cada vez mais seleccionada como um destino de filmagem de campanhas durante o Inverno Europeu, e o evento iria contar com a presença de muitos empresários locais. Pieter era um dos oradores, bem como o capitão da sua equipa de *cricket*.

De repente, estremeceu ao perceber que o seu telefone fixo estava a tocar: era a segurança do Piso 0.

– *Mevrou* Kay, o *Meneer* Kay está aqui em baixo. Posso deixá-lo subir?

Lize ficou estarelecida. O marido regressara a Cape Town e tinha a displicência de vir ao seu local de trabalho, possivelmente exasperado por ela não ter atendido as suas últimas chamadas, nem respondido às mensagens.

– Não vale a pena, eu desço já, obrigada.

Lize levantou-se, irritada, e saiu do gabinete. Não queria o marido a passear-se pelo corredor do piso da administração e correr o risco de ele se encontrar com Pieter ou outra pessoa importante, até porque ele poderia fazer uma loucura. Mal chegou ao final do corredor, chamou o elevador e foi com alívio que viu as portas a abrirem-se quase de imediato. Enquanto descia, fitou-se ao espelho e compôs o cabelo. Estava com as feições endurecidas; já não aguentava mais aquele processo de divórcio interminável. Tinham passado duas semanas desde que se haviam cruzado em Harare, e aquela troca de palavras sobre o *Angoche* metralhava-lhe na cabeça.

Sean estava sentado num dos sofás do *lobby*, vestido com um camuflado caqui, como se tivesse acabado de chegar de uma caçada. Aquele homem já não conseguia disfarçar o porte militar, mas Lize respirou fundo e tentou lidar com a situação com calma:

– Vamos lá para fora, Sean. Isto é o meu local de trabalho.

Sean estava com um semblante crispado, mas levantou-se sem hesitação. Trazia uma pasta com papéis na mão e Lize perguntou-se se estaria armado.

– Claro, não quero arranjar problemas.

– Que se passa? – interpelou-o ela, mal saíram do edifício. – Não me

posso demorar, tenho de estar em Constantia daqui a pouco.

– Aterrei ontem em Cape Town, mas acabei de saber que tenho de voar para Port Harcourt amanhã. Infelizmente, tenho de cancelar o nosso encontro de sexta-feira, no The Bungalow.

– Quando é que voltas?

– Não sei, tenho de ver a dimensão dos estragos. A plataforma foi atacada pelos *Avengers* – contou Sean, para depois lhe estender a pasta de papéis. – Mas não te preocupes, trouxe-te os documentos do divórcio assinados. Está tudo aqui, não te empato mais.

Tinham caminhado até à Heerengracht Street e já estavam suficientemente longe do edifício-sede do Grupo Eland.

– Obrigada – anuiu Lize, espantada com a súbita mudança de atitude. Alguma coisa grave deveria ter sucedido, mas ela não queria saber: o divórcio estava finalmente à vista. – Tomaste a decisão correcta. É o melhor para ambos.

– Sempre achei que acabasses por sentir a minha falta ou que uma viagem a dois nos pudesse reaproximar, mas já perdi as esperanças: nunca irás perdoar-me – adiantou Sean, cabisbaixo. – Decidi mudar de vida e deixar África de vez. Nada mais me prende a Cape Town.

– Vais para onde?

– Para o Texas, nos Estados Unidos. Tive uma oferta de emprego de uma multinacional petrolífera. As condições são excelentes e não corro o risco de ser raptado em alto-mar – contou. – Desejo-te uma vida feliz, Lize, mas por favor não te metas em problemas com o *Angoche*.

– Porque estás tão preocupado com isso? – Aquela insistência indiciava que ele sabia mais do que dizia, só podia ser através daquele amigo, que era segurança do Pieter. Já percebera que aquele idiota falava demais sempre que tinha uma garrafa de vinho à frente. – Afinal, o que é que se passa?

– Eu conheço-te, e ao teu irmão também – ripostou Sean. – Já lhe disse para seguir com a sua vida, e digo-te o mesmo a ti. Acho que devias voltar para Londres e deixar a alma do teu pai em descanso. Passou demasiado tempo.

Lize encolheu os ombros e não resistiu a olhar para os papéis com atenção. Estavam todos assinados! A partir daquele momento, estava livre daquele homem que a traía vezes sem conta e que, mesmo assim, mantinha com ela uma relação paternalista. O momento não poderia ser melhor.

– Obrigada, Sean – agradeceu, empunhando os papéis. – Tem cuidado com os *Avengers* e boa sorte no Texas.

Sean anuiu, mas ainda inquiriu:

– E o português que está a investigar o *Angoche*? Já te envolveste com ele?

– Que disparate. Estive com ele apenas duas ou três vezes, em trabalho.

– Pois, eu acabei de saber que ele tem andado por Cape Town – murmurou Sean, acabando por lhe virar as costas e seguir em frente. – Enfim,

espero que sejas feliz...

Lize estacou, observando o marido a afastar-se. Sentia o corpo tenso e as costas doridas, mas tentou acalmar-se. Fitou o rebuliço pela avenida, a montanha escarpada ao longe e o teleférico a subir a encosta. Não gostara que Sean se referisse a Filipe, e aquela insistência relativamente ao *Angoche* deixara-a perturbada. Estava irritada por o irmão se manter tão próximo de Sean, mesmo sabendo o quanto ele a fizera sofrer. Tinha de falar-lhe sobre isso, até porque aquela relação poderia levantar problemas, embora a perspectiva de ele emigrar para o Texas viesse mesmo a calhar. Olhou para o relógio: estava atrasada e ainda tinha de parar em casa para trocar de roupa, antes de seguir para o evento em Constantia.

Pieter acordou agitado, a suar e com o coração aos pulos. Devia ter despertado com o seu próprio grito e ainda tinha as imagens presentes. Sonhara que fora raptado na *downtown* por um bando de criminosos, que lhe punham um capuz na cabeça e mais tarde o acorrentavam numa cave escura, algures em Kayehlitsa ou Mitchells Plain, na periferia da cidade.

Aos poucos, foi-se acalmando e deixou-se ficar de olhos abertos, até distinguir, na penumbra, o tecto de madeira do seu quarto em Franschhoek. Levantou-se, abriu a janela e inspirou o ar frio da madrugada. Ia amanhecer em breve. Ouviu o chilrear das aves e conseguiu vislumbrar os contornos de um bando de *springboks* ao fundo; pareciam estar à volta do lago.

O ar fresco fez-lhe bem, embora continuasse a sentir-se afogado. Arranjou-se num instante, preparou-se para o frio da manhã e saiu do quarto. Marike já estava na cozinha a preparar o pequeno-almoço, enquanto os cães ainda dormitavam, indiferentes aos afazeres da governanta.

– *Goeie more, Meneer* – cumprimentou ela. – Não o esperava tão cedo. Pretende tomar o pequeno-almoço na varanda ou na sala?

– Ainda é cedo – disse ele, afagando os *Golden Retrievers*. – Vou dar uma caminhada pelas vinhas e já venho.

– Faz muito bem. Vai estar uma manhã bonita.

A *farm* ficava no sopé de duas montanhas e fora comprada pelos avós a uma família falida. Era das mais icónicas de Franschhoek, pois nela se plantava vinha havia quase trezentos anos. Fora ali que ele passara a adolescência, onde os seus avós haviam morrido e onde ele se refugiava aos fins-de-semana. Ainda assim, estava tudo bastante diferente, pois ele expandira a propriedade até aos duzentos hectares e dividira-a em duas secções. Uma funcionava como reserva natural para *cape zebras*, avestruzes e diversas espécies de antílopes. A outra, maior e mais funcional, era onde estava a casa e as adegas, rodeadas por um manto de vinhas, oliveiras e árvores de fruto.

As caminhadas pelas vinhas deixavam-no sempre bem-disposto, mas daquela vez sentia-se diferente. Nunca estivera tão perto de saber a resposta à pergunta que mais o atormentara na vida: quem teria sido verdadeiramente o seu pai? Se a pessoa que ele sempre conhecera e lhe moldara a personalidade, se alguém com um lado obscuro, desconhecido de toda a gente. A investigação sobre o *Angoche* era a última hipótese de o desvendar, e chegara a um ponto crucial: Filipe descobrira pistas credíveis sobre os dois últimos homens que procurava e a notícia de que o amigo do pai era sócio de um dos portugueses era a prova final de que o seu pai estivera activamente envolvido no «Caso Angoche».

Continuava a estranhar que Filipe não tivesse encontrado qualquer pista sobre o navio nos ficheiros do progenitor, pois ele tinha provas de que Francisco Rocha da Silva investigara o caso: Tony obtivera alguns documentos que ele doara, porventura por engano, à Universidade de Maputo sobre Miguel Ferreira e a sua famigerada viagem de comboio para LM. Talvez Filipe não tivesse mais informação, ou então estaria a mentir, por julgar que ele andava apenas à caça do antigo ouro do Transvaal.

A verdade é que a maioria desse ouro já devia ter desaparecido, sido trocado e gasto, embora não existissem registos de venda de grandes quantidades de ouro africano em 1971 e 1972, a seguir à captura do *Angoche*. Possivelmente, o ouro fora escoado, na íntegra, no mercado negro, ou então depositado algures e vendido mais tarde, em pequenas quantidades ao longo dos anos. Era uma incógnita difícil de esclarecer.

Pieter subiu a colina pelo meio das vinhas, com os cães à sua volta, embora a dor na perna direita fosse mais forte do que de costume. O Sol já se levantara entre as montanhas e iluminava o casarão branco, lá em baixo. Dali, Pieter conseguia avistar a propriedade inteira e, por momentos, sorriu, algo melancólico. A África do Sul era uma terra abençoada, com um solo riquíssimo, capaz de produzir quase tudo; além disso, o país continuava a ter das maiores reservas minerais de ouro do mundo, e quase a totalidade das de platina.

Observou as adegas lá em baixo, e recordou o dia mais enigmático da sua vida: o pai tinha morrido quatro anos antes, e ele regressara à *farm* dos avós, ferido naquela maldita missão em Angola. Sonhava expandir o negócio dos vinhos e, numa das suas inspecções às caves, fizera uma descoberta surpreendente: deparara-se com três caixas de diamantes dentro de um armário velho, encostado a um canto, atrás de uma fila de barris de carvalho.

Desde logo, suspeitou do significado daquele achado. O seu pai, de alguma maneira, devia ter colaborado nos negócios ilícitos do seu melhor amigo, que envolviam armas e pedras preciosas em diversos teatros de guerra, como o Congo, Angola e o Sudoeste Africano. Restava saber se o seu papel se resumira a usar a *farm* como armazém logístico, se tivera uma implicação maior.

Pieter não relatou aquela descoberta a ninguém: nem à avó, nem ao

irmão. Tentou encontrar mais indícios na *farm* que pudessem mostrar o nível de colaboração do pai, mas não teve sucesso – o pai parecia insuspeito. Durante dois anos, ignorou a existência das caixas, como se receasse que um dia alguém viesse reclamar a sua posse, até que um dia se decidiu. Começou a usar aquela riqueza imensa para lançar as bases do Grupo Eland, usando o negócio dos vinhos como fachada: primeiro na África do Sul, depois no Reino Unido.

Havia muito tempo que Pieter confessara a Tony as dúvidas sobre o lado obscuro do pai. Agora tinha a certeza: ele fora no encalço do ouro antigo do Transvaal, talvez já sabendo que Fritz, o seu tio, tivera a audácia de se apoderar daquela riqueza, mas que o golpe falhara. Era essencial falar com as duas últimas pessoas que poderiam saber como é que o pai morrera e qual fora o seu papel nos acontecimentos a bordo do *Angoche*.

Começou a descer a ladeira quando ouviu os cães a ladrar na direcção da cerca. Talvez fosse algum animal selvagem que andasse por perto, mas o latido dos cães alarmou-o. Não apenas pelas recentes ameaças de morte e pelo homem que ameaçara Filipe, mas também porque tinha ocorrido recentemente um assalto violento de um *gang* nigeriano a uma *farm* em Stellenbosch, perto dali.

A sua propriedade era diferente da maioria da região: não estava aberta ao público e possuía um bom sistema de vigilância de todas as entradas e saídas. Tinha sempre muitos empregados a circular, sobretudo nesta altura, com a época da colheita de morangos. Normalmente, trabalhavam ali duzentas pessoas, sendo a maioria de Mooiwater, a *township* nos limítrofes de Franschhoek.

Acabou por relaxar ao notar os cães mais tranquilos a brincarem no meio das vinhas. Talvez tivesse sido um chagal que, entretanto, fugira. Foi então que ouviu um alerta no telemóvel. Tinha de ser urgente, poucas pessoas tinham acesso àquele número. Era Joan Walkers, a sua gestora na África Oriental. Interrogava-o sobre uma série de movimentos avultados nas contas bancárias do grupo na Tanzânia e no Quénia que ela desconhecia, a maior parte para os Países Baixos. A mensagem seguinte ainda era mais assustadora: relatava a compra de uma quantidade exorbitante de criptomoedas pela sucursal do Gana.

Pieter olhou à sua volta, atordoado. Aqueles montantes requeriam sempre o seu aval, mas ele não tinha autorizado qualquer daqueles movimentos, nem sequer alguma vez investira em criptomoedas. Deu meia-volta e começou a descer o mais depressa possível em direcção a casa. Tinha de ir já para a sede do grupo em Cape Town. O que se passava era gravíssimo!

O eco do tiro fez abanar as janelas do quarto, mas daquela vez Filipe não se assustou: era meio-dia! Pousou o telefone na cama, cada vez mais frustrado: Rita continuava sem ler as suas mensagens. Pela primeira vez, ficou preocupado. Ou tinha acontecido alguma coisa grave, ou ela decidira cortar abruptamente com ele, resolvendo, afinal, dar uma última oportunidade ao casamento. A imagem dela nua, deitada com o marido algures nas Arábias, remoía-lhe o pensamento. Tentou pensar que Rita estaria apenas ocupada em mais uma missão, e comprovou que ela não bloqueara o seu contacto telefónico.

Abriu a janela, observou a marina e tentou descortinar mais algumas focas, encontrando várias deitadas ao sol num dos pontões flutuantes, embora nenhuma se tivesse aventurado a saltar para o convés dos iates. Pouco depois, regressou ao quarto e ligou o portátil. Só tinha voo marcado para a Ilha da Reunião na manhã seguinte e queria aproveitar para pesquisar mais sobre a Vila Jóia, a residência do antigo Cônsul do Transvaal em Lourenço Marques. Pelo que percebera dos documentos do pai, Miguel Ferreira poderia ter usado aquele local para esconder alguns caixotes por ser próximo do porto e estar abandonado à época, após o cônsul ter sido expulso de Moçambique no auge da Guerra dos *Boers*. Dali para cá, a mansão tinha sido ampliada e remodelada, mas a propriedade continuava com os limites de outrora, e com uma configuração semelhante.

Filipe estava confiante de que conseguiria terminar a missão em breve e contava apresentar os resultados a Pieter no próximo encontro: o empresário cancelara o *sundowner* que marcara para a tarde anterior na sua casa de Cape Town, por causa de uma urgência e, portanto, só o iria ver quando regressasse da Reunião.

Não tinha muitas dúvidas de que encontrara o paradeiro de Mário Barbosa naquela ilha francesa e, surpreendentemente, também tinha quase a certeza de que Abel Coimbra, o alegado piloto reformado da Força Aérea, era afinal Daniel Cabral, o outro homem que procurava, pai do advogado do Porto: ele tinha conseguido manter-se incógnito durante décadas, até decidir aparecer no funeral da sua ex-mulher e reatar o contacto com o filho, sem lhe revelar a sua verdadeira identidade.

Voltou a olhar para o telemóvel e viu que Rita continuava sem dar notícias. Por momentos, pensou em convidar Lize para jantar, retribuindo-lhe o último encontro, mas sabia o que iria acontecer. Ela tinha-lhe dado sinais de que estava disponível e ele não lhe ficara indiferente. Sentia-se cada vez mais tentado a ter uma aventura com ela.

OuvIU o telemóvel, mas infelizmente não era Rita: era Jaime, o primo dela através do qual eles se tinham conhecido.

– Pelo som da ligação, imagino que estejas no estrangeiro – depreendeu o amigo. – Tens falado com a Rita ultimamente?

– Não falo com ela há algum tempo – disfarçou Filipe. – Está tudo bem?

– Receio que alguma coisa grave possa ter acontecido. Telefonei-lhe há

cinco dias para lhe dar os parabéns. Desde aí já tentei várias vezes, mas ela não atende, nem sequer viu as minhas mensagens. É a primeira vez que isto acontece.

– Deve estar numa missão importante – retorquiu Filipe. Não sabia que Rita fazia anos naquela altura, mas pelo menos o silêncio não tinha sido apenas com ele.

– O marido também não me atende e já liguei a duas amigas dela, que me disseram o mesmo: ela não atendeu o telefone, nem respondeu às mensagens.

– Se calhar, a Rita e o marido decidiram passar uns dias algures, longe de tudo e todos.

– Duvido, ela está mesmo determinada a pedir o divórcio – refutou o amigo. – Já ouvi dizer que o marido vive com outra mulher algures no Golfo Pérsico.

– Calma, vais ver que se trata apenas de uma questão de trabalho.

– Bem, realmente, eu sou o contacto de emergência dela no INTCEN, desde que a Rita começou a pensar em divorciar-se. Se alguma coisa tivesse acontecido, já me teriam ligado.

Os dois ficaram de se avisar mal tivessem contacto com Rita e Filipe desafiou o amigo para almoçarem mal ele regressasse a Lisboa. Desligou a chamada e não conseguiu deixar de ficar preocupado, embora algo lhe dissesse que Rita estaria apenas ocupada profissionalmente. Acercou-se de novo da janela e descortinou uma foca a nadar à sua frente, que parecia escoltar o iate sumptuoso que entrava na marina. Ficou intrigado com a bandeira da popa: tinha um sol num fundo azul-escuro no canto superior esquerdo, seguido de uma barra diagonal vermelha e outra verde. Acompanhou as manobras de acostagem, até que ficou paralisado. Tivera aquela mesma sensação quando vira o motorista de Pieter, mas agora não tinha dúvidas: o piloto era mesmo o homem do miradouro de Maputo.

O homem saltou para um dos pontões flutuantes, prendeu o iate aos postos de amarração e, num ápice, voltou a bordo. Foi directo ao leme e perscrutou à volta. Por ironia do destino, acabou por fixar os olhos nele. Pelo modo como ele se moveu, Filipe não teve dúvida: fora reconhecido!

Não esperou mais. Agarrou à pressa em todas as suas coisas, juntou-as na mala, e saiu porta fora. Devia ter alguns minutos de avanço até aquele homem conseguir chegar ao hotel. Tinha de fugir o mais depressa possível: ia apanhar o primeiro táxi que estivesse à porta, sem sequer fazer o *check-out*.

O táxi começou a descer a encosta e Filipe preparou-se. Estavam a chegar! Observou as mansões envidraçadas de um lado e do outro da estrada, e levantou o sobrolho. Nunca tinha visto casas tão majestosas, nem mesmo na Califórnia. Algumas tinham traços semelhantes à moradia de Pieter no

Algarve, sendo que a maioria estava rodeada por extensos jardins, onde por vezes sobressaíam esculturas modernas de madeira e metal, no meio dos arbustos.

Voltou a olhar para trás e comprovou que não estavam a ser seguidos. Ainda tinha a pulsação acelerada. Conseguira escapar-se do Cape Grace Hotel e decidira deixar imediatamente a cidade num dos voos para Joanesburgo, de onde depois poderia voar para a Ilha da Reunião. Ligara a Pieter três vezes para o avisar do sucedido, mas ele não atendera. Num impulso, resolvera parar na sua casa de Cape Town antes de seguir para o aeroporto.

O taxista virou à direita, para uma rua mais estreita, mas parou de repente, quase a seguir. Filipe olhou em frente, e notou a confusão adiante.

– É a polícia, *Menner* – explicou o taxista. – Estão a barrar o caminho. Deve ter havido um acidente.

Viu a barreira policial e um aglomerado de pessoas à volta. Distinguiu três carros da polícia e uma ambulância.

– Encoste aqui, eu faço o resto do caminho a pé – adiantou Filipe, abrindo a porta do carro. – Eu não me demoro, depois seguimos para o aeroporto.

Confirmou a morada de Pieter na mensagem que ele lhe enviara aquando do convite para o *sundowner* e olhou para o número da casa em frente – ainda estava longe. A casa de Pieter era mais ao fundo, para lá da barreira policial. Aproximou-se em passo corrido, e não demorou a notar a expressão carregada das pessoas em redor da polícia. O acidente devia ter sido grave.

Tentou perceber por onde poderia passar, para seguir em frente, mas algo o demoveu. Os números das propriedades tinham avançado mais do que esperava, e a casa de Pieter devia ser uma daquelas ali à volta.

– Que se passa? – resolveu perguntar a dois jovens surfistas que se mantinham ali, descalços, de prancha na mão.

– Houve um assalto violento àquela casa – apontou um dos surfistas, com um ar desconsolado. – Mataram o proprietário e uma empregada que lá estava.

Filipe tentou ver o número no portão da casa, mas não conseguiu. Tratava-se de uma vivenda resguardada por uma sebe densa e pelo declive da encosta, e apenas se conseguia ver o telhado.

– Deve ter sido durante a noite, claro – avançou o outro surfista. – Os jardineiros tentaram entrar de manhã, mas ninguém lhes abriu a porta. Foi o motorista do Grupo Eland que deu o alarme.

– Grupo Eland?! – inquiriu Filipe. Voltou a tentar descortinar o número da casa, mas devia estar por detrás dos carros da polícia.

– *Ja*, aquela é a casa do dono – elucidou o surfista. – Desde pequeno que me lembro de o ver a passear até lá abaixo, à praia.

Filipe ficou estarelecido, a olhar para os surfistas. Pieter estava morto! Tentou vislumbrar o que se passava para além da barreira policial, e viu alguns paramédicos ao lado da polícia e de outros homens que deveriam ser

agentes à paisana. Estava tão absorto que ficou assustado quando um polícia o abordou. Tinha uniforme azul-escuro com um colete antibalas, era alto e entroncado e empunhava uma espingarda.

– O senhor vai para onde? – perguntou-lhe, em tom ríspido.

– Estava a caminho da praia, mas vim ver o que se passava.

– Identificação, por favor – pediu-lhe, encostando a espingarda à perna e estendendo-lhe o braço.

Filipe tentou manter-se calmo. Tirou o passaporte do bolso do casaco e deu-lho, sem hesitar.

– Português? – inquiriu o polícia. Procurou pelo carimbo de entrada no aeroporto, viu que estava tudo em ordem, e devolveu-lhe o passaporte. – Conhecia o proprietário da casa?

– Não, estou de passagem. Disseram-me que esta é a praia mais bonita de Cape Town.

O polícia assentiu e até esboçou um leve sorriso.

– Prefiro Fish Hoek, mas esta também não é má – retorquiu, voltando a pegar na espingarda. – Tem de voltar à estrada principal e descer até chegar a um parque de estacionamento.

Filipe agradeceu e assentiu aos dois surfistas, despedindo-se. Estava a tremer e mal conseguia andar a direito, mas esforçou-se por seguir em frente, em direcção ao táxi que o esperava.

– Vamos para o aeroporto, rápido – disse Filipe, mal entrou no carro.

Pouco ouviu dos comentários do taxista sobre o que se passava adiante e tentou manter a cabeça fria, raciocinando sobre o que acontecera. Talvez tivesse sido apenas mais um assalto violento na África do Sul, que terminara num banho de sangue. Infelizmente, temia que fosse outra coisa. Pieter andava a ser ameaçado de morte e, por certo, criara muitos inimigos ao longo da vida.

A presença do homem do miradouro em Cape Town não podia ser coincidência. Ele devia estar por detrás daquele homicídio. Isso significava que Daniel Cabral seria a próxima vítima, ou quiçá era o mandante das mortes relacionadas com o *Angoche*. Era difícil ter a certeza, mas já não queria saber.

O telemóvel tocou de rompanete e Filipe assustou-se: era o primo de Rita.

– O INTZEN acabou de me ligar. A Rita está desaparecida.

– Como assim? – inquiriu Filipe. As más notícias sucediam-se.

– Suspeitam de que foi feita refém de um grupo radical islâmico que opera secretamente em vários países europeus.

Capítulo XXI

Lourenço Marques, 2 de Maio de 1901

Em obediência à ordem telegráfica de Sua Excelência, o Ministro e Secretário de Estado da Marinha e Ultramar: é por conveniente proibir, até determinação em contrário, a exportação, pelo porto de Lourenço Marques, de ouro em pó ou em barra, competindo às autoridades fiscais apreender qualquer quantidade desse metal que qualquer pessoa tente fazer sair clandestinamente.

Portaria n.º 525 do Governador-Geral de Moçambique, Joaquim Machado

Miguel mandou parar o riquexó assim que passou o Prédio Pott: a charrete que perseguia encostara mais cedo do que esperava, na esquina da Avenida. D. Carlos com a Paiva Manso. Por momentos, receou que Maria Teresa se tivesse equivocado e que, afinal, o seu marido tivesse vindo apenas inspecionar as obras de construção do Bazar Vasco da Gama, que iria substituir o mercado provisório.

Vislumbrou o maldito homem saltar para o passeio, com uma mala na mão, e ser recebido por outros dois militares que aparentemente o esperavam. Os três ficaram-se à conversa, a fumar, indiferentes ao rebuliço da avenida e ao andamento das obras no bazar.

Miguel acendeu um cigarro e tentou ganhar tempo, sem tirar os olhos daqueles homens com jaqueta azul. Estava de vigia desde manhã cedo, passeando-se pelo jardim do Hotel Cardoso, após Maria Teresa lhe ter confidenciado que o marido se preparava para viajar para Pretória, numa missão oficial, e que deveria ficar por lá mais de uma semana. Mal avistara a charrete dele a passar defronte do hotel vinda da Polana, apanhara um dos riquexós que estavam sempre estacionados à entrada, em direcção à Baixa. Tinha de ter a certeza de que aquele homem iria mesmo deixar Lourenço Marques.

Pouco depois, os três militares meteram-se a caminho, na direcção contrária às obras do bazar. Miguel manteve-se à distância, com o chapéu de palha caído para a testa, tentando passar despercebido no meio da agitação matinal. Queria assegurar que o marido de Maria Teresa não desconfiava de

que estava a ser seguido, nem que o reconheceria do recente banquete do Governador-Geral. Interrogou-se se o pai de Maria Teresa o avisara de que eles tinham sido próximos na Ilha, porém, o mais certo seria ele ter-se mantido em silêncio, para manter a imagem impoluta da filha.

Miguel atravessou a Avenida D. Carlos e passou pela mesquita. Ao ver aquele militar mais de perto, imaginou-o a tocar em Maria Teresa e enfureceu-se. Havia uma maneira fácil de resolver a vida dele e de Maria Teresa de uma vez por todas! Bastaria emboscar aquele homem quando ele menos esperasse e fazer desaparecer o seu corpo algures nos arrabaldes, para lá do Alto Maé ou da Polana. Teria de ser um golpe limpo, num sítio isolado, que levasse todos a pensar que teria sido obra de um selvagem.

Mordeu o lábio e tentou controlar-se. Maria Teresa jamais o perdoaria por tamanho pecado. Miguel respirou fundo; também não queria que o amor deles estivesse manchado de sangue e mentiras. Ajeitou o chapéu e acelerou o passo: aquele desgraçado caminhava rápido e já passara a Farmácia Internacional, preparando-se para virar para a Rua Araújo, que desembocava na Praça da Estação. Felizmente, tudo indicava que estaria prestes a embarcar num comboio.

Logo depois, Miguel chegou à praça e ficou surpreso com a azáfama à sua volta. Em tempos, fora sempre assim aquando da chegada de um comboio do Transvaal ou da partida para Pretória. Contudo, a linha férrea estava quase desactivada desde que os britânicos se tinham apoderado dela, sete meses antes. Aquela agitação poderia ser sinal de que um comboio se preparava para partir, o que o deixou entusiasmado: o marido de Maria Teresa poderia estar quase a sair para Pretória.

Maria Teresa comentara com ele que o marido andava a trabalhar num tratado secreto com os britânicos e passava dias e dias no consulado, bem perto da Igreja Paroquial. Miguel recordou as palavras do seu amigo Ricardo quando se haviam encontrado num dos *kiosks*: o Governo-Geral de Moçambique estava a negociar com as novas autoridades do Transvaal diversos assuntos, desde o tráfego na linha férrea de Lourenço Marques até à emigração dos mineiros para Joanesburgo. Deveria ser esse o motivo da viagem, até porque o marido de Maria Teresa fazia parte do círculo próximo do Governador-Geral. Além do mais, Miguel já ouvira dizer que o Governador da Colónia do Cabo se deslocara à capital do Transvaal e queria acertar vários pontos com os portugueses sobre o futuro da fronteira – o momento parecia ter chegado.

Mais de uma dezena de militares de farda azul subia para as carruagens e era notório o deferimento com que o marido de Maria Teresa era tratado – ele parecia liderar a delegação.

Miguel acendeu mais um cigarro e sentiu o fumo quente na garganta. Felizmente, não demorou muito para ouvir o apito da locomotiva e ver o comboio começar a andar. Descortinou o marido de Maria Teresa sentado à janela, numa das carruagens, e sorriu. Chegara a altura de ele e Maria Teresa

fugirem de Lourenço Marques! Acompanhou o percurso do comboio, sem conter a felicidade, esforçando-se por se manter inerte até a última carruagem se afastar da estação e desaparecer de vista.

Sentiu um frenesim e atirou a beata para o chão, observando os navios ancorados no estuário. Nenhum deles era o *Lusitano*, mas ele sabia que ainda era cedo para o vapor ter chegado à baía. Sem mais demoras, retrocedeu até à Rua Araújo. Tentou esquivar-se à algazarra, aos riquexós e às bicicletas e descortinou a torre piramidal do Hotel Carlton. A agência de navegação Breyner & Wirth era mesmo ao lado.

Mal entrou na agência, susteve o passo. O agente de serviço na bilheteira não era quem esperava. Miguel andava a rondar as várias agências de navegação havia dias e escolhera aquela por notar um funcionário simpático, que vendia passagens sem grandes perguntas. Por certo, não deveria estar a soldo dos ingleses, que se esforçavam por saber a identidade de toda a gente que pretendia embarcar e que poderia estar a auxiliar os *boers*.

Miguel voltou à rua, receando que o agente estivesse de folga ou doente. Ia fazer tempo e beber uma limonada num dos *kiosks* da Praça Mousinho de Albuquerque, quando viu a figura conhecida a caminhar adiante: era o agente, um senhor de quarenta e tal anos, bem vestido e com uma barriga proeminente. Instantes depois, viu-o a entrar na agência e teve a certeza de que a mudança de turno estaria para breve. Não esperou mais e foi para a fila da bilheteira. Não demorou muito a chegar a sua vez.

– Bom dia, em que lhe posso ser útil? – perguntou o agente.

Miguel tinha o discurso bem ensaiado:

– Gostaria de comprar duas passagens de segunda classe para o *Lusitano*. Com destino à Ilha do Ibo.

– Com todo o gosto, ainda temos alguns lugares disponíveis. Pode adiantar-me, por favor, o nome dos passageiros?

– Afonso Dinis e Maria Silvina Dinis, minha esposa.

O homem não levantou os olhos e limitou-se a escrever os nomes na lista.

– Naturalidade?

– Aveiro.

O agente anuiu e continuou a preencher o impresso, diligente, com as restantes informações: idade, profissão, residência. Miguel tinha as respostas prontas e, no final, pagou-lhe em libras esterlinas que conseguira trocar numa das camisarias dos banheiros da Rua da Gávea.

– O senhor e sua esposa têm de estar no cais daqui a quatro dias, segunda-feira de manhã, bem cedinho – informou, passando-lhe os dois ingressos, sorridente. – Votos de boa viagem para o Norte!

Miguel assentiu, agradecendo, sem conseguir tirar os olhos das passagens: o futuro estava ali, nas suas mãos. Colocou o chapéu de palha na cabeça, saiu para a rua e pôs-se a caminho da Avenida D. Carlos. Apetecia-lhe pular de alegria, tudo correria de feição. Sabia que o marido e o pai de Maria

Teresa iriam tentar persegui-los e a primeira coisa que fariam seria ver a lista de passageiros dos navios e comboios. O marido tinha poderes para vistoriar tudo o que quisesse, mas não iria conseguir apanhá-los. Ele e Maria Teresa iriam desaparecer na vastidão do Norte de Moçambique!

Maria Teresa deslizou pelos lençóis, extenuada. O corpo nu, suado, parecia cintilar com a luz da janela. Miguel puxou-a para junto dele e abraçou-a, sentindo-lhe o coração a palpar. Também ele estava ofegante, após se terem voltado a amar com tamanha intensidade.

A janela estava entreaberta e corria uma aragem que arrefecia o quarto. Por instantes, Miguel pareceu notar o perfume dos hibiscos e das buganvílias do jardim lá em baixo e deleitou-se a sentir o corpo quente da mulher que amava deitado ao seu lado de olhos cerrados. Maria Teresa dormitava, mas ainda a ouviu murmurar:

– Sou a mulher mais feliz do mundo...

Miguel beijou-lhe a face, notou-lhe a respiração profunda e deixou-se ficar em silêncio, afagando-lhe os cabelos compridos. Esticou-se na cama, com os olhos postos no tecto, tentando perpetuar aquele momento. Apetecia-lhe que o tempo parasse e que os dois pudessem ficar assim para sempre.

Passara um mês desde que se haviam reencontrado em Lourenço Marques e o destino cumprira-se como se fosse inevitável: depressa caíram nos braços um do outro e tentavam ver-se sempre que possível, arriscando mais e mais. Miguel sentia estar a viver o sonho que tantas vezes tivera nas minas de Joanesburgo e na savana na África do Sul. Não podia concordar mais com Maria Teresa: também ele era o homem mais feliz do mundo.

Daquela vez, os dois não haviam perdido tempo. O marido de Maria Teresa seguira no comboio para Pretória pela manhã, e ela mandara o cocheiro e a criada à aldeia landim perto da Xefina Pequena entregar umas sacas de farinha de mandioca, enquanto dissera à mãe que ficaria por casa, para terminar alguns arrumos. Miguel sorriu de alegria: Maria Teresa estava cada vez mais temerária, na ânsia de conseguir estar junto dele.

Passara da hora de almoço quando Maria Teresa entrara no hotel pelo jardim das traseiras, aproveitando a hora de maior calor, quando pouca gente se atrevia a andar pela rua. O hotel apenas tinha hóspedes estrangeiros e ela esgueirara-se para o interior do edifício principal por uma das portas de serviço, com a benevolência da criada noviça italiana, com quem Miguel simpatizara desde o seu primeiro *Morning Tea* no terraço. Dali até chegar ao seu quarto no primeiro andar fora um ápice.

Continuou a escutar a respiração pesada de Maria Teresa e, lá fora, as cigarras e o matraquear atrevido dos pica-paus. Sentia-se a levitar, ainda sem acreditar que estavam os dois sozinhos no quarto, sem pressas e sem medo de

serem apanhados. Era a primeira vez que estavam assim. Apesar disso, sentia-se ansioso com o que iria acontecer nos próximos dias e queria ter a certeza de que nada falhava.

Maria Teresa costumava pernoitar em casa dos pais sempre que o marido viajava. No entanto, já lhe dissera que iria arranjar uma desculpa para dormir na sua residência na véspera de embarcarem, e que, antes disso, deixaria a mala com os seus pertences num sítio discreto do jardim para que ele a viesse buscar com antecedência, durante a noite. Todavia, estava preocupado com o que aconteceria no cais, antes do embarque: ela teria de estar disfarçada e apenas se poderia juntar a ele momentos antes de embarcarem nas barcas na Ponte de Passageiros. O risco de serem vistos por alguém conhecido era considerável e, por isso, interrogava-se como poderia contrariar essa dificuldade.

Miguel suspirou e voltou a afagar os cabelos de Maria Teresa. Ela parecia determinada a deixar tudo e todos e fugir com ele. Miguel sempre soubera que era uma mulher segura, mas não deixou de ficar espantado por vê-la tão resoluta sobre o que queria para a sua vida. Às vezes, questionava-se se lhe devia contar o que se passara em Moamba e o que fizera aos caixotes de Pretória nas últimas semanas, mas acabava sempre por concluir que seria melhor ela não saber, para não ficar ainda mais preocupada.

Maria Teresa virou-se e pareceu despertar. Descerrou os olhos, percebeu onde estava e afagou o peito de Miguel com ternura, ainda sonolenta.

– Acho que adormeci – disse com uma voz estremunhada. – Sonhei que estávamos na Ilha, junto à Igreja de Santo António.

– Já não falta muito, meu amor – murmurou Miguel. Pensou em desafiá-la a irem tomar o *Evening Tea* no terraço do hotel, mas era arriscado. Os dois jamais poderiam ser vistos juntos na cidade, ainda que o hotel fosse discreto e o marido de Maria Teresa estivesse longe. Lourenço Marques era uma cidade pequena, propícia a mexericos. – Em breve, estaremos na nossa Ilha.

– Conseguiu comprar as passagens?

– Sim, esta manhã. Vamos no *Lusitano* – revelou Miguel, orgulhoso. Queria dar-lhe aquela novidade, mas com a urgência de se amarem nem tivera tempo. – O navio chega amanhã a Lourenço Marques e retorna à Ilha três dias depois. É a nossa oportunidade!

Maria Teresa ficou radiante, olhando-o nos olhos, e abraçou-o com paixão. Miguel suspirou, extasiado: aqueles olhos profundos pareciam trespassá-lo, tal como no primeiro instante na Ilha. Beijou-a nos lábios e percorreu-lhe as costas com as mãos. Estava admirado por vê-la tão calma, mesmo que, de quando em quando, algo parecesse desconcertá-la. Talvez fosse a mãe, de quem Miguel sabia ser próxima, ou quicá o marido: Maria Teresa pouco falava dele, mas, sendo da nobreza e militar de carreira, era por certo um homem altivo, habituado a mandar.

Maria Teresa beijou Miguel com ardor e ele acariciou-lhe o peito, tomado de novo por uma agitação insaciável. Agarrou-a pelas ancas, apanhou-

lhe os cabelos compridos e beijou-lhe o pescoço, as orelhas e os seios com furor. Os dois abraçaram-se e voltaram a entregar-se um ao outro. Ele tremeu de excitação por ouvi-la gemer de prazer e penetrou-a lentamente. Notou-lhe o calor húmido e macio, a ansiedade que os unia, e cerrou os olhos, deixando-se ir aos poucos.

Miguel encostou-se ao gradeamento do Cais da Alfândega e avistou o *Lusitano* ao fundo, ancorado perto da Catembe. Esboçou um largo sorriso, entusiasmado. Momentos antes, fumara um cigarro com um funcionário da Capitania, encostado a um candeeiro na Rua Tavares de Almeida: ele confirmara-lhe que o vapor entrara no estuário de manhã e que os passageiros tinham desembarcado ainda antes da hora de almoço.

O *Lusitano* iria zarpar para o Norte dali a três dias e o destino estava traçado: ele e Maria Teresa iriam fugir de Lourenço Marques e viver a vida por que ansiavam havia tanto tempo. O plano de fuga estava bem delineado, tal como o destino dos caixotes do Transvaal. Acabara de chegar de Moamba e certificara-se de que deixara tudo bem escondido na nova gruta. Fora uma epopeia que durara semanas, que o levava a trabalhar noites a fio, mas felizmente conseguira terminar a tarefa sem problemas e sem avistar rivalma.

Apesar disso, estava receoso; havia dias que vigiava a Alfândega e a Ponte de Passageiros para perceber que controlo era feito às pessoas que embarcavam e à bagagem. Infelizmente, a vigilância era muito apertada, mesmo aos navios com destino a outros portos moçambicanos, e os guardas chegavam a vistoriar os pertences das mulheres e crianças. Por instantes, pensara em pagar a um dos guardas para que o pudesse ajudar a embarcar uma ou duas malas adicionais, mas logo concluiu que seria uma manobra arriscada que deitaria tudo a perder. O mais importante era conseguirem fugir para o Norte, aproveitando a ausência do marido de Maria Teresa. O ouro poderia esperar.

Nas últimas viagens a Moamba, Miguel conseguira trazer três caixotes para a cidade e escondera-os no quarto. Tencionava deixar dois na Vila Jóia, a propriedade abandonada do antigo cônsul do Transvaal na Baixa, e levar o terceiro na viagem, conjuntamente com o que amealhara nas minas de Joanesburgo, por forma a que Maria Teresa e ele pudessem ter uma vida desafogada e cumprir os sonhos que partilhavam, após a estadia em Fernão Veloso.

Infelizmente, pelo que observava na Alfândega, teria de deixar tudo na Vila Jóia. Por certo, conseguiria esconder os diamantes numas bolsas de veludo e espalhar umas moedas e uns lingotes pelas duas malas, disfarçados por entre a roupa, mas não deveria conseguir ir além disso.

A maré estava a vazar, e Miguel fitou as barcaças encalhadas na areia da

doca. O movimento no cais era diminuto, e os guindastes a vapor da Ponte da Alfândega deveriam continuar parados até a maré encher. Todavia, notou vários ingleses a vigiar os armazéns do porto. Não abandonavam as instalações, nem mesmo na baixa-mar. Permaneciam vigilantes e a maioria nem se preocupava em disfarçar o que andava a fazer. Miguel sabia que deviam estar mais preocupados com a carga que desembarcava na cidade do que com o que decorria durante os embarques, mas desconfiava de que também procuravam *kommandos* que pudessem estar em fuga.

A guerra do outro lado da fronteira não cessava, e Miguel acabara de saber que tinha ocorrido mais uma vaga de ataques às linhas férreas provenientes de Cape Town e de Durban, onde várias pontes tinham sido dinamitadas. Sabia que o Governador-Geral apertava cada vez mais o controlo no porto, para satisfazer os britânicos e garantir que o tal acordo secreto fosse fechado com termos favoráveis para Moçambique. Bastava ver as pilhas de caixotes de munições encostadas aos armazéns ao fundo, por certo apreendidas em vários navios. Aquela era a garantia de que não chegariam ao Transvaal e aos homens do *Generaal* Botha, escondidos nas montanhas.

Miguel perscrutou o céu na direcção da baía e notou o entardecer. Olhou para trás e viu que as luzes dos *kiosks* da Praça Mousinho de Albuquerque já estavam acesas. Sempre gostara de ver aquela praça iluminada, cheia de vida, e ouvir a música das bandas que tocavam num ou noutro *kiosk*. Não podia ser mais diferente do ambiente soturno de Pretória, onde os candeeiros públicos se apagavam às nove da noite para fazer com que as pessoas ficassem em casa.

Acabou por atravessar o jardim até à praça e sentar-se numa das mesas do Kiosk Oriental. Quando entrou, a altura dos tectos impressionou-o e suspeitou que aquele *kiosk* seria o maior da praça.

– Acabámos de receber umas pipas de vinho do Reino – adiantou-lhe o criado mulato, com um sorriso cúmplice. Trajava uma túnica branca imaculada e tinha um cofió vermelho na cabeça, tal como os maometanos da Ilha. – Posso trazer-lhe uma taça, ou prefere uma cerveja ou um capilé?

Miguel acabou por pedir uma cerveja e observou a praça à volta: dali, tinha uma perspectiva a que não estava habituado. Suspirou algo melancólico: aquela era a sua penúltima noite em Lourenço Marques. De alguma maneira, afeiçoara-se à cidade, mas Maria Teresa era tudo para ele e tinham de fugir dali para viverem juntos. Talvez as coisas mudassem e, um dia mais tarde, caso a ocasião se proporcionasse, pudessem voltar à capital. Ficariam hospedados no Hotel Cardoso, tomariam chá à vontade no terraço ajardinado, passeariam pela Praia da Polana sem receio de serem descobertos, e recordariam os tempos de aventura vividos naquela época.

Já se ouvia música na praça, e chegavam cada vez mais pessoas que iam ocupando os demais *kiosks*. Ao longe, do outro lado, Miguel distinguiu alguns militares fardados, bem como o seu amigo Ricardo: encaminhava-se para o Kiosk Levy, bem vestido, acompanhado por uma senhora vistosa, que parecia

estrangeira. Ricardo não o vira, e talvez fosse melhor assim; a menos perguntas teria de responder!

O empregado pousou-lhe a cerveja na mesa, com um pratinho de castanha-de-caju. Miguel não deixou de esboçar um sorriso: talvez aquelas castanhas viessem da *machamba* do irmão, em Fernão Veloso. Fitou de novo o céu e viu que já estava negro, com o luar e as estrelas cintilantes ao alto.

Dali a pouco, iria iniciar a sua última missão em Lourenço Marques: transportar os caixotes que deixara no hotel para a Vila Jóia. Tinha tudo planeado! Vistoriara diversas vezes a mansão abandonada, e ainda pensara em escondê-los num dos quartos, construindo uma parede falsa. No entanto, concluía que o mais seguro seria mesmo enterrá-los algures entre o extenso arvoredado das traseiras da casa, quiçá no sopé de um grande eucalipto. A mansão acabaria por ser ocupada mais cedo ou mais tarde – ou pelo antigo cônsul, ou por quem comprasse a propriedade – e, assim, sempre seria mais fácil recuperá-los, quando a altura se proporcionasse.

Bebeu mais um gole de cerveja e observou a animação em redor, enquanto uma banda militar percorria cada um dos *kiosks* com uma alegria contagiante. Tinha de esperar que a cidade adormecesse para fazer a primeira viagem a cavalo do hotel, com um caixote amarrado na sela, atrás de si. Seguiria longe da Estrada da Ponta Vermelha e das ruas principais, contornando o hospital, até alcançar o outro lado da Avenida Álvares Cabral. Talvez até conseguisse fazer uma segunda viagem naquela noite, mas o mais importante era garantir que tudo corresse bem. Ainda tinha mais duas noites pela frente, caso encontrasse algum obstáculo ou entrave, mas não tinha dúvidas: o plano iria resultar!

O *Lusitano* ia partir na manhã seguinte e estava tudo pronto para embarcarem à revelia de tudo e todos. No entanto, Maria Teresa insistira em despedir-se dos landins da aldeia costeira perto da Xefina Pequena. Não lhes dissera que seria a última vez que os veria, mas o seu semblante atraía-a.

Miguel assistia a tudo à distância, por entre a vegetação, e viu como ela não continha as lágrimas, abraçando sentida cada uma das crianças que se destacava nos cânticos; trouxera até alguns presentes para dar às mulheres do régulo e a algumas anciãs. Ninguém tinha dúvidas de que se tratava de uma despedida!

Miguel observou o cocheiro ao longe, a dormir, como de costume, mas interrogou-se onde estaria a criada que, por norma, acompanhava Maria Teresa. Talvez estivesse de amores com o jovem landim algures no mato, ou quiçá Maria Teresa tivesse conseguido desembaraçar-se dela, tal como fizera aquando da sua fuga para as barreiras da Polana e das duas vezes em que se haviam encontrado. Não fez caso e continuou a ouvir a canção que os landins

entoavam. Sempre se emocionara por ver Maria Teresa com tamanha paixão pela música e daquela vez ela escolhera uma melodia que ele nunca ouvira antes e que parecia um cântico religioso.

Assim que a música acabou, Miguel afastou-se e caminhou até à beira-mar, donde avistava a foz do Incomati e a imensidão da baía mais a sul; havia flamingos por toda a parte. Também ele se despedia de Lourenço Marques. O destino deles estava traçado, as passagens compradas, e todos os caixotes seguros. Mal a guerra terminasse e a situação se normalizasse, ele logo decidiria o que fazer com toda aquela riqueza depositada na gruta e na Vila Jóia, até porque nessa altura o controlo na alfândega deveria ser menos rígido, sem os malditos agentes britânicos.

Respirou fundo, sentindo a brisa marítima na face. Custara-lhe muito chegar até ali, mas tinha valido a pena. O amor deles prevalecera e iriam ser felizes em Fernão Veloso e, mais tarde, na sua terra. Recordou a sua última estadia na Ilha, à procura de Maria Teresa e do seu irmão: estava decadente, ao abandono, mas ele iria fazer com que ganhasse uma nova vida mais tarde ou mais cedo, e Maria Teresa iria por certo revitalizar o Bairro Indígena. Sabia que seria uma ilha diferente daquela onde tinham crescido, mas seria a deles!

Tentou lembrar-se das várias mansões na contracosta, e escolher a que mais os encantaria. Assim que a situação estivesse mais calma, ele iria à Câmara Municipal da Ilha e apresentar-se-ia como um antigo mineiro de Joanesburgo que fizera fortuna, prontificando-se a recuperar a mansão escolhida. Mais tarde, quando estivessem integrados e a guerra cessasse, iria recuperar os caixotes da Vila Jóia e apresentar às autoridades da Ilha um plano de modernização. Havia tanto por fazer...

Os cânticos na aldeia pareciam ter cessado, e pouco depois Miguel descortinou Maria Teresa a caminhar até ele pela areia, ultrapassando a barreira de coqueiros, tal e qual a última vez que ele havia ali estado. Vinha de passo corrido, com um semblante feliz e um vestido azul comprido: era a mulher mais bonita de Lourenço Marques!

– As músicas eram lindas – comentou ele, recebendo-a com um abraço. Maria Teresa tinha um sorriso luminoso que o arrebatava. – Fizeram um coro maravilhoso.

– Vou ter saudades deles – confessou Maria Teresa. – Cantam tão bem, aprenderam tanto...

– Vais continuar a ter os teus alunos, meu amor – adiantou Miguel, afagando-lhe os cabelos. – Podes começar logo em Fernão Veloso. Tenho a certeza de que o meu irmão gostaria de ter uma escola na *machamba*.

– Achas? – perguntou ela, radiante. – Não tinha pensado nisso. Nunca me aventurei na Terra Firme.

– Tenho a certeza – acrescentou Miguel, sorrindo, imaginando o irmão e as três mulheres macuas. – Os meus sobrinhos estarão na primeira fila.

Os dois deram as mãos e caminharam pela praia adentro, observando a

Xefina Pequena e o contorno das margens. Avistaram um veleiro majestoso a entrar na baía, mas estavam demasiado longe para o reconhecer. Ouviram o ressoar das ondas na areia, o esvoaçar dos flamingos e o som do vento a bater nas copas dos coqueiros. Tinham o coração apertado. Iriam deixar Lourenço Marques para sempre, e tanto um como o outro confessaram como se haviam afeiçoado àquela terra. Porém, não cessavam de falar da Ilha e do que poderiam fazer por ela. Maria Teresa estava com saudades do lugar onde crescera, e ficara deslumbrada com a ideia de instalar uma escola em Fernão Veloso, perguntando-se se não deveria abrir uma outra no Mossuril, mais perto da Ilha.

Foi então que ouviram um tiro e ficaram sobressaltados. Entreolharam-se, perplexos, sem saber o que pensar. Num impulso, Miguel sacou da azagaia vátua e deitou-se na areia, forçando Maria Teresa a fazer o mesmo – pelo som, o disparo ocorrera na aldeia. A praia estava vazia. Observou a linha de coqueiros adiante, mas tudo continuava pacífico, sem que nada chamasse a atenção.

– Está alguém a caçar? – perguntou Maria Teresa. – Ou um leão entrou na aldeia?

Miguel não teve tempo de responder. O eco agudo de um novo tiro percorreu a praia e, pouco depois, avistaram um grupo de mulheres e crianças landins a sair do arvoredado mais ao fundo. Estavam a correr, apavoradas. Miguel e Maria Teresa olharam um para o outro, procurando respostas, e logo avistaram um cavaleiro que chegava ao areal. Miguel engoliu em seco ao reconhecer a farda azul, apesar da distância, e temeu o pior. Era um oficial do exército e não estava ali a caçar...

– Tomás...

Ao ouvir o murmúrio de Maria Teresa, Miguel reconheceu-o. O marido tinha regressado da missão de Pretória mais cedo do que o previsto e os dois haviam sido descobertos. Por certo, ele já andara desconfiado de que alguma coisa se passava e decidira segui-la para desfazer as suspeitas. Viera de espingarda em riste, pronto a vingar-se!

Maria Teresa estava entorpecida, incrédula, mas Miguel agarrou-a pela mão e arrastou-a ao longo da praia. O marido vinha a galope, ultrapassando as landins em debandada. Tinham de sair dali o mais depressa possível! Correram para os coqueiros, em busca de um esconderijo. Miguel olhou para trás. O marido de Maria Teresa já estava perto, mas parara para recarregar a espingarda: preparava-se para o matar. Amargurou-se por não ter uma arma de fogo, mas era impossível andar de *Mauser* ao ombro pelas ruas de Lourenço Marques. Olhou para a azagaia vátua e tocou no *sjambok* no bolso; aquela iria ser uma luta de morte!

Miguel e Maria Teresa agacharam-se por detrás do tronco de um coqueiro e de uns arbustos, tentando salvar-se, mas o esconderijo serviu-lhes de pouco. Ouviram um tiro a seguir ao outro, escapando por um triz. Aquele desgraçado avançava por entre os coqueiros e estava treloucado, decidido a

acabar com a vida de ambos.

De repente, ouviram uma berraria e o cavalo a relinchar. Um grupo de três landins aparecera de surpresa, vindo do mato, e atacava o militar pela retaguarda, tentando puxá-lo para o chão, enquanto o animal esperneava, assustado, com as patas dianteiras no ar. No meio da algazarra, Miguel não hesitou e os dois saíram do esconderijo, esgueirando-se pelo mato, para se escaparem entre a folhagem. Não voltou a olhar para trás, até que ouviu dois disparos de seguida. Sentiu a mão de Maria Teresa a fraquejar e viu-a cair redonda.

– Maria Teresa – clamou, sem ter tempo de lhe aparar a queda.

Em pânico, tentou deitá-la, notando-lhe o vestido ensanguentado: Maria Teresa fora atingida na anca ou na perna e perdia muito sangue. A gritaria e os relinchos do animal eram ensurdecedores. Miguel mal conseguia ouvir as palavras da sua amada.

– Amo-te, Miguel... – sussurrou ela.

Ouviu-se um novo tiro e Miguel, desesperado, voltou-se para trás. O marido de Maria Teresa acabara de abater um dos landins, desembaraçara-se dos outros dois e tinha a espingarda apontada na sua direcção, do alto da montada. Miguel ouviu o tiro e atirou-se para o lado, tentando escapar à trajectória da bala. Logo depois, levantou-se, de azagaia em punho, e encarou o oficial. Tinha de o matar de uma vez por todas. Correu pelo mato, aos ziguezagues, tentando proteger-se por entre os troncos dos coqueiros. Ouviu os tiros, mas isso não o moveu. Conseguiu circundar o desgraçado e aproximar-se. Ia atacá-lo a curta distância; pelas contas que fizera, ele já não teria balas na espingarda.

O outro, porém, moveu-se com agilidade. Fez voltar o cavalo rapidamente, contornou os coqueiros e, num sopro, sacou de um revólver do coldre. Miguel só teve tempo de se atirar para o chão. O tiro passou-lhe bem rente à cabeça. Tentou proteger-se, quando ouviu um novo tiro e sentiu a bala a perfurar-lhe o corpo.

Zonzo, sem forças, levou as mãos à barriga ensanguentada. Fora ferido algumas vezes na savana, mas nunca se sentira assim. Cerrou os dentes de raiva, mas não conseguiu levantar-se. Viu o oficial desmontar e aproximar-se dele, com o revólver em punho. Tinha de acabar com ele ou estava perdido!

Fingiu-se de morto para o atacar, porém, quando ele se aproximou, sentiu uma fraqueza que desconhecia. Logo depois, ouviu os passos do homem a afastarem-se, mas já não tinha forças para defender Maria Teresa. A respiração faltava-lhe e sentiu a morte a aproximar-se. Num esforço tremendo, conseguiu olhar para ela, na esperança de que ainda estivesse viva. O marido estava junto dela. A visão de Miguel turvava-se. De repente, ouviu mais um tiro! Suspirou e fechou os olhos; nunca mais regressaria à Ilha, nem beijaria a mulher que tanto amava...

Capítulo XXII

Lisboa, 24 de Novembro, 10h15

*Aqui e além em Lisboa – quando vamos
Com pressa ou distraídos pelas ruas
Ao virar da esquina de súbito avistamos
Irisado o Tejo:
Então se tornam
Leve o nosso corpo e a alma alada.*

Sophia de Mello Breyner Andresen

Passaram-se três semanas! Filipe quase não saía de casa, deprimido e com o coração despedaçado – Rita continuava desaparecida. Inspirou fundo, voltou a observar os telhados do Bairro da Graça e fechou a janela da sala. Desistira de ir tomar o pequeno-almoço à pastelaria do costume. O vento estava desagradável, e deveria começar a chover dali a pouco. Decidiu preparar um sumo especial, daqueles que aprendera em Boston, juntando morangos, mirtilos, laranjas e gengibre. Se o tempo melhorasse, talvez fosse ao miradouro mais tarde, ou almoçar por Alfama. Tinha de se esforçar por sair daquele estado de letargia.

OuvIU o telemóvel e ficou sobressaltado – era Jaime, o primo de Rita. Ele voara para Bruxelas na semana anterior, para estar em contacto permanente com o INTCEN e tentar obter mais informações.

– Não me posso demorar, mas as notícias parecem animadoras – informou o amigo. – A Rita está viva e de boa saúde.

– Já sabem onde é que ela está?

– O INTCEN é parco em partilhar informações, dada a confidencialidade do caso, mas asseguraram-me de que conseguiram estabelecer contacto com ela e que estão optimistas de que tudo vai acabar bem.

– Mas como podem ter tanta certeza? – questionou Filipe, nervoso. – O que é que os terroristas estão a pedir para a libertação dela?

– Não sei, mas estou mais animado. Esta gente parece profissional. Vou ficar por aqui mais uns dias. Se tiver novidades, ligo-te.

– Obrigado, Jaime. Se puder ajudar em alguma coisa, conta comigo.

Filipe desligou o telefone, frustrado. Estava céptico com o optimismo do amigo e receoso pelo que Rita poderia estar a passar – três semanas era muito tempo. No entanto, acabou por desanuviar aos poucos; as notícias podiam ser piores e talvez o INTCEN tivesse mesmo fortes razões para estar optimista.

Encheu o copo com o sumo avermelhado, respirou fundo e tentou acalmar-se. Acabou por ligar o *iPad*, para saber como estavam as bolsas na Europa e na Ásia: a batalha entre os Bancos Centrais e a inflação parecia serenar, mas a perspectiva de uma invasão militar chinesa contra Taiwan continuava a inquietar o mundo.

Pelo menos, sentia-se aliviado por estar longe de África e ter abandonado a investigação do *Angoche*. Ainda não compreendera bem o que se passara e havia demasiadas pontas soltas, mas simplesmente já não queria saber, e até tinha alguma repulsa em voltar a pensar no assunto. A única coisa que lhe interessara fora regressar ao sítio para procurar os artefactos que o pai trouxera dos vários países por onde andara quando era jovem. Havia um que descobrira ser especial – um chicote sul-africano com um nome estranho. O *sjambok* tinha uma conotação tenebrosa do tempo do *Apartheid*, mas aquele específico era bastante mais antigo. Assim que o encontrou num dos caixotes, trouxe-o para casa e pô-lo em destaque na estante da sala, ao lado da sua fotografia com os pais na Estação Ferroviária de Maputo, durante a primeira viagem a Moçambique. Ainda não estava em si diante daquela descoberta.

Fechou as notícias sobre as bolsas e, pela primeira vez, sentiu curiosidade em saber qual fora a reacção à morte de Pieter na África do Sul; afinal de contas, ele era uma figura pública no país, e o seu desaparecimento teria, com certeza, um grande impacto no Grupo Eland.

Encontrou inúmeros artigos sobre o falecimento, não apenas na África do Sul, mas também em vários outros países africanos. Relatavam a tragédia que ocorrera, evidenciando a violência desmedida em Cape Town, salientando também o percurso empresarial ímpar que tivera. Constatou que houvera muitas homenagens naqueles dias, desde as Câmaras Municipais de Cape Town e Stellenbosch, até à equipa de *cricket*, e de múltiplas empresas e personalidades.

Leu que Joan Walkers, com quem estivera em Dar-es-Salaam, fora designada CEO do Grupo Eland. No entanto, algumas outras notícias chamaram-lhe a atenção, a maioria tinha dois ou três dias: reportavam donativos avultados realizados pelo Grupo a diversas instituições de caridade da África do Sul, do Gana e do Ruanda. Interrogou-se se aquelas decisões decorreriam de um testamento ou se já teriam sido tomadas pela nova CEO ou pela herdeira natural de Pieter, a sobrinha que vivia no Vietname. Aquilo parecia-lhe demasiado repentino.

Voltou a ler o nome de algumas instituições e, numa pesquisa rápida, apercebeu-se que eram fundações ou ONG ligadas ao combate à pobreza e à educação de crianças, nas *townships* e em zonas rurais. Lembrou-se de que Pieter comentara que tinha uma parceria com o Arcebispo de Cape Town, mas

aquelas instituições estavam espalhadas pelas nove províncias da África do Sul, bem como por outros países. Algumas delas até pareciam bastante pequenas.

Reparou que duas delas eram da Namíbia, e lembrou-se de Lize. Nunca mais lhe dissera nada, e talvez lhe devesse ligar para saber como estava. Imaginou-a aflita, a lidar com uma grande instabilidade no Grupo Eland, no meio de um divórcio tumultuoso. Aquele jantar à beira-mar fora intenso, e por pouco não se envolvera fisicamente com ela, mas, com a presença do homem do miradouro de Maputo em Cape Town e a morte dramática de Pieter, Filipe apanhara o primeiro voo para a Europa sem pensar em mais nada.

Ao recordar aqueles dias, interrogou-se também sobre o que teria acontecido a Daniel Cabral, que vivera disfarçado de antigo piloto da Força Aérea. Nunca chegara a perceber se ele seria mais uma vítima potencial, se o verdadeiro mandante dos crimes perpetrados pelo homem do miradouro. Agora, que estava mais em si, iria informar a inspectora Mendonça da PJ do que acontecera em Cape Town – talvez as suas informações pudessem ajudar a desvendar o violento homicídio que ocorrera no Algarve no ano anterior.

Num instinto, resolveu fazer uma pesquisa pelo nome actual do outro homem que procurara: Mário Barbosa, o suposto líder da brigada infiltrada da PIDE. Ao ler o título da primeira notícia que lhe apareceu, ficou aterrado: Louis Castillon fora encontrado morto no meio da sua plantação de baunilha nos arredores de Saint-Denis. Filipe leu que estivera desaparecido durante dias e que a autópsia indicava que fora vítima de ataque cardíaco.

Sentiu-se a sufocar. Era mais uma morte recente relacionada com o *Angoche*. Até poderia ser mais uma coincidência, dado que fora um enfarte, mas, ao ver a data da notícia, ficou apreensivo. Mário Barbosa morrera alguns dias antes de Pieter.

Desligou o *iPad* e foi-se arranjar. Estava farto do *Angoche*; tinha de sair de casa e apanhar ar. Pegou na chave do carro e decidiu-se: ia até Benfica, na outra ponta da cidade, ver uma coisa que tinha planeado há muito, mas não chegara a cumprir.

Filipe saiu da 2.^a Circular, perto do Centro Comercial Fonte Nova, e pouco depois viu o Restaurante Califa, à direita. Já estava perto! Não demorou muito a vislumbrar o pequeno largo adjacente à Estrada de Benfica. A confusão de trânsito era imensa, mas, assim que estacionou o carro, tudo lhe pareceu mais tranquilo, como se estivesse longe da agitação.

O largo era discreto, delimitado por três blocos de prédios baixos, cor-de-rosa, e parte funcionava como parque de estacionamento. Atrás dos carros, descortinou um relvado, com algumas árvores e bancos de jardim, e encontrou o que procurava – havia muito que queria ver aquela estátua. Aproximou-se do busto e sorriu ao distinguir os grandes bigodes. Aquela tinha sido a

imagem de marca do governador Joaquim Machado.

Tocou no bronze do busto e observou-o com atenção, notando os galões nos ombros e as condecorações ao peito. Aquele homem decidira o curso da História de Maputo e Moçambique. Fora ele quem liderara a expedição de engenheiros que delinear a plano urbanístico da nova capital. Mais tarde, fora contractado pelo Governo do Transvaal para construir a linha férrea entre Pretória e Lourenço Marques, desafiando o curso dos rios, das montanhas e o clima agreste. Por três vezes, Joaquim Machado fora Governador-Geral de Moçambique e, pelo que Filipe lera, nem sempre fora feliz ou compreendido pelas autoridades em Lisboa.

O dia acabara por ficar agradável e sem nuvens. Caminhou até um dos bancos e reclinou-se no encosto, com os olhos postos no busto. Com o regresso de Cape Town e a última vistoria ao sótão, finalmente desvendara o papel do pai na investigação do *Angoche*.

Pieter e Tony haviam-se enganado! O pai nunca investigara exactamente o *Angoche*. A sua pesquisa tivera como objectivo reconstituir a vida dos avós maternos, ambos nascidos na Ilha de Moçambique: Miguel Ferreira e Maria Teresa. Filipe ficou comovido ao pensar novamente nisso: sim, ele era bisneto de Miguel Ferreira! Agora percebia porque a sua avó Amélia lhe falara tanto da sua vida com o seu avô na Beira, onde o pai viria a nascer, quando ele era criança, mas fora sempre tão evasiva sobre a sua infância e adolescência em Lourenço Marques: era uma filha bastarda, fruto de um adultério, que culminara numa enorme tragédia passional conhecida em toda a cidade e no suicídio do marido traído com um tiro no queixo.

O pai de Filipe pesquisara a vida dos avós em profundidade, assim como o percurso do marido de Maria Teresa, um oficial de cavalaria, chamado Tomás Gomes de Abreu. Chegara ao ponto de ter uma cópia da sua certidão de casamento com Maria Teresa, na Igreja Paroquial de Lourenço Marques, a 3 de Junho de 1900. Também descobrira que o oficial fora decisivo nas negociações do tratado «*Modus Vivendi*» com os britânicos, que viria a ser assinado em Dezembro 1901, regularizando o tráfego comercial e a emigração dos mineiros. Contudo, ele já não presenciara esse momento: a certidão de óbito estava datada de 5 de Maio de 1901.

O pai também devia estar desconfiado de que Miguel Ferreira enterrara alguns caixotes de ouro na Vila Jóia, pois investigara aquela propriedade ao pormenor, notando que ela ficava próxima do porto e se encontrava abandonada na altura: com sorte, ainda lá estariam, escondidos algures. Talvez um dia tentasse terminar aquela pesquisa do pai, mas não iria arriscar-se a regressar a Maputo tão cedo, e a própria tarefa afigurava-se difícil: a propriedade era grande, sofrera obras de remodelação e reabilitação, e a vigilância deveria ser grande, dado que passara a ser o Tribunal Supremo de Moçambique com a independência.

De repente, ouviu o telemóvel tocar. Deduziu que fosse o primo de Rita para lhe dar mais novidades, mas tratava-se de Raquel Mendonça, da PJ.

- Como está, Dr. Filipe? – cumprimentou a inspectora. – Temos de falar sobre a sua investigação em África.
- Estava mesmo para lhe ligar sobre isso. Tive uma viagem traumática – confessou ele. – Tem novidades sobre aquele homicídio no Algarve?
- Não, mas a polícia sul-africana quer falar consigo sobre Pieter Joubert.
- Sou suspeito de alguma coisa? – perguntou, recordando o aparato na rua de Pieter aquando do seu assassinato e o rasto de mortes por causa do *Angoche*.
- Calma, ninguém o quer prender – respondeu a inspectora, rindo-se. – A polícia sul-africana considera-o uma testemunha relevante e quer falar consigo. Tenho estado a apoiá-los neste caso.
- Filipe desconfiou do que se tratava. Não eram apenas os crimes relacionados com o *Angoche*, mas também as múltiplas transferências do Grupo Eland para ONG africanas. Algo estranho se passara.
- Quer que eu vá ter consigo à PJ?
- Sugiro um encontro menos formal amanhã de manhã, talvez um passeio com o meu colega sul-africano num lugar mais à vontade – adiantou ela. – Alguma sugestão?

Dinis Cabral ultrapassou a Rotunda da Anémone, em Matosinhos, e estacionou mal encontrou um lugar. Saiu do carro, inspirou a maresia e observou um cargueiro a atracar no porto de Leixões. Estava uma tarde amena, ainda que o mar se encontrasse agitado. Dias antes, recebera uma chamada inesperada e fora com gosto que combinara encontrar-se novamente com o antigo piloto da Força Aérea, amigo dos pais em Moçambique. Poderia tratar-se apenas de uma visita de cortesia, por ele estar novamente no Porto, mas suspeitava de que era algo mais do que isso, até porque ele lhe pedira para escolher um local onde pudessem conversar à vontade.

A última vez que se tinham falado fora a propósito daquele investigador português que realizava um projecto sobre a Livraria Minerva, onde a sua mãe trabalhara durante anos. Dinis pusera-os em contacto para se encontrarem em Cape Town. Na altura, estranhara o antigo piloto não lhe ter dito mais nada, mas, entretanto, nunca mais se lembrara disso.

Atravessou o passeio marítimo e caminhou até à praia. Tal como esperava, a esplanada do Lais de Guia estava quase vazia àquela hora, mas não vislumbrou o antigo piloto. Escolheu uma das mesas ao fundo, defronte do areal, e não precisou de esperar: Abel Coimbra chegou logo depois. Vinha com o mesmo passo seguro de que Dinis se lembrava da altura do funeral da mãe, embora mais curvado. Cumprimentaram-se com alegria e pediram dois finos.

- Tive de vir ao Porto e lembrei-me de o contactar – atalhou o antigo

piloto.

– E fez muito bem, é um prazer revê-lo pessoalmente. Então, o que é que o traz à Cidade Invicta?

– Vim tratar de assuntos familiares, mas estou em Portugal por razões de saúde – confessou Abel. – Vou ser operado daqui a uma semana, na Fundação Champalimaud, em Lisboa. Decidi ser tratado cá em vez de na África do Sul.

A empregada pousou as cervejas e os dois brindaram com entusiasmo.

– Alguma coisa grave? – perguntou Dinis, hesitante.

– Soube recentemente que tenho um cancro – revelou Abel. – Pelo que os médicos me disseram, tenho boas hipóteses. Se tudo correr bem, chego aos noventa.

– Vai correr bem, com certeza – reconfortou-o Dinis, evitando perguntar sobre a natureza do cancro. – Tenho ouvido dizer muitíssimo bem da Fundação Champalimaud.

Abel parecia radiante por revê-lo e nada indiciava que estava gravemente doente. Falava com a mesma alegria de sempre, relatando como Cape Town fervilhava de vida com a chegada iminente do Verão, apesar dos problemas crescentes no fornecimento de água e electricidade. No meio do entusiasmo, desafiou Dinis a ir passar uns dias a sua casa em Cape Town, mal estivesse restabelecido da operação, para depois viajarem juntos até Maputo. Abel teria todo o gosto em mostrar-lhe a cidade e os locais por onde os pais tinham andado.

– Até podemos ir à Inhaca, uma ilha paradisíaca onde eu e os seus pais acampámos várias vezes. Fica a meia hora de barco de Maputo.

– Bem, isso seria fantástico – respondeu Dinis, empolgado. – Sempre tive o sonho de ir a Moçambique, mas, por uma razão ou por outra, vou adiando...

Dinis sempre se sentira próximo daquele homem, talvez por ele ter sido um grande amigo dos pais e por ainda viver em África. Deu por si a pensar que não poderia perder aquela oportunidade: Abel já tinha uma idade avançada, estava doente, e era a única ligação que lhe restava à vida dos pais em Moçambique.

– Também lhe queria falar sobre um outro assunto – avançou o antigo piloto, mais sério. – Sobre aquele investigador português, Filipe Rocha da Silva.

– Ah, sim, sempre se conseguiram encontrar em Cape Town?

– Aquele homem é um mentiroso, um intrometido. Ele não está a fazer um documentário sobre a Livraria Minerva, mas a vasculhar no que não deve.

– Tem a certeza?

– Tenho, é precisamente disso que lhe queria falar. Trata-se de um assunto confidencial, relacionado com o seu pai, e que só a si diz respeito.

– Sobre o meu pai? – questionou Dinis. – De que se trata?

Abel levou a mão ao bolso e mostrou-lhe uma moeda de ouro. Parecia antiga, mas estava bem conservada e tinha gravada a cara de um homem de

barba comprida. Abel virou a face da moeda e pousou-a na mesa. Dizia «1 Pond» e datava de 1897.

– A história que lhe vou contar ocorreu em 1971, mas tudo começou algumas décadas antes.

– Sim, vejo que a moeda é do final do século xix – apontou Dinis. Tentou ler o lema que estava escrito no brasão de armas com uma águia no topo, mas não reconheceu a língua. – É de Moçambique?

– Foi encontrada numa gruta nos arredores de Lourenço Marques pelo seu pai, mas é originária da África do Sul. Naquela altura, a República Sul-Africana era o maior produtor mundial de ouro – explicou Abel. – Este senhor chamava-se Paul Kruger, era o Presidente da República.

– Foi o meu pai que lhe deu essa moeda?

Dinis estava absorto com a referência ao seu pai e não conseguiu tirar os olhos daquela moeda brilhante. Abel assentiu, sorrindo, e bebeu o resto da cerveja de um só trago. Virou-se para a empregada que passava por eles e clamou:

– São mais dois finos, por favor.

Filipe estacionou perto da Torre Vasco da Gama, na zona norte do Parque das Nações. Sugerira encontrarem-se ali, pois poderiam caminhar à vontade à beira-rio. Aquele local era agradável e tinha sempre pouca gente àquela hora durante a semana.

A inspectora já tinha chegado. Distinguiu-a ao longe, perto da entrada da torre. Falava com um homem negro bastante alto, que fumava um cigarro enquanto observavam o perfil da ponte sobre o estuário.

– É um prazer revê-lo – disse-lhe a inspectora, com um largo sorriso. Parecia mais velha do que se lembrava, mas continuava a ter uns óculos peculiares, com armação colorida. – Apresento-lhe o Detective Mgazi, da polícia criminal da África do Sul. Tem estado em Inglaterra nos últimos dias, mas veio até Lisboa para falar connosco.

– Muito gosto – saudou Filipe, depois de cumprimentar a inspectora. O sul-africano tinha um ar distinto, mas estava visivelmente cansado. – Presumo que esteja a investigar a morte de Pieter Joubert?

– Sim, ele foi encontrado morto na sua residência em Cape Town, na sequência de um assalto violento – anuiu o sul-africano, apagando o cigarro. – De início, pensou-se que teria sido mais um crime protagonizado por um dos *gangs* da cidade. No entanto, o caso rapidamente ganhou novos contornos, e transferiram-no para a minha alçada. Estou aqui porque preciso da sua ajuda.

O detective revelou-lhe que o caso se tornara complexo após se encontrarem indícios de que os assaltantes conheciam a vítima, a sua vida privada, bem como o seu património em diversos países. O sul-africano não

adiantou a natureza das pistas encontradas, mas explicou-lhe que o caso ganhara uma dimensão internacional, que o levava a pedir informações a vários colegas europeus e africanos, e a viajar até Inglaterra e Portugal.

– Descobrimos que a vítima também tinha passaporte português – elucidou, apontando para a inspectora. – E que possuía bastante património em Portugal.

– Sim, eu cheguei a visitar a sua casa no Algarve. Foi lá que o conheci.

Os três caminhavam ao longo do passeio à beira-rio. Filipe ficou apreensivo com a aparente semelhança da morte de Pieter com o caso dos dois antigos passageiros do *Angoche*: ambos tinham sido assassinados durante um assalto às suas casas. Restava saber se o caso de Mário Barbosa na Ilha da Reunião também não teria sido assim.

– Como é que descreveria a sua relação com ele?

– Puramente profissional, relativamente recente. Ele contactou-me há dois meses para investigar o que acontecera a um navio português em Moçambique – contou Filipe. – Um cargueiro dos anos setenta do século passado.

– Qual era o interesse dele nesse cargueiro?

– Queria saber o que acontecera a bordo e se tinha alguma relação com a morte do pai.

– E conseguiu descobrir o que aconteceu?

– Infelizmente, não – respondeu Filipe. – E fui ameaçado de morte por um desconhecido, caso continuasse a investigação. Pela pronúncia, um sul-africano.

Filipe relatou a conversa tenebrosa que tivera no miradouro de Maputo, adiantando que semanas mais tarde avistara o mesmo homem em Cape Town, aos comandos de um iate a entrar na marina defronte do seu hotel, no dia em que Pieter fora assassinado.

O detective encarava-o com um ar sério, parecendo analisar cada palavra que ele dizia. Parou e mostrou-lhe uma fotografia no telemóvel.

– Era este homem?

Filipe arregalou os olhos, estarecido.

– Sim, é ele. Sabem quem é?

– Trata-se do principal suspeito do homicídio de Pieter Joubert. Estamos a tentar perceber os motivos e as consequências do crime. As câmaras de vigilância do bairro onde o empresário vivia sofreram uma estranha avaria durante a noite do crime. Ele deve ter conseguido desactivá-las. A sorte foram os *drones* de vigilância nocturna.

– Filmaram-no a entrar na propriedade?

– Não, apanharam-no a sair, antes do nascer do Sol.

O agente trocou olhares com a inspectora e fez-lhe um relato aterrador. Aquele homem era suspeito de cinco outros homicídios recentes: um no Algarve, três em Zanzibar e outro na Ilha da Reunião. As vítimas eram quase todas idosas, com património avultado e, aparentemente, todos tinham sofrido

de fraude ou extorsão, pouco antes de morrerem: largas quantias de dinheiro haviam sido transferidas aparentemente para contas *offshore* nas Caraíbas Neerlandesas, através da compra e venda de criptomoedas.

– Suspeita então de que todos esses casos estejam relacionados? – questionou Filipe, surpreendido com a sofisticação do golpe: as transacções de criptomoedas não tinham limites, fronteiras nem intermediários, e eram sempre rápidas e fora dos controlos bancários. A referência às criptomoedas e *offshores* das Caraíbas deixou-o ainda mais pensativo: pelos vistos, Rita investigava um caso semelhante. – Isso parece gravíssimo. Tem a certeza?

– O padrão de acção é exactamente o mesmo. As vítimas liquidaram *online* muitas das suas aplicações financeiras para comprarem *Bitcoins* pouco antes de morrerem. Os colegas da Ilha da Reunião partilham da mesma opinião, embora o caso de Zanzibar tenha envolvido duas outras pessoas com um perfil diferente.

Filipe assentiu: tratava-se de Tony Santos e da acompanhante de feições indianas, por certo, vítimas colaterais. Não havia dúvida: o *Angoche* era o ponto comum a todos aqueles crimes.

– Talvez esse homem continue em Cape Town – adiantou, pensando em Daniel Cabral, que vivia nos arredores da cidade. – O iate ainda está por lá?

O sul-africano voltou a trocar olhares com a inspectora e, por instantes, observou o estuário.

– Morreu na semana passada – revelou. – O seu iate naufragou ao largo da Namíbia, no meio de uma grande tempestade. As autoridades receberam um pedido de SOS, mas nada conseguiram fazer até o tempo acalmar.

– Mas, afinal, quem era? – insistiu Filipe.

– Dennis Van Zyl, um antigo mercenário. Combateu em quase todas as zonas de guerra de África, desde a Serra Leoa, República Centro-Africana até à Somália. Uma máquina de guerra – acrescentou o detective. – Nos últimos anos, trabalhava numa empresa de segurança, especializada em parques naturais.

Filipe ficou arrepiado, conhecia aquele apelido; devia ser familiar do agente da BOSS que investigara o *Angoche*, nos anos setenta.

– Mas então como é que vos posso ajudar? – perguntou. – Eu não sou especialista em criptomoedas, nem em *offshores* nas Caraíbas.

Pararam junto a uma estátua de bronze, no jardim circundante. Já estavam próximos da Ponte Vasco da Gama.

– Queremos que nos ajude a apanhar esta mulher – apontou o detective, mostrando-lhe uma outra fotografia. – Imagino que saiba quem é...

– Sim, Lize Kay, assessora de Pieter no Grupo Eland – respondeu, aterrado. Alguma coisa lhe estava a escapar. – Era uma pessoa de grande confiança no grupo. Foi, aliás, a primeira pessoa a contactar-me.

– É irmã de Dennis Van Zyl. Com o casamento, deixou cair o apelido de solteira e todos os documentos e registos que encontrei em Inglaterra e na África do Sul dos últimos vinte anos omitem o apelido Van Zyl – relatou o

detective. – Só tive a certeza de quem era quando os meus colegas da Namíbia me enviaram as suas certidões de nascimento e casamento.

– Mas tem a certeza de que ela foi cúmplice do irmão? – inquiriu Filipe. Estava estupefacto, mas a verdade é que Lize era uma especialista financeira e, pelos vistos, tinha uma ligação especial ao *Angoche*: devia ser filha do agente da BOSS que investigara o caso e acedera a documentação crucial do pai.

– Quando foi a última vez que falou com ela? – ripostou o detective.

– Ela convidou-me para jantar quando estive em Cape Town. Estava tensa, no meio de um divórcio difícil e de vários desafios profissionais bastante exigentes.

O detective ergueu o sobrolho, desconfiado.

– Foi aí que se envolveram – declarou, sem rodeios.

– A nossa relação sempre foi apenas profissional. – Filipe descreveu-lhe a conversa durante o jantar, adiantando que a achara abatida, mas relacionara isso com o processo de divórcio. – Tem alguma ideia onde ela possa estar?

– Apanhou um voo para Paris na noite da morte de Pieter Joubert, mas desapareceu logo a seguir, sem deixar rasto.

– Também tem passaporte europeu – acrescentou a inspectora da PJ. – Pode estar em qualquer sítio na Europa, até mesmo aqui, em Portugal.

– Depois disso, ela não voltou a contactá-lo? – insistiu o detective.

– Não, e ficaria surpreendido se o fizesse. Deixe-me ligar-lhe e ver se ela atende – avançou Filipe, destemido, puxando do telemóvel. Marcou o número, viu um grupo de ciclistas a passar por eles, mas a chamada foi logo para a caixa de mensagens. – O telemóvel dela está desligado, mas eu concordo consigo. Ela pode estar por detrás de tudo isso: tem uma vasta experiência na gestão de filiais internacionais e nos mercados financeiros.

– Pois, descobrimos que Dennis Van Zyl já possuía contas *offshore* nas Caraíbas por forma a receber os honorários de governos africanos e da empresa de segurança onde trabalhava, mas custa a crer que tenha sido capaz de montar tudo sozinho. A parte financeira só pode ser obra da irmã!

Os três deram meia-volta e caminharam na direcção da Torre Vasco da Gama. Filipe olhou para a bandeira portuguesa a esvoaçar no topo da torre, sem disfarçar o desconforto: também ele fora iludido. Nunca desconfiara de que uma coisa daquelas pudesse acontecer tão perto dele. Ela tinha de ser uma mulher fria, impiedosa e, claro, muito inteligente.

– Ainda me custa a acreditar no que contou – confessou. – Lize conhecia bem as operações do Grupo Eland e o Pieter delegava nela quase todos os negócios internacionais.

Filipe compreendeu o que Lize e o irmão haviam feito. Por certo, tinham tido acesso a informação confidencial sobre o *Angoche* que o pai deles guardava em casa e decidiram apoderar-se da riqueza gerada pelo ouro do Transvaal, apanhando um velhote de cada vez. O caso de Pieter parecia diferente, talvez pessoal, pois notava-se uma vontade fazer de falir o grupo

antes que ele passasse para as mãos da sua herdeira, a não ser que também tivessem suspeitas de que ele beneficiara do tesouro a bordo do *Angoche*.

– Peça-lhe que colabore connosco e nos ajude a capturá-la – adiantou o detective. – É do interesse de vários países que ela seja presa.

– Vou continuar a ligar-lhe, mas pode contar comigo em tudo o que entender.

Os dois trocaram contactos e algumas palavras de circunstância e acabaram por se despedir. Filipe viu-os entrarem no carro e sentiu-se aliviado. Voltou a olhar para o estuário e o desenho da ponte até ao Montijo, ainda atordoado com a amplitude do golpe de Lize. Ela deveria ter delineado aquele plano durante anos, e o seu regresso a Cape Town, para ingressar no Grupo Eland, não fora inocente.

Mais calmo, decidiu ligar ao primo de Rita, quando notou que tinha uma mensagem de um número desconhecido: o indicativo era +248. Pensou que seria publicidade ou *phishing*. Ia apagar a mensagem, quando viu as primeiras palavras e ficou atónito. Leu uma segunda vez para ter a certeza de que não estava a ter alucinações. Aquela mulher não parava de o surpreender!

– Aqui tem uma água de coco, *Monsieur da Silva* – disse a funcionária do hotel, pousando o fruto acastanhado com uma palhinha na mesa. – E uma toalha húmida para se refrescar. Sei que a viagem foi longa.

Filipe voara catorze horas, com uma pequena escala no Dubai. Sentia-se esgotado, mas não conseguia tirar os olhos lá de baixo. A água era cristalina, a areia branca e a enseada estava cercada por rochedos graníticos reluzentes, como se tivessem sido esculpidos por mão humana. Aquela era a praia mais bonita que jamais vira e parecia-lhe irreal. Nem mesmo em Moçambique ou Zanzibar havia visto tamanha beleza.

– *Merci*. Como se chama a praia?

– Petite Anse, *Monsieur*.

Filipe anuiu, compreendendo: pequena enseada. Aterrara nas Seychelles horas antes, depois de dormir durante o voo do Dubai. Mesmo assim, parecia estar a levitar e revigorado da apatia em que mergulhara nas últimas semanas. Levantou-se, tentando descortinar as pessoas no areal lá em baixo, e pareceu-lhe vê-la a caminhar pela praia. Reconheceu-lhe o andar e sorriu.

Ainda estava atordoado. Desde que recebera aquela mensagem junto à Torre Vasco da Gama que a sua vida mudara. Acabou de fazer o *check-in*, trocou olhares com a funcionária e perguntou-lhe:

– Qual é o caminho mais rápido para a praia?

– Tem de seguir em frente e descer nas primeiras escadas à direita – explicou ela, apontando para a saída. – Mas cuidado, que deve começar a chover daqui a pouco.

– *Merci*. Podem levar a minha mala para o quarto.

Desceu as escadas por entre a floresta tropical. Ouviu um forte trovão e hesitou por instantes. Quando chegou à areia, vislumbrou algumas pessoas na praia, mas nenhuma delas era ela. Por momentos, recebeu ter-se enganado. Reparou num par de tartarugas gigantes adiante, e acabou por descobri-la próximo, perto da linha de água. Parecia mais magra e com o cabelo comprido, mas era ela.

Caminhou pela areia fina, expectante, ignorando a tempestade que se avizinhava. Assim que ultrapassou as tartarugas, ela notou o movimento e virou-se, encarando-o.

– Não esperara voltar a ver-te – confessou Filipe, emocionado. – Ainda para mais tão bonita.

Rita esboçou um sorriso nervoso e correu até ele. Filipe agarrou-a e beijou-a sem parar. Ainda lhe custava acreditar que era mesmo ela.

– Não estava à espera de que chegasses tão cedo... – disse ela, radiante.

– Apanhei o primeiro voo para o Dubai, mal recebi a notícia. Que aconteceu, afinal?

Começava a chover e os dois ficaram sozinhos no areal.

– Fui considerada um alvo a abater por dois grupos islâmicos. Não sei como é que eles conseguiram identificar-me – explicou Rita, dando-lhe a mão, e caminhando junto à água. – A INTCEN adoptou o procedimento habitual nestes casos e fez-me desaparecer do mapa. É o equivalente a uma licença sabática de pelo menos seis meses...

– E o teu pai, o teu marido?

– O meu pai está a ser bem tratado. O meu marido, coitado, deve estar a ser confortado pelas suas amantes nas Arábias.

Filipe sorriu-lhe e olhou para as nuvens negras que cobriam a enseada. Ia questioná-la sobre as contas ocultas nas *offshore* das Caraíbas Neerlandesas, as transacções de criptomoedas e a possibilidade de terem estado a trabalhar no mesmo caso, mas não resistiu a beijá-la. Pegou-lhe na mão e entrou vestido dentro de água. Estava morna. Mergulharam ao mesmo tempo, e abraçaram-se mal vieram à tona. A chuva não cessava, mas era quente.

Maria Teresa suspeitou do que se tratara, lembrando-se dos boatos que percorriam a cidade nos últimos dias, e da capa dos jornais que vira nos *kiosks* quando fora à Baixa. A guerra do outro lado da fronteira deveria ter finalmente terminado, após quase três anos de mortandade. As negociações de paz tinham sido demoradas, mas os *boers* já se deviam ter rendido e deposto as armas. Por certo, as minas de Joanesburgo iriam reabrir em breve, e o porto de Lourenço Marques voltaria a ganhar um novo fulgor, tal como o governador-geral Rafael Gorjão asseverara.

Maria Teresa lembrava-se de muitas peripécias que Miguel havia vivido naquela guerra e acabou por pousar o olhar no chicote, de que ele tanto gostava. Na brincadeira, ele sempre contara que aquele *sjambok* era a prova

de como ludibriara a morte, e que jamais se poderia voltar a separar dele. Por causa disso, Maria Teresa tinha-o guardado e, mais tarde, pendurara-o na parede da sala, por cima do fonógrafo.

Suspirou, tristonha, e voltou a olhar para a filha. Amélia tinha acabado de fazer quatro meses e era tudo para ela – iria contar-lhe a história do pai, com a certeza de que os mexericos na cidade de que era filha ilegítima se iriam dissipar com o tempo.

Voltou a observar a baía, mas já não conseguiu distinguir os contornos do farol adiante. O Sol começava a baixar. Notou que a suíte chegara ao fim, mas continuou a trautear a ária, com o pensamento a vaguear. Sentiu o peso das pálpebras, a cabeça leve, e surgiu-lhe a imagem da Igreja de Santo António na Ilha. Miguel estava a sorrir para ela, aproximando-se com um búzio reluzente na mão, para lho oferecer. Ele tinha o olhar mais profundo que alguma vez vira, e parecia feliz só de estar perto dela.

Epílogo

Lourenço Marques, 2 de Junho de 1902

*Dia de lágrima, aquele
No qual ressurgirá das cinzas
Um homem para ser julgado;
Portanto, poupei-o, ó Deus,
Misericordioso Senhor Jesus,
Concedei-lhe a paz eterna. Amén.*

Wolfgang Amadeus Mozart – *Requiem* – *Lacrimosa*

A melodia do fonógrafo ecoava pela sala até à varanda, e os jardineiros lá em baixo pareciam trabalhar ao ritmo da suíte. Maria Teresa ajeitou-se no cadeirão e afagou o rosto da filha com carinho. Ela não parava de mamar e já parecia mais recuperada das febres que tanto a tinham maltratado. Fora um grande susto, mas o médico havia-lhe dito que a criança era rija e que os ares da Polana a iriam pôr boa num instante.

Maria Teresa respirou fundo e olhou de novo para a menina com os olhos fechadinhos, a sugar o leite com força. Pousou a cabeça no cadeirão e fixou o olhar no horizonte, tentando descortinar a ilha da Inhaca, do outro lado da baía. Sabia que estava longe, e que era difícil ter a certeza, mas parecia-lhe ver os contornos do farol no alto. Lembrou-se da história que Miguel lhe contara quando chegara a Lourenço Marques pela primeira vez, oito anos antes, e a cidade estava sitiada por guerreiros landins. Muito se tinha passado desde essa altura, mas não havia um só dia em que ela não se lembrasse dele e do que tinham vivido juntos.

Maria Teresa sorriu ao recordar-se das primeiras aventuras na Ilha, nos corais da contracosta, e dos beijos e carícias que trocaram às escondidas, no Bairro Indígena e à beira-mar. Fora das alturas mais felizes da sua vida, que lhe perdurava na memória, mas que terminara de uma maneira tão abrupta, com a chamada de Miguel para a guerra no Sul longínquo de Moçambique.

A vida não tinha sido justa para com eles, e o seu pai fora o maior dos culpados. Sempre quisera o melhor para ela, ainda que o preço a pagar fosse a sua própria felicidade. Apesar de todas as desgraças por que passara, Maria

Teresa sentia-se agora em paz consigo própria. Deus tinha-lhe dado algo que ela não acreditara ser possível.

Os encontros secretos com Miguel em Lourenço Marques haviam-lhe enchido a alma, como se eles fossem um só, unidos no amor, na paixão e no sonho de uma vida na Ilha. Miguel partira naquele dia fatídico, mas deixara-lhe o maior presente que alguma vez poderia desejar – uma filha!

Maria Teresa voltou a acariciar Amélia com ternura e suspirou ao ver que ela tinha adormecido. Estava a ficar forte.

– A senhora quer que volte a pôr o cilindro ou prefere agora descansar? – sussurrou a criada, para não acordar a filha.

– Podes voltar a pôr a tocar – respondeu ela. Tratava-se da suíte número dois de Bach, um compositor de que tanto gostava.

– Então trago-lhe um pouco mais de sumo de melancia – acrescentou a criada. – Também vai fazer bem à menina.

Maria Teresa olhou para o fonógrafo em cima da cómoda e recordou a primeira vez em que ouvira aquele som. Fora durante o banquete do Governador-Geral no salão principal do Hotel Cardoso. Miguel já lhe tinha falado naquele aparelho, único na cidade, que viera directamente de Marselha, e ela voltara a vê-lo aquando do seu regresso ao hotel quando se escapara para ir ter com ele, mal o marido embarcara para Pretória.

Aquele dia passado nos braços de Miguel fora um dos mais arrebatadores de toda a sua vida – tinha quase a certeza de que Amélia fora concebida naquela altura, embora também fosse possível que tal tivesse acontecido antes, até mesmo quando se tinham reencontrado na aldeia landim e voltado a amar-se pela primeira vez, no meio daquele dilúvio.

Já passara mais de um ano desde a tragédia. O marido decidira acabar com a vida dela e de Miguel, para logo depois terminar com a sua, talvez por não ser capaz de viver com tamanha vergonha ou rejeição. Por ironia do destino, ela sobrevivera. O tiro atingira-a perto da virilha e perdera tanto sangue que ficara sem sentidos. Fora acudida pelos landins, que lhe estancaram o sangue e a levaram para o Hospital de Lourenço Marques. Aí, fora o próprio pai que a salvara, no meio de uma angústia terrível.

Semanas depois, Maria Teresa acordou enjoada, com azia no estômago, notando o peito mais volumoso. Aquele desconforto repetiu-se dia após dia, até que percebeu que tinha um filho de Miguel no ventre. Só podia ser dele! A última vez que se entregara ao marido fora antes de perder o bebé. Depois disso, inventara sempre maleitas e desculpas para se esquivar, agradecida também por ele passar tanto tempo fora de casa, ocupado em afazeres militares e do governo.

Seria semanas depois da tragédia que Maria Teresa regressaria ao Hotel Cardoso. A jovem criada italiana tinha uma grande estima por Miguel e guardara-lhe, com todo o respeito, a mala que ele deixara no armário, pronta para seguir viagem no *Lusitano*.

Maria Teresa tivera uma surpresa quando conseguiu, a custo, abrir a

mala, após chegar a casa. No meio da roupa de Miguel, encontrou três bolsinhas de veludo, cheias de diamantes, e uma sacola enrodilhada com pepitas e uma barra de ouro das minas de Joanesburgo. Desconfiou de que aquilo seria parte do que ele amealhara no Transvaal, mas fora a troco de uma dessas pedrinhas preciosas que conseguira realizar um dos seus maiores sonhos: acabara por adquirir o fonógrafo do Hotel Cardoso, bem como os seis cilindros, que continham obras de Mozart, Beethoven e Albinoni.

– Aqui tem, minha senhora – disse-lhe a criada, pousando o copo. – Tem de se alimentar para dar força à menina Amélia.

Maria Teresa não ficara imune ao ferimento na virilha. A articulação da anca não resistira e ela passara a necessitar de uma bengala para se deslocar, mas nada que a apoquentasse! Pouco tempo depois, mudara-se para a propriedade dos pais, mais adiante na Polana, e decidira vender a casa do marido a um casal escocês que possuía um grande armazém comercial na Baixa. Nunca perdoara ao pai, apesar de o ver consumido por tamanho arrependimento e de ele tudo fazer pela recuperação dela. O pai não chegaria a conhecer a neta: fora encontrado morto, no chão de um dos corredores do hospital, semanas antes de Amélia nascer.

De repente, Maria Teresa ouviu uma bateria de salva e assustou-se. Pareciam foguetes, disparados ali perto, quicá da Residência do Governador-Geral, na Ponta Vermelha. A salva demorou a cessar, mas felizmente a filha tinha o sono pesado e não acordou com o alarido.

NOTA DO AUTOR

Soube do «Caso Angoche» ao ler a Revista de Bordo da LAM, num voo entre Maputo e Pemba, em 2008. O caso surpreendeu-me e nunca mais o esqueci, consciente de que tinha matéria para mais um romance. Demorei a avançar com o projecto, porque sempre dei primazia à minha paixão pela presença portuguesa no Oriente, e nunca quis escrever um livro relacionado com a Guerra do Ultramar // Guerra da Independência.

Nos anos em que vivi em Cape Town, tomei conhecimento do «Caso *Kruger Million's*», o que me levou a pesquisar vários eventos históricos da época. Fiquei fascinado com o momento crucial que Moçambique vivia na altura: a delimitação das fronteiras após o Ultimato Britânico, o rápido crescimento de Lourenço Marques, o abandono da Ilha de Moçambique, e as intrigas que proliferavam por causa das ambições britânicas, alemãs e *boers* pelo território de Moçambique. Naquela época, sobressaíram vários homens que estarão para sempre ligados à História de Moçambique, mas um deles despertou-me a atenção – Joaquim Machado; liderou a expedição que lançou o traçado moderno de Lourenço Marques, conseguiu construir a linha férrea entre Lourenço Marques e Pretória, e foi Governador-Geral de Moçambique por três vezes.

Na escrita deste livro, procurei ser fiel à realidade histórica de Maputo em cada ano. Contudo, advirto o leitor de que podem existir alguns lapsos temporais, tendo em conta as mudanças drásticas que ocorreram na época. Por exemplo, o «Capitanea Buildings» e o «Cais Gorjão» em Lourenço Marques, são dos anos de 1902 e 1903, respectivamente, e não existiam aquando do embarque dos refugiados *boers* para Lisboa em 1901.

Dito isso, adianto que romanceei dois pontos: (1) o Hotel Cardoso talvez tenha sido inaugurado em 1905-1906; (2) a Livraria Minerva foi arrestada em

2020, durante a pandemia Covid.

Apesar de baseado em factos reais, este livro não pretende explicar o que aconteceu ao *Angoche*, nem aos *Kruger's Millions*. *O Segredo de Lourenço Marques* é uma obra de ficção.

CRONOLOGIA

- 1488: Bartolomeu Dias dobra o Cabo da Boa Esperança.
1498: Vasco da Gama chega a Moçambique.
1503: Portugueses ocupam Zanzibar.
1507: Portugueses estabelecem-se na Ilha de Moçambique.
1522: Portugueses ocupam as ilhas do Ibo e Quirimba.
1652: Holandeses fundam Cape Town.
1659: Primeira vindima em Cape Town (Constantia).
1668: Holandeses fundam Franschhoek.
1698: Sultanato de Oman conquista a fortaleza portuguesa de Zanzibar.
1752: Moçambique autonomiza-se do Estado da Índia. Ilha de Moçambique torna-se capital da colónia.
1761: Fundação da Vila do Ibo, nas Quirimbas.
1763: Ilha de Moçambique elevada a vila.
1782: Portugueses constroem forte em Lourenço Marques.
1787: Portugueses constroem Fortaleza de S. João Baptista, no Ibo.
1806: Britânicos conquistam Cape Town e criam a Cape Colony.
1818: Ilha de Moçambique é elevada a cidade.
1834: Império Britânico decreta fim da escravatura em todas as colónias, incluindo na Cape Colony.
1835-37: *The Great Trek*: Voortrekkers abandonam a Cape Colony e cruzam o Orange River.
1843: Natal como Colónia Britânica (subordinado a Cape Colony até 1865).
1855: Voortrekkers fundam Pretória, como capital da República Sul-Africana (Transvaal).
1857: Lourenço Marques é elevada a povoação.
1866: Sultões de Zanzibar fundam Dar-es-Salaam.
1869: Abolição da escravatura em todas as colónias portuguesas. Tratado de paz entre Portugal e o Transvaal, com demarcação das fronteiras.
1870: Descoberta de diamantes em Kimberley, na fronteira da Cape Colony com o Orange Free State.
1875: Presidente francês Patrice Mac-Mahon decide diferendo entre Portugal e Grã-Bretanha sobre a Delagoa Bay, dando razão a Portugal. Criação do município de Lourenço Marques.
1877: Expedição de Obras Públicas a Lourenço Marques, liderada por Joaquim José Machado.
1880-1881: Primeira Guerra Anglo-Boer: Transvaal obtém independência limitada.
1884: Descoberta de ouro no Transvaal, num planalto a sul de Pretória. Alemães anexam o Sudoeste Africano.
1885: Conferência de Berlim (Mapa Cor-de-Rosa).
1886: Corrida ao ouro no Transvaal: fundação de Joanesburgo como centro mineiro.
1887: Lourenço Marques elevada a cidade.
1890: Ultimato Britânico a Portugal (fim do Mapa Cor-de-Rosa). Cecil Rhodes funda a Rodésia.
1894: Revolta Ronga em Lourenço Marques. Início das Grandes Campanhas no Sul de Moçambique.
1895: Inauguração da linha férrea entre Pretória e Lourenço Marques. Mousinho de Albuquerque captura Gungunhana, Imperador de Gaza.
1897: Zanzibar como Protectorado Britânico: abolição da escravatura. Fim das Grandes Campanhas em Moçambique.
1898: Lourenço Marques torna-se capital de Moçambique.
1899: Início da Segunda Guerra Anglo-Boer. Cerco a Ladysmith.
1900: Queda de Pretória; Presidente sul-africano Paul Kruger refugia-se em Lourenço Marques e mais tarde parte para a Europa.
1901: Embarque de refugiados *boers* em Lourenço Marques para Lisboa.

- 1902: Fim da Segunda Guerra Anglo-Boer: Tratado de Vereeniging.
- 1904: Fundação de Porto Amélia (Pemba).
- 1910: União Sul-Africana, juntando as quatro colónias: Cape Colony, Natal, Transvaal e Orange Free State. Implantação da República em Portugal.
- 1914-1918: Grande Guerra: confrontos entre Alemanha e Portugal no Norte de Moçambique e Sul de Angola. União Sul-Africana expulsa alemães do Sudoeste Africano e passa a administrar o território, com mandato da Sociedade das Nações.
- 1920: Desenvolvimento de Nacala, com linha férrea e porto.
- 1929: Porto Amélia substitui o Ibo com capital da Província de Cabo Delgado.
- 1931: Independência da União Sul-Africana.
- 1935: Nampula substitui a Ilha de Moçambique, como capital da região norte.
- 1939-1945: Segunda Guerra Mundial: União Sul-Africana ao lado dos Aliados; Portugal manteve neutralidade.
- 1948: Implantação do *Apartheid* na União Sul-Africana.
- 1951: Inauguração do porto de águas profundas de Nacala.
- 1954: Criação da PIDE nas colónias portuguesas.
- 1961: Início da Guerra do Ultramar/Independência em Angola. África do Sul passa a república e sai da Commonwealth.
- 1962: Criação da Frelimo.
- 1963: Nelson Mandela aprisionado em Robben Island. Independência de Tanganhica (Tanzânia, depois da incorporação de Zanzibar em 1964).
- 1964: Rodésia do Norte torna-se independente como Zâmbia. Nyassaland torna-se independente como Malawi. Início da Guerra do Ultramar/Independência em Moçambique.
- 1965: Declaração unilateral de independência da Rodésia do Sul, pela minoria branca.
- 1967: Base Militar em Nacala (Força Aérea e pára-quedistas).
- 1969: Assassinato de Eduardo Mondlane, líder da Frelimo, em Dar-es-Salaam.
- 1970: Operação Nó Górdio, em Cabo Delgado, liderada por Kaúlza de Arriaga. Acordo Militar entre Portugal, África do Sul e Rodésia (Alcora). PIDE-DGS estabelece Presídio na Fortaleza de S. João Baptista, no Ibo.
- 1971: «Caso Angoche».**
- 1972: Início da *Bush War* na Rodésia. Rodesianos iniciam *Hot Pursuit* em Moçambique, com o aval português.
- 1974: Revolução de 25 de Abril em Portugal põe fim ao Estado Novo. Acordos de Lusaka. Desmantelamento da Base Militar de Nacala. Milhares de refugiados chegam a Portugal e África do Sul, vindos de Angola e Moçambique.
- 1975: Início da Guerra Civil em Angola. Exército sul-africano invade Angola, em apoio à UNITA. Independência de Moçambique e Angola. Ordem 24/20 em Moçambique. Primeira investigação sobre o «Caso Angoche».
- 1976: Lourenço Marques passa a chamar-se Maputo; Porto Amélia passa a chamar-se de Pemba.
- 1977: Início da Guerra Civil em Moçambique.
- 1980: Fim da *Bush War* na Rodésia – Independência do Zimbábwe.
- 1988: Acordo Tripartido em Angola: sul-africanos e cubanos iniciam retirada.
- 1990: Independência da Namíbia.
- 1992: Fim da Guerra Civil em Moçambique.
- 1994: Fim do *Apartheid* na África do Sul: Nelson Mandela eleito Presidente. Transvaal é dividido em quatro províncias.
- 2002: Fim da Guerra Civil em Angola.
- 2010: Machadodorp passa a chamar-se eNtokozweni.

BIBLIOGRAFIA

A *Internet* é uma fonte infinita de informações vindas dos quatro cantos do mundo. *Sites*, *blogs* portugueses, moçambicanos, sul-africanos e britânicos foram fontes valiosas de informação, sendo que não posso deixar de salientar o belíssimo material de «The Delagoa Bay World» e «Housesofmaputo». Adicionalmente, gostaria de destacar as seguintes obras:

- «O Caminho-de-Ferro de Lourenço Marques» – Parecer da Comissão Africana, apresentado Joaquim José Machado (1882) – Sociedade de Geografia de Lisboa.
- «De Lourenço Marques a Pretória» – Joaquim José Machado (1886) – Imprensa Nacional.
- «Caminho-de-Ferro de Lourenço Marques à Fronteira do Transvaal» – Engenheiro Joaquim Machado – Imprensa Nacional (1889).
- «A Guerra d'África em 1895: Memórias» – António Ennes – Typographia do Dia.
- «Moçambique 1896-1898 – Volume II» – Mousinho de Albuquerque – Agência Geral das Colónias.
- «A Guerra de África de 1895 – uma leitura estratégica» – Coronel da Força Aérea Luís Alves de Fraga – Comissão Portuguesa da História Militar.
- «A Pacificação de Moçambique no Final do Século xix, à Luz da Velha Aliança» – Aspirante Miguel Santos de Almeida – Academia Militar.
- «As Campanhas de Moçambique em 1895: a tática e a organização das forças expedicionárias» – Aspirante Otilio Santos Pires – Academia Militar.
- «A Rebelião dos Indígenas em Lourenço Marques» – Eduardo de Noronha – Typographia de Jornal.
- «Mouzinho de Albuquerque» – António Mascarenhas Galvão – Oficina do Livro.
- «Lourenço Marques, Xilunguine» – Alexandre Lobato – Tomo.
- «Edifícios Históricos de Lourenço Marques» – Alfredo Pereira de Lima – Lua de Marfim.
- «Urbanismo Português de Maputo» – Vanessa de Pacheco Melo – FAUTL.
- «As Obras de Saneamento das Primeiras Avenidas de Lourenço Marques» – Lisandra Franco de Mendonça – Universidade de Coimbra.
- «Registrações de Lourenço Marques» – Fotografia de Carlos Alberto Vieira, Textos Ana Paula Lemos – Alêtheia Editores.
- «Filial do BNU em Lourenço Marques – Maputo» – Caixa Geral de Depósitos.
- «República (Popular) de Moçambique – As Alterações Toponímicas e os Carimbos do Correio» – Jorge Luís Fernandes – Edições Humus.
- «Ilha de Moçambique» – Eugénia Rodrigues, Aurélio Rocha, Augusto Nascimento – Alcance Editores.
- «Postais Antigos da Ilha de Moçambique & da Ilha do Ibo» – João Loureiro – Fundação Oriente.
- «Ilha de Moçambique – estórias da sua história» – Ricardo Barradas.
- «Ilha de Moçambique: cidade planeada e cidade espontânea» – Ana Margarida Fonseca – Universidade Lusfada.
- «Ilha de Moçambique: Relatório 1982-85» – Secretaria de Estado da Cultura – Moçambique & Arkitektskolen i Aarhus – Danmark.
- «Ibo – A Casa e o Tempo» – Júlio Carvalho – Caleidoscópio.
- «Os Filhos da Terra: discurso e resistência nas relações coloniais do Sul de Moçambique (1890-1930)» – Fernanda de Nascimento Thomaz – Universidade Federal Fluminense.
- «A History of Mozambique» – Malyn Newitt – Hurst & Company.

- «The Key to South Africa: Delagoa Bay» – Montagne George Jessett – T. Fisher Unwin (1899).
- «The illustrated Boer War» – Thomas Pakenham – Abridged Edition.
- «Portugal and the Boer War» – Pedro Lains & Fernando Costa – Chapter Nine of «The International Impact of the Boer War» – Keith Wilson – Acumen Publishing.
- «Os Refugiados Boers nas Caldas da Rainha no Princípio do Século xx – Gazeta das Caldas – Maio 2015.
- «Viva os Boers!» – Ockert Jacobus Ferreira – V & R Drukery.
- «New History of South Africa» – Hermann Gilionee and Bernard Mbenga – Tafelberg.
- «The South African Military History Society» – Journals.
- «British Concentration Camps of the Second South African War» – John Schott – Florida State University.
- «The Contraband King – Consul Pott in Lourenço Marques during the South Africa War» – Shiko Boxman – Bachelor's Thesis.
- «Na Pista do Tesouro de Kruger» – Alfredo Pereira de Lima – Minerva Central.
- «Arquivos da PIDE-DGS, Processo 17.296-CI (2) – Caso Angoche» – Torre do Tombo.
- «O Caso Angoche» – António Alfiante, Revista Expresso (Maio de 1993).
- «Revista Índico» – Julho/Setembro 2008.
- «Caso Angoche – mais um crime impune» – Eduardo Leone – Intervenção.
- «Combater em Moçambique – Guerra e Descolonização (1964-1975)» – Manuel Amaro Bernardo – Prefácio.
- «Memórias do Colonialismo e da Guerra» – Dalila Cabrita Mateus – ASA.
- «Os Anos da Guerra Colonial (1961-1975)» – Aniceto Afonso, Carlos de Matos Gomes – QuidNovi.
- «A PIDE/DGS na Guerra Colonial 1961-1974» – Dalila Cabrita Mateus – TerraMar.
- «Under the Sway – A photographic journey through Mozambique» – Justin Fox.
- «Mozambique» – Philip Briggs, Danny Edmunds – Bradt.
- «Zanzibar: Spice Islands» – David Martin – African Publishing Group.
- «South Africa's Border War: 1966-1989» – Willem Steenkamp – Tafelberg.
- «32 Battalion» – Piet Nortje – Zebra Press.
- «Beggars your Neighbours – Apartheid Power in Southern Africa» – Joseph Hanlon – James Currey Publishers.

Contents

1. [Ficha Técnica](#)
2. [Prólogo](#)
3. [Capítulo I](#)
4. [Capítulo II](#)
5. [Capítulo III](#)
6. [Capítulo IV](#)
7. [Capítulo V](#)
8. [Capítulo VI](#)
9. [Capítulo VII](#)
10. [Capítulo VIII](#)
11. [Capítulo IX](#)
12. [Capítulo X](#)
13. [Capítulo XI](#)
14. [Capítulo XII](#)
15. [Capítulo XIII](#)
16. [Capítulo XIV](#)
17. [Capítulo XV](#)
18. [Capítulo XVI](#)
19. [Capítulo XVII](#)
20. [Capítulo XVIII](#)
21. [Capítulo XIX](#)
22. [Capítulo XX](#)
23. [Capítulo XXI](#)
24. [Capítulo XXII](#)
25. [Epílogo](#)
26. [NOTA DO AUTOR](#)
27. [CRONOLOGIA](#)
28. [BIBLIOGRAFIA](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)
4. [Preface](#)
5. [Bibliography](#)